

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

RENALDO MAZARO JUNIOR

**DESUMANIZAÇÕES:**  
a proliferação da linguagem da guerra nos jornais na era  
global



ARARAQUARA – S.P.  
2021

RENALDO MAZARO JUNIOR

**DESUMANIZAÇÕES:**  
a proliferação da linguagem da guerra nos jornais na era  
global

Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa: Democracia, Cultura e Pensamento Social.**

**Orientador: João Carlos Soares Zuin.**

**Bolsa: CNPq.**

ARARAQUARA – S.P.  
2021

M475d

MAZARO Junior, Renaldo

DESUMANIZAÇÕES : a proliferação da linguagem da guerra nos jornais na era global / Renaldo MAZARO Junior. -- Araraquara, 2021  
213 p. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Ciências Sociais. 2. Sociologia Contemporânea. 3.  
Desumanização. 4. Imprensa. 5. Relações Intersemióticas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RENALDO MAZARO JUNIOR

**DESUMANIZAÇÕES:**  
a proliferação da linguagem da guerra nos jornais na era  
global

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa: Democracia, Cultura e Pensamento Social.**

**Orientador: João Carlos Soares Zuin.**

**Bolsa: CNPq.**

Data da defesa: 19/10/2021

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin**  
Unesp.

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello**  
Unesp.

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves Jardim**  
Unesp.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Antonio Alberto Brunetta**  
UFSC.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva**  
UFC.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

Aos primeiros humanos que dominaram o fogo.

[...]

Às vítimas de Hiroshima e Nagasaki.

## **Agradecimentos**

Agradeço imensamente à Instituição e às pessoas que na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara eu tive a alegria de conviver ao percorrer os caminhos que me levaram até aqui. Caminhos que segui evitando os seus extremos, embora não me contentasse em percorrê-los pelo meio. Preferi, ainda que eu não saiba ao certo se o fiz bem feito, trilhar esses caminhos de maneira contígua, fato que tornou a minha caminhada um pouco mais lenta e, portanto, mais morosa. Se a forma que eu escolhi implicou diretamente na velocidade do meu movimento, tentei compensar os meus passos lentos por uma observação um pouco mais ampla e atenta das paisagens e das pessoas que surgiram na viagem contígua que fizemos durante um determinado tempo. Assim, o norte que segui foi muitas vezes abandonado pela razão e pelos questionamentos que entendi consoantes e conexos àquilo que então eu buscava e observava tanto nos meus objeto e trabalho, quanto em outras preocupações, em outros objetos e noutros temas e áreas de saber que os colegas e amigos se dedicavam.

Também sou profundamente grato ao meu orientador, Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin. Além da sua amizade, de todas as suas qualidades ao desenvolvimento deste trabalho, a paciência com que sempre me tratou foi imprescindível para a realização do mesmo. Como afirmei anteriormente, a contiguidade que estabeleci à pesquisa proporcionou-me “varreduras e incursões” noutras áreas de conhecimento, portanto, não fosse pelo meu orientador certamente eu teria me perdido nos diversos e vários horizontes de eventos que a pesquisa revelou. Numa expressão popular: meu orientador quem sempre me puxou de volta a Terra. Desta qualidade rara nos dias de hoje – a paciência -, o Dr. João Carlos Soares Zuin também apontou saídas e leituras aos problemas que encontrei em todas as fases de elaboração e desenvolvimento teórico e textual da pesquisa, enfim, sem as suas oportunas contribuição e orientação esta tese não existiria.

Quero agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação [PPG] em Ciências Sociais pelos esforços, atenção e sugestão dispensados aos propósitos do trabalho e, no mais, pelos temas por eles tratados em sala que, de uma forma ou de outra, perpassaram o campo de visão das preocupações contidas nesta tese. Também os agradeço pelo acesso permitido aos grupos de trabalho [GTs] que coordenam, bem como, às preocupações que se debruçam. Neste sentido, os estudos do Laboratório de Sociologia Contemporânea foram complementares à pesquisa, como foram os temas desenvolvidos pelo Nespom e pelo LabPol, todos da FCLAr/Unesp. Ficam aqui os meus agradecimentos aos professores do Departamento de Letras que foram fundamentais aos temas aqui tratados, embora a angulação

desta tese seja feita pelo prisma das Ciências Sociais, as contribuições da Linguística e dos Estudos Literários são inegáveis e são mais que complementos à compreensão e ao entendimento dos assuntos mobilizados.

Agradeço aos professores que compõem a banca de defesa desta tese. Suas contribuições e críticas elevaram a qualidade do trabalho e implicaram diretamente à lapidação dos problemas tratados e das questões propostas por seu tema. Parte das suas críticas e sugestões foram incorporadas posteriormente ao texto da tese no intuito de absorver suas leituras e nuances tanto para situar melhor os horizontes, como para compreender e superar as minhas próprias limitações. Outra parte, dado ao escopo das suas críticas, merece maiores atenção e estudos futuros, desdobramentos que certamente renderão bons trabalhos em razão da amplitude dos temas e objetos mobilizados pelos arguidores.

Expresso a minha gratidão aos colegas e amigos do PPG em Ciências Sociais. Sem amizade a vida não teria razão de ser e perderia todo o brilho, toda esperança e identidade. Meus mais sinceros abraços a todos os colegas do curso e aos amigos da faculdade. Dedico para vocês esta tese: são os amigos que nos alimentam quando sentimos fome e nos dão de beber quando temos sede.

Registro também os meus agradecimentos aos funcionários da FCLAr e, em especial, às pessoas que trabalham nas Secretarias e na manutenção geral do campus da Unesp de Araraquara. São elas quem nos ajudam a resolver os problemas técnico-burocráticos e nos proporcionam um ambiente apropriado ao desenvolvimento de todos os trabalhos acadêmicos.

Também quero agradecer aos alunos do 3º ano graduação em Ciências Sociais da turma de 2019. Eles se propuseram em aplicar o questionário da pesquisa aos colegas da FCLAr que possibilitou o levantamento dos dados tratados ao final da tese.

Agradeço às pessoas próximas, conhecidas e íntimas. Delas vieram sugestões e *insights* que por outra via eu não os teria. Agradeço, sobretudo, por suportarem os piores momentos, por ampararem nos tempos mais difíceis e por se mostrarem fieis e sólidos alicerces para a continuidade de toda a jornada. Deixo a vocês os meus mais carinhosos agradecimentos.

Não posso esquecer de agradecer imensamente ao CNPq pela bolsa agraciada, sem ela as minhas dificuldades seriam muito maiores, praticamente intransponíveis. Aproveito para reforçar a importância das agências de fomento ao desenvolvimento científico brasileiro. Em nenhum outro momento da História a ciência foi tão necessária e fez tanta diferença em nossas vidas como faz agora.

Renaldo Mazaro Junior, Araraquara - setembro 2021.

Uns anjos tronchos do vale do silício  
Desses que vivem no escuro em plena luz  
Disseram: Vai ser virtuoso no vício  
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo  
Que vende venda a vendedores reais  
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo  
E mais, e mais, e mais, e mais, e mais

Primavera árabe, e logo o horror  
Querer que o mundo acabe-se  
Sombras do amor

Palhaços líderes brotaram macabros  
No império e nos seus vastos quintais  
Ao que revêm impérios já milenares  
Munidos de controles totais

Anjos já mi ou bi, ou trilionários  
Comandam só seus mi, bi, trilhões  
E nós, quando não somos otários  
Ouvimos Shoenberg, Webern, Cage, canções

Ah, morena bela  
Estás aqui  
Sem pele, tela a tela  
Estamos aí

Um post vil poderá matar  
Que é que pode ser salvação?  
Que nuvem, se nem espaço há  
Nem tempo, nem sim, nem não  
Sim: Nem não

Mas há poemas como jamais  
Ou como algum poeta sonhou  
Nos tempos em que havia tempos atrás  
E eu vou, por que não? Eu vou, por que não? Eu vou

Uns anjos tronchos do vale do silício  
Tocaram fundo o minimíssimo grão  
E enquanto nós nos perguntamos do início  
Miss Eilish faz tudo do quarto com o irmão

**Anjos Tronchos** - Caetano Veloso, setembro de 2021

## RESUMO

Com o fim da Guerra Fria, uma nova geometria política passou a ser desenhada entre as potências mundiais. O período de paz e prosperidade que teve início em 1991 com a dissolução da URSS - e terminou com os ataques ao centro financeiro dos EUA, em 11 de setembro de 2001 -, é interpretado como uma segunda Belle Époque e antecedeu a era das guerras globais. Radicalmente diferente em suas táticas e estratégias, as guerras globais, quando comparadas às guerras anteriores, são mobilizadas em razão de diversos dispositivos de desumanização e demonização do outro. A construção do inimigo nas guerras globais é a principal estratégia para a efetivação dos atuais conflitos e das crises na contemporaneidade, pela qual os senhores da guerra convencem, legitimam e realizam seus novos campos de batalha e, também, seus teatros de guerra. Neste sentido, o papel das mídias e, em especial, da imprensa e dos jornais é respaldar e alimentar a população para a realização dos objetivos beligerantes e dos interesses políticos e econômicos das potências mundiais. As guerras globais transformaram a linguagem [portanto, a força das palavras] numa arma de ataque e defesa, proporcionando de maneira exponencial a própria dinâmica da nova ordem social e o retorno permanente dos conflitos armados.

Palavras-chave: desumanização, imprensa, guerra global, linguagem, nova ordem mundial.

## ABSTRACT

After the Cold War, the world powers began to design a new political geometry. The period of peace and prosperity – beginning with the dissolution of the USSR in 1991, and ending with US financial center attacks on September 11, 2001 – is interpreted as a second Belle Époque and preceded the era of global wars. Radically different in their tactics and strategies, global wars, when compared to previous wars, are mobilized via distinct devices of dehumanization and demonization of the next. The enemy construction in global wars is the main strategy for the fulfillment of current conflicts and contemporary crises, by which the warlords convince, legitimize and realize their new battlefields and, moreover, their theaters of war. In this sense, the role of the media and, in particular, the press and newspapers, is to support and feed the population in order to achieve the belligerent objectives and the political and economic interests of the world powers. Global wars have transformed language – ergo, the power of words – into a weapon of attack and defense, exponentially providing the very dynamics of the new social order and the permanent return of armed conflicts.

Keywords: dehumanization; press; global war; language; new world order.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	<b>Azzaro no Instagram</b>	15
Imagem 2	<b>Versace <a href="https://br.pinterest.com/pin/327918416612154018/">https://br.pinterest.com/pin/327918416612154018/</a></b>	16
Imagem 3	<b>Lego <a href="https://www.youtube.com/watch?v=OewH5YsjkYE">https://www.youtube.com/watch?v=OewH5YsjkYE</a></b>	17
Imagem 4	<b>Die fackel capa <a href="https://www.alamy.com/stock-photo-press-media-magazines-die-fackel-editor-karl-kraus-number-1-vienna-47972165.html">https://www.alamy.com/stock-photo-press-media-magazines-die-fackel-editor-karl-kraus-number-1-vienna-47972165.html</a></b>	22
Imagem 5	<b>Azzaro <a href="https://www.dafiti.com.br/Perfume-Azzaro-Wanted-Girl-Eau-de-Parfum-30-ml---Selo-ADIPEC-9004865.html">https://www.dafiti.com.br/Perfume-Azzaro-Wanted-Girl-Eau-de-Parfum-30-ml---Selo-ADIPEC-9004865.html</a></b>	23
Imagem 6	<b>Odd <a href="https://enem.estuda.com/questoes/?id=42154">https://enem.estuda.com/questoes/?id=42154</a></b>	29
Imagem 7	<b>Dora Aventureira espancada</b>	30
Imagem 8	<b>Fiat <a href="https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/09/fiat-147-guerra-e-paz-1978.html">https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/09/fiat-147-guerra-e-paz-1978.html</a></b>	32
Imagem 9	<b>Militar estadunidense <a href="http://obviousmag.org/archives/2010/02/a_propaganda_aliada_na_ii_guerra_mundial.html">http://obviousmag.org/archives/2010/02/a_propaganda_aliada_na_ii_guerra_mundial.html</a></b>	41
Imagem 10	<b>Cruz e arame <a href="https://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-religião-e-guerra-cruz-atrás-do-aramé-farpado-image18739703#_">https://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-religião-e-guerra-cruz-atrás-do-aramé-farpado-image18739703#_</a></b>	42
Imagem 11	<b>Fivela nazista <a href="https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=773045">https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=773045</a></b>	43
Imagem 12	<b>Charge religião e guerra “onde eu estaria sem você?” <a href="https://joshelmoreblog.wordpress.com/2018/12/27/is-religion-the-number-one-cause-of-war/">https://joshelmoreblog.wordpress.com/2018/12/27/is-religion-the-number-one-cause-of-war/</a></b>	44
Imagem 13	<b>Destroy this mad brut</b>	46
Imagem 14	<b>Religiao, paz e segurança <a href="https://news.un.org/pt/story/2019/05/1670541">https://news.un.org/pt/story/2019/05/1670541</a></b>	47
Imagem 15	<b>Cyber Comando US <a href="https://www.tribpub.com/gdpr/capitalgazette.com/">https://www.tribpub.com/gdpr/capitalgazette.com/</a></b>	79
Imagem 16	<b>Muro grego <a href="https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58292275">https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58292275</a></b>	95

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição da palavra <i>Guerra</i> nos temas da <b>Folha de São Paulo</b>	134
Gráfico 2	Distribuição da palavra <i>Guerra</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	134
Gráfico 3	Ocorrência da palavra <i>Guerra</i> n'O <b>Globo</b>	135
Gráfico 4	Ocorrência da expressão <i>Terrorismo</i> n'O <b>Globo</b>	135
Gráfico 5	Ocorrência da expressão <i>Trabalho Escravo</i> n'O <b>Globo</b>	136
Gráfico 6	Distribuição da expressão <i>Trabalho Escravo</i> n'O <b>Globo</b>	136
Gráfico 7	Distribuição da expressão <i>Trabalho Escravo</i> n'O <b>Globo</b>	137
Gráfico 8	Distribuição da expressão <i>Trabalho Escravo</i> n'O <b>Globo</b>	137
Gráfico 9	Ocorrência e distribuição por tema da expressão <i>Fechamento de Fronteira</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	138
Gráfico 10	Ocorrência da expressão <i>Fechamento de fronteira</i> n'O <b>Globo</b>	138
Gráfico 11	Ocorrência da palavra <i>Desumanização</i> n'O <b>Globo</b>	140
Gráfico 12	Ocorrência da expressão <i>Imigrante Ilegal</i> n'O <b>Globo</b>	141
Gráfico 13	Ocorrência da palavra <i>Inimigo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	142
Gráfico 14	Distribuição da palavra <i>Inimigo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	143
Gráfico 15	Ocorrência e distribuição da expressão <i>Trabalho Escravo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	144
Gráfico 16	Ocorrência da palavra <i>Sindicato</i> n'O <b>Globo</b>	145
Gráfico 17	Ocorrência da expressão <i>Partido Político</i> n'O <b>Globo</b>	146
Gráfico 18	Ocorrência da palavra <i>Sindicato</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	147
Gráfico 19	Ocorrência da expressão <i>Partido Político</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	148
Gráfico 20	Ocorrência da expressão <i>Movimentos Sociais</i> n'O <b>Globo</b>	149
Gráfico 21	Ocorrência da palavra <i>Movimentos Sociais</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	150
Gráfico 22	Ocorrência da palavra <i>Empreendedorismo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	151
Gráfico 23	Distribuição da palavra <i>Empreendedorismo</i> n'O <b>Globo</b>	152
Gráfico 24	Distribuição da palavra <i>Empreendedorismo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	153
Gráfico 25	Ocorrência da expressão <i>Campo de Refugiados</i> n'O <b>Globo</b>	154
Gráfico 26	Ocorrência da palavra <i>Medo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	155
Gráfico 27	Ocorrência e distribuição da palavra <i>Medo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	155
Gráfico 28	Distribuição da palavra <i>Medo</i> n'O <b>Globo</b>	156
Gráfico 29	Distribuição da palavra <i>Medo</i> n'O <b>Globo</b>	157
Gráfico 30	Distribuição da palavra <i>Guerra</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	173
Gráfico 31	Distribuição da palavra <i>Medo</i> na <b>Folha de São Paulo</b>	174
Gráfico 32	Respostas ao questionário da Escala F	176
Gráfico 33	Respostas ao questionário da Escala F	177

## Sumário

<b>Prefácio</b>	12
<b>Introdução</b>	19
<b>I</b> <i>O jornal, a modernidade e as contradições da sociedade capitalista nacional e industrial</i>	33
<b>1</b> <b>O jornal e a modernidade</b>	33
<b>2</b> <b>O jornal e a crise da modernidade: a manipulação ideológica da realidade social e a construção da opinião pública</b>	38
<b>3</b> <b>Karl Kraus e a crítica da imprensa como arma de guerra</b>	48
<b>II</b> <i>A era da globalização econômica e política e o “retorno” da guerra</i>	52
<b>1</b> <b>As mudanças da guerra na nova ordem mundial</b>	73
<b>2</b> <b>Os sentidos da guerra humanitária</b>	76
<b>3</b> <b>A revitalização da importância dos grandes jornais na era das guerras globais</b>	83
<b>III</b> <i>O papel do jornal na nova ordem mundial</i>	89
<b>1</b> <b>A guerra como estado permanente e sem fim</b>	93
<b>2</b> <b>A disseminação semântica da guerra na sociedade capitalista globalizada</b>	111
<b>3</b> <b>Exposição, evidência e publicação dos fatos [editados] pela imprensa</b>	118
<b>IV</b> <i>A guerra global nos jornais brasileiros: um estudo de caso</i>	123
<b>1</b> <b>A Folha de São Paulo e O Globo: a retórica da guerra global e a guerra no Brasil</b>	130
<b>2</b> <b>A métrica sociológica do uso da palavra guerra na exposição das questões sociais e na construção da figura do inimigo</b>	133
<b>3</b> <b>A pandemia de Covid-19 e a retórica da guerra. Uma guerra contra um vírus?</b>	158
 <b>Considerações finais</b>	 169
 <b>Referências</b>	 179
<b>Anexo I</b>	186
<b>Anexo II</b>	205

## Prefácio

A irracionalidade não é necessariamente uma força que opera em uma esfera externa à racionalidade: ela pode resultar do transtorno de processos racionais de autoconservação.  
Theodor W. Adorno, **As Estrelas Descem a Terra**, p. 31.

A presença da guerra atravessa o processo civilizatório, mas a guerra não pode ser compreendida em sentido abstrato. Admitindo que também não existe capitalismo sem guerras, podemos dizer que o capitalismo experimenta novas formas de guerras, ele as cria no curso das lógicas de valorização do valor, de dominação material das matérias-primas e dos processos de produção e trabalho, de concorrência e de controle hegemônico do mercado, da liderança nos espaços nacionais, internacionais e, desde o final do século XX, no mercado mundial. E o capitalismo fabrica as suas próprias guerras de conquista e subordinação, dominação e exploração, mediante diversas formas de justificação e legitimação na opinião pública dentro e fora das nações. Existe uma infinidade de maneiras pelas quais são criados os argumentos e discursos para formar uma guerra, e podemos saber afirmar qual é a natureza da guerra examinando o próprio capitalismo em seu desenvolvimento histórico e, sobretudo, em seu desenvolvimento contemporâneo. Não só examinamos o capitalismo em sua contemporaneidade, mas também descrevemos a guerra em termos de comportamento e de atividades vitais do capitalismo em sentido espectral, isto é, ao espírito do capitalismo de posse, poder de recursos energéticos e naturais, expansão dos mercados e conquista da liderança mundial. O capitalismo define as suas próprias guerras que consistem num conjunto racional e extremamente organizado de relacionamentos entre diversas atividades humanas cuja existência está subordinada por inúmeros capitais e à energia que mobiliza imperiosamente longe e distante dos teatros das suas próprias guerras.

Uma característica da guerra para o capitalismo é a sua capacidade de se dispersar e penetrar capilarmente nas sociedades, nos povos e nas nações para, assim, efetivar seus objetivos de produção e extração cada vez mais veloz e brutal de riquezas e mais valor. Esse é o sentido da dinâmica capitalista. As razões que explicam tamanha adaptabilidade do capitalismo em gestar conflitos são tantas quanto a sua capacidade em extração de riquezas dos lugares em que domina e se impõe.

Se pudéssemos estabelecer quatro questões para a nossa tese, a primeira seria: a relação entre o capitalismo e as guerras é percebida na própria dinâmica do desenvolvimento capitalista que, associada à produção e condução de conflitos armados, se vale das táticas bélicas numa ordem construída tanto de uma perspectiva amigo/inimigo, ataque/defesa, avanço/recuo, como de uma lógica decisória pautada na observação-orientação-decisão-ação.

A segunda questão é que a guerra no capitalismo está constantemente sendo reeditada, refeita, refabricada durante a existência e efetivação das próprias relações sociais capitalistas. A faculdade de ressignificação/cominação da guerra na sociedade contemporânea permite pensá-la como DNA do capitalismo, sobretudo porque nessa constante reedição - a cada réplica da guerra - certas características são eliminadas e outras absorvidas possibilitando, assim, um resultado repleto de combinações. As justificativas das guerras dos últimos 30 anos corroboram essa questão.

A terceira questão: o capitalismo determina a natureza estatística da guerra. De uma dada perspectiva, o capitalismo é capaz de dividir-se proporcionalmente com o tempo e neutralizar as oscilações dos fatores físicos e materiais. Talvez o melhor exemplo venha a ser a própria maneira de acumulação capitalista, seja ela em sua forma primitiva ou re-inventiva atual. Para a vida econômico-financeira moderna, o dinheiro pode ser entendido como uma maneira pela qual, através dos contratos futuros, as oscilações são aplainadas dentro da disponibilidade de produtos e de recursos - os bancos são suas reservas de dinheiro para eventuais situações de necessidade. Pensando assim, num nível fisiológico, apesar do capitalismo criar dispositivos para correção e equilíbrio dos recursos disponíveis e inexoravelmente suscetíveis de variação monetária por razões naturais ou sociais, ele não percebe exatamente esse movimento em seu conjunto; embora essas oscilações permaneçam dentro do mundo, o capitalismo as responde, sobretudo, através de cálculos racionais que pressupõem a utilização da guerra para a sua efetivação.

Posto em outros termos: o capitalismo possui “técnicas de reação” diante das imprevisíveis transformações do mundo que podem ir além dos reais níveis de recursos disponíveis. Portanto, para complementar a nossa terceira questão que envolve o capitalismo e a guerra, então, é que as instabilidades e as crises no mundo apenas têm importância quando o capitalismo as transforma dentro de sua dinâmica belicista, mesmo que, para isso, se valha de operações financeiras, especulativas, de alto risco, etc.

Por fim, o capitalismo atualmente modifica a natureza da *base física dos sinais* que vêm para ele do mundo exterior. Na medida em que a temperatura global se eleva, o capital detecta tal mudança como uma alteração [brusca ou paulatina] na concentração de certas substâncias e em determinados *inputs* nos seus canais de produção, distribuição, circulação e consumo. A última questão da relação entre capitalismo e as guerras como natureza física belicosa, quando relevante ao capitalismo, é determinada pelos próprios interesses capitalistas. Podemos constatar a validade da quarta questão nas *justificativas* que os senhores da guerra deram ao mundo nos conflitos e intervenções militares perpetrados desde o fim da Guerra Fria. Fizemos a guerra *em nome* da liberdade, da democracia, da prevenção a uma guerra maior, guerra por ajuda humanitária, e todas elas se fundindo a outras ideologias mais conhecidas e enraizadas noutros fragmentos do mundo: uma guerra em nome da liberdade, porém de uma maioria étnica; ou, a guerra preventiva movida por uma identidade nacional pequena em relação à população mundial.

Por modificação da natureza da *base física dos sinais*, entendemos aquilo que está contido no senso e que é capturado e manifesto pelos nossos sentidos, tal qual uma via de mão dupla. A interatividade entre o capitalismo e a guerra torna possível o controle das dimensões do desenvolvimento do capitalismo, cuja rapidez em alterar seu estado, sua localização, sua distância, os seus diferentes tipos e as diversas espécies de relações sociais entre os indivíduos, faz por provocar e garantir a sua inerente e imediata reprodução. Podemos pensar, dessa maneira, a própria dinâmica capitalista codificada geneticamente pela guerra e, ao pensar, valemo-nos das informações processadas por um viés belicoso disposto em *linguagem*<sup>1</sup> própria, isto é, numa base física de signos, de sinais, de sintagmas e de uma sintaxe da guerra. A guerra influencia o capitalismo através da interação com os indivíduos, isto é, com todas as individualidades de tal maneira que, nesse intenso processo interativo, o interno e o externo estão intrinsecamente ligados entre si pela *linguagem*.

As quatro questões previamente propostas formam o norte do nosso trabalho na medida em que implicam diretamente sobre o núcleo da tese: as *desumanizações*, isto é, os dispositivos de desumanização como recursos imprescindíveis para a construção do inimigo e, dessa maneira, para a efetivação da guerra em sua máxima capacidade destrutiva. Porém, a capacidade humana única, não se trata da propriedade destrutiva, mas sim da capacidade de planejar as transformações no mundo. Não podemos evitar as mudanças naturais no planeta,

---

<sup>1</sup> Linguagem pensada para além de uma língua específica, isto é, a linguagem entendida como conjunto que comporta tanto as línguas, como suas imagens, arquetipos, sonoridade, símbolos e signos.

embora sejamos capazes de direcioná-las através de organizações sociais de toda sorte. É o que esperam, por exemplo, alguns expoentes de movimentos sociais que surgiram nas últimas décadas como resposta e alternativa ao desenvolvimento econômico destrutivo das sociedades em todo o mundo (DAVIS & KLEIN, 2019). Ou seríamos, enquanto espécie, individual e geneticamente limitados ao empreendedorismo, ao egoísmo, à agressividade, à xenofobia,



orientados para a família, voltados para a dominância e auto-interessados em impedir qualquer possibilidade real de uma organização radical da sociedade? Seria possível, dessa perspectiva, ir de encontro à natureza humana? Ou, ainda, rendendo elogio à compreensão kropotkiniana, os seres humanos são biologicamente impelidos a cooperar embora sejamos artificial e historicamente afastados da nossa natureza cooperativa e certos das nossas capacidades individuais competitivas as quais, inseridas numa dinâmica capitalista extremamente veloz, nos impedem de cooperar para além da organização racional do trabalho e da produção de riquezas?

Forçando ainda mais a nossa hipótese: o atual desenvolvimento capitalista cujo pressuposto é uma escala sempre crescente de produção e apropriação de riquezas, necessita para sua real efetivação do concurso da guerra infinita, do estado de guerra e da guerra constante? Quando a representação e a comunicação sociais desde muito mobilizam léxicos de guerra nas diversas manifestações e expressões da vida em sociedade, então, já estamos numa guerra sem que a percebamos. A presença da guerra está na literatura, nos filmes, nos *slogans*, nos games, nas campanhas oficiais, na propaganda, na música, na dança, na moda e nos jornais. De tal maneira que todo esforço humano que se distancia dessa premissa beligerante passa a ser entendido como contraproducente, sem propósito ou, no máximo, um produto de consumo dentro do ritmo acelerado da existência humana no capitalismo.

Parece, portanto, que precisamos conhecer melhor os nexos entre os vários aspectos do comportamento e das limitações dos indivíduos e das instituições sociais, porque se não o fizermos, podemos arruinar o mundo todo com nossas tentativas de torná-lo melhor. Trata-se, outrossim, de uma manifestação política definitiva na crença de que as unidades individuais autônomas determinam as propriedades das coletividades onde se agrupam. Ao olhar para a sociedade, observamos que o oposto é verdadeiro. Se fosse necessário caracterizar a organização social e as suas consequências, ela não seria a expressão e o reflexo das limitações dos indivíduos, mas sim a sua **negação**. Dito de outra maneira: não se pode compreender ou mesmo querer entender o indivíduo separado do meio social em que vive e age, as próprias ideia e noção de indivíduo são produtos socialmente construídos, os indivíduos são partes que não podem ser compreendidas sem o todo. E o todo, no mundo contemporâneo do capitalismo globalizado, carrega consigo a necessidade constante da guerra em sua totalidade e plenitude.



Desde o fim da Guerra Fria, do mundo bipolarizado, a política passa a ser cada vez mais descolada do passado, da história e da memória coletiva. Os meios de comunicação surgidos no último século, isto é, desde o jornal que em princípio representava os olhos do povo, abertos, cintilantes e também o espírito do tempo, capaz de compreender a totalidade; o rádio representava a capacidade que a voz do poder possui para se manifestar em todo território nacional; o cinema, a televisão e, mais recentemente, a internet, por sua vez representam a força das palavras e das imagens; esses meios de comunicação se estabeleceram, portanto, numa forma de individuação e diferenciação das sociedades. Nos jornais, bem como a televisão e a incipiente entrada em cena da internet e das redes sociais digitais, a nova ordem mundial era retratada como uma era de paz, de crescimento, de progresso, de riqueza e bem-estar material. A expansão do capitalismo nas áreas geográficas ocupadas pela economia planificada do sistema socialista, a derrota econômica, política, tecnológica e cultural da URSS, o livre mercado e o aumento do volume das trocas econômicas, o estímulo ao acirramento da competição e da concorrência afirmado pelo neoliberalismo como motor do progresso, da inovação, do crescimento e da produção de riquezas, geraram novas crises sociais que, por sua vez, disseminavam incertezas,

inseguranças e imprevisibilidade para um conjunto sempre maior de trabalhadores e cidadãos, empresas e instituições, países e regiões.

O final da Guerra Fria marca o início de uma nova era mundial que, em escala global, mobilizou, movimentou e transformou todas as esferas sociais, todas as formas de vida e identidades, as certezas pessoais e coletivas. Para o economista italiano Vladimiro Giacché, se o início triunfante da nova ordem mundial possuía semelhanças com uma nova *belle époque*, o seu curso não somente foi muito mais breve do que aquela que se iniciou em 1871 e teve o



desfecho em 1914. A “*belle époque*” da globalização começa e termina na última década do século XX, quando o acúmulo de crises econômicas, políticas e sociais, bem como, o “retorno” da guerra, marcam o início de uma era de novas crises e conflitos armados:

A atual fase das relações internacionais pode facilmente ser conotada como regressiva. Está em regressão, ou seja em recessão, em primeiro lugar, a economia dos principais países capitalistas, começando pelos Estados Unidos. Estão em regressão os comércios internacionais: em 2001, as trocas cresceram 2%, pela primeira vez após anos de crescimento interrompidos. Que a “*Belle Époque da globalização*” acabou não afirmam apenas os estudiosos de esquerda, mas é algo que se pode ler – textualmente – no último número da revista Aspen Institute. Foi rompido o sistema de direito internacional construído após a segunda guerra mundial: a guerra como modo de resolução das controvérsias internacionais não é mais “repudiada”, nem pelos países que – como o nosso – este empenho está escrito nas suas constituições. E recentemente – no desinteresse quase que geral – tornou-se possível voltar a falar, por parte da potência imperialista hegemônica – de “ataque nuclear preventivo”. (GIACCHÉ, 2002, s/p, tradução nossa)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> L'attuale fase delle relazioni internazionali può facilmente essere connotata come regressiva. E' in regressione, ossia in recessione, innanzitutto l'economia dei principali paesi capitalistici, a cominciare da quella statunitense. Sono in regressione i commerci internazionali: nel 2001 gli scambi sono scesi del 2%, per la prima volta dopo anni di crescita ininterrotta. Che “la Belle Epoque della globalizzazione” sia finita non lo dicono più soltanto studiosi di sinistra, ma è cosa che si può leggere - testualmente - sull'ultimo numero della rivista dell'Aspen Institute. E' stato scardinato il sistema del diritto internazionale costruito dopo la seconda guerra mondiale: la guerra come modo di risoluzione delle controversie internazionali non è più “ripudiata”, neppure dai Paesi che - come il nostro - questo impegno l'hanno scritto sulla loro Costituzione. E recentemente - nel disinteresse pressoché generale - si è addirittura tornati a parlare, da parte della potenza imperialistica egemone, di “attacchi nucleari preventivi”.

Na lúcida reflexão de Giacché, no final do século XX e no início do terceiro milênio, a guerra “retorna” como meio de resolução dos conflitos econômicos, políticos e sociais gerados pela sociedade capitalista na era da globalização. As devastadoras crises econômicas, a complexa questão demográfica e o fenômeno da imigração, as lutas geopolíticas e geoeconômicas entre as potências capitalistas pela hegemonia, geraram a necessidade da *construção social de discursos, narrativas e batalhas culturais que legitimaram as guerras* na Europa [Iugoslávia], na Ásia [Afeganistão], no Oriente Médio [Iraque], na África [Síria, Líbia]. Os atentados ocorridos em 11 de Setembro de 2001 produziram uma dilatação do uso da palavra “guerra” em novas guerras: guerra ao terror, guerra infinita, guerra preventiva, etc.

## Introdução

Ninguém acreditava em guerras, revoluções ou quedas. Tudo o que era radical e violento já parecia impossível numa era da razão. Stefan Zweig, **O Mundo de Ontem**, p. 14.

Dez anos após o colapso da URSS, assistimos pela TV aos ataques às torres gêmeas [World Trade Center] em 11 de setembro de 2001 e, com eles, ao final de um período de paz e prosperidade prometido pela segunda Belle Époque cuja existência efêmera, naquele exato momento, também chegava ao fim. Desde então, diversos dispositivos foram e estão sendo usados para justificar o *retorno da guerra*, dentre eles, os jornais [o impresso e o digitalizado] reassumiram um importante e fundamental papel desenvolvido no curso da modernidade [da “nacionalização das massas”, das guerras mundiais, das guerras entre países e concepções de mundo que, no limite, rerepresentou à sociedade contemporânea a urgência de novos conflitos armados], e que até hoje se justificam:

- 1) pela legitimação da guerra como necessária, inevitável e justa;
- 2) através da desumanização do inimigo, apresentado como bárbaro, desumano, animalizado e retratado como uma encarnação do mal absoluto;
- 3) pela naturalização do estado de guerra permanente; e, por último mas não menos importante,
- 4) através da manipulação social das emoções e do intelecto nos indivíduos, nas pessoas, nos sujeitos e nos cidadãos em direção à construção de um ser humano indiferente perante o estado de guerra permanente.

Optamos por entender o retorno da guerra através desta angulação na medida em que ela está em sintonia à compreensão das dinâmicas sócio-políticas em escala global após o colapso das promessas de paz e prosperidade ao final da Guerra Fria. Noutras palavras, a guerra permanente é a condição essencial ao desenvolvimento do capitalismo no mundo e que atualmente perpassa, prescinde e se vale de relações cada vez mais amalgamadas e azeitadas por uma lógica destrutiva que se impõe tanto aos seres humanos como ao meio ambiente, é pela permanência da guerra - ou da guerra sem fim - que os mercados do mundo se orientam de forma cada vez mais agressiva e empreendedora. É uma lógica de guerra em que o consumo se apresenta como uma espécie de campo de batalhas, com os seus soldados, as suas

armas, a sua intensa propaganda, seus *Sargent Peppers* e *General Motors*: a conquista, o sucesso, a vitória, bater as metas, atingir o objetivo, delimitar o perímetro, definir o objeto, o alvo, o centro, ter foco, não dispersar, etc. Palavras de ordem típicas da caserna e dos quartéis que se naturalizaram no universo do trabalho e nas cercanias do lar, léxicos e expressões que rotineiramente habitam as nossas casas e atravessam todas as ruas. Estão presentes nas lutas políticas, nos movimentos sociais, nos coletivos identitários, nas concepções de mundo, de nação e de comunidade. De fato, são as palavras que formam nossos sentidos e também são elas que alicerçam os muros e sustentam as políticas de vigilância de fronteiras cada vez mais frequentes em diversos países do mundo.

Dessa maneira, a escolha dos nossos objeto e corpus da pesquisa para a elaboração da tese que ora apresentamos, deu-se pela importância que entendemos ter a linguagem para as demais expressões da vida social e, ainda que não faça parte das nossas preocupações imediatas, a linguagem que também compõe e perfaz os elementos e caracteres das manifestações dos indivíduos independente das condições e realidade em que se encontram, em qualquer tempo ou espaço histórico. É pela linguagem em seu sentido mais amplo [isto é, tudo aquilo que pode servir à comunicação, orientação ou interação social, portanto, os desenhos, as imagens, os sons, os odores, as texturas, enfim, aquilo que provoca os nossos sentidos em determinada direção], que também podemos compreender o meio social em que está inserida, bem como pensar a sociedade através das suas manifestações. Diante deste vasto conjunto a que chamamos linguagem e por razões práticas à nossa pesquisa, selecionamos uma fração de léxicos e expressões cuja ocorrência foi medida em tempos específicos e iguais [isto é, em períodos de vinte e de dez anos], tanto antes quanto depois do divisor de águas do nosso trabalho: os atentados às Torres Gêmeas em Nova Iorque, ocorrido em 11 de setembro de 2001.

Pensamos esse recorte para que pudéssemos ilustrar e mediar melhor uma questão que compõe o núcleo da nossa tese: *é pela familiaridade e naturalidade marciais com que as mídias em geral elaboram suas interfaces com o meio e com os indivíduos - valendo-se de léxicos, expressões e sintagmas de guerra -, que podemos encontrar pistas para compreender a direção que dispusemos as nossas dinâmica [social] e energia [política] nessas duas primeiras décadas do terceiro milênio.* Em outras palavras, atualmente as relações, as ideias e o pensamento sociais de quaisquer sociedades são construídos e elaborados sobre um campo semântico e simbólico da guerra, numa arquitetura racionalmente elaborada e fundamental para a manutenção e reprodução do capitalismo e da sociedade burguesa; de fato, arriscamos uma definição: a atual dinâmica da vida social cada vez mais acelerada e avassaladora é um

produto da *estética burguesa da guerra*, porque a guerra global é a máxima concepção que elevamos a guerra na sociedade burguesa contemporânea.

Posto isto, é mister que nos valhamos das contribuições do pensamento metodológico clássico das Ciências Sociais para, com ele, perceber não somente as transformações do próprio pensamento que se debruça cientificamente sobre as coisas, mas, sobretudo, conseguir compreender a dinâmica histórica entre as coisas e os sujeitos e, mais, entender em que medida as relações sociais implicam na maneira como observamos e selecionamos aquilo que vale a pena ser analisado porque fornece chaves para a crítica social. Assim, mesmo sem explicitar textualmente a maioria dos clássicos nesta tese, temo-los por referência já que o nosso horizonte exigiu que nos lançássemos para além dos seus tempos históricos e dos seus contextos sociais. Em certo sentido, as nossas leituras dialogam com o pensamento e com as categorias fundantes das Ciências Sociais, pois mobilizam ideias, testam hipóteses, apresentam alternativas e estabelecem nexos que só são possíveis em razão do próprio tempo e das determinações sócio históricas em que nos encontramos. Posto de outra maneira: fato social, tipologia, mais-valia, dispositivos, indústria cultural, vigilância&punição, decolonização, liquefação&paralaxe, são ferramentas imprescindíveis que exigem constante dilatação, releitura e resignificação. Dessa forma, se se nos perguntasse “qual é o nosso método científico?”, seríamos levados a responder: todos, e nenhum.

Se pudéssemos utilizar uma situação para ilustrar o que afirmamos acima, ela seria a de um desbravador em terras e mares desconhecidos. Para percorrer novos caminhos e estabelecer rotas seguras, o sujeito é forçado a se valer do maior número possível de técnicas e ponderar a respeito de todas as opiniões e ideias. Agindo assim, as possibilidades de êxito são maiores que a inflexão típica tanto da jovialidade de um marujo embalado nos próprios sonho e desejo, como das rígidas experiência e certeza de um velho lobo-do-mar. O que devemos é trazer conosco os métodos conhecidos e as ferramentas que dispomos, entretanto, diante do inaudito e das novidades do mundo contemporâneo, também somos forçados a abrir mão de tudo que conhecemos para assimilar as informações, compreender as transformações, nos perder frente às inúmeras possibilidades dispostas no horizonte para que possamos nos encontrar no processo de mapeamento das novas rotas e passagens. Nossa tese, quanto ao método, é uma espécie de nau que segue um norte pensado, mas percorre diversos caminhos e sentidos. E, se fizemos dos métodos as bússolas e os astrolábios que em muito nos orientaram na jornada, a exemplo do herói grego, também quisemos ouvir o canto das sereias. Odisseu sobreviveu à hipnose dos encantos amarrado ao mastro e, da nossa parte, fizemos do método

científico um instrumento de orientação e segurança para não nos perder ou naufragar diante das situações hipnóticas dos novos caminhos.

No primeiro capítulo da tese, veremos como a guerra e o entusiasmo belicista generalizado que encerram a *Belle Époque* - portanto, em plena crise da modernidade -, além de produzirem milhões de mortos, destruição de cidades inteiras e catástrofes em escala industrial, também proporcionaram críticas e opiniões contrárias aos conflitos. Dentre os críticos da guerra, Karl Kraus foi uma das poucas vozes dissonantes que alertaram e condenaram as violências e as atrocidades praticadas pelas nações civilizadas na Primeira Guerra Mundial, bem como, denunciou em seu jornal **O Archote** o papel nefasto da imprensa na difusão dos valores e das ideologias que legitimavam a guerra. Naquele momento, isto é, no início do século XX, a penetração dos jornais impressos na vida cotidiana não apenas possibilitava a “mobilização total” – o importantíssimo dispositivo que transformava radicalmente o senso e o significado do cidadão em soldado da pátria –, mas criava a falsificação sistemática da realidade social. Podemos compreender a força ideológica da imprensa no curso das contradições e das lutas sociais e políticas da sociedade capitalista no início do século XX na seguinte sentença de Kraus: “no princípio era a Imprensa e depois aparece o Mundo” (*apud* MORELLO, 2014, p. 51).

A manipulação da realidade social através da força das palavras mantém a sua atualidade, quase cem anos depois, no curso das guerras globais. As preocupações do autor alemão são válidas e devem ser utilizadas para se evitar um desdobramento semelhante ao que ele, tragicamente, viveu. É pelo prisma das preocupações krauseanas que iniciamos a reflexão acerca do sentido e do significado da guerra na sociedade capitalista globalizada econômica e politicamente. Assim, o objetivo da tese é compreender o intrincado processo de construção do monopólio da produção das ideias e das emoções materializadas na indústria midiática e sua relação com os dispositivos de desumanização mobilizados para a construção da figura do inimigo nas guerras globais: as “novas guerras”, estabelecidas nos últimos vinte anos pelas potências ocidentais depois do colapso do império soviético e o rápido desenvolvimento dos processos de globalização e da economia de mercado” (ZOLO, 2009, p. 9).



No segundo capítulo, analisamos a ocorrência das palavras contidas nos editoriais e artigos dos jornais em alcançar, mobilizar e manipular a opinião pública. Para nós, a utilização, isto é, o número de ocorrência de certas expressões e de determinadas palavras já indica a força com que deve ser atualizada [através de uma nova forma] a disseminação da ideologia na sociedade capitalista contemporânea: a forças das imagens em sensibilizar e construir novas formas de subjetividade que apoiam e legitimam as guerras globais. O filósofo italiano Domenico Losurdo enfatizava que os fantásticos progressos das forças produtivas dos meios de produção e difusão da comunicação e da informação possibilitava à “mobilização total” das emoções através da permanente exibição de imagens e narrativas políticas. A “mobilização total” das emoções e das pulsões é acompanhada pela manipulação total da realidade, de modo que, a natureza da luta de classes na atualidade “funda a sua potência sobre o monopólio da produção das ideias, mas também e, sobretudo, das emoções” (LOSURDO, 2014, p. 13). O papel dos meios de comunicação na difusão permanente de palavras e imagens que expõem a “crueldade, a ferocidade, a desumanidade do inimigo”, que deve ser combatido e punido, produz para Losurdo o fenômeno da “indignação ao nível

mundial” que justifica e legitima as ações militares e bélicas nos últimos trinta anos, período no qual se manifesta o fenômeno da guerra global.



Através da investigação da difusão pelas mídias de léxicos e imagens diretamente associados ao universo da guerra global, também buscamos compreender como é socialmente construída a relação imagética e lexical a partir da informação, da percepção e da compreensão de uma determinada forma de consciência sensível aos propósitos e aos interesses das forças sociais que comandam a globalização econômica e política. Com relação ao termo *indústria midiática* uma ressalva deve

ser feita ao que toca à escolha de dois jornais impressos como exemplos tangíveis desse imenso universo industrial: quando o assunto é a guerra a imprensa escrita e de circulação nacional ainda tem grande influência e o prestígio das pessoas no Brasil e no mundo. Em um de seus aforismos sobre a imprensa e a guerra, Karl Kraus comenta que “Editores têm a Cruz de Ferro, soldados escrevem folhetins e generais são doutores” (KRAUS, 2010, p. 411-2). Dar

crédito é uma maneira de crer, de acreditar: quem acredita também acredita e, assim, na fé se fiam grandes obras que transformam a realidade material e social da existência.

No terceiro e quarto capítulos, procuramos compreender como as palavras e as imagens são utilizadas [supostamente com intenção de criar uma narrativa de interesse] na composição das matérias em dois jornais brasileiros de grande circulação nacional para dotar de sentido e significado as guerras globais e as desumanizações que mobilizam [no conjunto, o objeto da tese]. Os jornais escolhidos para a compreensão da guerra global no Brasil são *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, ambos são parte de outras plataformas de comunicação e informação social digitais. Embora nosso recorte histórico e corpus da pesquisa se estendam até 1981 [dez anos finais da Guerra Fria], de fato, analisamos as guerras globais a partir do ano de 1991 até o ano de 2021, período que abarca a Guerra do Golfo, o conflito na Iugoslávia e o advento da chamada guerra humanitária, os atentados terroristas nos Estados Unidos e a invasão do Afeganistão e do Iraque. Ainda que a maior hipótese do trabalho seja compreender os artifícios mobilizados nas guerras globais atuais, é nesse intervalo temporal, isto é, no recorte histórico proposto, que o sentido e o significado da guerra foram profundamente modificados, bem como, os meios e as estratégias políticas e ideológicas que justificaram e legitimaram o “retorno” da guerra no final do século XX e no início do século XXI. Da ideia de “guerra justa” evocada pelo Ocidente para libertar o Kuwait invadido pelo Iraque de Saddam Hussein, desde então, assiste-se constantemente uma proliferação de novas fórmulas e slogans como a “guerra humanitária”, “guerra ética”, “guerra em defesa dos direitos humanos”, “guerra justa” [Iugoslávia, Kosovo, 1999], a “guerra contra o terror”, “guerra sem fim”, “guerra preventiva”, “guerra da liberdade contra o medo” [Iraque, Afeganistão], ou ainda em versões adaptadas à determinadas situações bem específicas – “guerra às drogas”, “guerra ao mosquito”, “combate à fome”, e assim por diante.

Ao final do nosso trabalho mobilizamos uma pesquisa realizada no segundo semestre de 2019 entre os alunos da FCLAr/Unesp, cujo tema investigado foi balizado pelo modelo da Escala F sugerido por Theodor Adorno. A razão desse recurso se explica pelo fato da ascensão do pensamento autoritário que vem ganhando espaço no mundo e no Brasil. Paralelamente aos desdobramentos e às transformações que as guerras sofreram desde o início do terceiro milênio, houve um rápido crescimento das ideias fascistas, inclusive, com representantes eleitos democraticamente pela população. Sem dúvida, este é um tema para outro doutorado e que, aqui, aparece para corroborar com a nossa pesquisa. Ainda que o seu

público alvo tenha sido uma parcela bem pequena e restrita da sociedade, os alunos da FCLAr também a representam e refratam uma fração da população do país, especialmente os jovens estudantes. Além disso, podemos questionar se a guinada à direita nos discursos e nas narrativas políticas atuais é um mero reflexo da dinâmica desumanizadora das guerras globais, ou se este viés político é a expressão de um processo cuja cristalização vem ocorrendo paulatinamente por algumas gerações e corresponde precisamente aos dispositivos de desumanização e aos propósitos das novas guerras? Não sabemos exatamente e nem pretendemos responder a essa questão aqui, mas apenas tomá-la por uma hipótese que poderá ser futuramente desenvolvida num trabalho complementar. Assim, mesmo que não a respondamos, arriscamos a pensá-la dentro dos parâmetros aqui mobilizados e percebê-la como elemento que compõe e alimenta o debate político contemporâneo. Pensando assim, e apenas a título de ilustração, permitimo-nos mobilizar alguns dados obtidos por questionário aplicado numa amostra aos alunos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e que compuseram o trabalho final da disciplina *Teoria Sobre os Métodos em Ciências Sociais*<sup>3</sup>.

A guerra global apresenta diversas e profundas mudanças quanto às táticas e estratégias de combate, também representa transformações com relação às guerras antigas e modernas. Com o aperfeiçoamento das forças produtivas e a criação de uma imensa aceleração no progresso técnico, foi possível uma intensa produção das armas bélicas de destruição em massa, sobretudo pelos países mais ricos e desenvolvidos. A guerra tecnológica substituiu a presença de imensos contingentes de soldados e tem sido um dos principais elementos da guerra global. Os conflitos econômicos e políticos surgidos após o fim da guerra fria são sempre mais complexos e intrincados no curso dos desdobramentos econômico e político do capitalismo globalizado. Para o filósofo italiano Danilo Zolo (2005 e 2009), o fenômeno da guerra global não deve ser analisado apenas como a expressão e uma “morfologia da *nova guerra*” e da sua dimensão global, é melhor entendê-la como uma redefinição típica de um contexto histórico que visa suprimir o “direito internacional moderno” que buscou - após as tragédias e catástrofes das guerras mundiais do século XX - regulamentar e conter o fenômeno da guerra na comunidade internacional. A guerra global

---

<sup>3</sup> Disciplina obrigatória da graduação em Ciências Sociais, concluída pelos alunos e alunas do terceiro ano em novembro de 2019, portanto, um pouco mais de três meses antes da pandemia. Parte do trabalho final dos alunos teve por *corpus* de análise os dados obtidos [dados da escala de Likert, em que a melhor medida a utilizar é a moda ou a resposta mais frequente] por questionário composto de vinte e duas questões elaboradas a partir da Escala F originalmente formulada por Adorno. No anexo II estão os resultados resumidos desta pesquisa, e os trabalhos, bem como o resultado completo da pesquisa estão disponíveis para consulta em [https://docs.google.com/forms/d/1ngs2GvWdwyYdKvzEUMoPvFnPstDgrGCKtqukZPY28F0/edit?chromeless=1#response=ACYDBNheEDI2C8tStqiOKcbfkoj-MUIyL1NUiy1dTgXMnqE13uH0D0E-u6ELrW\\_g7TE5c14](https://docs.google.com/forms/d/1ngs2GvWdwyYdKvzEUMoPvFnPstDgrGCKtqukZPY28F0/edit?chromeless=1#response=ACYDBNheEDI2C8tStqiOKcbfkoj-MUIyL1NUiy1dTgXMnqE13uH0D0E-u6ELrW_g7TE5c14)

combina as mais avançadas descobertas técnico e científicas que aceleraram a potência de destruição e morte dos inimigos com a “regressão às retóricas antigas de justificação da guerra, incluindo importantes elementos da doutrina “monoteísta” do “*bellum justum*” e da “guerra santa” contra “os bárbaros e os infiéis”, numa expressão: a guerra das forças do bem “contra o mal”. Nesse contexto, é fundamental a animalização e a demonização do outro para construí-lo como inimigo suscetível de eliminação pela ação militar de grandes potências econômicas [e seus aliados] que se entendem investidos de uma missão contra o avanço do mal [notoriamente representado na imprensa nacional pelo “imigrante ilegal”, pelo islâmico, pelo diferente, etc.]. O infiel, o terrorista, o criminoso, a guerra não são neologismos, embora impliquem em novas sintaxes quando pensados no horizonte da contemporaneidade, de tal maneira que a crescente utilização desses léxicos pela imprensa [e em grande medida por toda a indústria cultural em suas diversas manifestações, isto é, nos filmes, nas séries de televisão, nos livros, nas música, nos jogos, nos entretenimentos, nos games, nas revistas, etc.], e a maneira como se os utilizam nos meios de comunicação, permitem a inversão da realidade e a manipulação dos fatos e faz do agredido o “real” agressor.

A reflexão acerca do sentido e do significado da guerra na era do capitalismo globalizado implica na análise atenta do sentido das palavras e das informações veiculadas diariamente pela imprensa na construção social dos discursos e das narrativas que organizam os elementos constituintes da realidade social e, não raro, esses elementos estão carregados de emoções, sentimentos e paixões, de componentes irracionais que coabitam com a razão, a perfazer os sentidos e amalgamar, quando não a penetrar profundamente, as relações sociais na era global. Diagnóstico semelhante foi realizado pelo filósofo Alberto Burgio (2004) no livro *Guerra. Scenari della nuova “grande trasformazione”*: desde o conflito ocorrido no interior da Europa em 1997 e, principalmente, após os ataques as Torres Gêmeas em 2001, a “guerra reconquistou um lugar estável na crônica política do Ocidente”. Em tais narrativas a palavra guerra reapareceu e permaneceu presente nas páginas dos principais jornais do mundo, usada como força retórica para os mais diversos fins econômicos e políticos. Se o fim do mundo bipolarizado promoveu a difusão dos *slogans* que enalteciam o Ocidente: a liberdade, a democracia, a sociedade aberta, a paz e o progresso; a realidade dos novos conflitos econômicos e políticos revelaram que “como no século XX, é a guerra, não a paz, que domina a cena no mundo” (BURGIO, 2004, p. 31). Logo, a presença da guerra na era do capital globalizado - sua escalada em diversas formas de conflitos - necessita dos papéis da imprensa como *meio* para “convencer a maioria da população das “boas razões” econômicas,

políticas e “morais” das intervenções” bélicas (BURGIO, 2004, p. 47). Ao mesmo tempo, os jornais também desempenham outro papel estratégico representado pela força das palavras e das imagens: a criação da figura do inimigo e das novas formas de dicotomia entre o bem e o mal.

As guerras globais não apenas redefinem e criam os espaços políticos e as grandes áreas de influência entre as nações ricas e desenvolvidas e os demais países, mas também produzem diversos processos culturais que desumanizam os inimigos do Ocidente, transformando-os em seres bestiais, cruéis e violentos. Pretende-se com essa tese de doutorado compreender como os nexos ideológicos entre as guerras globais [Guerra do Golfo, Guerra na Iugoslávia, Guerra contra o terror] e os processos de desumanização são construídos e transmitidos pelos jornais para os leitores brasileiros. O interesse está centrado em duas frentes de investigação:

1) na análise quantitativa de léxicos e expressões típicas da linguagem militar [“guerra”, “inimigo”, “massacre”, “fechamento de fronteira”, “desumanização”, “campo de refugiados”, “terrorismo”, “medo”, “*fake news*”, “intervenção militar”] e de sua polissêmica utilização no intervalo temporal que cobre os anos de 1981 e 2021 [intervalo que compreende exatamente vinte anos antes e vinte anos depois do ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001 [doravante referenciado por 11/9], e, também, comporta os anos de retirada das tropas norte-americanas do Iraque e do Afeganistão]; e,

2) na correspondente utilização de léxicos e expressões cuja semântica indica determinados valores datados e que podem ser mobilizados à compreensão das radicais transformações que a sociedade globalizada realiza a partir de 11/9 através das imagens, dos editoriais e das páginas dos cadernos e suplementos que, no limite, são o testemunho, a expressão e a construção de um novo ordenamento mundial [e em novas geometrias políticas mundiais]: “sindicato”, “partido político”, “movimentos sociais”, “direitos humanos”, “empreendedorismo”, “iniciativa privada”, “privatização”.

Pela quantificação das ocorrências lexicais pretendemos demonstrar a validade da seguinte tese: ao contrário da percepção de que os jornais perderiam importância e relevância na era da comunicação digital e das redes sociais, na era das grandes transformações tecnológicas, econômicas, políticas e culturais, os jornais ampliaram o seu papel de influência na vida cotidiana devido à presença permanente da guerra global e dos processos de

desumanização do outro. Dito de outro modo: a presença da guerra na vida cotidiana e sua dimensão total na era do capitalismo globalizado necessita dos jornais como meio de difusão de palavras e imagens que sejam capazes de formar: 1) a opinião comum que legitima a violência organizada das potências ocidentais em qualquer espaço, território e país, ao mesmo tempo, que demoniza, denigre, animaliza as ações terroristas; 2) a difusão midiática da política de medo e insegurança; 3) a difusão midiática da política da inevitabilidade das ações militares ocidentais em nome da paz e dos direitos humanos; e, 4) a mobilização de termos e expressões cujo valor semântico compreende, perfaz e expressa os nexos sociais de identidade, pertencimento e representação individual e coletiva.

O argumento desta tese foi analisado em sua dimensão histórica e sociológica através do método dialético: procuramos efetuar uma investigação histórica e crítica da presença da guerra no século XX, construída no curso das contradições objetivas e inerentes ao modo de produção capitalista, e o seu “retorno” na era do capitalismo globalizado. A dialética como método visa compreender em um contexto histórico concreto e determinado o sentido e o significado das manifestações subjetivas das forças sociais e políticas [suas necessidades lógicas e motivações, seus valores e interesses] na luta pela conquista da hegemonia econômica, política e cultural. Na investigação histórica e crítica da realidade concreta, objetiva e histórica, a dialética procura determinar quais são as contradições fundamentais e, dentre elas, qual é a mais significativa, capaz de iluminar e decifrar uma totalidade que, na era moderna e na modernidade, está sempre em dinamismo, mudança, transformação. Procuramos compreender dialeticamente no “retorno” da guerra no final do século XX e no curso do século XXI, qual é a sua função dentro da sociedade capitalista neoliberal e globalizada, bem como, qual é o papel do jornal impresso e digitalizado na preparação e no curso das guerras globais. No personagem o Otimista, da peça de teatro **Os Últimos Dias da Humanidade**, Karl Kraus ironizou: “[...] como bem disse a imprensa, “longe da arrogância e da fraqueza”; estou convencido de que um ano eles não vão querer mais testemunhar essas coisas, quer a guerra tenha acabado ou não. Disto estou convencido, sim senhor!<sup>4</sup>” (KRAUS, 1980, p. 205). Só mesmo um otimista para se convencer de que a imprensa não testemunharia os horrores da guerra. De fato, é uma fala de personagem que expõe uma profunda transformação no papel do jornal na era moderna.

---

<sup>4</sup> [...] come ha detto giustamente la stampa, « ben lontani daU'arroganza e dalla debolezza»; io sono convinto che tempo un anno non avranno più voglia di assistere a simile cose, che la guerra sia finita o meno. Di questo sono convinto, sissignore!

No curso das revoluções modernas, o jornal era avaliado como “o olho do espírito do povo aberto perante tudo”, a “ligação através da palavra que une o particular com o Estado e o mundo”, a “cultura que adquire corpo e que ilumina de espiritualidade as lutas materiais”, a “franca confissão de um povo perante si mesmo”, o “mundo ideal que flui continuamente para aquele real”, o “espírito sempre mais rico” que “retorna a fluir em si mesmo, criando nova vida” (MARX, 1980, p. 164). As elogiosas frases que Marx redigiu em linguagem abertamente hegeliana expunham o papel fundamental do jornal em divulgar e explicar as tensões, os conflitos e as contradições sociais produzidos pelos enfrentamentos políticos causados pelas lutas de classes. Contudo, no curso da modernidade, o jornal desempenhou papéis e funções que se afastaram radicalmente do sentido reflexivo, formativo, emancipatório e, no limite, revolucionário que possuía no Ocidente em meados do século XIX. No seu jornal **O Archote**, Karl Kraus assim expôs o sentido e o significado dos jornais no curso preparatório e no desdobramento da Primeira Guerra Mundial:

O leigo não faz ideia das inumeráveis dificuldades contra as quais os periódicos têm que lutar atualmente, dificuldades que alcançam na mesma medida o editor, o redator, o tipógrafo, o despachante. Claro que entre nós alguém se dá conta também do *monstruoso significado da imprensa e sabe apreciá-la como um recurso bélico, que está apenas atrás do submarino, do zepelim e do vitorioso obus.* (KRAUS, 2009, p. 73, grifo meu)

As reflexões de Karl Kraus acerca do papel do jornal na manipulação da realidade social, na construção ideológica das emoções necessárias para a realização tanto da “mobilização total” dos indivíduos e da transformação do cidadão em um soldado da pátria,



quanto da “política total” e da “guerra total” (LOSURDO, 1998), não estão circunscritas às guerras mundiais. Sustentamos a tese de que as análises que Karl Kraus efetuou acerca do papel do jornal na construção social dos processos emotivos e cognitivos que engendravam a Primeira Guerra Mundial – a corrupção da

linguagem, a degeneração da moral, o jornal como arma de guerra, a manipulação total, a distorção da realidade e a mentira deliberada, a automutilação e destruição da humanidade – adquirem uma maior significação e uma densa atualidade no curso preparatório e no

desdobramento das guerras globais, o que faz da linguagem e da estética da guerra ganharem preponderância midiática aos atuais submarinos atômicos, aos caças supersônicos e aos mísseis nucleares que, sem elas [isto é, sem a atual difusão e manipulação pelos meios de comunicação dos léxicos e da semântica de guerra], nada mais seriam que peças obsoletas que estiveram presentes nos conflitos bélicos modernos.

No curso da modernidade, a reprodução mecânica dos jornais possibilitou que as palavras fossem divulgadas, disseminadas em escala de grandeza sempre maior: nas cidades, nas regiões, nos Estados nacionais, o jornal impresso foi uma força fundamental para a construção social da opinião pública. Para o filólogo italiano Luciano Canfora (2013, p. 197), o jornal impresso “é um veículo fundamental da hegemonia buguesa”: é o meio pelo qual os valores e as ideias, as experiências e as expectativas, as ideologias e os interesses particulares das forças sociais buscam conquistar o consenso e possuir a hegemonia para determinarem a legitimidade do significado da ordem social e do sentido da história. A história do jornal acompanha os processos de secularização e racionalização do mundo, crises sociais e revoltas, rupturas e revoluções na sociedade nacional e industrial, contribuindo para formar sensibilidades, subjetividades, mentalidades, comportamentos e hábitos para os indivíduos, as pessoas, os sujeitos e os cidadãos. Nos jornais, as palavras impressas foram, e são, forças históricas e sociais que contribuíram para os processos de “nacionalização das massas” (MOSSE, 1995), e para a formação da comunidade nacional de destino, das obrigações e deveres do indivíduo e cidadão para com o Estado nação.

Na história da modernidade, as acelerações tecnológicas impactam, desestabilizam, movimentam e modificam as práticas sociais, as organizações e as instituições, como podemos aprender na teoria sociológica de Hartmut Rosa (2015). As acelerações tecnológicas possibilitaram que nos jornais, o impacto causado pela força da palavra nas emoções, nos sentimentos, no intelecto do indivíduo e do cidadão, fosse amplificado pela imagem, primeiramente em preto e branco, posteriormente em cores, dos acontecimentos sociais. Um salto de qualidade tecnológica que potencializou a capacidade de chamar a atenção do leitor, através da dramaticidade emotiva das fotos, das imagens que geram, em dimensão temporal sempre mais acelerada, a



indignação moral, o ódio contra o inimigo, a aceitação e legitimação da guerra como uma necessidade imperativa e inevitável.

Em 1899, Gustav Moynier, o primeiro presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, sintetizou o poder da comunicação, da imprensa de guerra nestes termos: “Agora sabemos o que acontece todos os dias em todo o mundo [...] as descrições dadas pelos jornalistas diários colocam, por assim dizer, aquelas agonias dos campos de batalha sob os olhos dos leitores [o jornal] e seus gritos ressoam em seus ouvidos”<sup>5</sup> (*apud* KVAM, 2011, p. 5). Um século depois de Gustav Moynier perceber como os horrores da guerra veiculados pelos jornais escritos afetavam as emoções dos seus leitores, hoje a imprensa vai além da escrita tão somente, as acelerações tecnológicas da moderna sociedade capitalista também promoveram uma maior mediateatralização das guerras através dos diversos dispositivos e canais de comunicação viabilizados pela intensa ampliação da internet. De cem anos para cá, as informações também foram ampliadas e potencializadas graças às transformações realizadas no interior das próprias forças produtivas capitalistas. E, nesse intervalo de tempo, os meios de produção também absorveram as mudanças técnico-científicas em seus momentos de revolução industrial e, ao absorvê-las, impactavam tanto na maneira de organização da força-de-trabalho no interior dos processos de produção, assim como modificavam suas relações sociais às dinâmicas de uma economia em rápida expansão e ebulição.

A imprensa cumpriu, num primeiro momento, um papel fundamental de informação e comunicação ao realizar a difusão de novas ideias, novos padrões e, com eles, a alteração dos comportamentos sociais e dos indivíduos para que ficassem em sintonia às mudanças ou se adaptassem com menor resistência às novidades produzidas pelo progresso capitalista. Ao divulgar imagens e dramatizar situações para manipular as emoções dos indivíduos, os meios de comunicação fornecem chaves para a compreensão das guerras globais e, mais, indicam pistas importantes para a investigação das maneiras como o desenvolvimento de uma sociedade de consumo cria mecanismos que suportam as mais brutais expressões humanas que se manifestam apenas em zonas de guerra, uma espécie de pornografia da guerra<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> We now know what happens every day throughout the whole world [...] the descriptions given by daily journalists put, as it were, those in agony on fields of battle under the eyes of [newspaper] readers and their cries resonate in their ears.

<sup>6</sup> A expressão *pornografia de guerra* tem suas raízes na mercantilização por trocas de imagens e fotografias dos soldados nos campos de batalha Afegão e Iraquino. Como não possuíam cartões de crédito para assinar sites

Terminamos a introdução apresentando um problema que está contido dentro de um paradoxo: as acelerações tecnológicas, as revoluções tecno-digitais, impactaram profundamente os jornais nos mais diversos países. Foram diversos os jornais tradicionais da modernidade que não conseguiram continuar a existir com a internet, os blogs e as redes sociais e, mesmo aqueles que ainda existem, tiveram que conviver com a diminuição de assinantes e tiragens, possuem uma forma impressa e digital, buscam permanentemente manter seus leitores em assinaturas gratuitas por um breve período, bimestrais, semestrais, etc. Logo, qual é a importância de analisar o impacto dos jornais na formação da opinião pública na era do capitalismo globalizado, das redes sociais digitais? Defendemos a tese de que é precisamente na era do capitalismo globalizado, da incerteza e da insegurança, da imprevisibilidade e da contingência, que os jornais manifestam funções sociais fundamentais: 1) a exposição das notícias e das imagens que filtradas e escolhidas pelas agências de notícias de alcance global [Associated Press, United Press, Reuters, Agence France-Presse], 2) a disseminação diária dos valores do neoliberalismo e da superioridade moral do Ocidente que legitima os processos de neocolonialismo e, por último, 3) a explicação e a legitimação das guerras globais. Logo, na era do capitalismo globalizado, extremamente competitivo e brutal, extremo e violento, os jornais impressos e digitalizados colaboraram na construção de uma



nova linguagem, que supera os limites linguísticos e culturais e pode ser lida em qualquer idioma: a linguagem bélica, na qual a palavra guerra pode ser não apenas descolada dos seus horrores, tragédias e catástrofes, purificada como uma necessidade para eliminar a presença das diversas formas de inimigos internos, externos e globais, mas

também, e sobretudo, usada para expor e explicar, [e sociologicamente falando] para dotar de sentido qualquer problema e questão social. Como veremos no final desta tese, inclusive, contra um vírus, o Sars-Covid-19.

---

pornográficos, os soldados trocavam fotos da guerra por acesso através de um esquema criado pelo estadunidense Chris Wilson e que em pouco tempo se transformou em um dos maiores arquivos de imagens do mundo feitas por soldados em batalhas, em 2006 o site [www.nowthatsfuckedup.com](http://www.nowthatsfuckedup.com) foi fechado e seu criador investigado por fomentar uma competição por imagens com alto teor de brutalidade e desumanização. Seus assinantes eram, majoritariamente, veteranos de guerra.

## **Capítulo I** – *O jornal, a modernidade e as contradições da sociedade capitalista nacional e industrial*

A função da imprensa é ser o cão de guarda público, o denunciador incansável dos dirigentes, o olho onipresente, a boca onipresente do espírito do povo que guarda com ciúme sua liberdade”  
Karl Marx, **A Liberdade de Imprensa**, p. 68.

### 1. *O jornal e a modernidade*

Desde o início da era moderna no século XVI, e sobretudo após as revoluções burguesas no século XVIII, a modernidade possui uma característica marcante em relação ao mundo: o seu dinamismo. Com o declínio da monarquia e da aristocracia e com a emergência histórica de um sujeito revolucionário - a burguesia -, o tempo passa a ser cada vez mais acelerado. Por um lado, a aceleração das potencialidades humanas promovida pela burguesia rapidamente produziu novas tensões, novos conflitos; por outro, permitiu novas formas de vida carregadas de novas identidades subjetivas. Com o surgimento de novas figuras e atores sociais – o burguês, o cidadão e o indivíduo –, deu-se um movimento revolucionário e, com ele, consolidou-se no horizonte da modernidade o partido político - o príncipe moderno -, o liberalismo, o socialismo, o comunismo e o pensamento conservador.

Surge com esse movimento transformador do pensamento um novo senso para a história: essencialmente racional. O edifício de uma nova sociedade cuja base jaz o progresso e que passa a conceber a imagem da história a partir de uma dada linearidade na qual se percebe o tempo - em seu sentido - por uma perspectiva acumulativa de conhecimentos e de sabedorias. O novo senso de si e do mundo permite ao ser humano progredir e aperfeiçoar a si mesmo, com liberdade de pensar e construir por si as suas vontades eletivas, o seu destino e o reino da cultura em que se insere, isto é, a sociedade. Na modernidade, a razão toma o lugar da fé e de todos os espaços antes preenchidos pela fé. Noutra chave: a razão passa a ser a história. A história sem a religião.

Na era moderna o sentido do tempo histórico que até então possuía um forte viés religioso, foi superado e passa a conotar, a partir da revolução copernicana, um tempo em sentido político, humano, só possível pela negação da ideia de cosmos, de uma ordem harmônica, divina, equilibrada, hierárquica, perfeita, imóvel e estática. A manifestação de uma nova vontade, do ser que conquista a liberdade do pensamento, cada vez mais livre para agir, por e para si mesmo, capaz de descobrir, desvelar o que há no interior das formas, dos fenômenos físicos, é a manifestação da imensa capacidade humana despida dos misteriosos dogmas e ansiosa em construir uma nova linguagem – a linguagem científica, racional, matemática –, que permite a assimilação da dúvida e que nasce da observação atenta e curiosa acerca do mundo. De fato, da ruptura com o imaculado emerge uma poderosa manifestação dotada de sentido que se orienta pela decomposição da matéria, pela dissolução das formas e permite, através da experiência, efetuar e estabelecer a causalidade entre as coisas e as ideias.

Na aurora da modernidade, começam a ser postas para fora da história todas as explicações do mundo pautadas num lugar natural dado por uma vontade originária de deus e, posteriormente, corrompidas pelo demônio. Retiram-se as explicações míticas da história para dar lugar às explicações alicerçadas numa ordem lógica, baseadas na força do cálculo, na experiência e na explicação matemática. A partir desse instante, os argumentos que antes eram dogmas inabaláveis, passam a ser comprovados, demonstrados, refutados e repetidos dentro dos laboratórios. A modernidade surge através da nova verdade, de fato, uma verdade menor se comparada à grande verdade, mas uma verdade que traduz a ambição humana em compreender a geometria do espaço, em usar a linguagem científica e seus conteúdos específicos. Compreensão da verdade dos fatos e que vem com o entendimento e a manipulação das formas, com criação de novas coisas e pela quantificação do tempo. A partir do Renascimento e, principalmente com o Iluminismo, o ser humano passa a ser o construtor de grandes coisas e também a ser o artífice de si mesmo e de uma nova realidade.

Com o declínio dos valores tradicionais, das ideias herméticas e dos tutores da humanidade, isto é, da trindade paterna representada pelo pai no interior da família, pelo pai no interior da sociedade e pelo pai-deus acima de tudo, a modernidade anuncia o declínio dos absolutos e em seus lugares situa o relativo através da força dos particulares que, a partir da revolução industrial [ampliação das bases materiais da economia burguesa] e da revolução francesa [que forja o esteio político-ideológico burguês], formam-se as balizas que reinterpretam o sentido histórico na contemporaneidade. Cada particular é devido a sua

posição na sociedade e passa a ser entendido numa nova totalidade: o indivíduo moderno experimenta situações baseadas em funções e em papéis mediante as situações específicas, particulares. Formam-se grupos sociais que são capazes de criar as suas expectativas e produzir por si mesmos os seus valores, as suas ideias, os seus ideais, as suas ideologias baseadas em experiências e expectativas privadas, sem a implicação do absoluto, do geral, do universal. Constitui-se uma sociedade nova e racional construída num conflito latente que, em momentos de crise, passa a ser explosivo e transformador. Por maiores que sejam as revoluções sociais, políticas, econômicas e culturais promovidas pela modernidade, em todas elas o fenômeno da guerra a acompanhou e esteve presente ao seu lado:

[...] o anseio de todo o Estado [ou da sua autoridade suprema] é estabelecer-se numa situação de paz duradoura de modo a dominar, se possível, o mundo inteiro. Mas a natureza quer outra coisa. Serve-se de dois meios para evitar a mescla dos povos e os separar: a diferença das línguas e das religiões; [...] a inclinação para o ódio mútuo e o pretexto para a guerra, mas com o incremento da cultura e a gradual aproximação dos homens de uma maior consonância nos princípios leva à convivência na paz, a qual se gera e garante não através do enfraquecimento de todas as forças, como acontece no despotismo [cemitério da liberdade], mas mediante o seu equilíbrio, na mais viva emulação. (KANT, 2008, p. 30)

No curso das lutas sociais e políticas pela conquista da liberdade e pelo fim do despotismo, emerge uma nova figura histórica: o erudito laico, que faz uso da razão como arma de libertação, conquista da emancipação e da autonomia, e que difunde novas ideias e valores através de panfletos e folhetins. Na França do início do século XVIII, o filósofo italiano Domenico Losurdo (1997) enfatizou a importância desta figura na construção de novas ideias e valores divulgados:

Podemos compreender que os acontecimentos na França ocasionavam o primeiro grande debate acerca do papel dos intelectuais no mundo contemporâneo. Enquanto o antigo regime revelava as suas rachaduras e insanáveis contradições, Brissot chama os filósofos para intervir diretamente sobre a cena política, tornando-se políticos e jornalistas: este “jornalistas-filósofos” [*gazetiers philosophes*] devem ser considerados como “missionários, os anjos enviados pelo céu para a felicidade dos homens”. [...] Estamos na presença da primeira formulação da teoria do engajamento. Por outro lado, a crítica à Revolução Francesa e seu radicalismo é a denúncia do papel dos intelectuais não proprietários”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Ben si comprende allora che gli sconvolgimenti in Francia diventano l’occasione per il primo grande dibattito sul ruolo degli intellettuali nel mondo contemporaneo. Mentre l’antico regime rivela le sue crepe e le sue insanabili contraddizioni, Brissot chiama i filosofi a intervenire direttamente sulla scena politica, facendosi così politici e giornalisti: questi “giornalisti filosofi” (*gazetiers philosophes*) sono da considerare come “dei curati, dei missionari, degli angeli inviati dal cielo per la felicità degli uomini”. [...] Siamo in presenza della prima formulazione della teoria dell’*engagement*. Sur versante opposto, la critica della rivoluzione francese e del suo

Domenico Losurdo em suas obras voltadas para expor e explicar o curso histórico e filosófico da filosofia clássica alemã sempre enfatizou a importância dos jornais para Immanuel Kant e Georg Willhem Friedrich Hegel. Immanuel Kant afirmava que “a paixão política se manifestava entre outras formas na “impaciente e ardente sede dos jornais”” (apud LOSURDO, 1982, p. 785). Losurdo acentua que a leitura dos jornais para Kant era um momento fundamental para a compreensão do mundo realizada filosoficamente, afirmando que “não encontro história mais instrutiva do que aquela que leio cotidianamente nos *jornais*” (idem, *ibidem*, p. 785). A mesma atividade diária de leitura dos jornais estava presente na vida de Hegel, cuja atividade diária de filósofo, segundo o seu aluno Rosenkranz, tinha início com a “leitura de um imenso número de jornais” (*apud* LOSURDO, p. 785). Em ambos, a leitura dos jornais era uma forma de compreensão das questões sociais e políticas do tempo histórico.

Nos jornais, e antes deles, nos folhetins e nos panfletos que eram escritos no curso do iluminismo francês, os acontecimentos sociais eram avaliados politicamente. Dos panfletos aos jornais eram veiculadas as novas palavras, a gramática moral e as categorias do pensamento político e filosófico modernos. O elogio do jornal efetuado por Kant e Hegel era, portanto, uma avaliação do papel fundamental na formação da consciência lúcida e ativa das pessoas e da opinião pública perante as questões políticas fundamentais do tempo histórico. O nexo entre a leitura e a reflexão dos jornais e a participação nas lutas sociais e políticas era um elemento comum no pensamento filosófico moderno:

A partir da nova onda revolucionária proveniente do outro lado do rio Reno, são os criadores da aliança intelectual entre a França e a Alemanha, portanto em primeira linha os discípulos de Hegel, a proceder o ato de celebração do papel dos jornais e da participação dos cidadãos na vida pública, do empenho político. (LOSURDO, 1982, p. 787)

Na reconstrução histórica e filosófica da importância dos jornais na vida e nas atividades intelectuais de Kant e de Hegel, Losurdo destaca o papel de jornais em *informar* os acontecimentos sociais e políticos e de possibilidade que a leitura e a reflexão *formassem* a consciência *política* da realidade necessária e fundamental para o empenho cultural e político racional e sensato nas lutas sociais e políticas. Os jornais informam e ajudam a formar a consciência da realidade social e estimulam as ações políticas na luta pela liberdade e no combate ao poder estabelecido. É o que podemos compreender no elogio que Heinrich Heine efetuou aos jornais no curso das lutas políticas no início do século XIX que modificavam o

---

radicalismo è la denuncia del ruolo degli intellettuali non proprietari. (D. Losurdo, Gli intellettuali e il conflitto: responsabilità e coscienza storica. in **Rivista di Filosofia**, vol. LXXXVIII, n.1, 1997, p.80)

curso da revolução francesa de 1789: “O pesado pacote de jornais chegou com as novidades quentes, na verdade escaldantes, do continente. Eram raios de sol envoltos em papel estampado, e efetuaram em minha alma o incêndio mais furioso”<sup>8</sup>. (*apud* LOSURDO, 1982, p. 788)

Em *A Liberdade de Imprensa*, Karl Marx lançou o seu olhar e o seu entendimento para um conjunto de países europeus nos quais ele percebeu, para além das normas jurídicas e do regramento pela censura às suas respectivas imprensas, a influência dos seus principais jornais e diários aos acontecimentos históricos e às relações políticas, económicas e sociais que traduziam o orquestramento geopolítico de um mundo em rápida ebulição. No texto, Karl Marx tratou de problemas que estão contidos e são observados nesta tese. Primeiramente, o ponto importante sobre o jornal e a modernidade é compreender tanto o elogio como a crítica que uma geração de intelectuais - que começou a produzir obras da metade do século XIX em diante - fez ao jornal, uma geração, aliás, que nasceu em uma época histórica cujo centro é abarcado pela política que substituiu a religião enquanto produção e difusão de ideologia. Uma geração de jovens que escreveu com a visibilidade cada vez maior das contradições da sociedade capitalista e da modernidade.

A imprensa livre é o olhar onipotente do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o vínculo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais, e idealiza suas formas brutas. É a franca confissão do povo a si mesmo, e sabemos que o poder da confissão é o de redimir. A imprensa livre é o espelho intelectual no qual o povo se vê, e a visão de si mesmo é a primeira condição da sabedoria. É a mente do Estado que pode ser vendida em cada rancho, mais barata que gás natural. É universal, onipresente, onisciente. É o mundo ideal que flui constantemente do real e transborda dele cada vez mais rico e animado (MARX, 2006, p. 60).

Neste sentido, para Marx, a imprensa e o jornal representavam os olhos do povo aberto para tudo e para todos, pois o jornal explica para o leitor a realidade complexa e traduz para o leitor-cidadão questões sociais muito importantes, portanto, o jornal estava - e está - profunda e intimamente ligado à formação da consciência dos indivíduos. Mister destacar que o texto de Marx resvala noutro problema, ele é escrito numa época em que a Alemanha mantém censura à imprensa escrita e, por isso, Marx se viu obrigado a procurar refúgio por outras nações vizinhas a evitar processos legais contra seus escritos em jornais. O jornal quando possui o espírito de investigação, de crítica e de contestação dos poderes

---

<sup>8</sup> Il pesante pacchetto di giornali mi giunse con le novità calde calde, anzi bollenti, della terraferma. Erano raggi di sole avvolti in carta stampata, e appiccarono alla mia anima l'incendio più furioso.

estabelecidos, passa a ser duramente perseguido pelo Estado-nação - elemento político que, nas contradições do capitalismo, utiliza o jornal como arma de guerra conforme Karl Kraus sublinhou no início do século XX.

Marx percebeu a importância dos jornais na modernidade ao estimular o espírito crítico, contestatório, investigativo dos poderes estabelecidos e, por isso, sofriam censura. Assim, os jornais para a geração de jovens hegelianos é uma arma de formação de consciência, uma arma de compreensão da realidade complexa para as pessoas comuns, mas, também uma arma de difusão de ideologia.

Se por um lado o jornal é um filho do iluminismo e da era moderna, por outro lado ele também é um veículo de manipulação da realidade, de transmissão de ideologia [já ao final do século XIX e início do século XX], e com as contradições do capitalismo em duas dimensões: uma interna, ao manipular a realidade das lutas sociais e políticas, ele visa adaptar o indivíduo ao discurso hegemônico, portanto ao pensamento das classes hegemônicas; e uma dimensão externa, na medida em que denuncia as contradições da sociedade capitalista no cenário mundial, no colonialismo e no imperialismo, o jornal passa a ser um veículo de manipulação ideológica dos conflitos entre as potências imperialistas.

*2. O jornal e a crise da modernidade: a manipulação ideológica da realidade social e a construção da opinião pública.*

E só quem conheceu claridade e trevas, guerra e paz, ascensão e decadência viveu de fato. Stefan Zweig, **O Mundo de Ontem**, p. 223.

No curso das contradições da sociedade capitalista e da modernidade, o historiador francês Fustel de Coulanges escreveu diversos ensaios acerca da guerra Franco-Prussiana de 1870 e das suas consequências sociais e políticas na Europa. No artigo *De la manière d'écrire l'histoire en France et en Allemagne*, o historiador francês afirmou que na França há

cinquenta anos os historiadores se dividem em causas e partidos, escrevendo a história “ao serviço de uma causa”<sup>9</sup> (COULANGES, 1872, p. 243):

Nossa história se assemelha ao que ocorre nas assembleias legislativas: ela se distingue em direita, esquerda e centros. Era um campo fechado onde as opiniões estavam em luta. Escrever a história da França era um modo de trabalhar para um partido e de combater um adversário. A história de transformou em uma espécie de guerra civil permanente<sup>10</sup>.

A expressão “guerra civil permanente” é utilizada para expressar tanto as lutas de classes dentro de cada um dos Estados nacionais, quanto para expor o conflito entre os países colonialistas e imperialistas nas disputas ideológicas pela liderança mundial. Contudo, a reflexão mais significativa que Fustel de Coulanges (1872, p. 248) efetuou neste ensaio foi acerca do papel dos historiadores franceses e alemães na guerra de 1870:

A história assim praticada era ao mesmo tempo um meio de governo e uma arma de guerra [...] Desde então a guerra dos soldados deve ter as mesmas características e o mesmo sucesso que a guerra entre os eruditos<sup>11</sup>.

A guerra entre os eruditos, entre os intelectuais, era um momento de fundamental importância na preparação da transformação emotiva, psíquica e cognitiva do indivíduo e do cidadão em soldado da pátria. O nacionalismo metodológico promovia a mobilização dos indivíduos e cidadãos em direção da formação unitária do patriotismo, da obediência ao dever sacro de defesa da nação, do chauvinismo e do ódio contra o adversário e inimigo da pátria. Fustel de Coulanges problematizava o papel dos historiadores em construir emoções e sentimentos, juízos e avaliações na formação da opinião pública no curso de preparação e no curso “da guerra dos soldados”.

O fim da *Belle Époque* e o início do século XX, segundo a definição de Eric Hobsbawm em **A Era dos Extremos**, marca a radicalização da crise da modernidade na Europa e no sistema imperialista com o acirramento dos conflitos entre as consolidadas potências imperialistas da Grã-Bretanha e da França e as novas potências industriais que necessitavam possuir militar e comercialmente colônias, em especial a Alemanha. A preparação emotiva e cognitiva que transformou o indivíduo e o cidadão em um soldado da

<sup>9</sup> Ardens chercheurs, penseurs puissans, écrivains habiles, ils mettaient leur ardeur et leur talent au service d'une cause.

<sup>10</sup> Notre histoire ressemblait à nos assemblées législatives : on y distinguait une droite, une gauche, des centres, C'était un champ-clos où les opinions luttèrent. Écrire l'histoire de France était une façon de travailler pour un parti et de combattre un adversaire. L'histoire est ainsi devenue chez nous une sorte de guerre civile en permanence.

<sup>11</sup> L'histoire ainsi pratiquée était à la fois un moyen de gouvernement et une arme de guerre. [...] D'ailleurs la guerre des soldats devait avoir les mêmes caractères et la même issue que la guerre des érudits.

pátria foi efetuada pelas novas “potências culturais formativas” (HORKHEIMER, 1974, p. 82): pelo Estado nação através da escola pública, da burocracia, do serviço militar obrigatório, na sociedade civil por meio das associações, sindicatos e partidos políticos e pelos meios de informação e comunicação do rádio, do cinema e jornais. O filósofo italiano Domenico Losurdo (1998, p. 37) em seu livro sobre o século XX, enfatizou a importância da mobilização e militarização da sociedade que envolvia as forças políticas hegemônicas, o Estado nacional e os meios de comunicação e informação:

A uma férrea disciplina e a um aguçado olhar de controle foi submetido todo aspecto da vida civil. Sete dias após a declaração de guerra, Wilson cria um Comitê para a Pública Informação, que toda semana fornece vinte e duas mil colunas de notícias para os jornais, tratando de tudo aquilo que era considerado suscetível de favorecer o inimigo; a seção acadêmica de tal Comitê devia arregimentar também a alta cultura. Como observa um estudioso das técnicas de propaganda adotadas no curso da guerra, o objetivo era “amalgamar a indocilidade nos indivíduos ao redor da fogueira da dança da guerra”, de “fundir milhares e, posteriormente, milhões de seres humanos em uma massa homogênea de ódio, de vontade, de esperança, bem como de “belicoso entusiasmo”. Por todos os lados são ditas as mesmas palavras de ordem: “mobilização total” e “guerra total”, o que exige – observa na Alemanha o general Ludendorff – uma “política total”. É propriamente daqui que precisamos partir para explicar a gênese do termo e da realidade do “totalismo” [como foi inicialmente definido] ou do totalitarismo propriamente dito.

As propagandas, notícias, slogans, promoviam grandes transformações nos valores e nos comportamentos do indivíduo e do cidadão: geravam uma alteração nas emoções e nos sentimentos, uma “indignação manipulada e suscetível de ser instrumentalizada” (Losurdo, *idem*) para fins econômicos e políticos imediatos. A “mobilização total” a “guerra total” e a “política total”,

Como estudioso das técnicas de propaganda adotadas durante a guerra observada, o objetivo é "derreter a indocilidade dos indivíduos na fornalha da dança de guerra", "espalhar milhares e até milhões de seres humanos em uma massa amalgamada de ódio., De vontade, de esperança ", bem como de "entusiasmo belicoso ". Os mesmos slogans valem em toda parte: "mobilização total" e "guerra total", o que exige - observa o general Ludendorff na Alemanha - uma "política total".<sup>12</sup> (LOSURDO, 1998)

---

<sup>12</sup> Come osseva uno studioso delle tecniche di propaganda adottate nel corso della guerra, l'obiettivo è quello di “fondere l'indocilità degli individui nella fornace della danza della guerra”, “difondere migliaia e anzi milioni di esseri umani in una massa amalgamata di odio, di volontà, di speranza », nonoche di « belicoso entusiasmo ». Dappertutto vigono le medesime parole d'ordine : « mobilizzazione totale » e « guerra totale », ciò que exige – osserva in Germania il generale Ludendorff – una « politica totale ».

No conjunto, as propagandas expunham o extremo da violência da política imperialista, capaz de exercer um controle das palavras e das ideias, das mentalidades e dos comportamentos da população combatente e civil.

A “guerra total” necessitou acionar todas as “potências culturais formativas” (Horkheimer, 1974, p. 82) da época para produzir os imperativos da renúncia de si mesmo, do indivíduo e de seus valores, da máxima disciplina e obediência perante as autoridades, do dever de sacrifício de si mesmo no altar da Nação: a escola, as associações, os movimentos sociais, o rádio, o cinema, os jornais contribuíram para a exaltação da guerra, das virtudes cívicas do cidadão, da sacralização da Pátria através da construção social do nacionalismo bélico e agressivo, da xenofobia, do racismo e da transformação do adversário em um ser animalizado, bestializado, demoníaco. Foi um fato econômico, político e cultural total, que modificou profundamente a própria guerra, em tempo de duração e número de feridos e mortos, capacidade de destruição da natureza e da cultura, de cidades e países:



Em poucos meses, a bela época da modernidade triunfante era modificada na época trágica da modernidade massacrante. O orgulho da humanidade civilizada era transformado na fúria homicida da mesma humanidade, que havia concentrado todas as suas energias morais e todas as suas forças produtivas em uma guerra sem fim, onde o único objetivo era o aniquilamento do inimigo. Explodida quando a civilização europeia estava no apogeu da sua hegemonia mundial, a Grande Guerra demonstrou a enorme capacidade de crueldade que era capaz a parte mais civilizada e progredida da humanidade, que não hesitou em usar todos os recursos da produção industrial, as conquistas da ciência e da técnica, a eficiência organizatória dos aparelhos estatais, o engenho, a cultura e as artes para produzir uma gigantesca massa humana com a finalidade de conseguir a vitória sobre um inimigo desumanizado, demonizado e bestializado.

A tutela da vida humana, a liberdade da pessoa, a procura da verdade, a solidariedade entre os povos civilizados, que era até 1914 a glória e o orgulho do primado europeu no mundo, apareciam irreparavelmente violadas pelo desencadeamento das mais ferozes paixões humanas postas em ação na carnificina de massa. “A guerra – constatava um soldado francês – não tem feito de nós somente os cadáveres, os impotentes, os cegos, mas, nas ao redor das belas e surpreendentes ações de sacrifícios e abnegações, despertou na nossa alma antigos instintos de crueldade e barbárie, levando-os ao paroxismo. Comigo aconteceu, eu que jamais tinha dado um soco em alguém,

eu que tenho horror da desordem e da brutalidade, a experiência de provar o prazer de matar”<sup>13</sup>. (GENTILE, 2014, p. 197-8)

Antigos flagelos, que a modernidade parecia ter erradicado para sempre do continente europeu, foram ressuscitados e desencadeados com renovado vigor pelo novo e moderno flagelo da guerra total. A primeira guerra mundial foi um fato político total, que produziu grandes transformações na sociedade capitalista nacional e industrial: a “mobilização total” e a transformação do cidadão em soldado da pátria, a utilização da força mecânica, o aperfeiçoamento das armas de destruição, as descobertas técnicas e científicas nos meios de transporte e comunicação, a presença na mulher como força de trabalho nas fábricas e nos exércitos como enfermeiras, a amplificação dos campos de batalha e os diversos fronts, a guerra naval e aérea, a utilização das forças produtivas e dos intelectuais como força bélica, a manipulação do sacro e da religião.



Nicolau Merker inicia o livro **La guerra di Dio. Religione e nazionalismo nella Grande Guerra** (2015) com uma pergunta: “a Grande Guerra de 1914-18 foi uma guerra de religião?”. Responde secamente que “obviamente não”, mas aponta para a presença de deus e da religião em todos os exércitos e Estados nacionais em guerra, a

criação de um “deus *nacionalista*” e de uma confissão religiosa nacional, do deus nacional como “o Senhor supremo dos exércitos”. Logo, na guerra imperialista em solo europeu, os nexos entre a religião, deus, os exércitos e os Estados nacionais ocupam um lugar de extrema importância para a compreensão da guerra de 1914-18 em seus aspectos “antropológico, cultural, psicológico e político” (MERKER, 2015, p. 11).

<sup>13</sup> In pochi mesi, l’epoca bella della modernità trionfante si era tramutata nell’epoca tragica della modernità massacrante. L’orgoglio dell’umanità progredita si era trasformato nella furia omicida della stessa umanità, che aveva concentrato tutte le sue energie morali e tutte le sue forze produttive in una guerra senza fine, dove l’unico scopo era l’annientamento del nemico. Esplosa quando la civiltà europea era all’apogeo della sua egemonia mondiale, la Grande Guerra aveva dimostrato di quanta crudeltà fosse capace la parte più civilizzata e più progredita dell’umanità, che non aveva esitato a usare tutte le risorse della produzione industriale, le conquiste della scienza e della tecnica, l’efficienza organizzativa degli apparati statali, l’ingegno, la cultura e le arti per produrre una gigantesca macelleria umana allo scopo di conseguire la vittoria su un nemico disumanizzato, demonizzato e bestializzato.

La tutela della vita umana, la libertà delle persone, la ricerca della verità, la solidarietà fra i popoli civilizzati, che erano state fino al 1914 gloria e vanto del primato europeo nel mondo, apparivano irrimediabilmente violate dall’irrompere delle più feroci passioni umane scatenate nella carneficina di massa. “La guerra – constatava un soldato francese – non ha fatto di noi soltanto dei cadaveri, degli impotenti, dei ciechi, ma, nel bel mezzo di stupende azioni di sacrificio e di abnegazione, ha risvegliato nel nostro animo antichi istinti di crudeltà e di barbarie, talvolta portandoli al parossismo. A me é capitato, a me che mai ho dato un pugno a qualcuno, a me che lo in orrore il disordine e la brutalità, di provare piacere nell’uccidere”. [...]

O nexo entre o sacro e o poder é antigo e possui a sua especificidade na gênese do Estado nacional e da ideologia do nacionalismo bélico e agressivo. Merker (2015) cita uma reflexão de Norbert Elias acerca dos estreitos vínculos entre o nacionalismo e as confissões religiosas cristãs:

Os inventores da nação – assim diz Elias em um dos seus ensaios sobre as mentalidades culturais dos séculos XIX e XX – necessitam da linguagem simbólica religiosa para criar uma comunitarização forte e emotivamente vinculante. Recorrem aos códigos semântico-religioso, aos ritos religiosos e as liturgias eclesíásticas para canalizar em direção da nação as fortes energias que os devotos dedicam às suas crenças.<sup>14</sup>

A politização das palavras e dos símbolos religiosos possibilitou aos Estados nacionais construir as polaridades políticas mais radicais: a *comunidade dos iguais* [os *vínculos emotivos, afetivos* e culturais; os amigos, os puros e os fiéis] em contraposição aos desiguais [os inimigos, os impuros e os infiéis]. A politização da religião não apenas constrói identidades subjetivas desiguais e opostas, mas justifica e legitima a *guerra santa*, a *guerra justa*, a *cruzada*. Merker destaca para o leitor a importância da politização da religião na construção do imaginário e das emoções na subjetividade do indivíduo-soldado: “a politização das religiões históricas, que se mobilizaram, em todos os países, ao serviço da nação na guerra santa contra o Anticristo”, a construção ideológica da “santificação da pátria”, a construção política da “imagem do inimigo como a encarnação do Mal”, a construção política da “imagem do inimigo interno.”



O vínculo entre o nacionalismo militarizado e a teologia atinge seu ponto mais elevado no slogan “Deus está conosco”, presente em todos os exércitos na Primeira Guerra Mundial: “Gott mit uns” e “Ein Reich, ein Volk, ein Gott” na Alemanha, “God with us” na Grã-Bretanha, “Dieu est de notre côté” na França. O nexo entre o sacro e a política foi construído através de diversas “potências culturais formativas”, na igreja e na pregação dominical, nos jornais e nos livros, no rádio e no cinema. O uso instrumental do sacro e do divino pela

<sup>14</sup> « Gli inventore della nazione – così Elias in uno dei suoi studi sulle mentalità culturali dell’Ottocento e Novecento – hanno bisogno del linguaggio simbolico religioso onde creare una comunitarizzazione forte ed emotivamente vincolante. Ricorrono a scorte semantico-religiose, a riti religiosi e liturgie chiesastiche al fine di incanalare verso la nazione le forti energie emotive che i devoti dedicano alla loro fede”

política nacionalista e militarizada produzia a mobilização dos indivíduos, das pessoas, dos cidadãos ao redor dos símbolos sacrais da fé e da fé na nação. Em ambas manifestações de fé, a imagem e a palavra religiosa potencializa os discursos políticos chauvinistas, binários, dicotômicos e maniqueístas: “a guerra mundial era retratada como uma guerra santa, uma cruzada, entre forças do bem contra forças do mal”. Para Merker (2015, p. 31), a política belicista das potências imperialistas usavam a fé e a religião como forças que envolviam e articulavam os cidadãos-soldados, bem como, produziam uma espécie de “proteção psicológica” que “mitigava o impacto dos sofrimentos, dos sacrifícios, dos lutos e que fortificavam, indiretamente, o consenso necessário para os governos”. Um mecanismo político que sacralizava a Pátria e santificava o cidadão-soldado.



A propaganda de guerra produzia uma concepção de mundo maniqueísta na qual o “mundo dos inimigos” representava o “Absoluto Mal de Satã” e a pátria o “Sumo Bem da Igreja de Cristo” (MERKER, 2015, p. 31). O discurso do nacionalismo teológico e militarista encobria tanto os problemas e as contradições das questões sociais do

capitalismo dentro das nações, quanto nas disputas coloniais entre as nações imperialistas. A santificação da guerra foi um importante fator cultural para justificá-la e produzir as sucessivas mobilizações de massas de indivíduos e cidadãos no Estado bélico. A propaganda de guerra introjetava e reforçava no indivíduo e no cidadão à “obediência absoluta” a “qualquer detentor de uma posição de autoridade e comando”, expunha a guerra como uma espécie de “medicina espiritual” (MERKER, 2015, p. 50 e p. 56) do ser humano e da nação. A propaganda da guerra santa, da nova cruzada entre o bem e o mal, afirmava a necessidade fundamental da purificação da nação e do mundo, produzindo os seguintes efeitos e consequências sociais: a) a justificação e legitimação do poder absoluto das autoridades; b) o incremento da devoção e do dever de renúncia e sacrifício pessoal para a glória e salvação da pátria; c) o reforço dos valores da abnegação, do sacrifício pessoal e familiar, da resistência ao sofrimento físico; e, d) a construção social das emoções entre os indivíduos e cidadãos: a solidariedade entre os iguais.

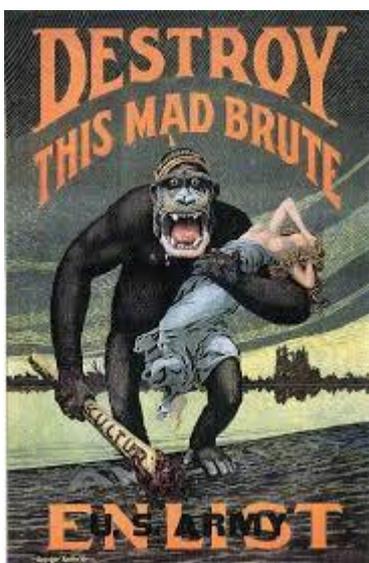
Na era da mobilização total e da militarização a propaganda de guerra disseminada em território nacional pelas “potências culturais formativas” gerava uma fortíssima concepção de mundo que desumanizava o adversário, o transformava em um inimigo extremo, brutal e demoníaco. Para Merker (2015, p. 62), em tal contexto ideológico, a “a paz era subordinada à guerra ou para que ocorra a paz era preciso realizar à guerra”. Logo, em tal concepção de mundo, a guerra é justificada como inevitável, necessária, um mal que produz o bem, logo, a “força motriz é a guerra, não a paz, como afirma um antigo ditado *si vis pace para bellum*”.

Merker enfatiza a importância dos padres nas pregações nos púlpitos, dos jornais na informação e divulgação dos estereótipos, valores e princípios culturais e políticos necessários para transformar o indivíduo em um soldado da pátria. A igreja e a imprensa são meios de construção social de subjetividades e concepções de mundo: formam um espírito comunitário “forte e emotivamente vinculante” (MERKER, 2015, p. 31). Nas pregações religiosas e nas reportagens dos jornais prevalecem as construções políticas e teológicas que fortalecem a “teologia militarista” dos países imperialistas: a guerra é o conflito entre o “Absoluto Mal de Satã contra a Sumo Bem da Igreja de Cristo”, a “nacionalização do cristianismo”, a guerra protege à nação do “mundo dos inimigos”, a guerra é uma “legítima defesa” e é “lícito agarrar as armas quando se trata de combater pela vitória da justiça e da perfeição” [discurso do padre católico Mausbach em 22/09/1914], a participação ativa na “mobilização unitária para a guerra” e colaborando ativamente na legitimação do “patriotismo”, “a religião de Cristo faz do patriotismo uma lei e não é um perfeito cristão que não seja um perfeito patriota” [Cardeal belga Mercier, 1914], a guerra produz a “união sacra de todo o país contra o inimigo”, o soldado morto na guerra é elevado à figura de santo, herói nacional: a força da ideologia da “sacralização da morte na guerra” em defesa e glória da pátria, um valor que será potencializado pelo fascismo (MERKER, 2015, respectivamente p. 31, 42, 40, 41, 43, 42 e 43).

A propaganda de guerra enfatizou os nexos entre o catolicismo e o patriotismo, promovendo valores e concepções de mundo para a justificativa aos “sacrifícios de guerra” e para estimular as ações bélicas como um caminho em direção da “redenção, da libertação da materialidade do mundo, para andar em direção de Deus” (MERKER, 2015, p. 43) e da vida eterna. A concepção de mundo do nacionalismo bélico e agressivo foi uma potente força de introjeção de valores e ideais nos indivíduos e cidadãos:

- a) a guerra como medicina: combate o inimigo, combate os perigos da vida desprovida de virilidade, hedonista e egoísta, bem como, regenera as virtudes do povo e da nação;
- b) a plena subordinação do indivíduo e do cidadão às autoridades públicas;
- c) a figura do inimigo como um ser desumano, bárbaro, inferior, bestial, imoral e bárbaro;
- d) os valores fundamentais da disciplina e da obediência, do sacrifício e do patriotismo, da coragem e da morte redentora.

Para Merker, entre os elementos atualíssimos que a Primeira Guerra Mundial produziu foi a afirmação da guerra como um meio para alcançar a paz. Uma construção ideológica que transformava a aporia em um axioma capaz de mobilizar um conjunto sempre maior de



sujeitos, grupos e classes sociais na defesa da nação e na destruição do inimigo bruto e bárbaro. Para Merker, tal dispositivo, mecanismo de poder e dominação foi extremamente eficiente e eficaz para realizar a mobilização e a militarização da sociedade. Contudo, a consequência lógica do axioma da guerra justa, da nova cruzada entre forças antagônicas e irreconciliáveis era a desumanização: “A guerra, portanto, destrói a qualidade humana e, não obstante, é afirmada como guerra justa.” (MERKER, 2015, p. 69). À desumanização também se relacionam outras implicações ao mobilizar elementos religiosos aos propósitos das guerras,

dentre elas e a que tem provocado a atenção de organizações internacionais, está a extrema vulnerabilidade de povos minoritários, dos refugiados e imigrantes que sofrem as consequências – muitas vezes traduzida em violência – das estratégias das guerras globais e, a guerra justa é, nesse caso, uma de suas principais expressões.

*Si vis pace para bellum* é o lema que será utilizado por Sigmundo Freud no artigo *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, escrito e publicado em 1915, ano no qual a guerra mundial expôs toda capacidade destrutiva e mortal da natureza, do ser humano e da cultura:

Arrastados pelo turbilhão desta época de guerra, unilateralmente informados, sem conseguir manter a necessária distância perante as grandes transformações realizadas ou que estão em vias de ocorrer, sem poder

vislumbrar o futuro em curso, nos encontramos desorientados quanto à importância das impressões que nos esmagam e ao valor dos juízos que formamos. Acreditados que jamais acontecimento algum destruiu tantos e tão preciosos bens da humanidade, transtornou tantas inteligências lúcidas e rebaixou tão fundamentalmente as coisas mais elevadas. Até a própria ciência perdeu a sua desapaixonada imparcialidade; os seus servidores, profundamente amargados, procuram dela extrair armas para prestar uma contribuição à luta contra o inimigo. O antropólogo declara inferior e degenerado o adversário, e o psiquiatra profere o diagnóstico da sua perturbação mental ou anímica<sup>15</sup>. (p. 222)

A força das palavras contidas nos editoriais e artigos dos jornais em alcançar, mobilizar e manipular a opinião pública deve ser atualizada através de uma nova forma disseminação da ideologia na sociedade capitalista contemporânea: a forças das imagens em sensibilizar e construir novas formas de subjetividade que apoiam e legitimam as guerras globais. O filósofo italiano Domenico Losurdo enfatizava que os fantásticos progressos das forças produtivas dos meios de produção e difusão da comunicação e da informação possibilitava à “mobilização total” das emoções através da permanente exibição de imagens e narrativas políticas.

A “mobilização total” das emoções e das pulsões é acompanhada pela manipulação total da realidade, de modo que, a natureza da luta de classes na atualidade “funda a sua potência sobre o monopólio da produção das ideias, mas também e, sobretudo, das emoções” (LOSURDO, 2014, p. 13). O papel dos meios de comunicação na difusão permanente de palavras e imagens que expõem a “crueldade, a ferocidade, a desumanidade do inimigo”, que deve ser combatido e punido, produz para Losurdo o fenômeno da “indignação ao nível mundial” que justifica e legitima as ações



<sup>15</sup> Presos por el torbellino de esta época bélica, unilateralmente informados, sin lograr mantener la necesaria distancia frente a los grandes cambios que ya se han cumplido o que están en vías de producirse, sin poder vislumbrar el futuro en ciería, nos hallamos confundidos en cuanto a la importancia de las impresiones que nos agobian y al valor de los juicios que formamos. Parécenos que jamás suceso alguno aniquiló tantos preciados bienes de la Humanidad, ofuscó tantas de las más lúcidas inteligencias, denigró tan completamente cuanto hay de excelso. Hasta la ciencia ha perdido su reposada imparcialidad; sus servidores, exasperados en lo más íntimo, tratan de hacerle suministrar armas para contribuir a la lucha contra el enemigo. El antropólogo se ve obligado a declarar inferior e degenerado al adversario; el psiquiatra, a proclamar el diagnóstico de sus anomalías mentales y psíquicas.

militares e bélicas nos últimos trinta anos, período no qual se manifesta o fenômeno da guerra global, conforme veremos mais adiante.

### 3 . *Karl Kraus e a crítica da imprensa como arma de guerra.*

“[O progresso] inventou a moral e a máquina para expulsar a natureza da natureza e do homem [...] Celebra vitórias de Pirro sobre a natureza. De que lhe serve a velocidade, se pelo caminho se lhe vazou o cérebro? O progresso faz porta-moedas de pele humana”. Karl Kraus, **Die Fackel**, n. 287, p. 11

Em meio ao entusiasmo belicista generalizado que encerra a *Belle Époque*, em plena crise da modernidade, Karl Kraus (1874 - 1936) foi uma das poucas vozes dissonantes que alertaram e condenaram as violências e as atrocidades praticadas pelas nações civilizadas na Primeira Guerra Mundial, bem como, denunciou em seu jornal **O Archote** o papel nefasto da imprensa na difusão dos valores e das ideologias que legitimavam a guerra. A penetração na vida cotidiana dos jornais impressos não apenas possibilitava a “mobilização total” – o importantíssimo dispositivo que transformava radicalmente o senso e o significado do cidadão em soldado da pátria –, mas criava a falsificação sistemática da realidade social. A força ideológica da imprensa no curso das contradições e das lutas sociais e políticas da sociedade capitalista no início do século XX pode ser compreendida na seguinte sentença de Kraus: “No princípio era a Imprensa e depois aparece o Mundo” (*apud* MORELLO, 2014, p. 51). A manipulação da realidade social através da força das palavras mantém a sua atualidade, quase cem anos depois, no curso das guerras globais. As preocupações do autor alemão são válidas e devem ser utilizadas para se evitar um desdobramento semelhante ao que ele, tragicamente, viveu. É pelo prisma das preocupações krauseanas que este capítulo inicia a reflexão acerca do sentido e do significado da guerra na sociedade capitalista globalizada econômica e politicamente. Assim, o objetivo da tese é compreender o intrincado processo de construção do monopólio da produção das ideias e das emoções materializadas na indústria midiática e sua relação com os dispositivos de desumanização mobilizados para a construção da figura do inimigo nas guerras globais: as “novas guerras”, estabelecidas nos últimos vinte anos pelas

potências ocidentais depois do colapso do império soviético e o rápido desenvolvimento dos processos de globalização e da economia de mercado” (ZOLO, 2009, p. 9).

No curso da Primeira Guerra Mundial, Karl Kraus afirmou ironicamente que o “papel que é atribuído à imprensa entre nós não é sempre alentador”, expondo uma profunda transformação no papel do jornal na era moderna. Karl Kraus por mais de trinta anos publicou sua própria revista, **O Archote**, fez dela um instrumento ímpar de interpretação e, para além de sua singularidade literária, também de articulação muito próxima aos valores da linguagem e da tradição presentes em sua crítica à modernidade. A realização desse movimento, sobretudo a partir do paradigma modernista munido dos meios estéticos notadamente modernos, permitiu a Karl Kraus lançar a sua luz ao lado escuro de uma modernidade incapaz de realizar suas promessas porque prisioneira de uma racionalidade instrumental cada vez mais pungente. Com a guerra que encerrou a Belle Époque, Kraus elevou sua crítica ao máximo e, ao mesmo tempo, estabeleceu o seu lugar entre as diversas vanguardas por sua notória ambivalência frente às ideias de progresso postas à prova com o advento da Primeira Guerra Mundial - está nos antípodas do elogio à vida moderna e é o tema que perpassa sua obra, especialmente, *Os Últimos Dias da Humanidade*. Para o crítico e dramaturgo austríaco, o progresso como inventor da moral de um lado e, de outro, a máquina com seu ritmo acelerado que expulsa a natureza da natureza e do homem, por maiores que sejam suas energia e potência, só alcançam vitórias de Pirro: “*de que lhe serve a velocidade, se pelo caminho se lhe vazou o cérebro? O progresso faz porta-moedas de pele humana*” (KRAUS, 2016, p. 11)

Uma modernidade incapaz de controlar as tremendas forças que pôs em movimento, daí o norte de sua perspectiva a mirar uma modernidade que escolheu regular-se ao invés de emancipar-se, num processo totalmente indiferente às articulações das inúmeras diversidades que respondem e definem o conceito de cultura. Noutros termos, em Karl Kraus, a modernidade construiu um mundo desprovido de valores substanciais, onde as relações sociais providas de sentido são ameaçadas pela administração das consciências e das emoções através de dispositivos cada vez mais anônimos e imbricados numa dinâmica que faz da linguagem e do discurso poderosos instrumentos de normatização, regulação, controle e repressão sociais.

Karl Kraus percebeu na imprensa [um dos poucos intelectuais que não participou da guerra e percebeu que o conflito mundial só se desenvolveria em toda a sua complexidade

através da arma de guerra que o jornal se transformou quando da sua utilização aos interesses imperialistas dos Estados nacionais] o elemento decisivo para as estratégias bélicas mobilizadas pelas potências num período fundamental para o estabelecimento de uma nova ordem mundial. A imprensa se tornou um veículo que não era apenas informativo, pontual e isento de opiniões e ideias. Ao contrário, Karl Kraus percebeu como poucos o papel da imprensa como difusora de ideologias, de expressão de sentimentos, de formação de mentalidades que criava não só o indivíduo para a fábrica, mas também enformava o cidadão para o Estado, o cidadão passivo [sujeito à, que se sujeitou embora também seja objeto, um sujeito-objeto, sujeitado ao]. O indivíduo e cidadão passivo em relação aos seus semelhantes forjados à imagem dos seus respectivos Estados-nação e segundo os interesses a que tal Estado reunia em sua agenda. Nesse duplo indivíduo/cidadão, a imprensa escrita também contribuiu para sujeitá-lo à medida em que o alimentou como sujeito agressivo para com os inimigos externos, ao imigrante e ao estrangeiro.

Para uma sociedade de classes e de massa alicerçada sobre um rápido desenvolvimento industrial e tecnológico, cuja sorte está associada com igual velocidade de domínio e expansão das suas condições de existência e reprodução no mundo, o jornal passou a cumprir o papel principal de promotor da ideologia total. Karl Kraus percebeu essa importância da imprensa escrita desde o início do *breve* século XX:

O documento é uma personagem; relatos ganham vida como figuras humanas, figuras morrem como editoriais; o artigo de jornal recebeu uma boca, que o recita em forma de monólogo; os clichés erguem-se sobre duas pernas – houve seres humanos que ficaram só com uma. Há cadências a vociferar com estrondo pelo tempo fora, engrossando até se tornarem no coro de um rito blasfemo. Gente que viveu abaixo da humanidade e que sobreviveu a esta surge – enquanto agente e porta-voz de um presente que não tem carne mas tem sangue, que não tem sangue mas tem tinta – reduzida a espectros e a marionetas e traduzida na fórmula da sua activa insubstancialidade. Carrancas e lémures, máscaras do Carnaval trágico, têm nomes autênticos, porque é assim que tem de ser e porque, justamente, nesta temporalidade governada pelo acaso nada acontece por acaso. [...] Quem não tiver nervos resistentes, mesmo que os tenha suficientemente fortes para suportar a nossa época, vá-se embora do espectáculo. Não é de esperar que um presente em que isto pôde acontecer veja no horror feito palavras outra coisa que não uma brincadeira, tanto mais quanto ele lhe ecoa aos ouvidos vindo das aconchegadas profundezas dos mais hediondos dialectos, e que veja naquilo que há pouco se viveu, a que se sobreviveu, outra coisa senão uma invenção. Uma invenção cuja matéria não aceita. Porque maior do que toda a vergonha da guerra é a vergonha de os homens já nada quererem saber dela, suportando que haja guerra, mas não que tenha havido. Os que sobreviveram ao tempo dela acham que o tempo dela já passou e as máscaras

cumprem, é certo, a quarta-feira de cinzas, mas não querem ser recordadas umas das outras.”. (KRAUS, 2016, p. 15-17).

Aqui reside a atualidade de Karl Kraus. Ele percebeu a imprensa, isto é, o jornal como veículo e arma de guerra cujo caráter bélico se mantém essencial aos dias de hoje. Para Karl Kraus, a imprensa pode ser entendida como o lugar, por excelência, da mercantilização da linguagem. A imprensa e os jornais se transformam na metáfora central para um mundo que assiste a rápida dissolução dos valores substanciais de outrora:

[...] Hoje ainda não podemos fazer a menor ideia da devastação promovida pela máquina de impressão. O dirigível foi inventado, e a imaginação se arrasta como uma diligência. O automóvel, o telefone e as gigantescas edições da estupidez - quem poderá dizer como serão os cérebros daqui a duas gerações?” (KRAUS, 2010, p. 107)

A imprensa, portanto, é um locus que estende mais e mais seu horizonte na mesma proporção em que sente em sua articulação de relações de sentido, isto é, as relações que imprimem e modificam os sentidos individuais e coletivos, ameaçada pela administração das consciências através de dispositivos crescentemente anônimos - *quem poderá dizer como serão os cérebros daqui a duas gerações?* -, para os quais a linguagem e o discurso não são mais do que um meio, particularmente poderoso, de regulação e de repressão.

Embora Karl Marx tecesse seu elogio à liberdade de imprensa, décadas depois Karl Kraus compreendeu e revelou um outro lado que cobra à razão humana o sopro da liberdade impressa. Preocupado com o diagnóstico de uma modernidade incapaz de controlar as tremendas forças que pôs em movimento. O princípio da regulação deixou de lado toda a perspectiva da emancipação, indiferente às ética e estética em que se articulam as diferenças e se definem conceitos de cultura. Nesse sentido, o *Angelus Novus* arrasta consigo toda mágica da imprensa responsável pelo fim do novo que se anuncia.

## Capítulo II – A era da globalização econômica e política e o “retorno” da guerra

[...] uma guerra de extermínio, na qual se pode produzir o desaparecimento de ambas as partes e, por conseguinte, também de todo o direito, só possibilitaria a paz perpétua sobre o grande cemitério do gênero humano.

I. Kant, *À Paz Perpétua*, p. 8.

O relacionamento entre o capitalismo e a guerra traz importantes consequências para os atuais movimentos políticos e sociais. Existe uma percepção difundida de que o mundo está se tornando, de diversas maneiras, um lugar menos agradável e mais ameaçador para se viver, e existe uma boa possibilidade de que isso alcance níveis catastróficos num futuro não muito distante. Entretanto, essa percepção implica necessariamente num dado sentido de tempo histórico, isto é, se em muitas ocasiões assim percebemos o mundo é em razão do mundo ser, de fato, pouco agradável ou porque, de época em época na história, se elaboram dispositivos políticos como forma de controle social efetivo cujo cerne contém a utilização de determinados símbolos, signos e léxicos que aguçam os nossos sentidos numa dada direção em que somos orientados? Vale lembrar aqui a afirmação feita logo no início da **Dialética do Esclarecimento**:

O que os fascistas ferrenhos elogiam hipocritamente e os dóceis especialistas da humanidade ingenuamente levam a cabo, a infatigável autodestruição do esclarecimento, força o pensamento a recusar o último vestígio de inocência em face dos costumes e das tendências do espírito da época. Se a opinião pública atingiu um estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarecimento, então a tentativa de pôr a nu semelhante depravação tem de recusar lealdade às convenções linguísticas e conceituais em vigor, antes que suas consequências para a história universal frustrem completamente essa tentativa. (HORKHEIMER, 1985, pp. 11-2).

A questão fundamental que os teóricos críticos frankfurtianos refletiam era o destino da razão na modernidade e, sobretudo, na sociedade capitalista do século XX: na crise da modernidade, a racionalidade instrumental era a potência que movimentava e mobilizava, organizava e controlava o processo de produção da vida material e imaterial. As práticas sociais, as experiências ocorridas no processo de trabalho e de produção, na troca e no consumo, nas relações sociais coletivas na sociedade civil e no espaço público eram

construídas através da força da racionalidade voltada para um fim, segundo a síntese histórica e sociológica de Max Weber em **Economia e Sociedade**: uma racionalidade formal e técnica, voltada a mensurar o sentido do agir social através da adequação mais eficiente e eficaz entre os meios e os fins, os custos e os benefícios, manifestada em sua vontade insaciável de vencer os concorrentes, acumular rendas e recursos sem limites, desenvolver novas oportunidades de maximização dos interesses do indivíduo e das individualidades na vida social. Para Horkheimer e Adorno, a racionalidade técnica era a potência fundamental que impulsionava o capital e potencializava a capacidade do Estado-nação em mobilizar e manipular o inconsciente do indivíduo e do homem-massa, formar uma determinada opinião pública e a consciência dos indivíduos e dos cidadãos.

Refletindo as catástrofes e as tragédias do século XX, o historiador italiano Enzo Traverso (2001, p. 52) destaca a capacidade da racionalidade técnica em determinar o sentido das ações e relações sociais na sociedade capitalista do início do século XX:

[...] Max Weber foi um dos primeiros em dirigir o olhar crítico aos aspectos inumanos da racionalidade do mundo moderno [...] No início do século XX, foi o primeiro a lançar um grito de Cassandra contra as ameaças inerentes do processo de modernização que, para ele, teria a possibilidade de estabelecer uma nova aliança entre a racionalidade e a barbárie. Analisava a modernidade como o triunfo inevitável de uma "racionalidade voltada a um fim", produtiva e utilitária, baseada na abstração, na quantificação e no espírito de cálculo, capaz de superar a "racionalidade voltada a um valor" e a impor-se como única norma reguladora da sociedade, libertando-se gradualmente de todo condicionamento ético. Esta racionalização somente poderia conduzir ao "desencantamento do mundo" e para uma sociedade asfíxiada pela "máquina burocrática", "uma dominação mundial da não fraternidade". No final da Primeira Guerra Mundial, esta visão sombria e profundamente pessimista se traduzia na previsão de uma nova forma de escravidão - racional e burocrática - comparável àquela do antigo Egito. A sociedade moderna, tecnológica e racionalizada, era semelhante a uma "jaula de ferro", na qual o ser humano era aniquilado pela "petrificação mecânica" do conjunto das relações sociais.

A reflexão da teoria crítica frankfurtiana acerca dos nexos entre o progresso material e a violência política, extrema no curso da formação e reprodução dos regimes totalitarismos do fascismo italiano e do nazismo alemão, foi desenvolvida através de diversas questões sociais, dentre elas, a construção econômica e política da debilidade do *eu* e a busca da projeção narcísica na figura do líder, os efeitos da semicultura e da alienação do indivíduo na incapacidade de conhecer a si mesmo e a sociedade, os mecanismos de introjeção da ideologia hegemônica na mente dos indivíduos através dos produtos da indústria cultural e da manipulação do tempo livre, o progresso das forças produtivas e o aperfeiçoamento dos

mecanismos de controle e dominação pelas “potências culturais formativas” do Estado-nação. A sociedade capitalista no século XX formava uma nova totalidade, determinada pelo valor absoluto da posse privada, organizada pela capacidade do capital em produzir sempre novos meios de valorização e acumulação privada de renda e recursos, potencializada pelas impactantes descobertas e inovações da racionalidade técnica:

Podemos observar uma intuição da racionalidade instrumental do genocídio judeu na *obsessão pelo gás* que marca os escritos de Benjamin a partir dos anos vinte. Na antologia de aforismos *Rua de mão única* (1928), vê a "guerra química" como a marca simbólica de um progresso técnico transformado em "regressão da sociedade". No século XX, a humanidade perdeu a "experiência cósmica" de uma síntese harmônica com a natureza. A partir deste momento o ser humano se inscreve no cosmos através da mediação da técnica, algo que, no marco das relações sociais capitalistas, adquire um caráter destrutivo como mostrou a Primeira Guerra Mundial. Nesta ocasião, foram "lançadas em campo aberto massas humanas, gases, forças elétricas. Correntes de alta frequência atravessaram a paisagem; novos astros se elevaram no céu; no espaço aéreo e nas profundidades marítimas ressoou o barulho das hélices, e em todas as partes foram abertas fossas de sacrifício na Mãe Terra". Concebido com a mentalidade de uma técnica submetida "a avidez de lucro da classe dominante", este novo encontro do ser humano com o cosmos se traduz em um "mar de sangue" ("A caminho do planetário". In *Rua de mão única*). A técnica "traiu a humanidade" para transformar-se em força de *dominação da natureza* [...] A técnica adquiria contornos radicalmente anti-humanistas e se impunha como um gigantesco Moloch destruidor [...] Para Benjamin, o século XX era o teatro no qual, durante uma grandiosa representação, assistia-se todo o potencial de barbárie contido na técnica moderna. Suas previsões seriam amplamente superadas pela realidade. (TRAVERSO, 2001, p. 74 e 75)

O senso da história durante e ao final do século XX, segundo Enzo Traverso, foi marcado por acontecimentos trágicos e catastróficos, com crises econômicas e políticas cada vez mais intensas e devastadoras e que se manifestaram para além de seu epicentro, resultaram em duas guerras mundiais e revelaram os primeiros laboratórios políticos da História: os espaços concentracionários [em Cuba e África do Sul, coroas Espanhola e Britânica, respectivamente e, no seu ápice, na Alemanha durante o III Reich] (TRAVERSO, 2012). Na **Era dos Extremos**, para citar a definição de Eric Hobsbawm, a violência praticada pelo Estado-nação reitera ao mundo um antigo paradoxo: o progresso pode ser trágico.

No pós-guerra ocorre uma guinada da imagem redentora do progresso. A partir dos anos de 1960-70, a contracultura, os *hippies* e a liberdade do indivíduo em decidir ressoam nos acordes das guitarras elétricas, o LSD, a pílula, a corrida espacial, são exemplos de algumas das experimentações alucinantes, corpóreas e geopolíticas que contribuíram naquele momento para a emersão de um pensamento que nasce questionador e almeja ser

revolucionário. O pensamento pós-moderno além de questionar a redenção nacional e política pelo Estado, também incorpora à sua crítica duas razões bélicas presentes substancialmente naquele instante. De um lado, um tipo de guerra inaudita: a Guerra Fria, a destruição total sempre em potencialidade, sempre possível e jamais desejada. De outro a Guerra do Vietnã, trágica em muitos aspectos e cara à potência maior envolvida no conflito. Para o pós-modernismo, o Estado já não significa mais segurança, proteção ou bem-estar, ao contrário, ele passa ser entendido como a força que gera a aniquilação do *eu*.

O pós-modernismo ao negar a noção de sujeito da história, bem como a linearidade histórica, afirma a ideia do *eu* plenamente livre, do *eu* que é e deve ser o soberano de si mesmo, que experimenta e escolhe livremente. O *eu* portador de diversas identidades, todas elas efêmeras e sujeitas à modificação. Assim, o pós-modernismo atribui grande ênfase na figura do indivíduo em detrimento da coletividade, a hipertrofia do *eu* e sua virtuosidade. Por extensão, os indivíduos pós-modernos se encontram e realizam no espaço natural do mercado e pela justiça do mercado. Hayek, Mises, Popper, Friedman, são alguns dos maiores ícones desse momento. Os anos 60 e 70 também serviram ao movimento revisionista da história. A partir do combate aos regimes totalitários em sintonia com a negação pós-modernista de um universal politicamente construído e da filosofia da história enquanto a força que legitima a revolução, os revisionistas propuseram um novo senso para a história.

Ao final da década de 80, com o desmantelamento da URSS, um novo princípio da realidade desponta no horizonte da história humana: a liberdade que enfatiza o indivíduo, a liberdade total, a condição da vida de um sujeito que não será mais obrigado a nenhum *nós*. Portanto, a última década do século XX, produz a força imperativa do neoliberalismo a transformar o ser humano num empreendedor de si mesmo. O capitalismo desde então passa a ser baseado na figura do *eu* criativo, inventivo, audacioso, capaz de criar o seu negócio porque não há nada que o obstrua, nada que o detenha. Na pós-modernidade o indivíduo é a manifestação de um tipo específico de capital: o capital humano, avaliado pela sua capacidade de produzir e aperfeiçoar-se.

Um homem novo que está permanentemente submetido a um processo avaliativo da sua performance e do seu desempenho. Uma sociedade nova cuja dissolução de quaisquer vínculos coletivos urge à consolidação de um mercado global, livre, sem fronteiras [condição de um profundo intercâmbio de mercadorias]. Sem limites para o benefício de todos - o mundo globalizado exige das pessoas um desenraizamento temporal e espacial cada vez

maior. Hoje, dada a brutal mudança no sentido do tempo e do espaço social numa escala global, vive-se a realização da hipercompetitividade através da supressão dos laços de coletividade e das amarras que prendiam os indivíduos em nível local, sindical, tradicional, familiar e seguro.

O senso da história, objeto de profunda disputa axiológica e ideológica cujo divisor de águas corresponde aos anos 1989/1991 [queda do muro de Berlim, fim da URSS e da Guerra Fria], passa por profundas mudanças graças a eventos e situações pontuais que, no conjunto, são extremamente impactantes. A queda de um importante símbolo – e a história sempre foi determinada por palavras, pela inflexão histórica da palavra às imagens –, a desaparecimento de um elemento fundamental para parte significativa de seres humanos, os obriga mesmo sem condições objetivas, a buscar outros espaços.

A partir de 1989 e 1991 há uma grande *revolução espacial* que tudo modifica: transformam-se as coisas, os valores, as ideias, a política, a economia, a antropologia – transformações em dinâmicas hiperaceleradas, num fluxo cada vez maior de imagens e estímulos proporcionado por diversos dispositivos e, sobretudo, estimulados pela indústria cultural anglo-saxônica. A nova ordem mundial que daí emerge é desenvolvida sem a presença de uma *archè* [princípio, sentido originário capaz de estabelecer os pontos de referência e os processos avaliativos da realidade] capaz de estabelecer uma “racionalidade e medida às dinâmicas desencadeadas”. A ausência da *arché* possibilita o livre desenvolvimento das forças econômicas sem compromisso com a força de trabalho e com o Estado, sem vínculos com a comunidade e a sociedade, sem limites na extração-produção-consumo de seres, coisas e mercadorias, transformando em mercadoria tudo aquilo que puder ser fonte de novas acumulações de mais-valor. Os efeitos desta dinâmica econômica potencializada pela mundialização do capital são a devastação e degradação da água e da terra, a poluição do ar, alterações climáticas em microambientes que corroboram a sensação do aquecimento global e, de forma exponencialmente mais acentuada, a extrema desigualdade entre os países ricos e os países pobres, tanto entre os ricos e os pobres em todos os países (CURI, 2016).

A partir dessas grandes revoluções no sentido da história, outro processo concomitante vai esvaziando da vida em sociedade a importância da esperança e da utopia. Palavras como liberdade e igualdade são potencialmente esvaziadas e no lugar de suas substâncias originais, surge um novo princípio de realidade. Para o pensador italiano Enrico Traverso, o novo

milênio surge da concepção de um novo tempo histórico que retira da vida social a importância do passado. Não é mais o passado que orienta e forma a vontade dos indivíduos, o ponto extremo da novidade é a dissolução da ideia de futuro, isto é, o entendimento que o ser humano passa a habitar apenas e tão somente o eterno presente. Como uma das consequências para quem já não vê mais importância alguma nas experiências do passado e é orientado por uma ideologia que nega a importância histórica – pois prescinde suprimir dos indivíduos e cidadãos tudo não seja a norma do princípio novo de realidade –, pela primeira vez, à humanidade não existem mais alternativas. O fim do século XX trouxe consigo a certeza do TINA [*There is no alternative*], a dimensão valorativa comum que comporta os mesmos sentidos de orientação da vida, a partir daí não representa mais os vínculos comuns, coletivos e universais.

Na perspectiva de Marc Augé (2012), uma das principais características do tempo presente é o excesso: a posse pelos indivíduos da maior quantidade de coisas que se pode comprar. Os sujeitos na contemporaneidade são alvos do bombardeamento de fatos, eventos, imagens e quantidades, constantemente cercados de alimentação, de desejos e de vontades. A contemporaneidade traz consigo a marca do excesso de informações: superabundância de espaços e de consumos. Na supermodernidade, aos espaços de trânsito Marc Augé utiliza a expressão *não-lugar*: espaços sem memória e sem política, espaços desprovidos de história, neles o ser humano está destinado a habitar o tempo histórico ausente e inseguro. A era de *fluxos* pode ser outra definição apropriada quando se olha para a história das últimas quatro décadas e se percebe a força das imagens e mensagens, a potência inaudita que impõe a existência permanente e irrefletida do consumo de coisas, de mercadorias e experiências, de emoções, de *espaços*. Uma razão retórica que determina o novo sentido do *bem*, do *belo* e do *verdadeiro*, e que forma uma ordem social nova credora na difusão permanente de um imenso volume de fatos e acontecimentos, imagens e palavras que manipulam, moldam, seduzem e suportam por vários *gadgets* as figuras do indivíduo-consumidor e do cidadão-espectador.

As transformações da contemporaneidade, por extensão, também modificam a linguagem política. Atualmente, a linguagem política está baseada em uma linguagem corpórea muito forte, visível com mais facilidade nas manifestações de partidos de extrema direita que representam uma classe média cada vez mais ameaçada por problemas que não pode evitar e muito menos compreender – especialmente a classe média norte-americana, branca e cristã. A alta competição entre as pessoas, a luta pelos direitos iguais e a ascensão

das mulheres levaram os líderes de direita a agirem com uma nova linguagem, diferente da tradicional. Atualmente, a extrema-direita vale-se de uma linguagem marcada pela falta de distinção e erudição, embora capaz de se comunicar corretamente e com conhecimento de si, do outro e do mundo. E num mundo radicalmente diferente de quarenta anos atrás, tanto no que se refere ao tempo histórico, aos espaços sociais e aos valores eletivos.

Com a revolução espacial ocorrida na geometria política global, ao iniciar segunda *Belle Époque* surgem novos fenômenos, problemas e questões sociais. O processo social que produz a ruptura dos vínculos entre os indivíduos proporciona uma experiência nova ao desenvolver suas potencialidades cada vez mais extremas e radicais [a família, por exemplo, já não é mais a instituição que forma valores; atualmente, cada vez mais se rompem as noções de geração e sexo; a igreja também não tem mais o mesmo papel de outrora; e os partidos políticos que na aurora da modernidade tomaram o poder dos senhores feudais, da igreja, etc., já não representam os anseios da população]. Assim, distanciando-se mais e mais do ontem, forja-se um processo radical de desenraizamento. Ainda não existem elementos necessários para compreender a dimensão das mudanças contemporâneas, embora seja possível sentir os seus efeitos numa nova cristalização de valores e de princípios em níveis mundiais.

O mundo contemporâneo experimenta um novo processo de atomização da vida que tem sua origem em momento de ruptura: a vida do indivíduo não reside mais em um *nós*, ao contrário, ele age segundo sua própria vontade, um ser que é interpretado cultural, econômica e politicamente como um ser enraizado em si mesmo, ensimesmado. Se os indivíduos não são nunca iguais, a não ser por coerção e imperiosidade, a contemporaneidade produz seres essencialmente particulares, que se constroem a si mesmos e às suas identidades particulares. Nessa dinâmica, a atomização estimula os indivíduos a existirem num processo mais e mais fragmentado das identidades coletivas, nacionais e políticas – vale ressaltar que todas essas tradicionais identidades, atualmente, são associadas como artificiais e tendenciosamente autoritárias, soam despóticas ou totalitárias. São processos perenes de maximização do *eu* desenvolvido dentro de um horizonte ilimitado, sem freios familiares, religiosos e culturais. A hipercompetitividade, o hiperindividualismo, o hiperconsumismo e o hiper-hedonismo, são as consequências imediatas da era pós-moderna e radicalmente neoliberal.

Para o neoliberalismo o indivíduo é o elemento natural e virtuoso, nele a sociedade deve ter o seu início e o seu fim. Conforme os seus arautos, economia só prospera no mercado e, para isso, é necessário se contrapor a qualquer planificação política da economia através da

força que tem o Estado em regular as ações econômicas e gerenciar planos como principal ator e coadjuvante econômico. Segundo os neoliberais, o Estado é a fonte da corrupção, da ineficiência, da improdutividade, dos gastos excessivos e da incapacidade. Assim concebido, o Estado impede o crescimento econômico, a geração de riquezas, o bem-estar, as invenções e as descobertas. É uma dinâmica que nega as mediações pela negação do Estado. Para o neoliberalismo, a verdadeira democracia seria uma democracia direta que envolvesse o povo e seu líder, cujo poder único, soberano, reside no *demos* [nesse sentido, um terreno muito propício para a extrema-direita].

Para efetuar o projeto político neoliberal, no limite, é necessário expulsar os elementos exóticos para se garantir de um vasto conjunto de indivíduos extremamente livres, atomizados e, ao mesmo tempo, um povo homogêneo, puro e uniforme. Não é à toa que a sociedade contemporânea alimenta aversão ao multiculturalismo, ao universalismo e ao imigrante. A liberdade deixa de ser uma conquista e passa a ser uma forma de governo. Há aqui uma questão apropriada no que toca ao futuro: qual é o senso da história, qual o senso do futuro e do amanhã?

As consequências da globalização são os altos índices de desemprego ou de empregos temporários [*mini jobs*] que são reflexos da imensa desigualdade econômica [por exemplo, no Brasil, a sétima economia do mundo<sup>16</sup>, dos pagadores de imposto de renda em 2015, 0,1% dos 10% de declarantes considerados os mais ricos possuíam à época 6000% mais propriedades que a média declarante nacional, segundo os dados da Receita Federal, vale lembrar que parte significativa dos trabalhadores brasileiros não pagam imposto de renda porque não aferem renda suficiente para ser taxada]. Compõem o quadro alarmante do desemprego as desigualdades, as incertezas, a insegurança, a depressão, as angústias e as ansiedades que são típicas daqueles que ainda sobrevivem do trabalho e estão constantemente preocupados em perdê-lo. A afasia impera no mundo mercantil: *quem sou eu?* Não se consegue responder. Pela primeira vez na história uma sociedade é formada por indivíduos mais e mais isolados uns dos outros porque isolados em si mesmos e apresentados ao mundo no mesmo abadá monocromático produzido aos milhões pela desregulamentação do trabalho e da produção, pelo deslocamento dos capitais e pela alta financeirização dos mercados que, em conjunto, reduzem as perspectivas humanas devido à brutal e imperativa queda do nível de vida da população mundial.

---

<sup>16</sup> <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2018/09/24/world-economic-outlook-october-2018>, acesso em 30/07/2019.

A partir de 1980, o capital realiza a desindustrialização e por meio da mudança de mercado e pela desurbanização de centros fabris, com a saída de trabalhadores de bairros inteiros, de cidades antes habitadas em função dos meios de renda que ali existiam. É o réquiem ao modelo fordista de produção industrial. Uma das bases para o funcionamento dessa lógica de movimento perversa é a criação de uma política do medo: irreduzível, emergencial [fluxo de migração e competição] e reformista [esvaziamento do Estado social]. Uma revolução espacial radical opera uma mudança profunda de sentidos através da modificação/ampliação, da conquista, da divisão e da organização de novos espaços e territórios. Nessa dinâmica, é extremamente importante o papel das corporações transnacionais com sua constituição moral, princípios e valores próprios.

Dentre as modificações operadas na contemporaneidade, o sentido e a noção de espaço, segundo a equação de Marc Augé, sofre uma compressão cada vez maior e produz, continuamente, espaços que não permitem o enraizamento, o não-espaço, o não-lugar, o lugar de passagem. Sobre essas bases efêmeras da contemporaneidade também se constroem as falas da modernidade nitidamente enviesada na concepção do *super*. São tempos do excesso, da superabundância dos fatos, dos acontecimentos, das trocas e do consumo rápido. Se durante boa parte da modernidade as pessoas ainda estavam envolvidas pela placenta originária, ou seja, pela família, pela nação e pela classe; agora, o que se produz é a destruição da metáfora na supermodernidade. Para Remo Bodei (2013), cada vez mais se perde a certeza das seguranças e das garantias de uma existência plena, os fatos tendem a gerar uma nova forma de vida e uma nova antropologia humana exposta às imprevisibilidades, às incertezas e inseguranças. Essa dinâmica já se manifesta nas biografias da família, do sistema escolástico e das profissões que passam a ser incertos e imprevisíveis. Uma transformação que proporcionou uma radical alteração do senso da história, da vida que se faz no interior de uma extrema desregulamentação desordenada.

Com o esvaziamento cada vez mais acelerado das imagens, dos símbolos e de tudo o mais que servia para a vida humana e que fornecia referências ao agir pessoal e coletivo, todos esses símbolos já não se prestam mais como fatores de senso compartilhado de existência. A ausência de consciência coletiva e a ruptura de um sentido comum da vida em sociedade impuseram uma noção de futuro na qual ocorre uma redução das experiências comuns e das expectativas compartilhadas pelos indivíduos, portanto, um futuro em que as experiências e as expectativas são cada vez menores. Essa falta de crença com relação ao

amanhã, reserva aos indivíduos nenhuma esperança que o amanhã será melhor do que hoje. Um processo civilizatório marcado pela desesperança com relação ao amanhã que pode ser catastrófico, destrutivo e caótico. O cinema hollywoodiano desde o final dos anos de 1960, já combinava elementos, mecanismos políticos e culturais que exaltavam esse momento: os novos e difusos medos. O medo tecnológico identificado no desemprego estrutural, no capital móvel, nas mudanças tecnológicas que destroem empregos, atualmente, lembra Bodei, estima-se que 40% dos empregos desaparecerão num futuro próximo. O medo da incompetência, o medo econômico que exige a alta performance para a manutenção do emprego. E, por fim e não menos importante, o medo político que traduz a total ausência de segurança política no mundo contemporâneo.

Para Wendy Brown (2007), o novo mundo que se autoglorificava como livre do mal identificado ao comunismo e a URSS, é agora regido pelo bem cujo símbolo mais importante é a destruição do muro de Berlim e da cortina de ferro, é uma apoteose do mundo sem fronteiras e da poderosa ideologia neoliberal que, paradoxalmente, faz surgir novos muros na era global. Para ela, neoliberalismo possui uma racionalidade capaz de produzir uma nova governança onde os seres humanos são transformados em atores de mercado. Todas as entidades e atividades devem ser governadas como uma firma que torna mais poderosa a racionalidade instrumental, a razão meramente formal, não substancial e que avalia custos, benefícios, meios e fins. Todas as organizações públicas são interpretadas pela métrica do mercado: pela ideia de justiça de mercado, pela produtividade e pelo crescimento, pela obtenção de riquezas. Com isso, o neoliberalismo também ressignifica os valores da democracia e produz a ideia de que saúde, educação, segurança, cultura devem ser valorizadas segundo a capacidade de gerar valor. Dessa forma, o neoliberalismo desfaz o *demos*, na medida em que destrói todas as ideias e valores de bem público, bem comum, de educação, de saúde e da previdência públicas, no lugar da cidadania introduz o sujeito empreendedor/consumidor.

Nesse processo, a própria ideia de cidadania passa a ser sempre mais restrita àqueles indivíduos que efetivamente contribuam através da sua ação empreendedora para o crescimento da riqueza. A cidadania deixa de ser universal e sofre uma poderosa inversão e se torna cada vez mais restritiva. O verdadeiro cidadão contribui para a vida coletiva a partir de sua ação individual. Uma gigantesca construção de barreiras, seja ela de muros (BROWN, 2013) físicos, quanto de muros simbólicos [barreiras imateriais], sintetiza o conjunto de

justificativas para a exclusão dos direitos de quem está do lado de fora, em especial de duas categorias específicas de direitos: os sociais e econômicos [de terceira geração] e os direitos humanos fundamentais.

Dardot e Laval (2010) entendem o neoliberalismo pelo prisma de uma racionalidade de governo que ganha uma característica plástica a partir da globalização. A razão do mundo contemporâneo pode existir nas mais diversas culturas e civilizações, pois não tem dificuldade nenhuma de adaptação e é capaz de produzir uma poderosa ofensiva política que transforma a realidade ao impor a lógica do capital para todas as relações sociais. Como foi dito em 1848: tudo é transformado em mercadoria, tudo aquilo que está presente no reino da natureza, da cultura e do corpo humano sofre uma redução pela mercantificação das coisas e por uma existência sem limites. Todas as relações se tornam relações de mercado, e a razão do mundo cria uma forma de vida que *naturaliza* a ação econômica como *potência* que movimenta, transforma e produz os seus valores, seus sentimentos, suas aspirações e expectativas.

No curso do capitalismo neoliberal, os sentimentos se metamorfoseiam nas trocas mercantis de uma sociedade que produz ausência e vazio do sentido comum, do compartilhamento eletrônico de emoções, de sentimentos, de pensamentos; ausência de valores, ou melhor, a presença constante de um vazio valorativo numa vida social cada vez mais fragmentada. Por fim, a ausência de ordem que estimula o isolamento das pessoas dentro de seus interesses particulares [*o isolamento dos indivíduos dentro de suas “caixas sensoriais” sempre mais herméticas*] convivendo isoladas em sociedades e que vêm produzindo um acúmulo de ressentimento, raiva e ódio nos indivíduos pela queda generalizada e vertiginosa do nível de vida e pela transformação radical dos sentidos histórico e espacial que o mundo experimenta desde o final dos anos de 1980.

O mundo contemporâneo profundamente marcado pelo fenômeno da globalização, não pode ser entendido apenas pelas transformações tecnológicas. Luciano Gallino (2012) sugere uma nova fase da luta de classes, nela a classe burguesa sofre pela transmutação transnacional para reconquistar todos os espaços, todas as concessões que outrora ela fez para a classe trabalhadora e ao Estado Nacional. A reconquista burguesa, como há de ser, sempre é uma ação extremamente violenta com relação aos espaços e concessões dados pelo *Welfare State*, no intervalo de 1945 a 75. Sempre mais voraz, a reconquista burguesa mobiliza valores e insiste na virtuosidade do mercado, a liberalização dos movimentos dos capitais.

A convicção do livre mercado como superior a economia planificada implica na redução do papel do Estado na economia e na sociedade. Nessa dinâmica de re-apropriação burguesa, a avaliação que se faz de todos os sistemas políticos como nocivos, corruptos, ineficientes e improdutivos, é o primeiro passo dado em direção à privatização das funções do Estado. Ela é o início da destruição do keynesianismo e a afirmação da política de austeridade fiscal acompanhada, em escala local, por uma intensa desnacionalização dos fluxos e dos capitais. Aumentam-se as desigualdades e as distâncias que separam os indivíduos e, com o aumento das desigualdades, inflam-se as questões de identidade. Ao passo em que se aumentam as distâncias sociais, também é notória - sobretudo no instante de pandemia em que nos encontramos -, a disparidade cada vez maior entre as economias nacionais pelo mundo. No início de setembro de 2021, o *World Bank* anunciava a percepção do aumento das desigualdades em sua página inicial da internet,

[...] O crescimento está concentrado em algumas das principais economias, e a maioria das economias emergentes e em desenvolvimento [...] está ficando para trás. Nos países de baixa renda, os efeitos da pandemia estão revertendo os avanços anteriores de redução da pobreza, e agravando a insegurança alimentar e outros desafios de longa data<sup>17</sup>.

Por um lado, para compreender melhor o retrato dos tempos atuais feito pelo *World Bank*, faz-se necessário a imposição de algumas questões sobre o recorte, isto é, o recorte cuja angulação se dá basicamente por um viés intimamente ligado aos índices econômicos [crescimento concentrado, baixa renda, reverter os avanços, pobreza]. Por trás do *ranking* dos países estão dispostas outras implicações. Afinal, são países em que a parte significativa de suas populações foi arremessada às condições de pobreza, da fome e precarização de sua existência. Por outro lado, quem é o povo? Quais são os seus valores? O que é a sua soberania? Esse é o terreno ideal para florescer outros problemas mais profundos, em que as questões identitárias se amalgamam em normatividades restritivas, xenofóbicas e racistas as quais são acentuadas exponencialmente em momentos de crises [econômica e política] inseridas num compasso macabro de uma dança pandêmica.

Remo Bodei (1995), ao buscar compreender a problematização do destino na sociedade na modernidade, destaca a capacidade de colonizar a consciência, de introduzir valores, ideias e sentimentos que a sociedade experimenta com a redução da importância e a desregulamentação dos diques metafísicos e religiosos que separavam o *eu* da realidade social e natural [dos outros, do próprio corpo e do ambiente físico e político]. O indivíduo ao superar

---

<sup>17</sup> <https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects> (acesso em 03.09.21).

os escrúpulos pessoais adquire a capacidade de fluir no mundo da imanência. Sai do ermo da consciência e reconstrói solenemente a *realidade externa*, embora arrastado pelo rio das incessantes transformações, como havia observado Heráclito de Éfeso:

O movimento que cinge a rede entre a razão e as paixões [ou, em termos platônicos, entre o *logistikon* e a *epithymetikon*] implica na dinâmica da distinção entre o sábio e o louco e a conseqüente tentativa, por um lado, de arrancar aos sábios da ataraxia, da imparcialidade, da ironia e do desapego do mundo - para inseri-lo na fermentação das paixões, na luta entre as facções, no envolvimento com os acontecimentos - e, de outro, para racionalizar a conduta e impulsos da multidão. A esfera política está, portanto, aberta a esse novo tipo de *satio*, sob a condição, porém, de que ele se torne um apaixonado defensor da universalidade. O desejo projetivo dos jacobinos tende, assim, mais ou menos obscuramente, a transformar a paixão em conhecimento, mas com uma força ainda maior, a elaborar conhecimento em paixão e ação. Ajustando um pacto “pedagógico” com o “despotismo da liberdade”, transformando-se em instrumento autoritário, a razão acaba por se distorcer. (BODEI, 1995, p. 373)

Privado dos resíduos da sustentação e da punição dos recursos da interioridade, o indivíduo contemporâneo perde sua orientação e é cada vez mais inclinado a se modificar por mimetismo perante aos acontecimentos e movimentos dos contextos históricos e políticos. Sempre mais sensível às esperanças, às ilusões e às ameaças do poder, o indivíduo está sempre mais disposto a se deixar guiar pelas ideologias contingentes que pretendem possuir uma explicação simples para tudo, sempre mais resignado a se transformar em uma parte de uma engrenagem que ele não possui consciência. Para o autor, aí reside a grande síntese das metamorfoses do *eu* na era moderna: a mudança na sua existência que não será mais aquele *eu* ao longo do desenvolvimento histórico, porque abandonado da forma transcendental, da ordem do cosmo, o senso de vida perde o sentido imanente com a linguagem edênica. Essa manifestação do *eu* sofre radicais transformações ao se romper as barreiras metafísicas e, com isso, o senso da vida humana passa a ser cada vez mais imanente. Sem se preocupar com o além, o *eu* passa a ser cada vez mais mundano e a modelar a sua nova forma capaz de agir por si mesmo e de fluir dentro do mundo.

O mundo contemporâneo também possui um vetor demográfico muito singular e característico. A quantificação e a qualificação dos indivíduos numa sociedade que se organiza de maneira monetária e efêmera em seus sentidos, a questão demográfica também ganha uma interpretação que se assemelha e sintoniza aos princípios e valores sociais na contemporaneidade. Podemos dizer que na última década do século XX, ocorre uma grande transformação nos valores e ideias, nas práticas sociais, nas concepções de mundo que

ordenavam as organizações e as instituições sociais. Uma grande transformação que pode ser identificada como uma nova “revolução espacial”, segundo a definição de Carl Schmitt (2007, p. 49 e 56), que problematiza o sentido do espaço, dos *nómos*, da ordem social e das categorias que servem como modelos de conduta e pontos de orientação para o indivíduo:

As forças e energias históricas não aguardam a ciência, como tampouco não esperou Cristóvão Colombo a Copérnico. Cada vez que mediante um novo impulso delas são incorporadas novas terras e mares ao âmbito visual da consciência coletiva dos homens, também se transformam os espaços de sua existência histórica. Surgem, então, novas proporções e dimensões da atividade histórico-política, novas ciências, novas ordenações, vida nova de povos novos ou que voltam a nascer. O alargamento pode ser tão grande, tão surpreendente, que muda não somente proporções e medidas, não unicamente o horizonte externo do homem, senão também a estrutura do próprio conceito de espaço. É possível falar então de uma revolução espacial. As grandes transformações históricas são muitas vezes acompanhadas de uma mutação da imagem do espaço. Nela radica a verdadeira medula da ampla transformação política, econômica e cultural que se leva a cabo [...] Uma revolução espacial não se limita somente a um desembarque em terras até então desconhecidas. Supõe, ademais, uma transformação dos conceitos espaciais que abarca todos os aspectos e âmbitos da existência humana.

As mudanças profundas ocorridas na *espacialidade* no final do século XX com a dissolução da URSS e a derrota do comunismo na guerra-fria, a desregulamentação da circulação dos capitais e a revolução da eletrônica, microeletrônica e robótica, geraram a superação dos limites da espacialidade ordenada pelas burguesias e Estados nacionais. A mundialização do capital e a globalização econômica e política são novas e potentes forças sociais capazes de ordenação do espaço nas mais diversas áreas geográficas efetuada pelas grandes corporações transnacionais. A globalização do capital com seu deslocamento e a sua capacidade de promover mudanças radicais na economia e na política. Com isso há uma implicação aos sentidos ao alterar e ampliar o poder do *nomos* [que em cada época se especifica em força, potência e hegemonia]. Ao se utilizar de termos como *nomos* para explicar as dinâmicas sociais, a crítica mobiliza o uso a força das palavras na história que é alimentada pela manipulação das imagens. As palavras quando acertadas reúnem energia suficiente e proporcionam, para quem as manipula politicamente, a força da liderança e a fé das pessoas no carisma de outrem. A liderança, a hegemonia cria vínculos sociais que envolvem os indivíduos e os cidadãos em novas e desconhecidas geometrias sociais:

Até a algumas décadas atrás, a civilização humana se desenvolveu ao redor de duas categorias da experiência individual e social: o espaço e o tempo. O espaço de trabalho, da produção, da habitação; o tempo da vida, do trabalho, da sucessão de gerações. O espaço e o tempo têm sido as categorias

constantes na evolução do modelo humano que há presidido o nascimento e a evolução da civilização ocidental [...] Não é preciso muito esforço para constatar que atualmente as categorias essenciais que estruturam a vida humana, o espaço e o tempo, foram radicalmente modificadas, até o ponto em que se tornaram insignificantes todas as derivações implicadas nas terminologias tradicionais. O tempo é agora o tempo “real” do imediato presente, no qual toda a temporalidade se concentra sem articulações em uma espécie de presença infinita, sem referências ao antes e ao depois. Paradoxalmente, o tempo real é um não-tempo [...] O operário associava tradicionalmente o lugar do trabalho ao tempo do seu serviço e associava a imagem da fábrica e aquela do espaço urbano, dividida entre o produzir e o habitar. Atualmente, o trabalhador está situado em um fluxo de informações que o torna um simples ponto de intersecção de coordenadas que se realizam e desenvolvem além de toda a sua possível compreensão. Ao mesmo tempo, o espaço foi dilatado, eliminando toda referência aos lugares determinados e estimulando cada um a uma “corrida” na autoestrada da informática que envolve todo o planeta. A distinção entre o próximo e o afastado, o vizinho de casa e o habitante de um outro hemisfério do planeta é anulada na nova comunicação informática, que atravessa os nossos corpos tornando-os disponíveis às inauditas viagens sem ter verdadeiros e próprios movimentos físicos. (BARCELONA, 2011, p. 39)

Na reflexão filosófica de Barcellona, a alta velocidade das acelerações tecnológicas e sociais colocam em questão um senso de modernidade que não tem mais a necessidade de ser explicado. As aceleradas transformações na realidade social, em todos os espaços sociais, produzem uma modernidade que continuamente inclui a mudança como um “sinônimo de progresso”. As dinâmicas sociais afirmam e legitimam os valores do *melhoramento* e do *desenvolvimento* como um bem em si mesmo. Contudo, diferentemente do senso do progresso no início da era moderna e da modernidade, nas últimas décadas, o progresso tem um novo significado: não está dirigido para uma meta comum, não possui um sentido linear. O progresso passou a ser uma *incógnita* nas diversas esferas sociais: seus efeitos e consequências na economia, na política e na cultura são imprevisíveis e incertos, inauditos e desestabilizadores.

Os valores do neoliberalismo e da globalização – abandonar à escala local e nacional e projetar-se na economia, na política e na cultura global – geraram o sacrifício das economias periféricas, provocando o sentimento de abandono por parte das populações locais perante o destino do empobrecimento e da queda do nível de vida, do trabalho flexível e da vida precária. A não-confiança nos atores políticos tradicionais, a despolarização de massa, a vida apolítica, tende a direcionar um conjunto sempre maior de indivíduos-atomizados em direção do reforço da identidade local e da tradição, da xenofobia e do racismo, a hostilidade aos partidos políticos tradicionais e às elites nacionais e globais, dos partidos e do líder populista. Alfio Mastropaolo (2014) argumenta que estes aspectos políticos são meras invenções

humanas e que há um privilégio na promoção dos direitos de liberdade sobre os direitos sociais. Nesse sentido, também pensa as tensões e os conflitos considerando a presença do grande número de pessoas: o aumento demográfico não só significa uma população cada vez maior, mas um número maior de tensões e conflitos, porque pressupõe a existência de diversas formas de vida e de concepções ideológicas, uma sociedade que traz em si uma fratura e um conflito latente. A *massa* também denota a necessidade do indivíduo que é obrigado a tecer relações cada vez mais inauditas.

O indivíduo que vive numa sociedade que impõe sucessivas mudanças em suas perspectivas quando vê o diverso se manifestando em múltiplas formas de existência, experimenta uma existência desorientada e desenraizada. Um problema que fora refletido na era do surgimento da massa por Gustave Le Bon (1980), que analisou em sua obra é a *massa* política, o operário, do proletário e como a figura do líder e sua palavra movimentam a vida pública a produzir acontecimentos inesperados. Na época histórica convulsionada pela Comuna de Paris, Le Bon (1919, p. 99) diagnosticou um momento histórico marcado pelo declínio da civilização e a construção como terapia da figura do “condutor da massa” que deveria, entre outras tarefas fundamentais para evitar o caos na sociedade, criar crença, confiança, vínculos através da força das palavras e das imagens:

Criar a fé, seja fé religiosa, política ou social, a fé em uma obra, em uma pessoa, em uma ideia, tal é o papel dos grandes condutores das massas. De todas as forças que possui a humanidade, a fé foi sempre uma das mais notáveis, e é com razão que o Evangelho atribui o poder de levantar as montanhas. Dotar o homem de uma fé, é multiplicar por dez a sua força. Os grandes acontecimentos da história foram obras realizadas por desconhecidos crentes, que somente possuíam a sua fé. As religiões que governaram o mundo e os vastos impérios que se estenderam de um hemisfério ao outro, não surgiram por mérito de literatos, dos filósofos ou dos céticos.

Numa época em que a democracia implica na possibilidade de que a própria civilização possa ter um fim, a palavra faz com que a *massa* altere o curso da história - porque a palavra desperta desejo. Ao mesmo tempo em que as sociedades Ocidentais se organizam sob novas bases epistemológicas, também sobre as mesmas bases o Ocidente alimenta consigo os seus próprios desejos de poder e de conquista. Desde o século das luzes, as batalhas culturais valem-se da arte, da religião, da economia e da política para a conquista e a manutenção da hegemonia no mundo. São exemplos já consagrados pela literatura: o liberalismo, o socialismo, o comunismo, o pensamento conservador, o fascismo, o nazismo e o neoliberalismo. Novos sentidos e novos espaços a serem preenchidos, espaços sociais

dotados de sentido histórico, portanto, um espaço que passa a ser os limites de uma nação, de um povo, de uma identidade nacional. Assim, o senso da história vai se tornando cada vez mais articulado ao sentido da Pátria, ao Estado em sua glória, em seus poder e prestígio.

As tensões, os conflitos e as crises durante a modernidade, nada mais são que a sua marca registrada, o DNA da era moderna: pois o que era uno se tornou múltiplo, os diversos grupos e as classes populares com os seus próprios valores têm experiências e produzem novas concepções de mundo e novas ideologias. Produz-se uma contraposição entre as experiências, as expectativas coletivas e comunitárias que dão origem a produção das diversas lutas por reconhecimento inscritas no desenvolvimento histórico do Ocidente. Do turbilhão de mudanças promovido pela burguesia - onde toda solidez é éter -, também surge uma nova manifestação política que traz para o seu interior um elemento utilizado pelo Estado Nação: a manifestação através das emoções e dos sentimentos profundos. As paixões tristes - a ira, a raiva, o ódio, a inveja -, e as paixões alegres - o amor, a compaixão e a capacidade de empatia -, são os elementos basilares que compõem as agendas políticas na atualidade, estão presentes tanto nas manifestações populares como nos gestos oficiais. Diante das transformações da contemporaneidade, cabe ao observador o trabalho em entender a construção do mundo novo que rapidamente desponta.

Se a ciência alimenta a política na medida em que ela compreende a realidade, em linguagem política, a ciência também pode ser um instrumento poderoso de mistificação, de contrarrevolução, porque o uso da ciência é o principal alimento da força política historicamente determinada. De uma maneira radical, a contemporaneidade coloca em xeque a compreensão do espaço-tempo, das identidades, de todas as organizações e instituições sociais. Em princípio, coube ao Estado ampliar as suas funções na modernidade, mas o poder hegemônico do Estado já não pode mais manter a ordem somente pela repressão [exército, polícia e burocracia]. O Estado possui uma função escolástica que possibilita através do ensino público e universal a manutenção e a reprodução da ordem social, política e econômica. Todavia, à manutenção de uma determinada ordem imperam a necessidade e a técnica capazes de penetrar no imaginário dos sujeitos e no arcabouço simbólico das sociedades contemporâneas. Para isso, a ação do Estado nacional já não é mais suficiente como era no princípio, nem mesmo ele é capaz de atingir os corações e as mentes das pessoas como outrora.

Se o Estado sofre a ação do tempo e diminui seu poder de persuasão junto à sociedade, por um movimento semelhante embora em sentido oposto, a burguesia, que em sua gênese se aproxima do poder central para objetivar e realizar o mundo conforme a sua imagem e semelhança, agora ela o compõem para além da genética, são burgueses todos os traços mais visíveis e as expressões mais discretas do poder político contemporâneo, seja ele realizado institucional [estatal] ou corporativamente [particular, privado]. Dito de outra maneira: no mundo contemporâneo as imagens e semelhanças são completamente preenchidas pelo conteúdo burguês. Dessa maneira, cada vez mais a manipulação dos sentidos e a arquitetura das paixões são mobilizadas para a manutenção e reprodução da ordem política e cultural burguesa e do seu sistema econômico.

No mundo moderno, o que também muda são as intenções. A ciência que ontem a burguesia se beneficiou para ser capaz de derrubar as muralhas do castelo e tudo aquilo que ele implicava junto à inércia estamental e religiosa que ordenava o lugar dos sujeitos e das coisas no mundo medieval, hoje é a mesma ciência que a burguesia se vale para edificar muros quilométricos entre países de proporções continentais e separar pelo concreto as distintas rendas, os diferentes produtos internos, os vários credos e as inúmeras pessoas. No mínimo, é um paradoxo dramático. De fato, a relação da técnica com a burguesia é mais uma prova que as coisas e as ideias caminham lado a lado, uma apoiada na outra de maneira a firmar com maior precisão o passo, a velocidade e o sentido ao lugar a que se dirigem. No mundo contemporâneo em que a cada revolução industrial se desencadeia um processo de acumulação de capital muito mais rápido do que o anterior, o poder econômico dos Estados e da burguesia se sobrepôs às causas científicas e tecnológicas e, com isso, exacerbam o caráter dos conflitos. Numa rápida ilustração: se os gastos militares não absorviam mais de 2,5 a 2,6% do produto interno bruto de cada país no início do século XX, hoje há países que dispendem mais de 5% de seu produto nacional em artigos militares (DI SILVESTRI; PANEBIANCO; CASSESE, 1994, p. 11 e ss.): Omã, 13.73%; Sudão do Sul, 10.93%; Arábia Saudita 9.85%; Congo-Brazzaville 7.17%; Argélia 6.55%; Emirados Árabes Unidos 5.66%; Israel 5.66%; Rússia 5,64%<sup>18</sup>.

As mudanças de intenção, as revoluções no universo da tecnologia e as dinâmicas aceleradas são exemplos atuais das gigantescas transformações sociais e *psicológicas* criadas pelo pós-modernismo e que modificam radicalmente a maneira do indivíduo sentir, perceber,

---

<sup>18</sup> <https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?v=132&l=pt>, (acesso 05/07/2019).

compreender e agir no mundo. *Grosso modo*, são as mudanças da subjetividade e na ação objetiva que implicam em uma alteração nas consciências que produzem e ao mesmo tempo suportam o indivíduo livre, soberano e senhor de si mesmo, sempre estimulado a romper os vínculos com os organismos coletivos criados no interior da própria modernidade – o Estado, a cidadania nacional, a identidade local, as noções de pertença patriótica, os laços afetivos com língua. Pela ruptura dos vínculos sociais que ligam os sujeitos ao seu meio, a contemporaneidade liberta o *eu* para confrontá-lo em sua liberdade negativa.

O panorama ora esboçado não significa a expressão simples de uma realidade social fatalista, mas se resume na análise dos fatos que ocorreram a partir do final da década de 1980. Dessa maneira, procura-se dentre os referenciais teóricos as nuances dos aspectos culturais, políticos e econômicos que permitem perceber as transformações que o mundo experimenta a cada dia. O intuito de mostrar como as relações sociais modificam consonante às mudanças no senso social e no tempo histórico, e de que maneira os meios de comunicação contribuem para a mudança de perspectiva no horizonte dos eventos políticos e culturais, a intenção tem por objetivo pensar a dinâmica que implica em profundas questões das novas geometrias políticas globais e que envolve outros temas a ela associados: a) a soberania, a delimitação e o papel do Estado-Nação; b) o conceito do não-lugar e a perda de referenciais pelos indivíduos num tempo e espaço cada vez mais atomizados; c) as demandas por reconhecimento que unem os iguais e igualmente os separam os demais; d) as questões ambientais e humanitárias postas em perspectiva dos contrários entre a cultura e a natureza; e) os fluxos migratórios e o controle militar das fronteiras; f) as imensas desigualdades, os diversos interesses, os inúmeros conflitos étnico-sociais típicos de uma sociedade que se fecha aos outros, propõe formas cada vez mais brutais de controle e de contenção social.

Tais tensões e conflitos - que na contemporaneidade podem ser elencados como fundamentos das guerras globais -, possuem um nexo em comum: os esforços para a construção da não-pessoa e da figura do inimigo que, no mundo globalizado, ganham um colorido mais forte e um sabor mais amargo. Dardot & Laval (2019), qualificam essa dinâmica de desumanização semelhante a um modelo de *guerra civil naturalizada*, isto é, uma estratégia policíesca e militar pautada prioritariamente sobre a segurança nacional em que governos agenciam os elementos associados ao assunto, fato que denota a relação genésica entre o neoliberalismo e o estado de segurança. Por essa leitura, as liberdades públicas passam a ser ameaçadas desde os anos 70 sob o pretexto de políticas orquestradas por acordos

internacionais cujo objetivo era a *guerra ao crime* e a *guerra às drogas*, entretanto, após os atentados às Torres Gêmeas em Nova Iorque, a *guerra ao terror* justificou a elaboração e a efetivação *sem limites* de medidas que atentam às liberdades da democracia. Dessa perspectiva, as ameaças aos Direitos fundamentais, de terceira e quarta gerações são reais porque deparam nas políticas de segurança implementadas desde o 11/9 com um conjunto de orientações militares que transformam o cidadão num potencial inimigo interno e o imigrante numa real ameaça externa. Esse último assume, geralmente, a forma do jihadista, mas, eventualmente, podem ser estudantes, ecologistas, fazendeiros, jovens negros, indígenas, chineses, norte-coreanos, etc.

[...] para prosseguir esta guerra contra o inimigo, é importante ao governo militarizar a polícia e coletar uma massa de informações sobre a população para evitar qualquer possível rebelião. Em suma, o terrorismo de estado mais uma vez avança, enquanto a ‘ameaça comunista’, que servia para justificá-la durante a Guerra Fria, desapareceu.

A fusão dessas duas dimensões - a radicalização neoliberal e a estratégia e o paradigma militar do início da guerra de contra-insurgência da mesma matriz de guerra civil - é o principal acelerador da saída da democracia hoje. E esse casamento só é possível por causa da habilidade com o qual uma série de líderes de direita, mas também líderes de esquerda, têm empreendido para canalizar os ressentimentos e o ódio de inimigos eletivos em estilo populista, enquanto promete às massas ordem e proteção em troca do apoio à sua política neoliberal autoritária (DARDOT&LAVAL, 2019, p. 17)<sup>19</sup>

O ponto de partida da tese é a última década do século XX quando as grandes potências globais recorrem à motivação humanitária às suas intervenções bélicas e militares. Nos termos da segurança global e da nova ordem mundial – em 1990 e em 1991 os EUA tinham feito apelação por toda imprensa mundial ao sentido humanitário da guerra para justificar a expedição militar contra o Iraque movida por George Bush [pai]. Esse mesmo recurso é sucessivamente utilizado pelos os Estados Unidos e os seus mais estreitos aliados para justificar uma série de intervenções militares “preventivas” e não autorizadas pelo Conselho de Segurança da ONU: a guerra ao terror, cujas principais expressões são a guerra contra o Afeganistão - desencadeada como represália para o ataque terrorista em 11 de setembro de

<sup>19</sup> [...] to prosecute this war against the enemy, it is important for the government to militarize the police and collect a mass of information on the population to forestall any possible rebellion. In sum, state terrorism is once again advancing, while the ‘communist threat’ that served to justify it during the Cold War has disappeared.

The fusion of these two dimensions – the radicalization of neoliberal strategy and the military paradigm of counter-insurgency warfare starting from the same civil war matrix – is the principal accelerator of the exit from democracy today. And this marriage is only possible because of the skill with which a number of right-wing leaders, but also left-wing leaders, have undertaken to channel the resentments and hatred of elective enemies in populist style, while promising the masses order and protection in exchange for support for their authoritarian neoliberal policy.

2001 -, e a segunda guerra contra o Iraque em 2003. Inspirada pela estratégia do *Broader Middle East* – o projeto de converter pela democracia o mundo islâmico inteiro com a força das armas.

Trata-se de conflitos assimétricos, nos quais os instrumentos de destruição em massa são usados pelas potências ocidentais para fazer o massacre dos civis desamparados, para difundir o terror, para destruir as estruturas civis e industriais de cidades e países inteiros. Nessas guerras globais o papel das mídias é tão essencial quanto o poder das armas, nelas a indústria midiática vai além da documentação jornalística ou do registro histórico, ela consegue penetrar nas mais diversas expressões humanas a imprimir sentido ao brutal desenvolvimento capitalista contemporâneo, dar forma a uma consciência belicosa ao mesmo tempo promover a desumanização como um dos elementos principais da nova ordem mundial.

Concluimos este item, no qual procuramos expor e explicar as grandes transformações ocorridas na última década no século XX que geraram uma nova ordem mundial ordenada pelo neoliberalismo, bem como, a era do capitalismo globalizado, citando duas passagens contidas na obra **Psicologia das Massas** de Gustave Le Bon (1919, p. 84 e 88), no capítulo “Fatores imediatos das opiniões da massa”, no qual reflete o problema fundamental na modernidade e na sociedade capitalista que é a opinião pública:

As imagens evocadas pelas palavras, sendo independentes do seu senso, mudam de era em era, de povo a povo, mas são revestidas da mesma fórmula. A certas palavras se acoplam momentaneamente certas imagens: as palavras são os sinos que chamam aqueles que devem aparecer [...] A potência das palavras é tão grande que bastam termos bem escolhidos para fazer com que se aceite as coisas mais odiosas.

O que iremos analisar agora é a utilização semântica, da retórica ideológica da palavra “guerra” dentro do contexto da nova ordem mundial erguida pelos países vencedores da guerra fria, em especial os Estados Unidos, e globalização econômica e política. Uma palavra onipresente, disseminada diariamente e que serviu, e serve, para expor uma concepção de mundo que não se realiza somente nos chamados “teatros de guerra”, nos campos de batalha, como fora durante o longo processo civilizatório. A palavra guerra está presente no cotidiano da sociedade capitalista neoliberal [no curso da lógica dos processos de individualização e da dissolução da ideia de sociedade, na competição extrema por trabalho, por sucesso pessoal e na eliminação de adversários entre os mais diversos tipos de capitais]. A guerra também está presente na nova ordem mundial [no desejo de reconstrução do colonialismo pelas principais potências econômicas e militares do ocidente] e, por último, mas não menos importante, a

presença da guerra na gramática moral dos meios de comunicação de massa tradicionais da modernidade [o rádio, o cinema, o jornal, a televisão] e na internet e nas redes sociais. É uma palavra plenamente utilizada no cotidiano da sociedade capitalista globalizada, neutralizada ideologicamente naquilo que ela sempre significou no processo civilizatório: a violência política na sua forma mais bruta, extrema, mortal, aniquiladora, produtora de tragédias e catástrofes humanas.

### 1. *As mudanças da guerra na nova ordem mundial*

O herói é alguém que encara uma multidão. Na nova guerra, o primeiro a conquistar essa posição é o lançador de bombas aéreas, alguém que inclusive encara a multidão de cima.  
Karl Kraus, **Aforismos**, p. 121.

Para o historiador inglês Eric Hobsbawm –um dos sinais fundamentais do século XX é a guerra. No início do livro **A Era dos Extremos**, na abertura do capítulo emblematicamente intitulado *O século: vista aérea* [que busca expor uma visão de conjunto dos fatos e acontecimentos deste complexo século, ao mesmo tempo, expressa os paradoxos e as tragédias humanas potencializadas pelo progresso das forças produtivas que, ao invés de gerarem uma civilização humana racional e sensata, produziu os horrores das guerras e das políticas de dominação e exploração entre os seres humanos], o autor citou doze pessoas que viveram e experimentaram os grandes fatos e acontecimentos do século XX. As citações, extraídas do livro de Agosti e Borgese, contém, em sua grande maioria, a presença das guerras.

O breve século XX não eliminou a presença da guerra, ao contrário, se valeu dela em todos os momentos em que surgiram obstáculos ao desenvolvimento capitalista, mas produziu mudanças no *significado* e no *sentido* da guerra. A nova ordem mundial tem início após a Guerra Fria. O fim da Guerra Fria significa o início de um capitalismo desregulado e globalizado. O capitalismo desregulado possibilita a fantástica expansão do capital em diversos países através dos valores do neoliberalismo: a competição e a concorrência que são entendidas como o motor do progresso, embora também sejam responsáveis por uma espécie de neocolonialismo, uma espécie de neoimperialismo. Durante os anos de 1990 o capitalismo desregulado já mostrava novas contradições e, com elas, surgiram guerras com um aspecto

profundamente novo que proporcionaram ao jornal impresso [um veículo de comunicação àquela época superado pela televisão e, hoje, pelos meios digitais] reaparecer enquanto importância ideológica: através dele se explica ao leitor o que foi a guerra humanitária. Nesse momento, o jornal ganha uma nova proeminência na sociedade, rearticula as suas funções tanto quanto produtor de ideologia, como também de manipulação de emoções e de sentimentos, nesse sentido, o jornal implica diretamente na formação de consciência na sociedade contemporânea em consonância aos interesses do capital globalizado e sem regulação. O jornal passa a ter uma nova importância.

De fato, na sociedade contemporânea, as informações são tão preciosas quanto a maneira com que são transmitidas, difundidas e replicadas. Muitas vezes, a principal intenção de uma notícia ou um fato veiculado nas mídias é estimular a reação dos indivíduos através de comentários ou impressões sobre o seu assunto, assim, conforme as manifestações das pessoas ganham corpo e volume, a informação, enquanto tal, vai perdendo a sua importância na medida em que passa a ser um artifício de controle e observação das emoções e dos sentidos coletivos. E este artifício está presente em todas as grandes plataformas de comunicação, nas redes, nas mídias, em diversas páginas comerciais, institucionais ou não governamentais. Para o estrategista militar estadunidense Richard Szafranski (2020), esse elemento é fundamental para compreender as guerras contemporâneas, isto é, o que ele denomina o caráter neocortical na guerra, seu fundamento psicossocial cuja base repousa sobre o controle das imagens, dos léxicos e da sintaxe transformado em poderosa arma de guerra.

Os acontecimentos produzidos no curso da mundialização do capital e da globalização econômica e política produzem profundas mudanças nos discursos e comportamentos dos atores midiáticos. É possível dizer que esse movimento potencializa o acirramento da batalha cultural e política acerca do *sensu* da reordenação da sociedade capitalista contemporânea, numa batalha em que a formação da opinião pública e os meios de comunicação estão diretamente implicados. Parte-se do suposto que a imprensa [e os *massmedia*] procura criar uma imagem que aponta para uma ordem, uma organização de elementos que constituem o real da sociedade e, não raro, esses elementos estão carregados de emoções, sentimentos e paixões, de componentes irracionais que coabitam com a razão.

Se a mídia manipula o real, ela também é manipulada por ele – numa relação entre o real e as representações, entre o real e o imaginário social. Atualmente as mídias de maneira

geral cobrem praticamente todos os aspectos da vida humana: do acontecimento mais insignificante até o mais espetacular, as mídias compreendidas numa complexa rede de difusão da informação, do local do acontecimento ao local da recepção por seu destinatário. É um alcance relevante e que tem implicação política na produção de representações em novas e variadas formas, que entra nas disputas do poder político e, conseqüentemente, na disputa por símbolos da sociedade.

O poder político contemporâneo é estabelecido através do domínio do imaginário simbólico – a manipulação política das emoções atinge o coração de um povo, suas aspirações, seus medos e suas esperanças -, através dele uma sociedade define suas identidades, seus objetivos, seus inimigos, seu passado, presente e futuro. É no imaginário que a constituição de uma sociedade se define: o fazer de cada comunidade para si (CASTORIADIS, 1982). Entende-se que no mundo globalizado é fundamental o papel midiático para a definição e direção da sociedade capitalista contemporânea ao difundir, divulgar, manipular léxicos, imagens e símbolos da guerra. Ao transitar pelo imaginário social as mídias realizam um movimento consonante aos interesses da nova ordem mundial capitalista que se efetiva por novas guerras nas quais seus potenciais inimigos as justificam e legitimam. Em sentido semelhante, Dardot & Laval (2019) destacam os principais elementos mobilizados pelo capitalismo na contemporaneidade que em conjunto se valem da manipulação emotiva dos indivíduos, sobretudo, nos momentos de crises sociais para impor uma política econômica cuja eficácia, em última análise, depende de estratégias de guerra. Assim,

[...] o ‘novo neoliberalismo’ é uma versão original da racionalidade neoliberal, na medida em que adotou abertamente o paradigma da **guerra contra a população**. Para se legitimar, conta com a ira dessa mesma população e até invoca a ‘soberania popular’, dirigida de várias formas contra as elites, a globalização ou a União Europeia. Em outras palavras, uma variante contemporânea do poder neoliberal abraçou a retórica da soberania nacional e adotou um estilo populista, de modo a fortalecer e radicalizar o domínio do capital sobre a sociedade. [...] para impor a lógica do capital à sociedade. [...] a transformação acentua um dos aspectos genéricos do neoliberalismo: seu caráter fundamentalmente estratégico. [...] o neoliberalismo [...] é um paradigma governamental cujo princípio é a guerra contra as estruturas ‘arcaicas’ e as forças ‘atrasadas’ que resistem à extensão da racionalidade capitalista e, mais amplamente, a luta para impor uma lógica normativa às populações que não querem isto.<sup>20</sup>(DARDOT, &., LAVAL, 2019, p. 15, grifos nossos)

<sup>20</sup> [...] the ‘new neoliberalism’ is an original version of neoliberal rationality, in that it has openly adopted the paradigm of **war against the population**. In order to legitimize itself, it relies on the anger of that same population and even invokes ‘popular sovereignty’, variously directed against elites, globalization, or the European Union. In other words, a contemporary variant of neoliberal power has embraced the rhetoric of

Assim, Dardot&Laval dão um passo à frente em relação ao que haviam compreendido anteriormente, isto é, em **Never-Ending Nightmare** os autores indicam como o atual capitalismo lança mão de guerras contra a população para impor [inclusive normativamente] os seus interesses, as suas transações e os seus negócios. Podemos pensar a guerra contra a população como expressão das guerras globais cujas raízes penetram e se nutrem das angústias sociais, dos temores, da instabilidade e das crises políticas e econômicas da atualidade, uma espécie de moto-perpétuo de um pesadelo que jamais tem fim.

## 2. Os sentidos da guerra humanitária

Depois de muitos séculos, estava reservado a nós voltar a ver guerras sem declaração de guerra, campos de concentração, torturas, pilhagens em massa e bombardeios de cidades indefesas, bestialidades que as últimas cinquenta gerações já não conheceram mais e as próximas, espero, não terão de suportar.  
Stefan Zweig, **O Mundo de Ontem**, p. 9.

A guerra global apresenta diversas e profundas mudanças e transformações com relação às guerras antigas e modernas. O aperfeiçoamento das forças produtivas possibilitou a criação de uma imensa aceleração no progresso das armas bélicas de destruição em massa. A guerra tecnológica que substituiu a presença de imensos contingentes de soldados é um dos principais elementos da guerra global.

Os conflitos econômicos e políticos surgidos após o fim da Guerra Fria são sempre mais complexos e intrincados no curso da globalização econômica e política e do capitalismo globalizado. Para o filósofo italiano Danilo Zolo (2005 e 2009), o fenômeno da guerra global não deve ser analisado apenas como a expressão e uma “morfologia da *nova guerra*” e da sua dimensão global, é melhor entendê-lo como uma redefinição típica de um contexto histórico que visa suprimir o “direito internacional moderno” e que buscou, após as tragédias e catástrofes das guerras mundiais do século XX, regulamentar e conter o fenômeno da guerra na comunidade internacional.

---

national sovereignty and adopted a populist style, so as to strengthen and radicalize capital's dominion over society. [...] to impose the logic of capital on society. [...] transformation accentuates one of the generic aspects of neoliberalism: its fundamentally strategic character. [...] neoliberalism [...] is a governmental paradigm whose principle is war on the 'archaic' structures and 'backward' forces resisting the extension of capitalist rationality and, more widely, the struggle to impose a normative logic on populations that do not want it.

A guerra global combina as mais avançadas descobertas técnicas e científicas que aceleraram a potência de destruição e morte dos inimigos com a “regressão às retóricas antigas de justificação da guerra, incluindo importantes elementos da doutrina “monoteísta” do *bellum justum*” e da “guerra santa’ contra os bárbaros e os infiéis”, numa expressão: a guerra das forças do bem “contra o mal”. Nesse contexto, é fundamental a animalização e a demonização do outro para construí-lo como inimigo e suscetível de eliminação pela ação militar de grandes potências econômicas e seus aliados que se entendem investidos de uma missão contra o avanço do mal [notoriamente representado na imprensa nacional pelo “imigrante ilegal”, pelo islâmico, pelo diferente, etc.].

O infiel, o terrorista, o criminoso, a guerra não são neologismos, embora impliquem em novas sintaxes quando pensados no horizonte da contemporaneidade, de tal maneira que a crescente utilização desses léxicos pela imprensa [e em grande medida por toda a indústria cultural em suas diversas manifestações, i.e., filmes, séries, livros, música, entretenimento, moda, revistas, etc.], e a maneira como se os utilizam os meios de comunicação, permitem a inversão da realidade e a manipulação dos fatos e faz do agredido o “real” agressor.

Nada pode negar a matança pelo Ocidente de um número incontável de civis e de militares, o bombardeamento de cidades inteiras, o aprisionamento, a tortura e o assassinato de centenas de milhares de pessoas acusadas sem prova de serem militantes terroristas, a devastação da vida cotidiana de milhões de cidadãos indefesos são fatos infinitamente mais cruéis e aterrorizantes que o “terrorismo internacional” tem feito até agora e poderá fazer no futuro. *O terrorista é de fato um aterrorizado*<sup>21</sup>, escreveu Yadh Ben Achour (ZOLO, 2009, p. 35).

Partimos do suposto que ao caráter das informações veiculadas diariamente pelo planeta, o papel da indústria cultural - e, em especial, da imprensa - procura criar uma imagem que aponta para uma ordem, uma organização de elementos que constituem o real da sociedade e, não raro, esses elementos estão carregados de emoções, sentimentos e paixões, de componentes irracionais que coabitam com a razão, a perfazer os sentidos e amalgamar, quando não a penetrar profundamente, as relações sociais na era global.

Diagnóstico semelhante foi realizado pelo filósofo Alberto Burgio (2004) no livro *Guerra. Scenari della nuova “grande trasformazione”*: desde o conflito ocorrido no interior da Europa em 1997 e, principalmente, após os ataques as Torres Gêmeas em 2001, a “guerra reconquistou um lugar estável na crônica política do Ocidente”. Em tais narrativas a palavra

---

<sup>21</sup> ARCHOUR, Y. B. *Le role des civilisations das le système international*.

guerra reapareceu e permaneceu presente nas páginas dos principais jornais do mundo, usada como força retórica para os mais diversos fins econômicos e políticos. Se o fim do mundo bipolarizado promoveu a difusão dos slogans que enalteciam o Ocidente, a liberdade, a democracia, a sociedade aberta, a paz e o progresso, a realidade dos novos conflitos econômicos e políticos revelaram que “como no século XX, é a guerra, não a paz, que domina a cena no mundo” (BURGIO, 2004, p. 31). Logo, a presença da guerra na era do capital globalizado - sua escalada em diversas formas de conflitos - necessita dos papéis da imprensa como *meio* para “convencer a maioria da população das “boas razões” econômicas, políticas e “morais” das intervenções” bélicas (BURGIO, 2004, p. 47). Ao mesmo tempo, os jornais também desempenham um outro estratégico papel através da força das palavras e das imagens: a criação da figura do inimigo e das novas formas de dicotomia entre o bem e o mal.

É uma via de mão dupla em que a desumanização se transforma em um dos principais dispositivos que minam alguns fundamentos do mundo moderno – ir e vir, liberdade de expressão, direitos humanos - e aumentam as incertezas nos indivíduos, quanto maiores os sentimentos de medo, insegurança e incerteza, maior é a sua manipulação pelos empreendedores *da política de emergência* qual opera transformações radicais nos sistemas jurídico, político e econômico internacionais. Assim, para compreender como essa nova ordem mundial busca estabelecer um consenso a partir da formação de uma cultura de guerra é necessário considerar:

A presença da guerra e a sua proliferação em diversas formas a partir da guerra no Golfo [1990-1991] - ocorrida entre o Iraque e as forças da Coalizão Internacional, liderada pelos Estados Unidos e patrocinada pela ONU, com a aprovação de seu Conselho de Segurança que autorizou o uso da força militar em auxílio ao Kuwait ocupado por tropas iraquianas -; e da Guerra dos Balcãs, na ex-Iugoslávia, um conflito que se arrastou por dez anos de 1991-2001 e comportou vários episódios tais como a Guerra de Independência Eslovena [1991], a Guerra de Independência Croata [1991-1995], a Guerra da Bósnia [1992-1995], a Guerra do Kosovo [1996-1999], os conflitos no Sul da Sérvia [2000-2001] e na Macedônia [2001], além de duas operações da OTAN contra a Sérvia: *Operação Força Deliberada* e *Operação Força Aliada* [bombardeio sobre a Iugoslávia – 1999].

Em tais guerras que marcaram a passagem do século XX ao seguinte já se pode perceber quatro características típicas das guerras globais: em primeiro lugar, a assimetria entre as forças beligerantes, em segundo lugar, as implicações policiescas e humanitárias, em

terceiro lugar, o apelo étnico-religioso como pano de fundo e, por fim, a guerra transmitida e televisionada em tempo real - uma novidade que se torna parte de todos os conflitos posteriores. A partir destes dois grandes conflitos locais [Iraque e Iugoslávia] com envolvimento direto de forças internacionais, as guerras são declaradas a um inimigo cuja igualdade formal ou substantiva não é reconhecida, atualmente as guerras são concebidas como uma intervenção de política pública internacional em nome das Nações Unidas, uma instância mundial incomensurável com as reivindicações de Estados tais como o Iraque ou a ex-Iugoslávia, “incomensurabilidade que em 1999 foi reavivada sem legitimidade da ONU [...] e, em 2003, como um ato unilateral dos EUA, Grã-Bretanha e alguns outros” (DAL LAGO, 2003, p. 15).

Após os atentados de 11 de setembro em Nova Iorque, as guerras globais passam a combater o *terror*. A Guerra ao Afeganistão [2001] a segunda Guerra no Golfo [Iraque, 2003] são exemplos notórios. A *Operação Liberdade Duradoura* teve início ao final de 2001, os Estados Unidos junto à organização armada muçulmana Aliança do Norte e de outros países ocidentais [Reino Unido, França, Canadá e outros], invadem o Afeganistão à revelia das Nações Unidas. A invasão marca o início da guerra contra o terrorismo, declarada pelo governo norte-americano em resposta aos espetaculares atentados de setembro. Em 2003, a *Operação Liberdade do Iraque* uma coalizão militar multinacional liderada pelos Estados Unidos dá início a invasão do Iraque pelas tropas da coalizão. Acusado de desenvolver armas de destruição em massa e manter ligações com grupos terroristas, a Al-Qaeda, as forças majoritariamente americanas e britânicas, invadiram o Iraque, em outra demonstração de um conflito assimétrico entre as partes.

Na segunda década do século XXI, assistimos pela tv ao movimento popular que ficou conhecido como Primavera Árabe, manifestações e protestos que ocorreram em países do Oriente Médio e do Norte da África a partir do final de 2010: Tunísia, Egito,



Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã, Iémen, em menor escala, Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita e Sudão. Nestes protestos foram intensas as presenças de técnicas de resistência civil, greves, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias

sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*. Por essa razão, é compreensível o orçamento dispensado por grandes potências mundiais para o controle dos fluxos de informação da internet, o campus de Maryland da Agência de Segurança Nacional dos EUA e o U.S. Cyber Comando, representa os esforços que aquele país vem investindo ao longo dos últimos anos na construção do complexo conhecido por “centro de operações cibernéticas”<sup>22</sup>.

Ao controlar a linguagem através do domínio dos fluxos das informações, muitas agências de segurança de caráter internacional possuem condições estruturais para interferir imediatamente em quaisquer regiões do mundo sob influência dos seus dispositivos de controle conectados à rede mundial de seus canais de comunicação independente de sua jurisdição. Dentro deste contexto midiático que se vale pontualmente das condições humanitárias drasticamente afetadas, o início do século XXI reuniu as condições para o desenvolvimento das guerras globais; duas delas eclodiram na Líbia e na Síria contribuindo ao agravamento social, político e econômico desses países. Na Líbia a intervenção militar internacional, aprovada pela ONU, começou em março de 2011 com caças *Rafale* franceses e submarinos norte-americanos a atacar o país africano, em cinco meses as tropas rebeldes tomaram o quartel-general do presidente e, em outubro a rede de notícias *Al Jazeera* divulgou imagens do corpo do presidente e ditador líbio Muammar al-Gaddafi logo após sua morte sob circunstâncias ainda desconhecidas. Um fato característico das guerras globais foi registrado oficialmente na Guerra da Líbia, após a tomada de Trípoli, o Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR] fez um forte apelo para que os africanos subsaarianos fossem protegidos contra supostos ataques motivados pela cor de sua pele, em 26 de agosto de 2011, o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, António Guterres, apelou para que as populações subsaarianas fossem protegidas na Líbia, porque estavam sendo “alvejadas por causa de sua cor quando a cidade caiu nas mãos das forças rebeldes”<sup>23</sup>.

Na Ucrânia, ao final de 2013 irromperam manifestações contra o governo após sua recusa a um acordo de associação com a União Europeia, a partir daí a intervenção militar russa encontrou um terreno de fácil mobilidade para as suas tropas e ao seu discurso quais permitiram, em fevereiro de 2014, aos grupos paramilitares pró-Rússia tomarem os prédios da Presidência e do Parlamento da República. A guerra na Síria também é outro exemplo de

---

<sup>22</sup> Cf. <https://cryptome.org/2021/06/NSA-Cyber-Command.pdf> (último acesso em 13/09/21)

<sup>23</sup> “GENEVA, August 26 [UNHCR] - UN High Commissioner for Refugees António Guterres has issued a strong call for sub-Saharan Africans to be protected in Libya as reports emerge from Tripoli of people being targeted because of their colour as the city fell to rebel forces.” – **UNHCR**. concerned as sub-Saharan Africans targeted in Libya” in <http://www.unhcr.org/4e57d1cb9.html> (acesso em 01.07.16)

guerra global, justificada por valores civilizacionais quando postos em risco por um grupo extremista fundamentalmente religioso.

Em setembro de 2014, os Estados Unidos, apoiados por várias nações árabes, iniciaram a intervenção ocidental, lançaram ataques aéreos e navais contra diversos alvos do Estado Islâmico dentro da Síria. Um ano depois, as forças armadas russas lançaram seus primeiros ataques aéreos contra alvos de militantes islâmicos extremistas em solo sírio a partir de uma base militar construída em solo sírio. Com apoio aéreo extenso da Rússia, as tropas sírias renovam suas ofensivas militares nas regiões norte e central do país a prolongar por tempo ainda indeterminado as ondas de ataques, destruição e mortes na região.

Desde fevereiro de 2016 um cessar-fogo negociado em Genebra com forte influência do Conselho de Segurança das Nações Unidas colocou fim aos combates, mas sem impedir as ações militares contra organizações taxadas pela ONU como terrorista. No conjunto, tudo contribuiu para agravar sistematicamente a crise humanitária na Síria e gerar nos últimos anos um movimento migratório de refugiados em direção, majoritariamente, a Europa.

Segundo Beck (2011a), Dal Lago (2005) e Galli (2002), a globalização também acentua a proliferação da guerra em outros formatos, guerra ao terror, guerra ao imigrante, guerra às drogas, guerra ao crime organizado, guerra às epidemias, etc. Essas também seriam as características dos conflitos e das guerras mobilizadas desde os anos 70 até hoje que, conforme Dardot&Laval (2019), aos propósitos da expansão capitalista neoliberal também foram os alicerces sobre os quais se construiu a porta de entrada para uma sociedade sem direitos sociais, ambientais, digitais em que observamos, cada vez mais, seu distanciamento dos valores da igualdade, da liberdade e da fraternidade. É uma guerra permanente e assimétrica estabelecida no interior das forças do processo social e que naturaliza e esteriliza a sua presença na vida das pessoas. O marco histórico de 2001 proporcionou a mobilização, a difusão e o aprimoramento permanente da presença da guerra e de atentados por todo o mundo. E,

[...] como a guerra econômica e policial é interminável, ela exige cada vez mais medidas de coerção, o sistema de leis que legalizam medidas de guerra econômica e de policiamento são estendidas além de todos os limites. Noutras palavras, não há controle sobre o exercício do poder neoliberal pela lei precisamente na medida em que a lei se tornou o instrumento preferido

para a luta do neoliberalismo contra a democracia (DARDOT&LAVAL, 2019, p. 20)<sup>24</sup>.

A força da ideologia que difunde o “*primado da segurança*”, o controle das fronteiras, confins, portos e aeroportos, que significa em última análise a militarização do controle social, isto é, a gestão em termos *militares* [no limite, bélicos] das “ameaças” dirigidas à sociedade do exterior [infiltrações terroristas] ou do interior [células adormecidas].

A construção dos processos de desumanização do *inimigo* está presente em determinadas categorias de seres humanos e a procura de identificação de novos agentes causadores de riscos e ameaças recai sobre os imigrantes, os refugiados, os associados a periculosidades e aos agentes terroristas. Portanto, além da segurança há o primado da ação política bélica que se traduz na ação das grandes potências em agir como “polícia global” nas mais diversas regiões e criar novas formas de guerra: “guerra humanitária”, “guerra ao terror”, “guerra permanente”, “guerra preventiva”, a guerra assimétrica (DAL LAGO, 2005). Mais ainda: ao identificar e construir as ameaças como elementos que compõem as guerras globais, o capitalismo neoliberal faz por pressionar todo o conjunto de Direitos conquistados no último século em nome estabilidade regional em áreas geopoliticamente estratégicas.

A natureza antidemocrática do sistema neoliberal é em grande parte responsável pela espiral interminável da crise e da aceleração diante de nossos olhos do processo de “desdemocratização” pelo qual a democracia é esvaziada de sua substância sem ser formalmente abolida (DARDOT&LAVAL, 2019, p. 21)<sup>25</sup>.

Não obstante, ao fazê-lo o capitalismo exprime, de dentro para fora, as suas reais intenções em assegurar exclusivamente o desenvolvimento das suas forças produtivas sem encontrar resistência alguma aos seus fins, sejam essas resistências de caráter pessoal, local, nacional, regional ou, eventualmente, mundial.

---

<sup>24</sup> [...] as the economic and policing war is interminable, and demands ever more measures of coercion, the system of laws that legalize measures of economic and policing warfare is extended beyond all bounds. To put it differently, there is no check on the exercise of neoliberal power by the law precisely in so far as law has become the preferred instrument for neoliberalism’s struggle against democracy.

<sup>25</sup> The anti-democratic nature of the neoliberal system largely accounts for the endless spiral of the crisis and the acceleration before our eyes of the ‘de-democratization’ process whereby democracy is emptied of its substance without being formally abolished.

### 3. A revitalização da importância dos grandes jornais na era das guerras globais.

O preço das grandes invenções é a ruína progressiva da cultura teórica.  
Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, **A Dialética do Esclarecimento**, p. 10.

As guerras globais não apenas redefinem e criam os espaços políticos e as grandes áreas de influência entre as nações ricas e desenvolvidas e os demais países, mas também produzem diversos processos culturais que desumanizam os inimigos do ocidente, transformando-os em seres bestiais, cruéis e violentos. Pretende-se com essa tese de doutorado defender a ideia de que os nexos ideológicos entre as guerras globais [Guerra do Golfo, Guerra na Iugoslávia, Guerra contra o terror] e os processos de desumanização necessitaram, e ainda necessitam, dos jornais para a construção de uma opinião pública a altura da complexidade da sociedade capitalista globalizada: uma opinião pública que é impactada pelas palavras e imagens dramaticamente emotivas, que legitima a concepção de mundo maniqueísta e dicotômica, que adere aos valores da concepção de mundo que identifica os adversários do ocidente como inimigos, seres desumanos e brutais, que é movimentada pela retórica da indignação moral e pela necessidade imperativa da guerra como resolução dos problemas políticos.

Nosso interesse está centrado em duas frentes de investigação: 1) na análise qualitativa das manchetes e das imagens, dos editoriais e das páginas de política internacional e 2) na análise quantitativa da palavra “guerra” e de sua polissêmica utilização no intervalo temporal que cobre os anos de 1981 e 2021 [do final da Guerra Fria à retirada das tropas norte-americanas no Iraque e no Afeganistão]. No conjunto formado pelas análises quantitativas sobre as ocorrências, frequências e “migrações” dos léxicos e expressões tipicamente bélico-militares, bem como sua interpretação à luz de nosso problema, pretendemos demonstrar a validade da seguinte tese: ao contrário da percepção de que os jornais perderiam importância e relevância na era da comunicação digital e das redes sociais, na era das grandes transformações tecnológicas, econômicas, políticas e culturais, os jornais ampliaram o seu papel de influência na vida cotidiana devido à presença permanente da guerra global e dos processos de desumanização do outro.

Dito de outro modo, a presença da guerra na vida cotidiana e sua dimensão total na era do capitalismo globalizado necessita dos jornais como meio de difusão de palavras e imagens que sejam capazes de formar: 1) a opinião comum que legitima a violência organizada das

potências ocidentais em qualquer espaço, território e país, ao mesmo tempo, que demoniza, denigre, animaliza as ações terroristas, 2) a difusão midiática da política de medo e insegurança e 3) a difusão midiática da política da inevitabilidade das ações militares ocidentais em nome da paz e dos direitos humanos.

O objetivo da tese é compreender a globalização econômica e política através da proliferação das guerras globais e dos dispositivos sociais que promovem desumanização de pessoas, grupos sociais e povos em diversas regiões geográficas. A construção social da não-pessoa pelo discurso político<sup>26</sup> através da utilização de termos específicos que desumanizam adversários e inimigos - ao identificar em suas existências uma natureza brutal e odiosa aos valores do ocidente -, representa uma dinâmica cultural e política que antecede e legitima as intervenções bélicas que assistimos nos últimos vinte e cinco anos.

A tese que apresentamos problematiza um dos aspectos centrais da sociedade capitalista contemporânea cuja expressão maior deve ser entendida dentro de um sistema que se configurou a partir das novas guerras e, desde então, vem conquistando e redesenhando as territorialidades com todas as implicações de um conflito armado em diversas escalas [mundial, nacional, regional, local]: a desumanização que só pode ser compreendida no interior de uma constante construção social do outro como não-pessoa, “a desumanização efetuada [...] pela utilização de elementos étnicos para conceber quem é humano e quem não é” (BUTLER, 2006, p. 18). Noutras palavras, perseguir e matar as pessoas - por meio de processos secretos, sem acusação ou julgamento -, é um movimento que se realiza ao se conceber indivíduos merecedores de execução. Como se fosse uma questão geral a opinião pública tem colocado foco na “tecnologia do assassinato” [armas, mecanismos, táticas, equipamentos, exposição de chacinas, filmes e séries televisivas sobre guerras, etc.], o que tem servido com frequência para evitar que se examine em profundidade algo muito mais crucial: o poder do Estado sobre a vida e a morte das pessoas.

Nas guerras globais, sobretudo as de caráter humanitário, um telejornal pode se tornar uma arma mais poderosa operacionalmente do que divisões blindadas (KILIAN, 2011), através da indústria midiática a cultura da guerra global penetra nas mais sutis elaborações do discurso - ao escolher termos que parecem ter sido redefinidos para não guardar quase

---

<sup>26</sup> Discurso compreendido a partir do contexto sócio histórico e entendido como o espaço em que as Ciências Sociais, a Filosofia e a Linguística compartilham e produzem conhecimento: a *linguagem* – que é linguagem porque faz *sentido*.

nenhuma semelhança com seus significados comuns -, por exemplo, ao renomear assassinatos com adjetivos mais palatáveis, como “mortes seletivas”. Esse processo de veiculação e escolha das palavras, dos léxicos, das expressões e das imagens nas diversas mídias contribui para o fortalecimento ideológico do discurso a consolidar um determinado *consenso universal* que constrói socialmente a não-pessoa e, ao mesmo tempo, também indica a direção para a formação de um sistema político no qual a intervenção bélica é sua maior expressão.

A linguagem política difundida midiaticamente para legitimar as diversas formas de guerra e para formar um sistema político econômico e midiático que cria e legitima intervenções bélicas, tendo basicamente dois objetivos: i) legitimar a inevitabilidade dos conflitos, ii) construir a legitimação do conflito através de imagens que destacam presumíveis ações cometidas por Estados que afetam ou negam os direitos humanos. A presença da guerra na modernidade como uma situação social limite na qual os seres humanos, os recursos sociais e naturais foram e são mobilizados em sua totalidade pelos Estados. A guerra global é um fato social na medida em que expressa uma determinada ordem social e política [forças produtivas materiais, valores, mecanismos de agrupamento e mobilidade, forças destrutivas, ideologias], gera a mobilização total dos recursos sociais e naturais, pressupõe a política total - o uso das forças produtivas para reduzir o inimigo à impotência e a submissão; a criação da morte em massa, a tanatopolítica (ESPOSITO, 2009).

As novas guerras sustentam a construção de um sistema cultural que as legitima e promove através da manipulação das pulsões e paixões dos cidadãos [jornal, rádio, cinema, televisão, redes de informação]. Neste sentido, a relação entre a guerra e a sociedade deve ser compreendida como fator de mudanças sociais, de transformação da sociedade em que a complexidade da guerra no século XX produziu uma forma de guerra ilimitada, imprevisível, um fato social totalizante [totalidade dos valores e princípios organizadores da vida material e imaterial - emoções, sentimentos, paixões, das identidades e das formas de relacionamento - comportamentos, atitudes, mentalidades]. No curso da mundialização do capital, as potências ocidentais utilizam permanentemente o paradigma da guerra humanitária e efetivam intervenções militares permanentes, logo, as operações militares são partes de um processo geopolítico e geoeconômico que procura reordenar o mundo e redesenhar a política após o fim da URSS.

A pesquisa procurou compreender a desumanização como um dispositivo que articula o discurso midiático e político contemporâneo e que situa o lócus no qual a guerra se vincula

a uma noção de democracia [representativa] e mercado. Neste intuito, a pesquisa investigou as guerras globais e a construção da figura do terrorista e do inimigo, bem como, o papel ideológico dos principais jornais na justificação da intervenção bélica e, por fim, como o discurso ideológico difundido midiaticamente encontra ressonância em diversas manifestações culturais, desde as grandes produções cinematográficas [incluindo as séries], passando por propagandas, cartazes, moda, músicas, etc.

Em primeiro lugar, é preciso compreender como a guerra global psicologicamente constrói uma subjetividade passiva e imune aos efeitos do conflito armado; em seguida, como a guerra alimenta o desejo pela política de força para construir uma ordem social que contenha:

a) *O discurso hegemônico, e inquestionável, de que a segurança, a ordem, a vida pessoal e coletiva somente pode ser alcançada por meio da guerra.* A sociedade capitalista contemporânea suprime da realidade a segurança de todos os indivíduos numa dinâmica brutal que regula a relação de emprego/desemprego, ressignifica identidades, reordena a noção de comunidade e a presença/aceitação do outro, a vida contemporânea torna-se cada vez mais imersa numa *obsessão modernizante* que tem libertado as áreas da vida privada de uma regulamentação normativa e *transferida ao reino da “política da vida”* (BAUMAN, 2008). Segundo o sociólogo polonês, o mundo globalizado proporciona uma mudança angulada pelo medo causado através do deslocamento e da *ausência de liberdade ao déficit de segurança*. O último relatório do Instituto de Economia e Paz<sup>27</sup> - que monitora o índice que mede a paz mundial por meio de três eixos, o nível de segurança na sociedade, a extensão do conflito nacional ou internacional, e o grau de militarização dos países -, demonstra em números o que o autor de **Vida Líquida** afirma na entrevista de Stefano Iucci: em média o mundo sofre uma piora em todos os seus índices de paz. Além disso, acrescenta o relatório, apenas dez países do conjunto monitorado não estão envolvidos com alguma crise de segurança ou guerra propriamente dita.

b) *A política do medo e da insegurança.* Frente ao efeito da globalização que produz um acúmulo de angústias e incertezas em todos os países, sobretudo nos ocidentais, ainda são

---

<sup>27</sup> O Instituto de Economia e Paz [IEP] é um think tank independente, apartidário e sem fins lucrativos dedicado a mudar o foco do mundo para a paz como uma medida positiva, alcançável e tangível do bem-estar e progresso humanos. O IEP tem escritórios em Sydney, Nova York, Bruxelas e Cidade do México. Trabalha com uma ampla gama de parceiros internacionalmente e colabora com organizações intergovernamentais na medição e comunicação do valor econômico da paz”, tradução livre de [www.economicsandpeace.org](http://www.economicsandpeace.org), acesso em 28/05/2016.

pertinentes algumas questões referentes à identidade individual, nacional, de pertença e participação comunitária são pertinentes na medida em que nos remetem aos problemas que *nos afligem e provocam a sensação de insegurança e incerteza ambiental*. São problemas que, para Bauman, incapazes de serem resolvidos por ação de qualquer agência política existente (BAUMAN, 2008). Alimentadas por mecanismos de segregação - prisões, campos, hospitais, isolamento social, guetos, empobrecimento, etc. -, a dúvida e a incerteza são mantidas no horizonte dos sujeitos pelas condições econômicas na era global, ou pela mercantilização desses sentimentos pela indústria cultural na *esfera pública* (ARENDDT, 1995). A presença da guerra na vida cotidiana e sua dimensão total, o bombardeio midiático das ações militares e dos atentados terroristas: a formação da opinião comum que legitima a violência organizada das potências ocidentais em qualquer espaço, território e país, ao mesmo tempo, que demoniza, denigre, animaliza as ações terroristas; a difusão midiática da política de medo e insegurança; a difusão midiática da política da inevitabilidade das ações militares ocidentais em nome da paz e dos direitos humanos (DAL LAGO, 2010).

c) A legitimidade da *hierarquia do mais forte*. A arquitetura política global é criadora de uma nova hierarquia entre os indivíduos, mas, principalmente, entre países e nações – hierarquia dos povos condutores e de seus valores [exportação de valores universais do ocidente: individualismo, consumo e cristianismo]. Também no mundo globalizado a nova geografia do poder e a ampliação do campo do poder redesenham as relações políticas numa dinâmica em direção a desnacionalização e desregulamentação do espaço da ação política.

Os Estados já não são os únicos produtores de normas legais, que não sejam as que regulam interesses do mercado global (SASSEN, 2010). A natureza privada da nova geografia do poder e a sua base normativa que articula o espaço nacional numa base de ação das forças globais, amplia seus campos do poder e estabelece uma ordem institucional privada vinculada à economia global [a configuração de novas legalidades e de novos regimes legais; a internacionalização dos mercados; a lógica operacional do mercado de capital; o mundo do comércio transfronteiriço; a universalização dos direitos do capital; os direitos das empresas estrangeiras; as leis de propriedade intelectual; a universalização das noções ocidentais de contrato e direitos de propriedade; a desregulamentação das transações transfronteiriças; a internacionalização econômica; a variedade de ordens institucionais; as redes internacionais de organizações não-governamentais]. Neste sentido, Dardot&Laval apontam o final do século XX na Europa como divisor de águas de uma nova arquitetura jurídico-normativa, isto

é, a consolidação de um poder que ultrapassa as jurisdições dos estados nacionais e é, em grande parte, “independente das autoridades políticas nacionais e, a fortiori, fora do controle dos cidadãos comuns”. Conhecida como *governança europeia*, para os autores franceses, a expressão

[...] tem, é claro, a vantagem de evocar a lógica do consenso entre os atores não estatais, mais fluído e flexível do que [enformação] os atos de um “governo” - uma lógica pensada para favorecer a centralização e a hierarquia. [A governança] É um processo de tomada de decisão que evita convenientemente qualquer formalização<sup>28</sup> (DARDOT&LAVAL, 2019, p. 75).

A investigação da linguagem ideológica e midiática da guerra - que também se faz presente na política e nos movimentos sociais cujas características muitas vezes contêm elementos populistas, xenófobos e racistas - tem como objetivo analisar um sentido dúbio da própria modernidade: do espaço social e do tempo histórico no qual a construção dos direitos sociais e políticos do ser humano caminharam paralelamente com a política de dominação, exploração, submissão e desumanização de grupos, classes, etnias e povos identificados como não-homens, não-pessoas e inimigos (AGAMBEN, 1998, 2002 e 2003; GALLI, 2010; DAL LAGO, 2004; e TODOROV, 2012).

No centro da atual política de desumanização do outro - do inimigo – reina a pretensão do poder soberano de ordenar, dividir e explorar a ordem social, de agir como um novo *nomos da terra* conforme a definição de Carl Schmitt (1979), excluindo do direito e da sociedade as formas de vida identificadas como estranhas, diversas e inimigas. O processo político que gera a desumanização do outro comporta também a justificação da política de força, que emana de si tanto o ódio e a aversão ao outro, quanto à pretensão da legitimação da dominação e da exploração da natureza e dos seres humanos (MARRAMAIO, 2011).

---

<sup>28</sup> The term ‘governance’ has, of course, the advantage of evoking the logic of consensus between non-state actors, more fluid and flexible than that informing the acts of a ‘government’ – a logic thought to favour centralization and hierarchy. It is a process of decision-making that conveniently avoids any formalization.

### Capítulo III – O papel do jornal na nova ordem mundial

O primeiro dever da imprensa, portanto, é minar todas as bases do sistema político existente.  
Karl Marx, **A liberdade de Imprensa**, p. 70.

No curso da modernidade e das contradições imanentes ao modo de produção capitalista, os jornais desempenharam um papel ideológico fundamental na apresentação, por explicação da construção semântica e sintática das justificações políticas das guerras. A aversão da guerra, o temor do conflito que gera a morte e a destruição da natureza e da cultura, que sempre acompanhou a história da humanidade, hoje estão neutralizados e o jornal tem um papel fundamental nesta transformação da sensibilidade e do intelecto do indivíduo e do cidadão perante o horror que toda guerra produz. Entretanto, desde o ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, os jornais e as mídias nacionais e internacionais, de maneira geral, passaram a divulgar e a disseminar notícias associadas à guerra perpetrada pelos EUA e aliados logo em seguida ao ataque e, o mais interessante, a utilizar *abusivamente* os léxicos militares em diversos assuntos e cadernos.

O papel dos jornais está intimamente ligado à formação dos cidadãos em aceitar a guerra com tudo que ela produz: a necessidade imperativa da guerra e a legitimidade moral e política da destruição do inimigo. Ao expor e explicar a guerra global como um estado de coisas normalizado, cria-se a figura do inimigo da civilização e da humanidade e, sobretudo, é produzido um estado emocional de indignação moral nos cidadãos, as mídias em geral e os jornais especialmente, legitimam as ações bélicas e contribuem para a produção semântica da guerra que, nessa dinâmica, se normaliza. Essa construção sintática do discurso da guerra é importante, porque a guerra se torna inevitável, a guerra passa a ser benéfica, ela traz a paz e a democracia ao mundo, a guerra acaba com os inimigos como Al Qaeda, Isis, pois a guerra enfrenta os terroristas no cenário global. E são novas guerras, guerras globais feitas em diversas frentes de batalha simultaneamente: são diversas guerras, combates e ataques, nos jornais essas sintaxes e semânticas são cada vez mais utilizadas e difundidas ao ponto de neutralizar os horrores da guerra e torná-la um elemento inevitável do nosso cotidiano.

Em **A Era dos Extremos**, o historiador Eric Hobsbawm propôs como um dos acontecimentos fundamentais do início do *breve século XX* a Revolução Russa de 1917 [que,

vale lembrar, deu-se durante a Primeira Guerra Mundial, 1914-18], e a queda do muro de Berlim em 1989 como final do último século. O intervalo que corresponde ao final dos anos oitenta até os ataques às torres gêmeas em 2001, sugere uma espécie de curto período de transição a uma nova era: a do capitalismo triunfante do século XXI. A era do livre mercado, da competição acirrada e globalizada, do indivíduo soberano e egocentrado, do individualismo sem limites, das impactantes revoluções tecnológicas, do ritmo da vida sempre mais acelerado, do senso da história desmemorializado e contido no presente contínuo [no presentismo], da antipolítica. Assim, o breve século XX encerrou sua trajetória e desenhou, por um brevíssimo período, aquilo que parecia ser os novos anos dourados, mas reluzia em forja o aço ao invés do ouro.

De 1989 a 2001, os indivíduos assistiram ao vivo pela TV o início da consolidação de uma nova configuração das relações sociais inseridas numa geometria política mundial que então se formava: a escalada da guerra e uma profunda transformação da guerra como um fato e acontecimento [que tem início e fim] para a guerra como um estado permanente e sem fim (BURGIO, 2004; ZOLO, 2010; DAL LAGO, 2010; CURI, 2016). De fato, de 31 de março de 1991 a 12 de novembro de 2001, o conflito nos Balcãs parecia anunciar, numa repetição e farsa histórica - a aurora do novo mundo. Com o desmantelamento do poder soviético, os países satélites ao bloco comunista, o chamado segundo mundo, rapidamente se volatiliza no ar e as guerras civis na ex-Iugoslávia são aqui ilustração e podem ser entendidas como divisoras de águas na história das guerras, isto é, com elas dá-se o início de uma nova concepção de guerra: as guerras globais. Aquilo que ocorreu *após* 1991 descreve Dal Lago, ao contrário, é

[...] um tipo de conflito que nos acompanhará provavelmente por muito tempo: guerrilhas e contraguerrilhas em remotas áreas rurais [Afeganistão, Paquistão, Iêmen, Somália, Sudão] ou em ambientes urbanos [também no Afeganistão, Somália, Iraque, Chechênia, Líbano, Gaza, etc.] que em alguns casos são prolongados em atentados no coração do ocidente [e não apenas]; inimigos impalpáveis, virtuais, evanescentes, contudo, capazes de infligir golpes devastadores; populações caçadas nos seus assentamentos, multiplicações de campos de refugiados e requerentes de asilo; um senso de insegurança generalizado no Ocidente, amplamente explorado pela difusão de novas tecnologias de controle, uma tendência à redução da liberdade de circulação e de movimento, sobretudo, aos estrangeiros, uma hostilidade crescente nos confrontos das categorias de pessoas suscetíveis de “ser” ou de “tornar-se” nossos inimigos” (DAL LAGO, 2010, p. 13)<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> [...] un tipo di conflitto che probabilmente ci accompagnerà a lungo: guerriglie e controguerriglie nelle zone rurali più remote [Afghanistan, Pakistan, Yemen, Somalia, Sudan] o in ambiente urbano [ancora Afghanistan,

Para o sociólogo italiano Alessandro Dal Lago, as guerras globais, assimétricas por excelência, são fenômenos contemporâneos e, dentre outros aspectos, não são meros produtos da política internacional, mas são produtoras, ou melhor, são promotoras de um estado de guerra sem fim por todo o mundo. A guerra como estado, o que poderíamos chamar por *Warfare State* - usando com liberdade as categorias que Loïc Wacquant (2010) utilizou em **La fabrique de l'État neoliberal**: "*workfare*", "*prisonfare*" et *insécurité sociale* usou-as para expor as transformações do Welfare State em Workfare State e Prisonfare State - é a configuração final da política dos senhores da guerra. Historicamente, as guerras globais sucederam à Guerra Fria [1947-1989], que trazia consigo a iminência da destruição nuclear a qualquer instante, era o maior temor mundial em tempos de relativa paz. Atualmente, as guerras globais são responsáveis pela manutenção dos conflitos armados pelo mundo em tempos de sucessivas guerras. A paz já não está mais no horizonte dos conflitos contemporâneos, ao contrário, o que vemos são anúncios de efêmero cessar-fogo prontamente violado por uma das partes do acordo, quando não por ambas.

Neste sentido, no final do breve século XX tem início uma nova era que trouxe consigo mudanças culturais, sociais, econômicas e tecnológicas que alteraram radicalmente os modos de vida e implicaram, inclusive, no aprimoramento das políticas de controle das populações. A política de controle das populações, a biopolítica numa expressão cara aos foucaultianos, está por toda a parte e compõe um engenhoso complexo que vai dos campos de refugiados aos albergues municipais, dos satélites às câmeras de estacionamento, a tv por assinatura e o plano de celular, imagens, fotografias, vídeos, textos, *likes*, a *IBMinização* total da vida social. Noutras palavras, a realização da biopolítica é ampliada pelos recursos tecnológicos e pelo desenvolvimento de um novo padrão industrial pautado em nanotecnologia, em novas matrizes energéticas, na realocação de imensos recursos financeiros e materiais em áreas cada vez mais sofisticadas de pesquisa científica, experimentos que alcançam regiões distantes, espaços maiores e dimensões minúsculas daquilo que se deve conhecer. Essa complexa dinâmica contribui para a realização de um controle maior e crescente sobre o mundo, sobre as coisas e sobre os seres em escala exponencial e em saltos que se dão em conformidade às invenções e descobertas humanas.

---

Somalia, Iraq, Cecenia, Libano, Gaza, ecc.] che in alcuni casi si prolungano in attentati nel cuore dell'occidente [e non solo]; nemici impalpabili, virtuali, evanescenti, eppure capaci di infliggere colpi devastanti; popolazioni cacciate dai loro insediamenti, moltiplicazione di campi profughi e di richiedenti asilo; un senso di insicurezza generalizzato in occidente, ampiamente sfruttato per la diffusione di nuove tecnologie di controllo, una tendenza a ridurre la libertà di circolazione e di movimento, soprattutto degli stranieri, un'ostilità crescent nei confronti delle categorie di persone suscettibili di "essere" o "diventare" nostril nemici.

Tal natureza do desenvolvimento tecnológico, da mesma maneira, também modifica e potencializa a rápida difusão das mídias e das “redes sociais”. Em geral, podemos dizer que existe uma vasta oferta de produtos midiáticos que visam facilitar as nossas vidas seja através da conexão aos contatos, das agendas inteligentes, por despertadores multi horários, controladores de calorias pareados com relógios de pulso, guias de exercício e sugestão de dieta, mapas de trânsito que informam e recolhem localizações, *check in* [disfarce comum de geolocalização], videoconferências, roteiros de viagens, etc. No conjunto, são vários dispositivos de controle e manipulação racional dos sentidos e dos elementos emotivos pela via de comunicação instantânea em uma época de inúmeras formas e manifestações de informação.

De uma dada perspectiva, o desenvolvimento exponencial das mídias digitais e a integração de vários serviços em aparelhos celulares consolidou uma espécie de poder que deita as suas raízes na efetivação do controle pela ordem dada, isto é, pelo ordenamento já estabelecido. Na medida em que esse poder se reproduz - mesmo quando em notória aversão e criticidade a si mesmo -, as condições que permitem a sua existência e alimentam, assim, a sua real importância, retornam para ele aumentando ainda mais aquilo para que foi estabelecido: controlar permanentemente as populações.

Uma forma muito comum de controlar as populações é criar fronteiras ao falar em liberdade, como construir muros sob o discurso da igualdade ou, ainda, forjar tantos inimigos em nome da fraternidade. Talvez seja o máximo que a modernidade se aproximou dos seus próprios ideais e, neste caso, a guerra humanitária pode ser lida como uma síntese da tríade revolucionária e burguesa, ou seja, a igualdade, a liberdade e a fraternidade postas à serviço de outras finalidades e de outros objetivos contidos nos valores dessas palavras. De fato, o discurso contemporâneo se vale com frequência e tão somente à otimização da produtividade e à extração de mais valor por meio da autoexploração: cada indivíduo livre torna-se sua própria empresa, cujo sucesso ou fracasso só depende igualmente de si. Mas não para por aí.

Nessa nova era, cada indivíduo - pensado numa escala especificamente subjetiva - cada indivíduo se torna controlador, acusador e vigilante direto de si mesmo e indireto dos seus contatos. O que se chama de *rede social* não passa de um produto corporativo cujo fim é o controle dos sujeitos [menor cidadania nacional porque sujeito às penalidades corporativas] acima das jurisdições nacionais e sem direitos de apelação diante de um tribunal público e tudo que isso implica. Voltamos a referenciar Dardot&Laval (2019, p. 42 e ss). Em grande

medida, esses controles se valem do uso de tecnologias para armazenar informações, as chamadas *big data*, pelas quais se pode monitorar as ações e influenciar o comportamento das pessoas. Exemplos não faltam, desde os serviços de *streaming* - *YouTube*, *Netflix*, *Spotify*, etc. - que sugerem novos consumos pautados no uso pessoal da plataforma ou em informações fornecidas pelo usuário. Dispositivos de reconhecimento facial extremamente invasivos que são utilizados em aeroportos e nos espaços públicos vigiados por câmeras. Há ainda a manipulação de informações e dos fatos promovida por uma dada segmentação de determinados públicos para envio de *fake news*. Nesse sentido, é possível que o *Brexit*, a eleição de Trump e a de Bolsonaro não teriam o mesmo resultado não fosse a manipulação de informações falsas por determinados grupos de interesse.

Nesse horizonte, os jornais impressos também passaram por mudanças e sentiram em seus orçamentos o impacto que a tecnologia da informação promoveu nas primeiras décadas do século XXI. Contrariando aqueles que apostaram no desaparecimento dos jornais impressos, esse veículo de informação se atualizou, também ganhou o espaço virtual e a sua importância para a divulgação jornalística - inclusive, atualmente, os grandes jornais cumprem a função de combate às *fake news* como é o caso, no Brasil, da Agência Lupa de *fact-checking*. É pela imprensa escrita, que também circula em outros formatos, que se articulam as leituras mais incisivas da vida e do cotidiano e por ela se apresentam ao público com maior impacto e credibilidade da informação. Dessa maneira, a imprensa escrita, particularmente os grandes jornais de circulação nacional, são agentes confiáveis nos tempos das *fake news*. A imprensa escrita é um dos elementos que entram no jogo do controle das populações que também ocorre noutras esferas.

### 1. *A guerra como estado permanente e sem fim*

Meus pais não eram muito ligados em literatura e não se julgaram aptos a opinar; para eles, como para toda a burguesia vienense, era importante o que era elogiado na *Neue Freie Presse* e indiferente o que ela ignorava ou censurava. Stefan Zweig, **O mundo que eu vi**, p. 139.

Para que possamos compreender as guerras globais e os dispositivos de desumanização que a sua dinâmica exige - dentre eles, a utilização cada vez mais amplas de

léxicos específicos pela imprensa -, antes é necessário entender como se deu a passagem da guerra de Estado para um estado de guerra. Para isso, vamos voltar ao início da tese e observar mais de perto as quatro questões que sugerimos à relação entre o capitalismo contemporâneo e as guerras globais.

Começemos em ordem decrescente. A quarta questão da relação capitalismo contemporâneo e as guerras globais: defendemos que o capitalismo modifica a natureza da base física dos sinais que vêm para ele [da sociedade] através de *inputs* em seus canais de produção, distribuição, circulação e consumo; portanto, quando relevante ao capitalismo, a guerra passa a ser determinada pelos próprios interesses capitalistas e aquilo que interessa ao capitalismo contemporâneo somente é possível de ser estabelecido pela inversão da relevância entre os nominais, isto é, o desenvolvimento do capitalismo é determinado pelas guerras globais.

Podemos admitir que essa dinâmica de rápidas respostas e adaptação das relações sociais capitalistas pautadas na administração de conflitos e crises se vale da captura e manipulação dos sentidos. E, nesse movimento que estamos inseridos, são utilizadas táticas militares na manipulação e controle da linguagem, das imagens e das informações como instrumentos de guerra para atacar a mente, ferir o moral e mudar a vontade da população-alvo. Em grande medida, um conjunto de elementos que compõem nosso imaginário é “processado contra nossas fraquezas ou usa nossos pontos fortes para nos enfraquecer de maneiras inesperadas e inimagináveis<sup>30</sup>” (SZAFRANSKI, 2020, p. 407). Portanto, para a realização efetiva da administração dos conflitos e crises que definem a sociedade capitalista contemporânea, os centros de poder e os tomadores de decisão demandam um controle cada vez mais amplo sobre as mídias. São elas que possuem um papel fundamental para a captura, para a transformação e para a transmissão do senso de uma dada sociedade. Na introdução, chamamos de *sinais* e entendemos que eles estão contidos no conjunto sensorial dos sujeitos e que são capturados e manifestos pelos nossos sentidos numa espécie de via de mão dupla. Assim, a interação entre o capitalismo e a guerra é capaz de mobilizar e deslocar suas capacidades conforme seus interesses e orientações por maiores e mais rápidas formas de extração de mais valor, essa capacidade de mobilização está associada à disposição e ao controle dos *sinais* e da *linguagem*. É possível, também, interpretar e qualificar o que chamamos de *sinais* como os elementos sensoriais dispostos e extremamente intensificados

---

<sup>30</sup> It is prosecuted against our weaknesses or uses our strengths to weaken us in unexpected and imaginative ways.

durante as crises sociais. Neste sentido, a existência das crises – sociais, políticas, ambientais, sanitárias, de segurança, etc. -, a exemplo das guerras, passa a ser constante na sociedade capitalista contemporânea, porque necessárias para a justificativa política e à elaboração de planos como forma de enfrentamento e respostas que, no limite, fundamentam os argumentos de intervenção militar de determinadas nações sobre povos e regiões inteiras no mundo.

Para que a quarta questão seja observada a contrapartida dos meios de comunicação e dos jornais é a sua personificação através dos recursos e da manipulação da linguagem e das imagens. Numa expressão, cabe à imprensa personificar pela sua documentação, já que o documento é uma personagem, para lembrar



Karl Kraus. Atualmente, no Brasil e no mundo, é pelos jornais que se polemizam grandes questões políticas, econômicas e sociais cuja difusão por outras mídias, redes sociais, grupos de chats, etc., revela-se através de comentários e em conformidade aos *likes* de um determinado alinhamento, até mesmo uma perspectiva que contenha certos valores e que possam ser apropriados pela imprensa que, assim, avalia o interesse dos leitores como base informacional para decidir ou não manter uma dada pauta como forma de pressão, de condicionamento ou de desmemorização de fatos recentes.

Não é de esperar que um presente em que isto pôde acontecer veja no horror feito palavras outra coisa que não uma brincadeira, tanto mais quanto ele lhe ecoa aos ouvidos vindo das aconchegadas profundezas dos mais hediondos dialectos, e que veja naquilo que há pouco se viveu, a que se sobreviveu, outra coisa senão uma invenção (KRAUS, 2016, p. 17)

Há tempos estamos acostumados a consumir o horror como brincadeira e invenção. Esse consumo implica numa observação da nossa segunda questão, isto é, que a guerra no capitalismo está constantemente sendo reeditada, refeita, refabricada durante a existência e para a efetivação das próprias relações sociais capitalistas. Dessa maneira, o capitalismo neoliberal, ao reeditar suas guerras em formatos distintos, revela a sua gênese belicosa que está presente desde as notícias até ao entretenimento propriamente dito. Arriscaríamos afirmar - assunto que poderá ser desenvolvido em outras oportunidade e ocasião apropriadas - que

estamos passando por uma transformação radical em nossas relações, portanto, vivemos os tempos que anunciam uma mudança de ordem estética. É pelo horror transformado em espetáculo de ódio que se gestam, por um lado, as pautas políticas mundiais que resultam em fechamento de fronteiras, construção de muros e campos de refugiados, políticas de deportação e rígido controle alfandegário, a presença ostensiva de policiais e soldados em espaços específicos, políticas econômicas pautadas em rápidos processos de privatização e redução da presença do Estado na vida social, a pauperização absoluta da população junto à precarização de todos os tipos de trabalho. Por outro lado, as ações particulares esvaziam os sentidos de toda coletividade presente desde as concepções urbanísticas e arquitetônicas que orientam as políticas públicas até a configuração tanto dos espaços individuais como a inserção particular de cada sujeito ao tecido social. A construção de um muro quilométrico por parte do governo grego em agosto de 2021, serve de forte exemplo a esta questão.

No conjunto, essas mudanças anunciam uma alteração na estética burguesa contemporânea que se vale recorrentemente das guerras globais. Também contribuem para separar e segmentar em nichos de mercado e consumo as manifestações e expressões da coletividade belicamente apresentadas por segmentos pontuais, demandas específicas, movimentos determinados, falas fragmentadas, não-lugares ocupados. Ao controlar a linguagem através de uma sorte de dispositivos de comunicação cujo contorno é dado pela estética da guerra construída *pari passu* às guerras globais, o capitalismo determina uma espécie de *shatterbelt*<sup>31</sup> que permite facilmente o domínio e assimilação de todos os agentes bem como das agências que representam: nada escapa a essa dinâmica capitalista contemporânea, nem mesmo os inimigos do capitalismo.

Atualmente, podemos admitir por observação e experiência, existem inúmeros dispositivos elaborados com o intuito de ampliar o controle da linguagem e, por associação, a difusão das informações e, com elas, a veiculação das crises ou das condições da crise. Dessa maneira, a nossa terceira questão pode ser pensada para compreender como o capitalismo determina a natureza estatística da guerra. Não há melhor exemplo para essa questão que não

---

<sup>31</sup> Cinturões fragmentados numa tradução literal; em geopolítica, são as regiões em conflitos disputadas ou de grande valor para grandes potências; cf. (COHEN, 2015, p.48): A definição operacional para cinturões fragmentados usados aqui são regiões *estrategicamente orientadas profundamente divididas internamente e diretamente ligadas à competição entre grandes Estados e potências geoestratégicas*. [...] Nos cinturões fragmentados, os conflitos entre países têm maior probabilidade de se espalhar para seus vizinhos devido à natureza heterogênea da maioria desses Estados. [The operational definition for shatterbelts used here is *strategically oriented regions that are both deeply divided internally and caught up in the competition between great powers of the geostrategic realms*. [...] In shatterbelts, conflicts between countries are more likely to spread to neighboring ones because of the heterogeneous nature of most of these states].

seja a própria maneira de acumulação capitalista. Encontramos em Dardot&Laval a seguinte passagem que nos ajuda a sustentar nosso entendimento sobre a gestão das crises, das tensões e das guerras na sociedade contemporânea, cujo sistema:

[...] produz e reproduz a crise, alimenta-se dela e encontra nela o motor de sua expansão. Em tal mundo, os métodos e estratégias políticas dos governantes se concentram exclusivamente em melhorar capacidade competitiva, ela própria ditada pela racionalidade do capital que [como Marx mostrou] é o do excedente. O acúmulo de valor em um pólo da sociedade pressupõe menos no outro pólo. Essa polarização nem sempre foi tão pronunciada na história das formas de capitalismo - obrigado, em particular, à mobilização e organização dos dominados. Hoje, no entanto, tornou-se a marca registrada das sociedades neoliberais. A lógica do *dumping* prevalece no processo de competição generalizada: o *dumping* social para os assalariados; *dumping* fiscal, regulatório e judicial para empresas. Este último, com o apoio de bancos e estados, disputa 'atratividade', 'competitividade' e 'flexibilidade'. Por trás desses termos está a vitória no atacado de empresas multinacionais, que continuamente fazem lobby autoridades nacionais ou locais para incentivos fiscais, subsídios, isenções regulatórias e deflação salarial prolongada. As consequências são sociais, devastações ambientais e subjetivas que alimentam a raiva, o desespero e resignação, e que prenunciam formas políticas mais ou menos modernizadas do fascismo correspondendo à sensação de abandono sentido pelos empobrecidos populações<sup>32</sup> (DARDOT&LAVAL, 2019, p. 35).

As guerras estabelecidas nos últimos vinte e cinco anos pelas potências ocidentais, após o colapso soviético e o rápido desenvolvimento dos processos de globalização e da financeirização da economia de mercado, são expressões da guerra global. Nesse horizonte, quaisquer eventos que possam configurar ou acentuar uma situação crítica é explorado pelo capitalismo contemporâneo para, dentre outras coisas, acelerar ainda mais as alterações radicais no modo e no estilo de vida em função da miríade de dispositivos dispostos para essa finalidade. As guerras globais perpetradas *cirurgicamente* são fenômenos recentes, cujas características inauditas deitam raízes no fato de ocorrerem incessante e assimetricamente entre as partes beligerantes em todos os níveis e espaços nos quais se manifestam. Em geral,

---

<sup>32</sup> [...] produces and reproduces the crisis, feeds off it, and finds in it the motor of its expansion. In such a world, the rulers' political methods and strategies are focused solely on enhancing competitive capacity, itself dictated by the rationality of capital which (as Marx showed) is that of surplus. The accumulation of value at one pole of society presupposes less at the other pole. Such polarization has not always been so pronounced in the history of the forms of capitalism – thanks, in particular, to the mobilization and organization of the dominated. Today, however, it has become the hallmark of neoliberal societies. The logic of dumping prevails in the process of generalized competition: social dumping for wage-earners; fiscal, regulatory and judicial dumping for businesses. The latter, with the support of banks and states, vie for 'fiscal attractiveness', 'competitiveness' and 'flexibility'. Behind these terms lies the wholesale victory of multinational firms, which continually lobby national or local authorities for tax breaks, subsidies, regulatory exemptions and protracted wage deflation. The consequences are the social, environmental and subjective ravages that fuel anger, despair and resignation, and which foreshadow more or less modernized political forms of fascism corresponding to the sense of abandonment felt by impoverished populations.

as guerras globais são apresentadas como humanitárias porque assumem a tutela dos direitos fundamentais e, por esse movimento, são guerras autolegitimadas e autojustificadas por seus perpetradores. Na era da guerra global o adversário se torna um criminoso, é o inimigo da humanidade, do bem comum e da razão - motivos suficientes para se empenhar aos novos conflitos armados toda a sorte de técnicas, estratégias e instrumentos bélicos, muito provavelmente numa desproporção de forças sem comparação histórica.

De fato, a sociedade de risco descrita pelo sociólogo alemão Ulrich Beck (2011b), aperfeiçoou seus métodos de gestão do medo e das crises, fez deles a pedra angular do controle das populações e das nações pelo mundo. Segundo o pensador alemão, o controle sócio político contemporâneo efetua uma intensa disciplina social administrada pelo risco e isso implica na arquitetura de uma nova forma dos sentidos – sobretudo do tempo -, uma “sociedade disciplinada pelo risco”; e, aos nossos propósitos, a tese de Ulrich Beck, além de ser pensada como premissa fundamental às exigências de um determinado conjunto de valores eleitos pelos capitais especulativo, financeiro e de seguros, a sociedade de risco também pode ser entendida como a única condição para a consolidação do estado de guerra permanente, pois implica em uma outra modernidade na medida em que torna evidente e norteia as relações sociais e políticas – local e mundialmente - ao risco maior do conflito armado, isto é, o risco da ruptura dos limites diplomáticos dentro de uma relação enviesada pela lógica estabelecida entre amigos x inimigos.

No passado, em guerras anteriores à guerra global, os dissensos sempre se davam entre dois entes parecidos, dois Estados, dois impérios ou blocos rivais e por mais que durassem os conflitos terminavam com a rendição de uma parte e tratados impostos por outra. Atualmente o inimigo não é necessariamente um Estado, uma aliança ou bloco de Estados: na guerra global o “outro lado” pode ser um grupo, uma associação, uma etnia, uma célula terrorista, um radical, um lobo solitário. Dessa maneira, as guerras globais são combatidas contra um inimigo que geralmente se oculta e que exige total vigilância, um controle cada vez maior e, assim, essas guerras também se distinguem das anteriores porque são guerras sem fim:

Após o colapso da URSS, e na expectativa de decifrar o potencial político-militar da China, os EUA e seus aliados não têm competidores no cenário militar global. A uma expansão mundial do modelo de vida americano ocidental podem se opor ditaduras anacrônicas [como a Coreia do norte], estados “canalhas” de vários tipos [Iraque de Saddam Hussein, Síria, Irã, etc.] islâmicos ou não, senhores da guerra locais, redes terroristas, etc. Em todos estes casos, a opção militar consente em simplificar o quadro político internacional, enquanto não somente elimina *cirurgicamente* focos de

desordem ou de conflito, mas funciona também como aviso e dissuasão nos confrontos com estados terceiros [por exemplo, a Rússia, mas sobretudo, a China] que cultivam a ilusão de uma autonomia, e mesmo de uma possível supremacia, política e estratégica. *O uso da força se configura em todo caso como solução imediata de problemas* e não comporta, principalmente, algum reconhecimento *político* do inimigo [e, portanto, de tréguas, acordos, etc.]. À assimetria militar e tecnológica corresponde, de fato, uma espécie de assimetria antropológica. (DAL LAGO, 2010, p. 118)

A guerra global desempenha diversas funções na era do capitalismo globalizado: a) eliminar cirurgicamente focos de rebelião que possam colocar em desordem o cenário local e internacional favorável aos interesses dos EUA e das potências ocidentais; b) ameaçar outros países que futuramente entrem em rota de colisão com os interesses dos EUA e das potências europeias; c) impedir que se configure uma nova superpotência no século XXI; d) reconhecer a figura do inimigo aos grupos em luta e aos Estados que desejem ter autonomia, e) impossibilitar mudanças na distribuição da renda global para os países emergentes ou que se rebelam com as condições sempre desfavoráveis das trocas econômicas.

Umberto Curi, professor emérito de História da Filosofia e docente da Universidade de Pádua, inicia seu último livro intitulado **Os filhos de Ares. Guerra e terrorismo**, com a citação da frase “Nada será como antes”, pronunciada após dos atentados de 11 de Setembro de 2001. Seu interesse é o de mostrar como uma frase, repetida permanentemente pelos atores políticos e pelo sistema midiático, expressa, paradoxalmente, um estado permanente de conflito e, sobretudo, de guerras e atentados. Para Curi, os acontecimentos políticos ocorridos de 11 de Setembro de 2001 até 13 de Novembro de 2015 [Paris] foram e são analisados de modo *oportunista, retórico e superficial*, o que corrobora na permanência da incompreensão e da pseudocultura e da política do medo e da insegurança em escala global. O oportunismo [das forças políticas e militares que enfatizaram que o problema do terrorismo seria resolvido em poucos dias através da guerra, ocultando as raízes históricas profundas que o determinam], a retórica [desenvolvida pelo sistema midiático, que manipula as emoções em detrimento de análises racionais apoiadas em avaliações objetivas dos fatos] e a superficialidade [a difusão de análises apoiadas em lugares comuns, estereótipos, oxímoros e eufemismos] expõem a “pobreza cultural da resposta ao terrorismo”, a “miséria cultural” e a “preguiça mental” (CURI, 2016, p. 8) nas análises e informações acerca da guerra e do terrorismo.

A extraordinária complexidade dos processos de globalização, os densos problemas do terrorismo, da emigração em massa, a extrema desigualdade na distribuição dos recursos em todos os países, forma um complexo contexto histórico que deve ser compreendido em sua

integridade. A nova ordem mundial, potencializada pela mundialização do capital, potencializou choques e conflitos econômicos, políticos e culturais, bem como, gerou a devastação e degradação da água e da terra, a poluição do ar, ampliando a extrema desigualdade entre os países ricos e os países pobres, bem como, entre os ricos e os pobres em todos os países. Para Curi, a extrema e inimaginável desigualdade de renda e de recursos entre países e pessoas impõe a necessidade de analisar a causalidade entre a assimetria de renda e oportunidades e o fenômeno da guerra na era global.

Para Umberto Curi, a guerra global é uma guerra permanente, ilimitada, extrema, cuja função mais importante é garantir às potências ocidentais e as grandes corporações transnacionais: 1) a manutenção da liderança e hegemonia econômica, política, moral e cultural, 2) a manutenção do “estilo de vida norte-americano”, explicitamente exposta por Bush em 24/06/2002, no qual o presidente norte-americano afirmou que “O estilo de vida dos cidadãos norte-americanos não é negociável” (*apud* CURI, 2016, p. 41). Os dois fundamentais eixos da guerra global implicam no controle e domínio das áreas estratégicas geopolíticas e geoeconômicas para que os negócios e as produções de mercadorias continuem tendo o seu fluxo sempre favorável aos países ocidentais e para as corporações transnacionais, o que amplia as desigualdades de renda, recursos e bens entre os países e dentro dos países.

A complexidade da sociedade capitalista na era da globalização econômica e política necessita da construção social de uma nova gramática moral, de uma nova linguagem que possa efetuar a naturalização da guerra como estado permanente na opinião pública dos mais diversos países. Uma profunda *batalha cultural e política* que produziu, difundiu e materializou no comportamento e mentalidade das pessoas comuns a “*preventive war*”, a “*Enduring Freedom*”, a “*Infinite Justice*”, a “*Infinite War*” (CURI, 2016, p. 38). Os jornais impressos e televisivos desempenharam, e desempenham, um papel ideológico fundamental na era do capitalismo globalizado da criação de uma opinião pública que assimile, dissemine e defenda a guerra contra os inimigos da democracia, do ocidente, da humanidade, da civilização.

Não deveria ser necessário sublinhar que não se trata de sutilezas linguísticas. É evidente, ao contrário, que a insistência com a qual as locuções como aquelas citadas estão presentes nos documentos oficiais e nos discursos dos expoentes notáveis da Administração Bush demonstra que elas identificam o eixo principal da nova estratégia americana: uma concepção de guerra como *estado*, ao invés de ser um *evento* isolado; como perspectiva *durável*, ao contrário de estar circunscrita *no tempo*, como modalidade *permanente* de relação com os “Estados Canalias”, bem como com qualquer outro que ameace a *leadership* das estrelas e das listras sobre todo o mundo” (CURI, 2016, p. 39).

Na nova linguagem semântica da guerra global, as locuções e sintaxes efetuam a reificação da guerra e sua plena aceitação por parte dos indivíduos e do cidadãos, dos grupos e classes sociais. Para o filósofo Alberto Burgio (2010, p. 8), as grandes transformações que ocorrerem a partir da última década do século XX, e potencializadas pelos trágicos ataques as Torres Gêmeas em 2001, ampliaram a presença da guerra nas diversas esferas sociais:

A dissolução da Iugoslávia promoveu o retorno da guerra no coração da Europa, impedindo de arquivar a primeira guerra do Golfo como um curioso incidente. A primeira Intifada obrigou o mundo a olhar a face do conflito israelense e palestino, a longa mancha de sangue que o margeia e que não parece ter fim. O ataque às Torres Gêmeas e a “punição” prontamente infligida ao Afeganistão colocaram com clara conexão que a guerra reconquistou um posto estável na crônica política do Ocidente.

Na era do capitalismo globalizado, a escalada da guerra em diversos países foi acompanhada pela escalada da *linguagem* ideológica que as legitimavam através de imagens e a palavras estrategicamente expostas nos jornais impressos e televisivos. Uma nova batalha cultural e política posta em marcha nos Estados Unidos e seus aliados na Europa, em primeiro lugar a Grã-Bretanha, que defendia a guerra através de novas palavras e semânticas: guerra *humanitária e preventiva* [Bósnia, Kosovo], guerra *justa* [Primeira invasão ao Iraque] guerra *ao terror, preventiva, sem fim* [após os atentados de 2001]. Acerca da morfologia da guerra global, Zolo (2007, s/p)

E é igualmente significativo que atualmente é proposto novamente na cultura anglo-americana a doutrina do *bellum justum*. Trata-se de uma doutrina medieval, tipicamente imperial, que supõe a existência de um poder e de uma autoridade acima de toda outra autoridade. Exemplar, neste sentido é o documento de sessenta intelectuais estadunidenses que imediatamente aderiram e defenderam como *just war* a guerra dos Estados Unidos contra o “eixo do mal”; Reemerge, assim, a antiga crença judaico-cristã pela qual o derramamento de sangue dos inimigos pode ser moralmente recomendado, se não até mesmo exaltado porque é a vontade de Deus. A atividade de polícia internacional que a potência imperial desenvolve usando os meios de destruição de massa requer a potencialização da persuasão comunicativa fundada em argumentos teológicos e éticos e não simplesmente políticos. A guerra é justificada pelo ponto de vista superior e imparcial, em nome dos valores que se acredita devem ser compartilhados por toda a humanidade. A guerra é apresentada como o instrumento principal de tutela dos direitos humanos, da expansão da liberdade, da democratização do mundo, da segurança e do bem-estar de todos os povos<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Ed è altrettanto significativo che oggi venga riproposta nella cultura angloamericana la dottrina del *bellum justum*. Si tratta di una dottrina medievale, tipicamente imperiale, che suppone l'esistenza di un potere e di un'autorità al di sopra di ogni altra autorità. Esempio in questo senso è il documento dei sessanta intellettuali statunitensi che ha tempestivamente sponsorizzato come *just war* la guerra degli Stati Uniti contro l'"asse del male". Riemerge così l'antica credenza ebraico-cristiana per la quale lo spargimento del sangue dei nemici può

A guerra global necessitou, e necessita, dos jornais impressos e televisivos, bem como das novas formas de comunicação digitais, para apresentar novos perigos como o terrorismo e o terrorista internacional, os grupos sociais e as classes sociais inimigas, os novos atores políticos identificados como ditadores e manifestações atualizadas de Hitler, os riscos e as ameaças desestabilizadores do senso da realidade no Ocidente no século XXI. Nas manchetes e imagens dos jornais, a linguagem política da força em seu ponto mais extremo que é a guerra, aparece como uma manifestação da justiça, da liberdade e da humanidade. Logo, o ideário de uma era de paz e prosperidade, criado no início da globalização e da nova ordem mundial, não somente foi efêmero, mas era, desde a primeira manifestação retórica e ideológica, a afirmação da guerra:

Erraram aqueles que em 1991 sonharam com um mundo pacificado. Ao contrário, os inimigos se multiplicam: alguns estão na porta de casa ou já estão dentro, outros se preparam para choques mortais. Como no século XX, é a guerra, não a paz, a dominar a cena do mundo. (BURGIO, 2004, p. 31)

A retórica da guerra como humanitária, preventiva, infinita, busca convencer a maioria da população acerca das razões para a intervenção bélica, seja ela uma ação localizada, seja o estado de guerra permanente. As retóricas da insegurança e das ameaças, do medo e do terrorismo, formam os limites emotivos e cognitivos dentro dos quais a opinião pública é diariamente formada e estimulada a reagir favoravelmente à guerra. Logo, a retórica da guerra, polissêmica e difusa, não apenas criou a figura do extremamente outro e do inimigo do mundo ocidental, mas também gerou, e está gerando, a militarização da sociedade:

Entre outras coisas, já conhecemos, com relação os resultados obtidos pela estratégia americana adotada após os atentados de 11 de setembro de 2001 e, mais em geral, das consequências de dos fatores distintos entre si mas conectados: a nova fase de guerra permanente, inaugurada pela primeira guerra do Golfo [sobre o plano externo] e a militarização das práticas de repressão do dissenso social e dos movimentos migratórios [sobre o plano interno]. Nos bastidores do desencontro entre os Impérios do Bem e do Mal e da “guerra ao terrorismo” e à imigração “clandestina”, há um *mundo desconhecido* que envolve as formas do governo político e do controle social na sociedade ocidental e que vê uma drástica compreensão dos espaços da liberdade, frequentemente violados das garantias jurídicas, modificações regressivas das constituições. (BURGIO, 2004, p. 124)

---

essere moralmente raccomandato, se non addirittura esaltato perché voluto da Dio. L'attività di polizia internazionale che la potenza imperiale svolge usando mezzi di distruzione di massa richiede un potenziamento della persuasione comunicativa fondata su argomenti teologici ed etici, non semplicemente politici. La guerra viene giustificata di un punto di vista superiore e imparziale, in nome di valori che si ritengono condivisi dall'umanità intera. La guerra è presentata come lo strumento principe della tutela dei diritti dell'uomo, dell'espansione della libertà, della democratizzazione del mondo, della sicurezza e del benessere di tutti i popoli.

A guerra global possui uma nova morfologia e semântica: ela é realizada entre Estados, mas também entre coalisões de Estados e organizações não-estatais, sujeitos religiosos e políticos, é uma guerra permanente e ilimitada, afirmada retoricamente pelos países ocidentais através de discursos morais e éticos para combater a presença do mal no mundo, uma ação humanitária, virtuosa e inquestionável. Para se efetivar permanentemente sem limites ela prescinde da resignificação constante das suas agressões, quanto da reedição da doutrina da guerra justa [*justum bellum*] em novos sentidos. Não havendo contenção para a guerra entre o bem e o mal, sua motivação humanitária consegue mobilizar enormes recursos materiais e despender grande energia intelectual para levar a cabo e ter em seu favor uma elevada dose de “consenso universal” construído sobre as bases do desenvolvimento da civilização ocidental e da defesa da paz mundial - embora permita o uso da força e da intervenção bélico-militar em caso de grave violação dos direitos do homem por algum Estado, grupo, doutrina religiosa, associações ou Estados não reconhecidos:

A dimensão da guerra tende, portanto, a absorver a totalidade da nossa existência, ainda quando não somos diretamente envolvidos [...] A situação contemporânea pode ser definida como a inscrição da guerra no horizonte ordinário da vida da sociedade global. Quer se trate dos conflitos de longa duração [Iraque, Afeganistão], quer seja de explosões periódicas [Paquistão], é possível dizer que uma ideia estratégica de pacificação seja impensável: a ordem global é estruturalmente instável, como se os custos humanos [limitados para nós, ilimitados para eles] dos conflitos fossem considerados condições inevitáveis, antes necessária, da hegemonia global. (DAL LAGO, 2010, p. 13)

Em uma situação de crescente globalização do horizonte político e das comunicações, a motivação humanitária hoje é particularmente eficaz porque permite contrapor à opinião pública mundial e à ética universal um particularismo - Estado, terrorista, regime político radical, etc. - que se pretende atacar. Fabio Mini, general e ensaísta italiano, afirma que estamos vivendo, ao nível global e pela primeira vez na história humana, o “tempo da guerra”: “a estação na qual a guerra, como acontecimento mental e em todas as suas formas visíveis e invisíveis, parece representar a única resposta aos problemas das relações entre os seres humanos” (MINI, 2013, p. 86).

O intelectual italiano Fabio Mini vai além e aponta outras características que marcam os conflitos armados da atualidade, neles os atores, os promotores ou os provocadores das novas guerras são cada vez mais “as instituições supranacionais, econômicas e financeiras, as organizações não governamentais, as corporações nacionais ou multinacionais, os órgãos de inteligência, as máfias, as companhias de seguro, os clubes e grupos de pressão privados”

(MINI, 2013, p. 86). Fabio Mini em **A Guerra Depois da Guerra**, afirma que muitas intervenções armadas destes últimos anos “têm tido como principais beneficiários não os Estados, mas o sistema econômico cultural e determinadas corporações”, segundo o general, basta constatar o número de multinacionais e quantas são as instituições financeiras por trás das intervenções militares para se entender qual tipo de interesse se persegue na era da Guerra Global, “a paz tornou-se hoje a mãe de todos os álibis”.

Os conflitos militares atuais não objetivam anexar ou expandir o território para efetuar uma colonização, nem envolvem Estados com semelhantes capacidades tecnológicas bélicas, a guerra não é mais um enfrentamento entre sistemas semelhantes e simétricos, mas é uma “luta assimétrica nos fins, na força, nas armas e nos níveis de intervenção”. As guerras globais se valem cada vez mais do uso da força exercido por exércitos privados, companhias de mercenários, a alimentar uma dinâmica que tende a esvaziar a importância da diplomacia e da política.

Ao se autolegitimar e autojustificar como guerra humanitária ou de prevenção, a guerra global passa a ser o *único meio de toda ação da política internacional*, a imparcialidade formal das instituições internacionais – não somente a ONU, também o G8, a OTAN, a União Europeia – ao particularismo dos interesses nacionais ou étnicos perseguido nos conflitos também denota que nem mesmo esses organismos são politicamente neutros nem estruturados segundo critérios normativos universais. Ainda caracterizam a era da guerra global a polissemia da guerra e o retorno da guerra extrema.

A guerra mais “devastadora e hipócrita” que visa impor valores, estilos de vida, sistemas políticos e econômicos, ideias e ideologias. A guerra “econômica”, de “informação”, de “manipulação psicológica”, de “símbolos”. O extremismo, a guerra total: a guerra confessional, religiosa, ideológica, sem limites. O retorno da cruzada, da guerra santa e justa que associada à política militar tende a despotencializar o uso dos instrumentos *soft* da força como a diplomacia, a dissuasão, a cooperação e a garantia, para se tornar cada vez mais violenta e destrutiva, a criminalizar o inimigo, não reconhecendo seus direitos, razões e a legitimidade do adversário (MINI, 2003). A guerra global é ilimitada, desregulamentada, e está disseminada no cotidiano: nas linguagens ideológicas dos jornais e telejornais, nos atores políticos, nas manifestações violentas e intolerantes contras grupos sociais minoritários e subalternos nas ruas e nas cidades, na linguagem política racista e xenofóbica, chauvinista e populista.

O que está materialmente associado ao fenômeno contemporâneo das guerras globais, gravita em torno dos dispositivos de desumanização diretamente implicados nas novas geometrias do poder global. Dentre os dispositivos de desumanização, aqueles associados à difusão de novos sentidos dados às palavras e imagens são os principais, pois operam nos sujeitos a assimilação dos significados através da intensidade das informações e dos estímulos – signos - que divulgam.

O ódio entre um país e outro, entre um povo e outro, entre uma mesa e outra ainda não nos assaltava todos os dias a partir das manchetes dos jornais, ainda não separava as pessoas das pessoas e as nações das nações; aquela noção de manada, de mera massa, ainda não era tão nojentamente poderosa na vida pública como hoje; a liberdade na ação individual era tida como algo natural, o que hoje é inconcebível; a tolerância ainda era louvada como uma força ética e não, como hoje, desprezada como fraqueza.(ZWEIG, 2012, p. 39)

Assim, a veiculação e propagação de certos léxicos pela imprensa e, principalmente, ao apelo que a nova linguagem política faz dos discursos de ódio - geralmente associados às mudanças de sentido das palavras -, é uma dinâmica que se apresenta como a manifestação mais evidente e, ao mesmo tempo, o terreno mais fértil em que se cultivam os dispositivos de desumanização. Ao aceitar o *hate speech* como uma expressão da nova linguagem política dirigida ao outro, ao imigrante, ao diferente e ao inimigo, considera-se a eficácia política desse tipo de discurso em traduzir os sentimentos das pessoas em momentos de grande insatisfação popular e profunda crise econômica e, dessa tradução, efetivar as políticas de austeridade e de perda de garantias sociais. O *hate speech* é a forma de manipulação ideológica que levaram ao poder a extrema direita em diversos lugares do mundo: EUA, Áustria, França, Argentina, Brasil, são exemplos notáveis desse movimento.

O estrategista militar estadunidense Richard Szafranski dedicou parte significativa de seus estudos para a compreensão e o desenvolvimento de táticas de guerra psicológica que ele reuniu sob o conceito de guerra neocortical. Para ele, “competição, conflito e resolução de conflitos são características permanentes da condição humana”. O observador atento da geopolítica estadunidense percebeu a mudança da guerra após a queda da URSS:

[...] [a] guerra neocortical rejeita a noção de que a guerra é uma aberração. Aceita que o conflito nunca terá fim e que devemos investir recursos para vencer seus compromissos intermináveis. A Guerra Fria pode ter acabado, mas a guerra fria deve ser o objetivo. Conseqüentemente, as forças militares devem se imaginar não apenas como “forças armadas”, mas como elementos de “forças de segurança nacional” maiores na guerra neocortical. A segurança, para nosso desgosto, não surge das armas, mas as armas surgem

da insegurança. Conceitos de segurança ou insegurança existem na mente<sup>34</sup> (SZAFRANSKI, *idem, ibidem*).

A política da insegurança e do medo é o que alimenta um amplo mercado desde muito orientado por uma sintaxe de guerra – conquistar clientes, combater a concorrência, cobrir a oferta, etc. – que a tudo coisifica e mercantiliza de tal maneira que, as palavras assim também são transformadas em mercadorias valiosas num conflito que “nunca terá fim”. Em certo sentido, é o que ajuda a explicar o mantra do caráter perene da sociedade capitalista, isto é, uma sociedade em que o desenvolvimento é positivamente *sempre* crescente, a economia é *sempre* superavitária, o sujeito é *sempre* feliz, *sempre* jovem e *sempre* saudável.

Desse horizonte pesamos o conjunto de nexos intimamente associado aos fenômenos situados no interior da própria dinâmica do desenvolvimento econômico capitalista. Através de uma constante reelaboração política e cultural [isto é, da linguagem, dos léxicos e de neologismos], aprimoram-se a eficácia dos meios de extração rápida e fácil de diversas riquezas cruciais à existência do capital enquanto relação social. Alguns exemplos de ressignificação dos símbolos e signos dos fenômenos da contemporaneidade pela indústria midiática têm por objetivo atingir diretamente o núcleo semântico por onde se gestam, dentre outros problemas: a) as políticas imigratórias, que faz do imigrante um invasor; b) as perdas de garantias sociais relativas ao direito - em especial aos de terceira e quarta gerações -, que são entraves ao desenvolvimento econômico; c) a criminalização de movimentos sociais, reportados como baderneiros, promotores de balbúrdia e vadiagem. Essas três dimensões em que agem os dispositivos de reelaboração e ressignificação da história, atualmente justificam e legitimam políticas de maior austeridade econômica, o fim do Estado de bem-estar social, o fechamento das fronteiras, a construção de muros, a reorganização da extrema direita, do nacionalismo e dos partidos nazi-fascistas.

Devido ao amplo escopo que a pesquisa exigiria para sustentar a enorme tarefa e tendo em vista os limites do trabalho, a abordagem dos temas acima se deteve e se realizou através da identificação dos *menores fragmentos* que os compõem, os perpassam ou que os tangenciam tendo em vista os temas já apresentados. Entendemos por *menores fragmentos* o léxico, a maneira com que é utilizado e a intensidade do seu uso. Noutras palavras, a tese

---

<sup>34</sup> [...] neocortical warfare rejects the notion that warfare is an aberration. It accepts that conflict will never end and that we must invest resources to win its endless engagements. The Cold War may be over, but cold war must be the goal. Hence, military forces must envision themselves not just as “armed forces,” but as elements of larger “national security forces” in neocortical warfare. Security, much to our chagrin, does not emerge from arms, but arms arise from insecurity. Conceptions of security or insecurity exist in the mind.

procura nos fenômenos contemporâneos os principais elementos que os sustentam enquanto ideia e prática sócio-política: busca compreender como se realizam possíveis tessituras e arranjos entre as inflexões em nível global com as manifestações locais, pontuais e em seus menores detalhes. Para isso, propõe-se observar a ocorrência de expressões especificamente ligadas à guerra em dois grandes jornais de circulação nacional e, a partir da constatação do aumento e da variabilidade com que se aplicam determinadas palavras bélicas em universos completamente avessos ao universo marcial, vem à tona a principal hipótese da pesquisa: a utilização de termos associados ao mundo da guerra pela imprensa nacional contribui para a mudança de senso histórico nos sujeitos e implica na sua aceitação de políticas restritivas na medida em que o *outro* passa a ser entendido por *inimigo* e como obstáculo ao sucesso do *eu*? Ao se tornar inimigo - o pobre, o imigrante, o infiel, o diferente - mudam-se no mesmo instante os principais aspectos presentes no cotidiano dos povos contemporâneos e que compõem as suas vidas, povoam os seus lugares e permeiam os seus espaços como que a amalgamar os seus sentidos, uma mudança radical se opera nos seus valores e na compreensão do próprio tempo e do espaço.

A dinâmica da desumanização e da construção ideológica da não-pessoa produz uma nova subjetividade e uma nova ordem social: a subjetividade formada pela utilização calculada politicamente do medo e da intolerância, da xenofobia e do racismo, possibilitando a construção de uma ordem mundial desigual, excludente, hierárquica e inédita. Uma ordem mundial cuja novidade radica no afastamento cada vez maior da democracia moderna desenvolvida entre 1945 e 1975 - baseada no equilíbrio entre as forças sociais e políticas, na participação da classe trabalhadora na política da indústria e do Estado, no papel do Estado social em promover a mediação entre as oposições vivas na sociedade e gerar uma potência unificadora de acordos e compromissos sociais, em distribuir a renda, em reconhecer a importância do trabalho na identidade pessoal e social. O dinâmico processo de destruição da democracia moderna, posto em prática ao final dos anos setenta - amplamente desenvolvido nos anos oitenta e noventa - não apenas esvazia o Estado social e o transforma em um Estado penal (WACQUANT, 2001), mas promove a contração dos direitos sociais e econômicos e dos direitos humanos fundamentais.

A crítica à desumanização como um dispositivo parte dessas duas expressões fenomênicas que se interpenetram e podem ter interesses comuns. Desde o final do século XX, mais precisamente após os atentados de 11 de Setembro de 2001, é iniciado um processo

de proliferação sistemática de ideias políticas populistas, xenófobas, racistas e belicistas nos mais diversos movimentos sociais e partidos políticos do Ocidente (DAL LAGO, 2004; TODOROV, 2011 e 2012), e a maneira como isso vem ocorrendo também pode estar intimamente associada ao papel que as mídias [os *mass medias*, em especial] têm desempenhado atualmente junto à opinião pública.

Por um lado, essa íntima associação responde aos acontecimentos sem precedentes ocorridos nas últimas décadas que tornam as relações internacionais *incertas e inseguras* - ao aumentar exponencialmente a complexidade das comunicações, da tecnologia e das conexões das sociedades na era global, bem como o acirramento das disputas geoeconômicas e geopolíticas após o fim do bipolarismo e o início da globalização econômica e política, forma-se uma nova ordem mundial *imprevisível*. Por outro lado, dada a imprevisibilidade das ações econômicas e políticas, cada vez mais é necessária a ação midiática para estabelecer um *mínimo* sentido que legitime os movimentos das forças sociais e políticas nacionais ou transnacionais. Dessa maneira, as mídias, em todo o mundo, geram um léxico [e um nexo] global que tanto contribuem para *legitimar* as ações bélicas e militares das potências ocidentais [seja como xerifes da ordem global, como disseminadores da paz e da civilização, ou como senhores do mundo], quanto para *deslegitimar* ações de qualquer grupo ou país que crie obstáculos à expansão dos valores ocidentais: a democracia, o livre comércio, o individualismo.

Para diversos autores contemporâneos (PRETEROSSO, 2004; TERZANI, 2002; DAL LAGO, 2003; e GALLI, 2002), a guerra é a continuação da política e a política é a continuação da guerra são fórmulas contidas na *política global*, de modo que, atualmente, é possível dizer que a ação política *é a continuação da guerra global com outros meios*. Assim, os nexos entre a globalização econômica e política e os processos de proliferação da guerra podem ser percebidos desde o final da Guerra Fria. Para Dal Lago, as guerras globais possuem “objetivos heterogêneos” geopolíticos [desde a conquista de território na Palestina até a eliminação de insurgentes e inimigos] e geoeconômicos [desde o desejo de restabelecer uma espécie de neocolonialismo até a contenção de desenvolvimento de novas potências econômicas], mas apresentam um denominador em comum: “a violência militar, isto é, a imposição da escolha política com a força das armas, aparece como uma resposta contínua, normal, cotidiana em um quadro político em evolução” (DAL LAGO, 2005, p. 21).

A presença da guerra na vida contemporânea é ubíqua: nas mídias, nos filmes de entretenimento, nas programações de televisão, nos *bestsellers*, nos *games*, nos brinquedos, na linguagem política, a guerra global produz a “militarização da informação”, a “militarização da cultura”, a “militarização das fronteiras”, a “militarização da sociedade” (DAL LAGO, 2005). Portanto, à maneira em que se tornam mais complexas as relações na contemporaneidade – sejam elas de caráter político, cultural ou econômico – as suas existências sociais se efetivam numa dinâmica de sociabilidade que produz a publicização e a midiaticização de determinadas palavras e imagens como momentos constitutivos de suas existências efetivamente sociais e políticas.

Em síntese, a pesquisa sustenta a tese que a construção social do inimigo, da não-pessoa - cuja dinâmica se inicia na metade dos anos setenta e é dilatada no novo século em proporções cada vez maiores -, deve ser entendida em três grandes movimentos complementares: 1) o sentido do discurso ideológico da necessidade imperativa da guerra global [seja ela humanitária, preventiva ou em resposta aos atentados terroristas], 2) a difusão da legitimidade da guerra em matérias, artigos e conteúdos imagéticos nas mídias e 3) a objetivação da informação e do universo da guerra que se constata pelas próprias imagens, pelos discursos, os temas, as músicas, etc. Isto é, em produtos da indústria cultural ou, em outra chave, em elementos que formam um *lócus* específico do qual se articulam, produzem e se difundem perspectivas cujo núcleo em que se consubstanciam – ainda que se mostrem propícias às diversas questões identitárias – carrega consigo em grande medida a lógica de Carl Schmitt que se pauta pela relação amigo vs. inimigo. Numa leitura mais recente de Fabio Mini, para o intelectual e general italiano, a chave para o entendimento dessas questões passa pela lógica marcial contemporânea. Como é que na consciência coletiva e na opinião pública, esses fenômenos, embora se manifestem como um *déjà vu*, são naturalizados e normalizados porque “assim é a guerra”? (MINI, 2012).

Nosso eixo principal é a proliferação das guerras globais nas primeiras décadas deste século que permite e legitima a militarização da ação política enquanto questão interna e externamente aos territórios nacionais. Nesse movimento, o fenômeno da desumanização pode ser pensado como um dispositivo para compreender uma questão social existente na era global: tanto a guerra quanto a sua dinâmica entendidas em determinadas expressões - o “inimigo”, o “combate”, a “invasão”, a “ocupação”, a “marcha”, o “massacre”, a “chacina”, o “atentado”, a “explosão”, o “terror”, o “terrorista”, etc. -, se apresentam como forças

ideológicas no discurso midiático e estão presentes nos meios de comunicação que atravessam as fronteiras e grassam o cotidiano nos diversos países desenvolvidos e em desenvolvimento do Ocidente. Se a língua bate onde o dente dói, tomemos a relação entre adjetivo e eufemismo tratada recentemente pelo filósofo italiano Vladimiro Giacché. Para ele, existem dois tipos de casos espetacularmente opostos que permitem e legitimam a guerra global. Geralmente, o adjetivo é adicionado ao termo original para criar o eufemismo, a guerra humanitária é a expressão máxima desse mecanismo. Há também conceitos que podem ser domesticados adicionando uma qualificação, paz duradoura, tempestade no deserto, etc. O Estado de Israel é um exemplo que Vladimiro Giacché situa entre os raros casos de exclusão de termos originais para efeitos de manipulação da linguagem ao propósito opressor, na expressão territórios ocupados exclui-se o adjetivo, resta apenas territórios. É uma forma de iluminar um ponto para escurecer o seu entorno, afinal, os territórios são os territórios palestinos ocupados por Israel nos anos 60 durante a Guerra dos Seis Dias e que vem aumentando desde então.

No curso da guerra global, diversas palavras assumem um papel fundamental na construção da opinião pública, dentre elas, o terrorismo e os atentados, a “invasão dos migrantes”, o imigrante “clandestino”, o ódio contra o ocidente, etc. As palavras que agem como “operadores discursivos” não apenas criam estados de emoções e sentimentos, sensibilidades e inclinações políticas no indivíduo e no cidadão, mas também produzem na realidade social as novas manifestações das práticas sociais nas diversas esferas da sociedade capitalista contemporânea. No curso das guerras globais, a exposição e explicação das guerras é acompanhada pela utilização da linguagem dicotômica e maniqueísta do “nós” contra o “eles”, dos Estados civilizados contra os “Estados canalhas”, da civilização contra a barbárie, do amigo contra o inimigo, do autóctone contra o imigrante.

2. *A disseminação semântica da guerra na sociedade capitalista globalizada.*

A estupidez também possui honra em suas veias, e inclusive defende do escárnio com maior energia do que a baixeza se defende da censura. Pois esta sabe que a crítica tem razão; aquela, porém, se recusa a acreditar.  
K. Kraus, **Aforismos**, p. 29.

Antes de tratar dos fenômenos contemporâneos aqui propostos é preciso demarcar espaço-temporalmente as profundas transformações ocorridas em nos espaços sociais e nas mais diversas organizações e instituições nas quatro últimas décadas. Por razões históricas, urge compreender as guerras globais e os processos de desumanização à luz das dinâmicas políticas, econômicas e culturais iniciadas naquele momento: movimentos, modificações e transformações sociais avassaladoras e que fizeram do fim das concessões do capital ao trabalho a sua premissa e do aumento exponencial da extração de maiores valores tanto o princípio como o fim da sua ação social, sem mediação de qualquer espécie.

No que diz respeito às ciências, de uma maneira geral esses quarenta anos reuniram um conjunto de acontecimentos que permitem aos pesquisadores e cientistas apreenderem de suas análises [além daquilo que é inerente e específico ao produto de seus trabalhos e de suas competências] o testemunho de um processo extremamente veloz e transformador em todas as áreas do pensamento e das ações humanas. Atualmente, é possível assistir pelos diversos meios de comunicação às invenções, aos experimentos, às práticas e projeções das obras humanas; e todas elas, no limite, são expressões e materializações de um mundo cada vez mais racionalmente instrumentalizado. Esse movimento que a tudo transforma é facilmente percebido ao nível material, isto é, nos objetos, nas ferramentas, na produção, etc.; mas, com um pouco de atenção, pode-se observá-lo também nos níveis mais etéreos, a percorrer caminhos mais entranhados e capilarizados da vida em suas relações humanas e sociais. Ora intensa e escancarada, ora sutil e praticamente imperceptível, as mudanças que se operaram no mundo das ideias nessas quatro décadas estavam numa íntima e harmônica relação com o mundo das coisas.

Consoante essa noção, pode-se pensar as radicais transformações da vida social assistidas nas últimas décadas e entendê-las por uma via de mão dupla, isto é, as mudanças

operadas no mundo contemporâneo e que estão majoritariamente ancoradas pelo desenvolvimento científico, implicam diretamente nas relações estabelecidas entre as ideias e as coisas através de um movimento que se retroalimenta conforme as próprias demandas sistêmicas e epocais. Assim, as revoluções se dão em relação ao consumo e acesso às matrizes energéticas, aos meios de comunicação, ao processo fabril, à produção agrícola, à geração e distribuição das riquezas no mundo, etc. Dessa maneira, quando se pensa o desenvolvimento econômico atual e as transformações que ocorrem diariamente na produção e no mercado com os seus intrincados conjuntos de atores e agentes ou, ainda, aos nexos socialmente construídos nas sociedades contemporâneas, ao se considerar a existência humana no mundo globalizado percebe-se quão efêmeras são as novidades produzidas pelas sucessivas mudanças e como esse processo de rápida caducidade cobra um alto preço pelas constantes atualizações exigidas aos sujeitos, sejam eles individuais ou coletivos. A cada revolução outra aceleração ocorre no próprio ritmo revolucionário: aumentam-se concomitantemente as tensões e os conflitos que estão no âmago do processo produtivo e, com a mesma velocidade, se exigem maiores e melhores mecanismos sofisticados de exploração e coação social, dispositivos engendrados para a efetivação dos objetivos desenvolvimentistas, isto é, aos interesses à realização da produção econômica capitalista propriamente dita.

Já ao que toca às ideias, as transformações promovidas no universo das comunicações têm grande relevância quando pensadas as contribuições da técnica e da ciência para as interlocuções humanas. Em nenhum outro momento da história as pessoas puderam acessar instantaneamente umas às outras em quaisquer partes do planeta sem depender de volumosos e pesados equipamentos fixos ao solo ou, ainda, prescindir de semanas, meses ou anos de viagem. Talvez esse fato seja o divisor de águas que separa o terceiro milênio dos demais. Em nenhum outro aspecto da vida cotidiana semelhante revolução foi perpetrada até agora, de fato, a comunicação entre os sujeitos é tão eficaz hoje em dia que é possível dizer uma segunda revolução gutenbergueriana se considerado o impacto ao acesso à informação promovido pela invenção da internet décadas atrás. Quando “a técnica se transforma na forma englobante da produção material, define então uma cultura inteira; e projeta uma totalidade histórica - um “mundo” (HABERMAS, 1968, p. 54.), e o mundo contemporâneo é um mundo globalizado porque tecnologicamente dinâmico e revolucionário em todos os seus sentidos e especialmente em matéria informacional. Um dos aspectos que o autor de **O Discurso Filosófico na Modernidade** observa ao pôr em pauta o papel da tecnologia no interior das relações de poder e de domínio, é justamente o seu tremendo impacto sociocultural na

arquitetura do próprio poder político administrativo. Embora presente nesse universo, na contemporaneidade a ação da ciência e da técnica sobre os destinos da vida humana são tão vigorosos e intensos que até mesmo as atividades burocráticas e administrativas racionalmente mais eficientes se lhe escapam ao controle:

[...] os burocratas, militares e políticos orientam-se, no exercício das suas funções públicas, segundo recomendações estritamente científicas [...] desde os dias da segunda Guerra Mundial, alcançou-se assim uma nova fase da “racionalização” que Max Weber concebia [...] aos Estados modernos. [...] o exercício da dominação no interior e a afirmação de poder perante os inimigos externos já não estão racionalizados só pela mediação de uma atividade administrativa [...], pelo contrário, [são] modificados mais uma vez na sua estrutura pela legalidade efetiva das novas tecnologias e estratégias. (HABERMAS, 1968, p. 7)

Nesse sentido, da mesma maneira que a imprensa modificou o pensamento e contribuiu para a mudança de perspectiva do conhecimento e do poder político na Europa quinhentista, a influir à sua maneira e ao seu tempo no imaginário, na prática e na vida humanas, atualmente, no mundo todo, a difusão da internet como ferramenta de acesso às redes de informação e comunicação possui papel extremamente relevante na construção imagética, simbólica e intelectual dos sujeitos que a ela se expõem. Da mesma forma que essa ferramenta digital ganha projeção entre os indivíduos, ela também o faz na ossatura organizacional e administrativa das sociedades e dos governos. Hoje, pela internet, se conhece lugares, lê-se livros, assiste-se a filmes e séries. Na *web* publiciza-se a vida privada em redes chamadas de “sociais” embora a *network* seja, de fato, produto de grandes conglomerados lucrativos. Pela rede se faz compras, comemora-se aniversário, se atualizam as notícias, os furos de reportagem. Nela também transitam os dados de bolsas de valores pelo planeta afora, as decisões governamentais, os acordos internacionais, etc.

Ao que se refere às ideias e suas associações aos fatos e às coisas, busca-se compreensão de determinados léxicos e expressões típicas da linguagem bélico-militar utilizados pela imprensa escrita na composição e na veiculação das notícias, principalmente em seus editoriais e seus cadernos de política, do mundo e de economia. Com isso é possível abordar os aspectos belicistas que compõem a ordem discursiva da narrativa política contemporânea. A hipótese central desta tese é que os meios de comunicação, em especial os jornais, estimulam pela audiência e pela credibilidade uma parcela significativa da população ao codificar e ao traduzir os seus sentimentos e as suas emoções. Dessa maneira, promovem uma ampla disseminação de ideias, emoções e sentimentos contidos nos valores e nas

ideologias que redefinem o senso da realidade social. Os meios de comunicação têm uma grande responsabilidade ao reproduzir, sobretudo em caráter jornalístico/documental, expressões e pensamentos que afastam e segregam os sujeitos e, ao fazerem isso, incorporam pelo uso constante de certos léxicos e imagens o que há de pior e que está presente semanticamente tanto nos discursos políticos [EUA, Europa e Brasil, por exemplo], quanto nas manifestações populares [especialmente no uso de palavras de ódio em redes virtuais de publicização].

No que concerne à linguagem, os meios de comunicação se valem de inúmeros recursos que são diariamente incrementados pela aceleração técnica. É possível pensar numa infinidade de dispositivos, os *gadgets*, que compõem o farto *menu* à disposição de toda pessoa que possa consumir um simples aparelho celular. Em se tratando de linguagem textual, as *maquinomagias* - máquina e magia - digitais têm a capacidade de produzir novos e melhores artifícios quando postas ao serviço do universo corporativo/transnacional cujas cifras ultrapassam os trilhões de dólares. No conjunto, os recursos oferecidos pela técnica ao uso da linguagem são capazes de editar, modificar, manipular e difundir instantânea e mundialmente as informações que tratam e, ao fazê-lo, contribuem para a criação de novos sentidos e também para a formação de neologismos.

Essas flexões feitas sobre as coisas e sobre as ideias com um pano de fundo técnico-científico são necessárias para compreender um aspecto da dinâmica da modernidade: tal qual a natureza que sazonalmente muda os pássaros e os cantos, é parte integral desse capítulo perceber como essa mudança também ocorre na política, na cultura e na sociedade contemporâneas. Entretanto, não basta olhar às ideias e às coisas, mas ao conceito de modernidade para entender como ocorrem as mudanças sazonais do pensamento e da prática postas no horizonte da produção midiática e inseridas nos tempos das guerras globais.

Fabio Mini (2013) escreveu no emblemático livro intitulado **La guerra siegata a...** [**A guerra explicada a...**], problematizando diversas questões sociais, tais como, de que modo é possível explica a guerra no final do século XX e início do século XXI, e que se interessa em compreender as causas reais das guerras em curso, da guerra sem fim, expôs os profundos impactos na guerra na sociedade capitalista globalizada:

Na atualidade, a guerra é feita e comunicada através de todos os meios audiovisuais, na língua inglesa norte-americana popular, expressa até a vulgaridade, explícita ao exprimir *l'animus belligerandi* e ao indicar contra quem se deve lutar. As séries de televisão de maior sucesso, exportadas para

todo o mundo, são aquelas militares, policiais e de polícia militar. Todas as nações, em seguida, produzem as próprias séries a imagem e semelhança daquela americana, amplificando assim a mensagem e adaptando-a à necessidade da comunicação local [...] Todas adaptam a ideia de inimigo - criminoso, terrorista ou espião - tal qual foi indicado pela produção americana. A mensagem da comunicação norte-americana é clara: as forças armadas e da ordem estão na primeira linha da guerra contra os adversários e os criminosos, que sempre são coincidentes. Todo evento tratado pela crônica, pelas formas de fantasias ou pelas obsessões é dramatizado com a finalidade de endereçar a opinião pública em direção de adversários sempre maus, onipresentes. Ninguém deve se sentir seguro, nem mesmo na própria casa, nos campos ou nos quarteirões superlotados das metrópoles: o inimigo está à espreita e é um criminoso. A força pública é o baluarte da segurança e da justiça. E agora, após as séries infinitas sobre os nazistas e os japoneses que contrastavam pelas ações valorosas dos fuzileiros e soldados, apareceram aquelas séries sobre a Coreia e, posteriormente, sobre o Vietnã, sobre a URSS e a KGB, sobre a máfia italiana, sobre a droga sul-americana, sobre a imigração clandestina mexicana, até alcançar aqueles que são considerados os inimigos de hoje: os árabes, os terroristas islâmicos, a máfia russa, os norte-coreanos, os iranianos, os chineses e os piratas.

Os acontecimentos sem precedentes ocorridos nas últimas décadas tornaram as relações internacionais *incertas e inseguras*, desprovidas de ordem e regulamentação internacional. O fim do bipolarismo, a nova ordem mundial, a dissolução de países, as guerras preventivas, as ações bélicas humanitárias e preventivas na Iugoslávia, a mundialização do capital e a globalização econômica e política, os atentados de 11 de setembro de 2001, as invasões ao Iraque e ao Afeganistão, a primavera árabe, produziram o aumento exponencial da *imprevisibilidade*. A era global produz uma realidade social sempre mais *complexa e incerta, insegura e imprevisível* que necessita ser apresentada e explicada para o indivíduo e o cidadão ou, dito de outro modo, para o indivíduo comum.

As guerras de nosso tempo não são combatidas para impor uma ordem territorial nos Estados, para mudar os confins ou para anexar territórios [...] Por mais de meio século não se combate uma *major war* que seja tecnologicamente simétrica; guerra se tornou a única certeza do futuro. A guerra mais devastadora e hipócrita, que envolve as nações mais potentes da terra ou inteiras culturas, é aquela conduzida para impor alguns sistemas políticos e econômicos, ideias e ideologias. A guerra não é mais controlada pelos Estados e passou a ser “confessional” e ideológica, como as guerras de religião e as cruzadas [...] O fato é que hoje estamos vivendo, ao nível global e pela primeira vez na história humana, o “tempo da guerra”: a estação na qual a guerra, como acontecimento mental e em todas as suas formas visíveis e invisíveis, parece representar a única resposta aos problemas das relações entre os seres humanos. (MINI, 2010, p. 84 e 85)

É neste contexto histórico que os jornais impressos e televisivos desempenham o papel ideológico fundamental de criar e disseminar as mensagens culturais, os operadores discursivos, as metáforas bélicas que *dividem o mundo entre seres humanos e não-plenamente*

*humanos, civilizados e bárbaros, amigos e inimigos*. A figura do outro, do outro mais radical que é o inimigo, é um *componente identitário* que, mediante a força da lógica política baseada na oposição radical, glorifica o ocidental como o único, verdadeiro, autêntico ser civilizado destinado ao papel de liderança mundial. Os meios de comunicação na era do capitalismo globalizado agem na *preparação e formação, manutenção e rotinização da sensibilidade e subjetividade* chauvinista, xenofóbica e racista. Os papéis e funções culturais dos meios de comunicação e informação também colaboram na formação na opinião pública de uma mentalidade e comportamento que legitima o estado de guerra permanente contra grupos e nações identificadas como perigosas, desumanas, inimigas. Trata-se de um esforço permanente no plano das batalhas culturais necessárias para as forças econômicas e políticas hegemônicas em construir as *novas figuras do inimigo* através da contínua *manipulação ideológica das emoções e das paixões*: 1) suprimir o estado de aversão à guerra e 2) legitimar a ação política de militarização dos conflitos sociais e políticos dentro e fora da nação [combater os inimigos internos e externos, vigiar e controlar as fronteiras e impedir o acesso dos imigrantes e terroristas].

A guerra na nova ordem mundial é também uma guerra valorativa, cultural, no sentido mais pleno da palavra. Saul Bernard Cohen (2015, p. 39), professor e geógrafo americano, reconhece a presença de elementos que compõem a dinâmica geopolítica contemporânea.

O fluxo de ideias, migrações, comércio, capital, comunicações e armas ocorre além, bem como dentro, dos diferentes níveis estruturais de bloco, região e estado. Estados podem passar de um nível para outro. Essa mudança reflete a interação do poder político e forças ideológicas, econômicas, culturais, raciais, religiosas e nacionais, bem como preocupações de segurança nacional e ambições territoriais. A reestruturação geopolítica posterior ao fim da Guerra Fria é um testemunho desse dinamismo. A extinção da ex-União Soviética ampliou a oportunidade para a China emergir como líder de um bloco geoestratégico independente, combinando características continentais e marítimas, reforçando assim o papel de Pequim nos assuntos mundiais. O colapso da República Democrática do Congo [RDC] deu à Nigéria uma oportunidade para expandir seu papel como uma potência regional, estendendo assim sua influência do oeste para o centro África. No entanto, a Nigéria não foi capaz de explorar esta abertura devido ao alargamento divisões e lutas entre o norte muçulmano e o sul cristão. A divisão foi agravada pelas ações terroristas do Boko Haram, o movimento jihadista islâmico do norte.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> The flow of ideas, migrations, trade, capital, communications, and arms takes place beyond, as well as within, the different structural levels of realm, region, and state. States may move from one level to another. Such change reflects the interplay of political power and ideological, economic, cultural, racial, religious, and national forces, as well as national security concerns and territorial ambitions. The geopolitical restructuring subsequent to the end of the Cold War is testimony to this dynamism. Demise of the former Soviet Union widened the opportunity for China to emerge as leader of an independent geostrategic realm, combining continental and

Inseridas em múltiplos contextos, as guerras globais envolvem e articulam visões de mundo religiosa [sobretudo, de matriz cristã conservadora, que defendem a guerra como uma cruzada, justa, que envolve o bem contra o mal, o fiel contra o infiel]; econômica [o neocolonialismo e o domínio do “povo dos Senhores”, *Herrevolken*, das fontes de energia, água, metais raríssimos e fundamentais para o capitalismo tecnológico]; política [a imposição do domínio hegemônico dos países ocidentais e, sobretudo, a obstacularização do surgimento de novas potências de alcance mundial]; e cultural [a universalização dos valores da sociedade capitalista ocidental: a liberdade negativa e privada e o hiperindividualismo, a economia de livre mercado, o ser humano desprovido de vínculos com a sociedade nacional, o senso de vida materialista e consumista, a democracia representativa].

Na era da desregulamentação das ações econômicas, do deslocamento dos capitais, da decomposição dos grupos e das classes sociais, da atomização do indivíduo, do trabalho flexível e precário, do trabalho pobre e da vida adiada, o indivíduo e o cidadão vivem em um estado psíquico e emotivo de acúmulo de insegurança, incerteza, imprevisibilidade, medos e temores. Na nova ordem mundial, os conflitos sociais, econômicos, políticos e culturais foram multiplicados em diversas formas e fisionomias, sujeitos e atores sociais. Para Fabio Mini (2017, p. 8), em tais épocas históricas “nada como os eventos bélicos produzem mobilização de pessoas, ideologias, lucros, recursos materiais e imateriais”. Nos últimos trinta anos, a escalada guerra foi e é tamanha, que “a guerra penetrou como nunca na consciência humana e no tecido político e social global” (MINI, 2017, p. 13). A linguagem bélica, agressiva, ofensiva, discriminatória, desumanizadora, não poderia ter tido uma tamanha difusão dentro de cada país e cultura e, sobretudo, alcançar uma conotação global se não houvesse tido desde o seu início poderosos aliados: os tradicionais meios de comunicação como o rádio, o cinema, os jornais, a televisão e, mais recentemente, a internet e as redes sociais, os motores de busca, os blogs e chats. É o que veremos no próximo item.

---

maritime characteristics, thus enhancing Beijing’s role in world affairs. The collapse of the Democratic Republic of Congo [DRC] has provided Nigeria with an opening to expand its role as a regional power, thereby extending its influence from West into Central Africa. However, Nigeria has not been able to exploit this opening because of the widening divisions and fighting between its Muslim north and Christian south. The rift has been exacerbated by the terrorist actions of Boko Haram, the Islamist jihadist movement of the north.

### 3. *Exposição, evidência e publicação dos fatos [editados] pela imprensa*

O jornalismo serve apenas aparentemente ao tempo atual. Na verdade, ele destrói a sensibilidade intelectual da posteridade.  
Karl Kraus, **Aforismos**, p. 2.

A guerra global não é apenas um estado de guerra permanente, sem fim, assimétrico, ultratecnológico, mas é também um elemento da “sociedade do espetáculo”, utilizando a equação célebre de Guy Debord, para enfatizar a sua dimensão cultural e midiática:

Tratou-se, enfim, de uma “guerra global” pela grandiosa dimensão espetacular das informações televisivas que fizeram da Guerra do Golfo o evento em absoluto mais “comunicado” na história humana. Centenas de milhões de espectadores televisivos em todo o mundo foram envolvidos e fascinados pelo espetáculo da guerra “ao vivo”. Naturalmente nenhum deles foi capaz de controlar e verificar a confiabilidade de uma informação aluvial e, no máximo, subliminar da guerra: rápida, contínua, asséptica e implacável<sup>36</sup>. (ZOLO, s/p.)

A guerra global ocorre dentro de um contexto histórico que o economista italiano Vladimiro Giacché (2011) define como a era da “fábrica do falso”, na qual a mentira, a distorção da realidade, prevalece nas estratégias ideológicas, nas diversas formas de comunicação e informação. Para Giacché

Atualmente, é fácil constatar que a ideologia dominante é capaz de impor a própria leitura dos acontecimentos, mesmo que seja teoricamente inconsistente [...] A mentira é a grande protagonista do discurso público contemporâneo. A sua presença na nossa sociedade é generalizada e penetrante. (p. 9 e p. 11)

A nova ordem mundial, erguida após a derrota do comunismo e a dissolução da URSS e a ascensão do neoliberalismo e da sociedade capitalista como ideologia e forma única e absoluta de valores e de sociedade, define um novo sentido para a ordem social e para a história: a força da linguagem privada que conquista sempre maior espaço nos valores e nas leis, o valor absoluto da liberdade negativa e particular, o indivíduo desenraizado e estimulado ao agir social da contínua maximização de si mesmo, a competição extrema no trabalho e na sociedade, o cidadão despolitizado e espectador, a vida voltada ao consumo e a acumulação

---

<sup>36</sup> Si è trattato, infine, di una 'guerra globale' per la grandiosa spettacolarità dell'informazione televisiva che ha fatto della Guerra del Golfo l'evento in assoluto più 'comunicato' nella storia umana. Centinaia di milioni di spettatori televisivi in tutto il mondo sono stati coinvolti e affascinati dallo spettacolo della guerra 'in diretta'. Naturalmente nessuno di essi è stato in grado di controllare l'attendibilità di un'informazione bellica alluvionale e, al limite, subliminale: rapida, continua, asettica, incalzante.

da posse privada sem limites. Na esfera da cultura, uma das mais importantes transformações ocorridas nos últimos trinta anos foi a ênfase dada ao presente, a ação racional voltada a fins privados e particulares, que, no seu curso único de competir e vencer, implicou, e implica, nos processos sociais de perda de importância do passado e da história, da sociedade e do Estado nacional. O fenômeno do presente contínuo, do presentismo, gerou uma dramática perda da memória histórica e política que, por sua vez, potencializou o fenômeno das narrativas da antipolítica, das batalhas culturais centradas na força de distintas formas de revisionismo histórico, das forças culturais conservadoras no agem no plano religioso e político através do discurso dicotômico, maniqueísta e messiânico.

O estado de incerteza e insegurança material e imaterial causam profundas inquietações nos indivíduos e nos cidadãos acerca do presente e, sobretudo, do futuro. A condição de incerteza e insegurança gerou a formação de um estado de ânimo favorável à recepção das mensagens políticas imediatas, simplificadoras, mistificadoras da realidade social. A vida pessoal exposta a uma enorme quantidade de informação, mas sempre mais incapaz de ter o tempo necessário para reflexão, o criticismo e a produção do conhecimento lógico, sensato, racional. A vida pessoal bombardeada diariamente por palavras e imagens provenientes das mídias tradicionais [rádio, jornal, televisão, cinema] e dos meios de comunicação e informação, das plataformas digitais [Facebook, Twitter, Whatsapp, Google, Yahoo, Pinterest, Instagram, etc.].

No tempo histórico sempre mais acelerado, fluído, dinâmico, a verdade não é mais oriunda de um único ponto de vista, não é mais absoluta e dogmática, bem como, deixou de ser relativa e condicionada aos valores dos grupos e das classes sociais: a verdade está situada no presente, no imediato instante na qual foi pronunciada; pode ser dita hoje e desdita amanhã; a concepção hegemônica de verdade é breve, mutável, dinâmica, flexível. Se no passado o poder era oculto através da censura e do aparato policial, na sociedade capitalista contemporânea dominada pelo mercado e pela tecnologia a natureza do poder está na capacidade de criar e difundir a imensa quantidade de informações que não possibilita a efetiva compreensão dos fatos e acontecimentos, escolhas e decisões pelos indivíduos, pessoas e cidadãos. Foi o que enfatizou Vladimiro Giacché (2011, p. 11) em **La fabbrica del falso. Strategie della menzogna nella politica contemporanea:**

A mentira é a grande protagonista do discurso público contemporâneo. A sua presença na nossa sociedade é generalizada e pervasiva [...] Atualmente, na era dos meios de comunicação de massa e da política midiática, o silêncio e o segredo são armas sem penetração. Por isso, quando é preciso [e quase

sempre o é], a verdade deve ser ocultada ou neutralizada por um outro meio. Assim, são oferecidas versões mais cômodas dos fatos, distrações da atenção dos problemas reais, direcionando o máximo relevo para questões de escassa importância, inventando perigos e inimigos inexistentes para ocultar os verdadeiros. Mas, sobretudo, as verdades incômodas são neutralizadas através da reformulação apropriada. O terreno principal no qual atualmente é combatida a guerra contra a verdade é aquele da linguagem.”

A reflexão dialética de Vladimiro Giacché nos permite colocar em questão mecanismos, dispositivos, dinâmicas culturais e políticas fundamentais para a produção e reprodução da sociedade capitalista contemporânea e globalizada. Os jornais, impressos e televisivos, os meios de comunicação digitais desempenham diversas funções sociais fundamentais na era da incerteza e da insegurança no presente e do temor e medo pelo futuro que se difundem entre os indivíduos e cidadãos expostos a complexidade e brutalidade da sociedade capitalista neoliberal. Destacados três formas de mutilação da verdade que estão presentes nos jornais:

a) *a mutilação da verdade e da história*: para Giacché “A verdade é mutilada quando ao tratar de um evento não se faz menção do contexto no qual se coloca, nas circunstâncias, daquilo que está ao redor. Ou simplesmente, é narrada pela metade”. Giacché problematiza o sentido da narrativa, do discurso que opera na dimensão do imediato, do fato e do acontecimento, sem relacioná-lo com o contexto histórico, com as questões sociais que vinculam o passado e o presente, sem questionar os processos históricos e sociais que movimentam as forças sociais e políticas nas tensões, nos conflitos e nas contradições concretas existentes na realidade social.

b) *a mutilação da imagem*: a verdade é mutilada nas imagens que são divulgadas pelos meios de comunicação de massa tradicionais e, sobretudo, pelas redes sociais. A força das imagens está na capacidade de atrair à atenção do cidadão-espectador, de atingir suas emoções, de causar uma indignação moral e de aceitar/legitimar as ações políticas. As imagens não apenas nos afastam da compreensão processual e histórica dos fatos e acontecimentos, mas produzem uma *falsa representação* do real. Para Giacché, a falsa representação que aparece como verdade em cena possui uma outra função: a de ocultar a verdade incômoda, o senso mais profundo dos fatos e acontecimentos.

c) *a mutilação da verdade pela competição entre os jornais*: na sociedade capitalista globalizada, todos os sujeitos econômicos estão inseridos dentro da lógica da competição extrema e brutal que tende a eliminar do mercado todos aqueles que não se adaptam ao processo ininterrupto de valorização e conquista de renda, recursos e oportunidades. Giacché

destaca a necessidade de competição pelo “furo” entre os jornais como um mecanismo de proliferação da mentira ou das verdades mutiladas. A competição sempre mais acirrada entre os meios de comunicação – uma competição que não apenas torna generalizada a lógica de vencer os concorrentes por qualquer meio – envolve o destino dos próprios meios em sobreviver na era da diminuição do número de assinantes, de disputa canina por patrocínio através da mensuração da audiência e, sobretudo, da era digital e dos novos meios de informação. Logo, a *ânsia pelo furo* contribui na divulgação de notícias falsas.

No curso da segunda invasão do Iraque, efetuada pela liderança norte-americana e britânica que comandava uma coligação de países para a guerra sem a determinação das Nações Unidas, o jornalista norte-americano Danny Schechter (2005) escreveu que os jornalistas e os jornais *embedded* desempenhavam um papel fundamental na guerra:

Existem duas guerras no Iraque. Uma é combatida pelos exércitos com os seus soldados, as bombas e a sua temível força militar, a outra, ao contrário, com as câmeras de televisão, os satélites, os jornalistas e as técnicas de propaganda. A primeira foi justificada com a tentativa de encontrar as “armas de destruição de massa” de Saddam Hussein, a segunda é combatida com armas ainda mais potentes, as “armas de desinformação de massa”. Durante a invasão do Iraque em março de 2003, na América as redes de televisão tem divulgado informações non-stop nos seus melhores momentos, utilizando os jornalistas *embedded* e as novas tecnologias que possibilitaram aos telespectadores pela primeira vez observar uma guerra de perto [...] Censura, autocensura, distorções das notícias parecem fenômenos comuns em todas as guerras. Os governos procuram limitar as notícias que podem coloca-los em uma ótica desfavorável e de maximizar aquelas capazes de galvanizar o consenso na frente interna. Todas as guerras suscitam chauvinismo em setores dos meios de comunicação e informação. Sum Tsu, o grande teórico chinês da guerra, dizia que o engano é um instrumento presente em todas as guerras, por definição. Mas aquilo que no passado foi considerado uma tática ou um instrumento, passou a ser uma estratégia utilizada de modo sistemático. As doutrinas da guerra de informação buscam construir uma influência estratégica graças ao engano. Este conceito é profundamente radicado na ideologia *neocón* baseada na obra do filósofo da Universidade de Chicago Leo Strauss<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Ci sono state due guerre in Iraq. Una è stata combattuta dagli eserciti con i loro soldati, le bombe e la loro temibile forza militare, l'altra invece con le telecamere, i satelliti, i giornalisti e le tecniche di propaganda. La prima è stata giustificata col tentativo di trovare le «armi di distruzione di massa» di Saddam Hussein, la seconda è stata combattuta con armi ancora più potenti, le «armi di disinformazione di massa». Durante l'invasione dell'Iraq nel marzo 2003, in America le reti televisive hanno visto nell'informazione non-stop il loro momento migliore, puntando sui giornalisti *embedded* e sulle nuove tecnologie che avrebbero permesso ai telespettatori di vedere per la prima volta una guerra da vicino [...] Censura, auto-censura e distorsione delle notizie sembrano fenomeni comuni in tutte le guerre. I governi cercano di limitare le notizie che possono metterli in una luce sfavorevole e di massimizzare quelle capaci di galvanizzare il consenso sul fronte interno. Tutte le guerre suscitano sciovinismo in settori dei media e dell'informazione. Sun Tsu, il grande teorico cinese della guerra, diceva che l'inganno è uno strumento in ogni guerra, per definizione. Ma quella che in passato era stata

A verdade mutilada está presente no dispositivo que demoniza o adversário, transformando-o em um inimigo, bem como, constrói uma imagem heroica, salvadora, redentora, libertadora, das forças sociais, econômicas e políticas do Ocidente. A idealização, o lirismo, que está presente nas manifestações estéticas e políticas recria a lógica binária e maniqueísta do espaço do bem e do espaço do mal, bem como, as figuras do amigo e do inimigo, do justo e do injusto, do fiel e do infiel, dos bons e dos perversos.

A linguagem política e midiática produz – tal qual uma poderosa *fábrica* produz a transformação da matéria-prima em um objeto – as verdades mutiladas do seu contexto histórico e político, as mistificações dos fatos [ênfase em elementos singulares, isolados da história e da totalidade], os clichés produzidos pelos povos dos senhores [a superioridade do Ocidente, a inferioridade dos inimigos do Ocidente] e, por fim, os quadros interpretativos que ajudarão o indivíduo atomizado e o cidadão espectador da política a agir socialmente em direção do discurso cultural e político hegemônico. Logo, os meios de comunicação tradicionais e digitais colaboram na construção social do “clima psicológico” que incita a opinião pública a aceitar as decisões políticas dos governantes. Na nova ordem mundial, a necessidade de construir *permanentemente* subjetividades é de extrema importância.

---

considerata una tattica o uno strumento, è diventata una strategia utilizzata in modo sistematico. Le dottrine sulla guerra dell'informazione puntano a conseguire un'influenza strategica grazie all'inganno. Questo concetto è profondamente radicato nelle ideologie *neocoon* basate sull'opera del filosofo dell'Università di Chicago Leo Strauss.

#### Capítulo IV – A guerra global nos jornais brasileiros: um estudo de caso

“O que procuramos não é a verdade, é o efeito produzido”, Goebbels.

A nossa hipótese de investigação tem como ponto principal a ideologia que defende o imperativo da guerra global e a relação com a indústria midiática, em outras palavras, analisamos a formação de um sistema político, econômico e cultural que se valeu da inevitabilidade da guerra e da desumanização do inimigo como um dispositivo da nova ordem mundial iniciada após 1989 e 1991. A permanente linguagem da guerra nos jornais corresponde a uma variação do *There is no alternative* – T.I.N.A. – expressão composta por Margareth Thatcher para expor a inevitabilidade histórica do capitalismo e criar um consenso político universal, quanto para efetivar seu desenvolvimento econômico alicerçado nas novas guerras contra os novos inimigos do Ocidente. Assim, nossa pesquisa foi ao encontro das questões postas pela contemporaneidade das guerras globais cuja novidade está em fazer das mídias – em especial da imprensa – uma imprescindível arma de guerra global uma espécie de “fábrica de mentiras” (GIACCHE), que explora e produz discursos operativos em série acerca de um fato [evento, acontecimento, uma ocasião, etc.] através do uso de léxicos específicos de guerra ou da apropriação de seus léxicos em outros contextos da vida social [há situações em que alguns léxicos ou expressões chegam a diminuir a sua ocorrência geral nas narrativas de um jornal, embora possam “migrar” e se concentrar em outros temas e assuntos particulares, por exemplo, o termo “terrorismo” não ocorreu no Caderno de Economia da *Folha de São Paulo* antes do ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, dez anos depois ele foi utilizado por 48 vezes nos assuntos econômicos daquele jornal].

Em grande medida, o desenvolvimento capitalista e neoliberal - marcado pela fluidez de suas relações econômicas de viés especulativo e financeiro – também deita as suas raízes sobre o alcance possibilitado pela internet que torna a conexão instantânea entre os indivíduos um evento concreto, cada vez mais amplo, cuja expansão global no último ano ultrapassou de 7%, alcançando mais de 4,6 bilhões de pessoas no mundo<sup>38</sup>. A instantaneidade dos eventos, o registro ao vivo dos fatos e as informações em *streaming* proporcionam a difusão cada vez mais ampla e midiática da vida moderna, contemporânea, *on line*, conectada em múltiplas plataformas para capturar imagens, vídeos, localizações, textos, opiniões, *likes&hates* de

---

<sup>38</sup> <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report> acesso em 10.09.2021

maneira ininterrupta [até porque, se houver interrupção da conexão e do fluxo de dados, o próprio usuário reclama e os restaura]. Junto a isto, somam-se à dinâmica, o aumento das conexões móveis e dos diversos produtos corporativos, *grosso modo*, das redes sociais. E, ao lado da rápida expansão informacional, isto é, paralelamente ao aumento do número de pessoas acessando as redes sociais e midiáticas, também as linguagens das guerras passam a ganhar relevância e a disputar o controle dos espaços reais e virtuais para os seus propósitos.

[...] no futuro a guerra indireta será marcada por “manifestantes” e insurgentes. As quintas-colunas serão compostas menos por agentes secretos e sabotadores ocultos e mais por protagonistas desvinculados do Estado que comportam-se publicamente como civis. As mídias sociais e tecnologias afins substituirão as munições de precisão guiadas como armas de “ataque cirúrgico” da parte agressora, e as salas de bate-papo online e páginas no Facebook se tornarão o novo “covil dos militantes”. Em vez de confrontar diretamente os alvos em seu próprio território, conflitos por procuração serão promovidos na vizinhança dos alvos para desestabilizar sua periferia. As tradicionais ocupações militares podem dar lugar a golpes e operações indiretas para troca de regime, que tem um melhor custo-benefício e são menos sensíveis do ponto de vista político. (KORYBKO, 2019, p. 14)

Vivemos em um mundo em rápida transformação e, por isso, é um momento que também se traduz numa época de grandes produções de necessidades, de imperativos, de posições que, em sua maioria, também representam o fomento de um dado segmento de mercado e de consumo. A cada ano, alimentamos um gigantesco sistema de dados que se vale cada vez mais dessas informações que se acentuam ainda mais com a mobilidade da rede e, com este sistema de dados mais e mais complexo, aumentam-se o controle do tempo, o escaneamento do espaço e o registro do trânsito individual dos usuários da internet. É um processo extremamente avassalador, embora apresentado como ferramentas e aplicativos para o trabalho, para as compras e para o entretenimento. Neste ritmo, crescem significativamente a oferta de dispositivos de comunicação e informação móveis que em poucos meses se tornam obsoletos pelo acréscimo de novas tecnologias, dentre elas, o reconhecimento facial incorporado a sistemas de busca por voz que, no século passado, eram temas de obras de ficção científica e, hoje, são recursos comuns de captura de padrões fisiológicos únicos e que permitem a catalogação, a atualização e o resgate cirúrgicos das informações pessoais de cada indivíduo conectado à rede.

O *big data*, na verdade, é uma espécie de processo de recuperação de dados em tempo integral [*full time data recovering process*] a direcionar as ações corporativas e orientar os

sentidos – e a opinião - em escalas pessoal, coletiva, nacional e mundial aos interesses do grande capital globalizado. As *máquinomagias* que capturam qualquer conversa que estabelecemos com nossos interlocutores e num breve momento, para nossa surpresa, elas nos oferecem mercadorias correspondentes a algum objeto recorrente nos diálogos informais que mantemos em casa, no restaurante, na livraria, nos *shoppings* ou num intervalo qualquer. Desde que estejam dentro do alcance da nossa voz, os microfones, as câmeras e os sensores dos dispositivos pessoais são arquitetados para, automaticamente, articular léxicos e expressões recorrentes em quaisquer conversas aos interesses econômicos do mercado, sejam eles de uma corporação, de uma grande rede de lojas de departamento, etc. De fato, todas essas questões e tecnologias ainda são muito recentes e as suas reais potencialidades, mesmo que saibamos daquilo que são capazes [Brexit, trumpismo, bolsonarismo, para citar os maiores eventos], ainda nos são desconhecidas. Tal como o início do domínio humano sobre a radioatividade que primeiro produziu a destruição nuclear antes de se tornar uma fonte segura de energia e com aplicações várias ao desenvolvimento humano, a manipulação das informações e dos *big datas*, ao triste exemplo das bombas nucleares, até o momento tem estimulado mais horror e destruição à humanidade que o contrário.

Pensando assim, podemos admitir que as mídias integram a megaestrutura informacional e por ela realizam e calibram suas produções conforme uma receita que, geralmente, se traduz na banalização do mal, na marginalização das formas e expressões da resistência, bem como em criminalizar todos os movimentos sociais e populares que venham a germinar em quaisquer lugares do mundo. Assim, a vulgarização do mal e a marginalização das manifestações políticas contrárias à ordem socioeconômica estão hoje no centro das informações do regime: isso se deu no Brasil de sessenta anos atrás, durante a ditadura militar e ocorre nos dias de hoje, aqui e alhures. Em especial, boa parte da imprensa contribui para fazer da “opinião pública” uma forma de “público-espectador” ao realizar um esquema bem comum aos atuais debates políticos que assistimos pela TV de nossa casa, isto é, em que o tempo e o conteúdo das intervenções são ajustados não em relação ao destinatário original, transformando a política em vitrine de produtos e de mercadorias ao consumidor final.

Para compreender o sentido e o significado da dinâmica entre a globalização e a arquitetura da nova ordem mundial por diversos mecanismos midiáticos, analisamos os acervos dos jornais *O Globo* e da *Folha de São Paulo* [através dos próprios sites que

permitem o acesso à versão digital de todas as páginas e matérias<sup>39</sup>] com o intuito de estabelecer um recorte no universo midiático e também para fornecer uma ilustração ao sentido e às preocupações desta tese. Ao selecionar as palavras e as expressões, “guerra”, “desumanização”, “terrorismo”, “inimigo”, “intervenção militar”, “iniciativa privada”, “empreendedorismo”, “partido político”, “direitos humanos”, “privatização”, “sindicato”, “fake news”, “movimentos sociais”, “fechamento de fronteira”, “trabalho escravo”, “campo de refugiados”, “medo”, “massacre” e “imigrante ilegal”, percebemos um aumento significativo de ocorrências destes termos, sobretudo, após o 11 de setembro de 2001.

A razão da nossa escolha já a apontamos no início: está ligada à noção das coisas nomeadas por uma determinada cultura e a maneira como certas palavras e expressões passam a compor o cotidiano da comunicação entre as gentes. Isto é, se admitimos que existem povos cuja quantificação numérica são “1,2,3 e muitos”, podemos aceitar que para eles 1, 2 e 3 são suficientes para as questões do dia a dia e, se imaginamos um desses indivíduos visitando a “nossa” sociedade, sua incompreensão diante dos proprietários de trilhões ao lado dos bilhões de famintos talvez fosse mais flagrante que a nossa suposição em viver num mundo totalmente medido e metrificado apenas por dois números primos e uma unidade. Nós criamos uma determinada sociedade e, para além dos nossos números infinitos, fazemos das crises, dos conflitos e das guerras os elementos basilares ao *ininterrupto* crescimento econômico e social. Assim, nossa escolha foi orientada pela utilização de léxicos e expressões típicas do universo militar, as quais lançamos mão para nos comunicar e interagir entre nós mesmos – uma dinâmica que perpassa parte significativa das expressões e manifestações de uma determinada língua, estabelece nexos no interior da própria linguagem e penetra nos caracteres e elementos que compõem as história e memória das sociedades.

Em dois artigos publicados pela revista **Proteo**, Vladimiro Giacché (2005), pensa os processos contemporâneos de mutilação da verdade que se valem da manipulação arquitetada dos fatos e da memória em nome de interesses geopolíticos, corporativos e, necessariamente, em defesa da razoabilidade e das justificativas das guerras de conquista [sejam elas de um país, de uma região ou de um mercado]. Para o intelectual italiano, a era napoleônica formulou explicitamente “o projeto de “dirigir monarquicamente a energia das memórias””, em que a história passa a ser uma ferramenta de governo. Atualmente e de maneira aparentemente paradoxal, aquele projeto de governo napoleônico tem se realizado plenamente

---

<sup>39</sup> <https://acervo.folha.com.br/index.do> e <https://acervo.oglobo.globo.com> (último acesso em 11/09/2021)

através da “negação e destruição do passado”. A negação do passado também é a negação da objetividade histórica, da realidade que o próprio passado comporta e expressa em suas memórias. Vladimiro Giacché (2005) ilustra esse movimento como o “triunfo da “história de Pongo” ou – como preferimos por familiaridade - da “história da Disneylândia””, cuja dinâmica implica em uma “função apologética tripla”:

A primeira, [...] é traçar na história a confirmação da imagem que a sociedade atual [mais precisamente suas classes dominantes] pretende dar de si e de sua “superioridade”. Expulsando também do passado o que tira cotidianamente de sua própria realidade: antes de mais nada, as contradições e os conflitos. Desse ponto de vista, não é por acaso que a dura realidade dos conflitos sociais seja amenizada ou expulsa da maioria das reconstruções “históricas” oferecidas pela filmografia contemporânea [que hoje provavelmente representa o principal veículo da relação das massas com a história]. [a Segunda] o “eternamente humano” emerge da representação do passado, feito de paixões elementares e pares de opostos feuilleton: ódio / amor, bem / mal, etc; mas também de atitudes que se dizem “geralmente humanas” e que nada mais são do que atitudes domesticadas pela burguesia e “politicamente corretas” [tolerância [mas até certo ponto ...]; amor à justiça, laboriosidade e ordem social, etc.] Assim, os eventos históricos perdem sua especificidade e seu caráter dinâmico e procedimental, ou seja, sua historicidade, e se reduzem a uma sucessão de instantâneos tirados com uma câmera que utiliza sempre o mesmo filtro. A história assim reinventada é o eterno retorno de si mesma. Uma história, poderíamos dizer, essencialmente anti-histórica. E é precisamente nisso que deve ser reconhecida a terceira e crucial função apologética dessas representações da história: que consiste precisamente na destruição da realidade do passado, como irreduzíveis ao presente e dotados de especificidades que não podem ser traduzidas em clichês contemporâneos. O fato é que para a sociedade contemporânea só existe o presente. A “história da Disneylândia” reestrutura o tempo assim como o “Mc World” organiza o espaço: em torno do consumo<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> La prima [...] è quella di rintracciare nella storia la conferma dell’immagine che la società attuale (più precisamente le sue classi dominanti) intende dare di se stessa e della propria “superiorità”. Espungendo anche dal passato ciò che quotidianamente rimuove della propria realtà: innanzitutto le contraddizioni e i conflitti. Da questo punto di vista non è un caso che la cruda realtà dei conflitti sociali sia edulcorata od espunta dalla maggior parte delle ricostruzioni “storiche” offerte dalla filmografia contemporanea [che rappresenta oggi con tutta probabilità il principale veicolo del rapporto delle masse con la storia]. Contemporaneamente, dalla rappresentazione del passato si fa emergere l’“eternamente umano”, fatto di passioni elementari e di coppie di opposti da feuilleton: odio/amore, bontà/malvagità, ecc.; ma anche di atteggiamenti che si pretendono “generalmente umani” e che altro non sono se non atteggiamenti borghesemente addomesticati e “politicamente corretti” [tolleranza [ma sino a un certo punto...]; amore per la giustizia, l’operosità e l’ordine sociale, ecc.]. Così gli eventi storici perdono la propria specificità e il proprio carattere dinamico e processuale, ossia per l’appunto la propria storicità, e si riducono ad una successione di istantanee scattate con una macchina fotografica che adopera sempre il medesimo filtro. La storia così reinventata è l’eterno ritorno dell’eguale. Una storia, potremmo dire, essenzialmente antistorica. E proprio in questo va ravvisata la terza e cruciale funzione apologetica di queste rappresentazioni della storia: che consiste precisamente nella distruzione della realtà del passato, in quanto irriducibile al presente e dotato di specificità non traducibili nei cliché contemporanei. Il fatto è che per la società contemporanea solo il presente esiste. La “storia Disneyland” ristruttura il tempo così come il “Mc World” organizza lo spazio: intorno al consumo. Conferir “Guerra alla verità: Strategie dell’oblio e della rimozione (Parte prima)”. In Proteo, n.2, 2005. Disponível [http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id\\_article=401](http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id_article=401) [http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id\\_article=401](http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id_article=401). Acesso em 28/09/2010.

Manipular as informações fornecidas à população passou a ser uma das funções tradicionalmente desempenhadas com maior zelo pela imprensa em tempos de guerra, como havia mostrado Karl Kraus, em referência à Primeira Guerra Mundial, n’**Os Últimos Dias da Humanidade**. Noventa anos depois, as coisas não parecem ter mudado muito como revela a pesquisa por ocorrências de termos e expressões de guerra e que, aqui, foram elencados no intuito de comprovar a nossa tese sobre o papel central das desumanizações em que orbitam e proliferam a linguagem da guerra nos jornais na era global. O “retorno” da guerra na última década do século XX e o 11 de setembro de 2001 representam um marco histórico porque definem e realizam uma nova guerra de proporções e características inauditas, as guerras globais:

Em todo caso, a ilusão do “pacifismo” europeu teve um súbito término após 1989. Inicialmente, a latente desintegração da federação Iugoslávia culminou em uma série de conflitos armados que envolveram a totalidade dos Balcãs. Em seguida, as várias coalisões ocidentais guiadas pelos Estados Unidos intervieram em diversas partes do mundo em nome da “legalidade internacional” [Kuwait, 1991], da “humanidade” ou dos “direitos humanos” [Somália, 1993; Bósnia, 1995; Kosovo, 1999], da liberdade “duradoura” [Afeganistão, 2001], da luta contra o terrorismo ou da pura e simples hegemonia [Iraque, 2003]. O estado de guerra dura atualmente quase vinte anos e, sobretudo, parece destinado a continuar por tempo indeterminado. Mas somente com os ataques de 11 de Setembro de 2001 amplas camadas da opinião pública ocidental perceberam que a guerra, embora fosse de um tipo novo, ressurgia no horizonte da vida cotidiana<sup>41</sup>. (DAL LAGO, 2010, p. 85)

O “retorno” e a escalada da guerra no final do século XX e no início do terceiro milênio necessitou da construção social de novos discursos ideológicos, bem como, de antigos e novos dispositivos capazes de neutralizar o que restava das objeções morais e políticas que traziam em si as tragédias das guerras no século XX, legitimar as intervenções militares mediante a desumanização do inimigo, banalizar os horrores da guerra e militarizar as práticas sociais e a própria sociedade. A guerra compreendida como um fato social total ressurgiu no contexto ampliado do capitalismo globalizado: é um fato social onipresente, metabolizado pela junção da força das palavras e das imagens difundidas pelos meios de comunicação

---

<sup>41</sup> In ogni caso, l’illusione del “pacifismo” europeo è cessata subito dopo il 1989. Dapprima, la latente disintegrazione della federazione iugoslava è sfociata in una serie di conflitti armati che ha coinvolto gli interi Balcani. In seguito, varie coalizioni occidentali guidate dagli Stati Uniti sono intervenute in diverse parti del mondo in nome della “legalità internazionale” [Kuwait, 1991], dell’umanità o dei “diritti umani” [Somalia, 1993, Bosnia 1995, Kosovo 1999], della libertà “duratura” [Afghanistan, 2001], della lotta al terrorismo o della pura e semplice egemonia [Iraq, 2003]. Lo stato di guerra dura ormai da quasi vent’anni e soprattutto sembra destinato a continuare per un tempo indefinito. Ma soltanto con gli attacchi dell’11 settembre 2001 vasti strati dell’opinione pubblica occidentale hanno realizzato che la guerra, anche se di tipo nuovo, era ricomparsa nell’orizzonte della vita quotidiana.

tradicionais da modernidade e, potencializados, com a digitalização. No contexto histórico do capitalismo globalizado, a guerra assume uma dimensão total e global:

A dimensão da guerra tende portanto a assumir a totalidade da nossa existência, mesmo quando não estamos diretamente envolvidos. É neste sentido que Deleuze e Guattari observaram como as guerras mundiais do século XX foram seguidas por um tipo de paz ainda mais terrível. A situação contemporânea pode ser definida como a inscrição da guerra no horizonte ordinário da vida na sociedade global. Que se trate de conflitos de longa duração [Iraque, Afeganistão] ou de explosões periódicas [Palestina], podemos dizer que uma ideia estratégica de pacificação é impensável: a ordem global é estruturalmente instável, como se os custos humanos [limitados para nós, ilimitados para os outros], dos conflitos fossem considerados condições inevitáveis, antes necessárias, da hegemonia ocidental. Não passa um dia sem que os meios de comunicação transmitam as imagens dos conflitos nos quais estão envolvidos os “nossos” soldados e, marginalmente, a nossa sociedade: uma litania de atentados, bombardeios, combates urbanos ou operações mais ou menos secretas – eventos aos quais se reage dando os ombros ou com uma cara de tédio, exatamente como os controles aos quais um viajante é submetido nos aeroportos<sup>42</sup>. (DAL LAGO, 2010, p. 13)

Os processos de banalização dos discursos da guerra global e a metabolização da guerra na opinião pública foram realizados pelos principais jornais dos países ocidentais. O mesmo ocorreu no Brasil, sobretudo, no curso dos períodos dos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva quando foram traçados projetos políticos para tornar o Brasil um player global: seja através de participações em missões militares na ONU, seja pela reivindicação de assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Neste sentido e em termos geopolíticos mais amplos, Saul Bernard Cohen reconhece a importância estratégica do Brasil na América Latina, não obstante, para o geopolítico estadunidense, a pobreza generalizada, inflação e divisão racial sejam problemas reais que assolam a sociedade brasileira impedindo-a em exercer um papel maior e mais relevante nas novas geometrias políticas no novo ordenamento mundial. “Embora o Brasil seja claramente o único país capaz

---

<sup>42</sup> La dimensione della guerra tende dunque ad assorbire la totalità della nostra existencia, anche quando non siamo direttamente coinvolti. É in questo senso che Deleuze e Guattari hanno osservato come alle guerre mondiali del XX sia seguito un tipo di pace ancor più terrificante. La situazione contemporanea si può defonire come iscrizione della guerra nell’orizzonte ordinario della vita nella società globale. Che si tratti di conflitti di lunga durata (Iraq, Afghanistan) o di esplosioni periodiche (Palestine), si derebbe che un’idea strategica di pacificazione si impensabile: l’ordine globale è strutralmente instabile, como se i costi umani (limitati per noi, allimitati per gli altri) dei conflitti fossero considerati condizione inevitabile, anzi necessaria, dell’egemonia occidentale. Non passa giorno senza che i media trasmettano le immagini di conflitti in cui sono coinvolti i “nostri” soldati e, marginalmente, le nostre società: una litania di attentati, bombardamenti, combattimenti urbani o operazioni più o meno segrete – eventi a cui si reagisce con un’alzata di spalle o una leggera smorfia di fastidio, esattamente come i controlli a cui qualsiasi viaggiatore à sottoposto negli aeroporti.

de proteger a unidade geopolítica sul-americana do domínio do “colosso do norte”, o grau em que pode exercer plenamente o poder geopolítico em sua própria região é limitado por desafios internos”<sup>43</sup>. (COHEN, 2015, p. 173). Mesmo com estes problemas, em governos passados e distintos em vários aspectos, o Brasil participou de ações militares humanitárias da ONU, em especial, no Haiti. Buscamos compreender nos próximos itens, como dois jornais brasileiros de alcance nacional expuseram o sentido e o significado das guerras globais, bem como, a presença da linguagem bélica em suas cadernos e páginas.

### 1. *A Folha de São Paulo e O Globo: a retórica da guerra global e a guerra no Brasil.*

Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro. Jair Messias Bolsonaro, programa **Câmera Aberta**, 1999.

Compõe o nosso objetivo a compreensão da linguagem [as imagens e, especialmente, as palavras] de guerra utilizada [supostamente com intenção de criar uma narrativa de interesse] na composição das matérias diárias em dois jornais brasileiros de grande circulação nacional e, a partir disso, dotar de sentido e significado as guerras globais as quais prescindem, em suas articulações com o universo midiático, das apropriação e naturalização de um campo semântico bélico-militar. Os jornais escolhidos para o nosso objetivo de perceber esse aspecto da guerra global no Brasil foram *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, ambos também possuem outras plataformas de comunicação e informação social digitais. Nossa escolha foi orientada de maneira a produzir um corpus de dados que pudesse ser composto sem a necessidade de permissões corporativas ou, ainda, de dispositivos complexos de análises profundas de dados. E, talvez o mais importante, o nosso método de coleta de dados permite que qualquer pessoa consiga comprová-lo por si mesma, já que as plataformas digitais dispõem seus acervos ao público, bem como oferecem mecanismos de busca em seus arquivos e registros. Assim, a acessibilidade aos dados foi a principal razão que nos orientou durante a pesquisa.

A extensão temporal do nosso recorte corresponde a um intervalo de 40 anos, isto é, 20 anos antes e 20 anos depois de 11 de setembro de 2001. De fato, o núcleo da tese prescinde de uma leitura temporal menor e servimo-nos de um horizonte mais amplo apenas para fins

---

<sup>43</sup> While Brazil is clearly the only country capable of protecting South American geopolitical unity from dominance by the “colossus of the north,” the degree to which it can fully exercise geopolitical power within its own region is limited by domestic challenges.

comparativos, com isso queremos comprovar o que propomos: as guerras globais possuem uma natureza intrínseca na linguagem política e bélica à medida em que difundem por ela seus signos e léxicos com o propósito duplo de desumanizar o outro, a sua história, os seus sentidos e as suas tradições e formar uma opinião pública que legitime a guerra. Portanto, a nossa investigação crítica se valeu de um recorte menor, embora inserido no intervalo mais extenso da pesquisa empírica. São as guerras globais a partir do ano de 1990 até o ano de 2012 que nos interessam para pensar as radicais transformações que as sociedades nacionais experimentam desde então. Os conflitos armados deste período abarcam a Guerra do Golfo, a guerra na Iugoslávia e o advento da chamada guerra humanitária, os atentados terroristas nos Estados Unidos e a invasão do Afeganistão e do Iraque. Ainda que a maior hipótese do trabalho seja compreender pela linguagem os artifícios de desumanização mobilizados nas guerras globais atuais, é nesse intervalo temporal, isto é, no recorte histórico proposto, que o sentido e o significado da guerra foram profundamente modificados, bem como, os meios e as estratégias políticas e ideológicas que justificaram e legitimaram o “retorno” da guerra no final do século XX e no início do século XXI. Da ideia de “guerra justa” evocada pelo Ocidente para libertar o Kuwait invadido pelo Iraque de Saddam Hussein, desde então, assistimos constantemente uma proliferação de novas fórmulas e *slogans* como a “guerra humanitária” [Iugoslávia, Kosovo, 1999], a “guerra contra o terror”, “guerra sem fim”, “guerra preventiva”, “guerra da liberdade contra o medo”, ou ainda em versões adaptadas à determinadas situações bem específicas – “guerra às drogas”, “guerra ao mosquito”, “combate à fome”, e assim por diante.

O “retorno” da guerra e da linguagem bélica no final do século XX deve ser compreendido dentro da complexidade da sociedade capitalista globalizada, da nova ordem mundial, erguida após 1998-1991: o acirramento da competição no mercado mundial entre os sujeitos econômicos, as duríssimas lutas pela conquista e manutenção da hegemonia cultural na era da internet entre as forças sociais e políticas privadas e nacionais, os embates econômicos e políticos entre as potências pela liderança tecnológica e econômica no século XXI. No capitalismo neoliberal e globalizado, os jornais impressos e digitalizados de alcance nacional e internacional, ou melhor dizendo, os jornais assumiram o papel de informar o sentido e o significado dos complexos fatos e acontecimentos que impactam a realidade social de modo inaudito e globalizado. Domenico Losurdo, situa o papel da grande imprensa na manipulação das emoções imediatas, na construção de uma “indignação moral”, sempre menos capaz de desenvolver um raciocínio baseado na memória histórica e política, crítico e

sensato, capaz de compreender o curso do presente histórico, sempre mais voltada à legitimar a guerra contra o inimigo. Para o filósofo italiano, a imprensa também foi modificada nas últimas décadas do século XX:

[...] Mas também neste âmbito não podemos ignorar as importantes transformações ocorridas. Os jornalistas tradicionais foram substituídos pelos “embedded”, enquadrados, no exército invasor e deles em última análise dependentes. É um sistema desenvolvido e experimentado com sucesso no curso da primeira guerra do Golfo, aquela que, após as ações militares ou após as rápidas invasões de Granada e do Panamá, respectivamente em 1983 e 1989, libertavam o povo americano da “síndrome do Vietnã” e, ao menos por algum tempo, possibilitava readquirir o gosto da guerra. Um corajoso jornalista deixou bem claro que se verificava “a vitória do Pentágono sobre a mídia” ou a “colossal derrota das mídias por obra do governo dos Estados Unidos”<sup>44</sup>. (LOSURDO, 2014, p. 80)

As diversas transformações nos jornais impressos e, sobretudo, o jornal simultaneamente impresso e digitalizado, potencializaram a construção social da *storytelling*, das narrativas construídas para produzir um imediato efeito de persuasão e construção de emoções e sentimentos, mentalidades e comportamentos. A técnica de manipulação, primeiramente utilizada na propaganda para alavancar a venda dos produtos das grandes corporações, que passavam por um longo momento de queda da taxa de lucros, foi, posteriormente, amplamente utilizada no marketing político. Para o linguista italiano Giuseppe Antonelli (2017), a política da narração passou a ser “o elemento central na língua dos políticos” e apresenta as seguintes características: a) o abandono da argumentação histórica e política, b) a construção de envolvimento emotivo, c) as palavras usadas têm como alvo incitar o “instinto dos eleitores, os seus sentimentos” e d) efetuar a permanente “manipulação das emoções”. A linguagem bélica manipula as emoções e os sentimentos favorecendo uma resposta emotiva e passional dos cidadãos-espectadores da política para os problemas concretos da sociedade e do tempo presente.

A construção social da comoção, da indignação moral, da desumanização do inimigo compõem o imenso “poder multimídia” (LOSURDO, 2014, p. 78) das principais potências

---

<sup>44</sup> Ma anche in questo ambito non si possono ignorare gli importanti mutamenti nel frattempo intervenuti. Ai giornalisti tradizionali sono subentrati quelli “embedded”, inquadrati, nell’esercito invasore e da esso in ultima analisi dipendenti. È un sistema messo a punto e sperimentato con successo nel corso della prima guerra del Golfo, quella che, dopo le passeggiate militari ovverto dopo le rapide invasioni di Grenada e di Panama rispettivamente nel 1983 e 1989, liberava el popolo americano dalla “sindrome del Vietnam” e, almeno per qualche tempo, gli faceva riacquistare il gusto della guerra. Un coraggioso giornalista ha chiarito in che modo si è verificata “la vittoria del Pentagono sui media” ovvero la “colossale disfatta dei media a opera del governo degli Stati Uniti”

ocidentais em produzir ideias e emoções, sensibilidade e subjetividade como produtos globalizados:

O mercado da informação é quase um monopólio de quatro agências: Associated Press e United Press [Estados Unidos], Reuters [Grã-Bretanha] e France Press. Todas as rádios, todos os canais de televisão, todos os jornais do mundo são abastecidos por estas quatro agências. 65 por cento das “informações” mundiais partem dos Estados Unidos<sup>45</sup>. (LATOUCHE, *apud* Losurdo, 2014, p. 78 e 79)

Os fortes nexos entre a imprensa e as guerras modernas, como vimos nos capítulos anteriores, foram fundamentais na perpetuação da sensibilidade e subjetividade que transformava o cidadão em um soldado da pátria, as mulheres em únicas responsáveis pela família e força de trabalho nas indústrias de guerra, em uma palavra, a sociedade, em seus diversos grupos e classes sociais, em uma massa homogênea de cidadãos chauvinistas, xenofóbicos, defensores da pátria. É preciso, agora, compreender o papel da imprensa nas guerras globais, sobretudo, as manipulações “[que] constituem somente a ponta de um iceberg gigantesco que continua a crescer: a indústria da mentira é atualmente uma parte integrante da máquina de guerra” (LOSURDO, 2014, p. 94).

2. *A métrica sociológica do uso da palavra guerra na exposição das questões sociais, na construção da figura do inimigo.*

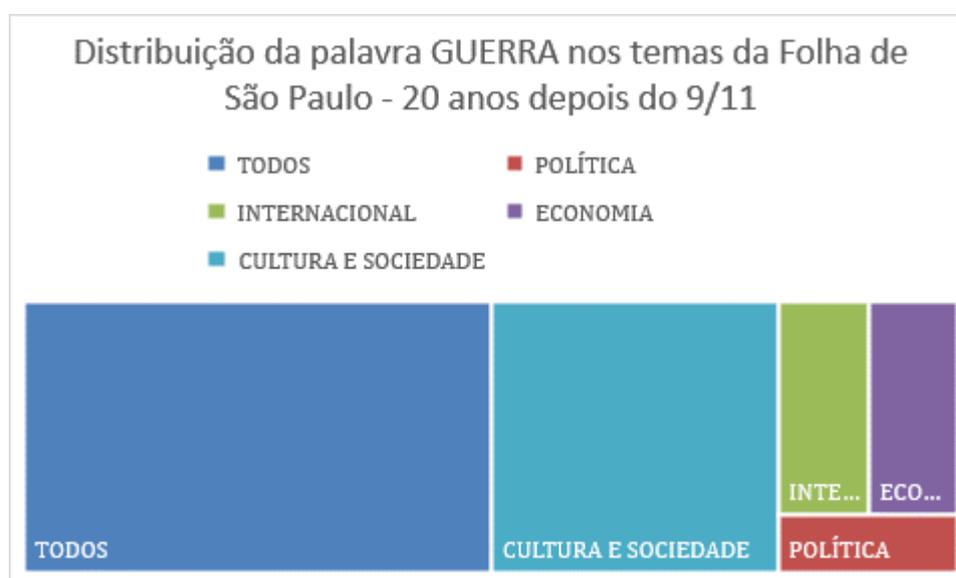
[...] E comparada a uma escrita que se arrepende de maneira tão sanguinolenta de suas imperfeições, esse leitor considera que sua faculdade de ler, deturpada pelo jornalismo, é perfeita. Karl Kraus, **Aforismos**, p. 53.

A palavra “guerra” nos arquivos da *Folha de São Paulo*, aparece por 40.871 vezes no período de uma década anterior ao 11 setembro de 2001, a partir de 11 de setembro de 2001, em um mesmo intervalo de tempo, a palavra “guerra” saltou para 46.066 ocorrências. Nas edições *Globo*, o termo “guerra” ocorreu por 108.983 vezes na década de 1990; já na década seguinte, ela apareceu por 115.998 vezes, concentrada nos editoriais de Cultura e no caderno

---

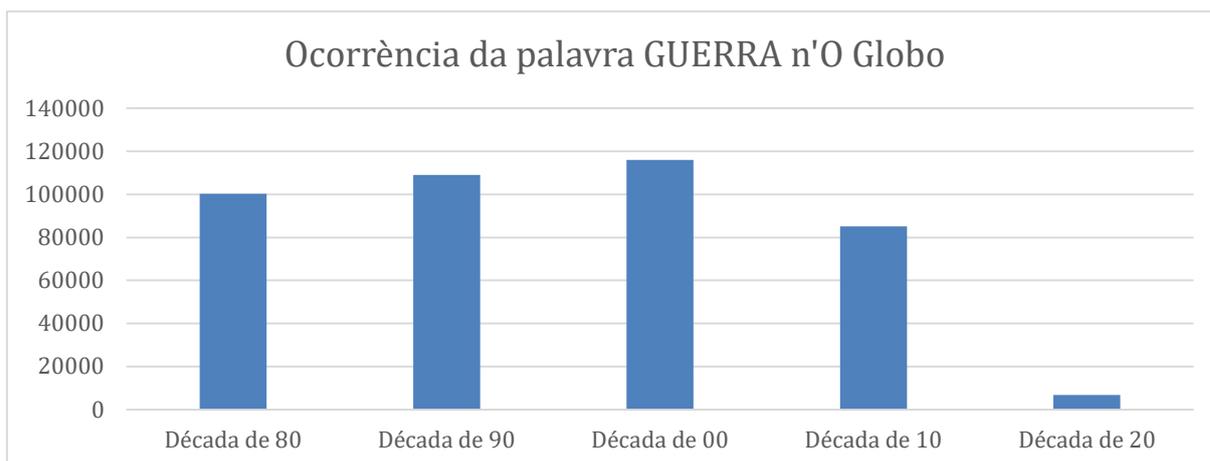
<sup>45</sup> Il mercato dell’informazione è il quasi monopolio di quattro agenzie: Associated Press e United Press [Stati Uniti], Reuter [Gran Bretagna] e France Press. Tutte le radio, tutte le catene di televisione, tutti i giornali del mondo sono abbonati a queste agenzie. Il 65 per cento delle “informazioni” mondiali partono dagli Stati Uniti.

de Arte e Lazer, embora tenha registrado um aumento significativo para o caderno de Economia após os atentados de 11/9, nas primeiras décadas do século XXI<sup>46</sup>.

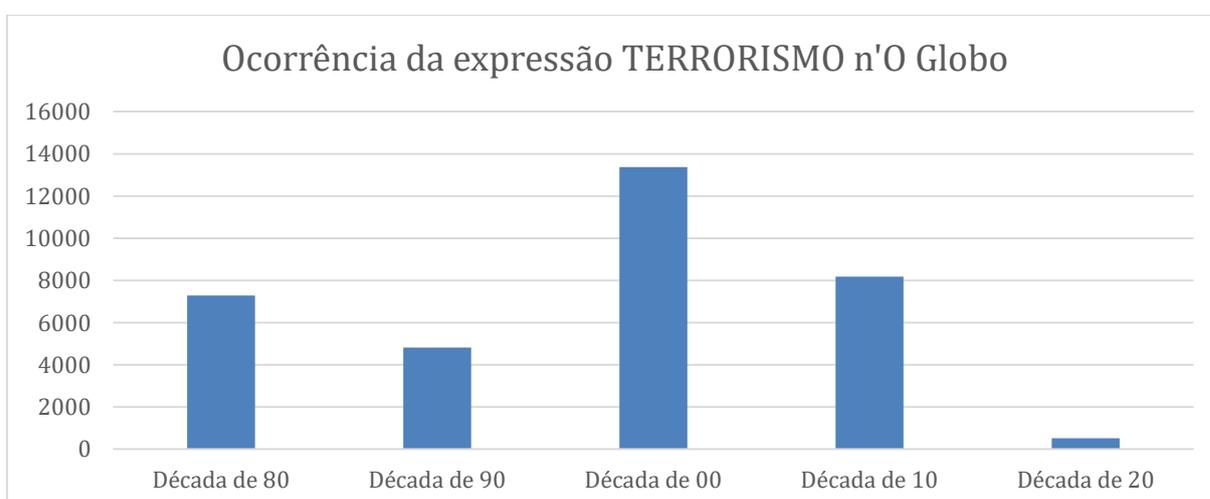


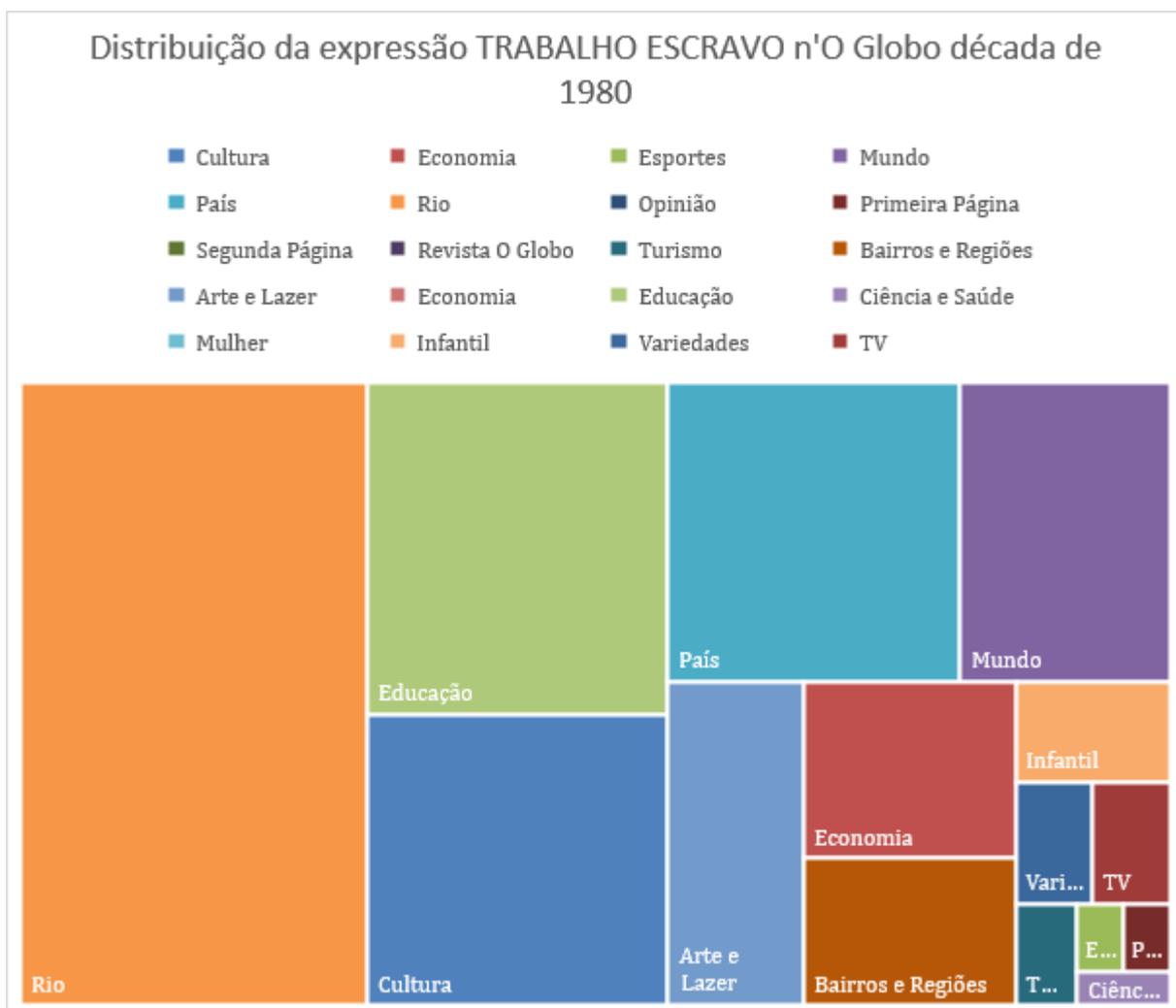
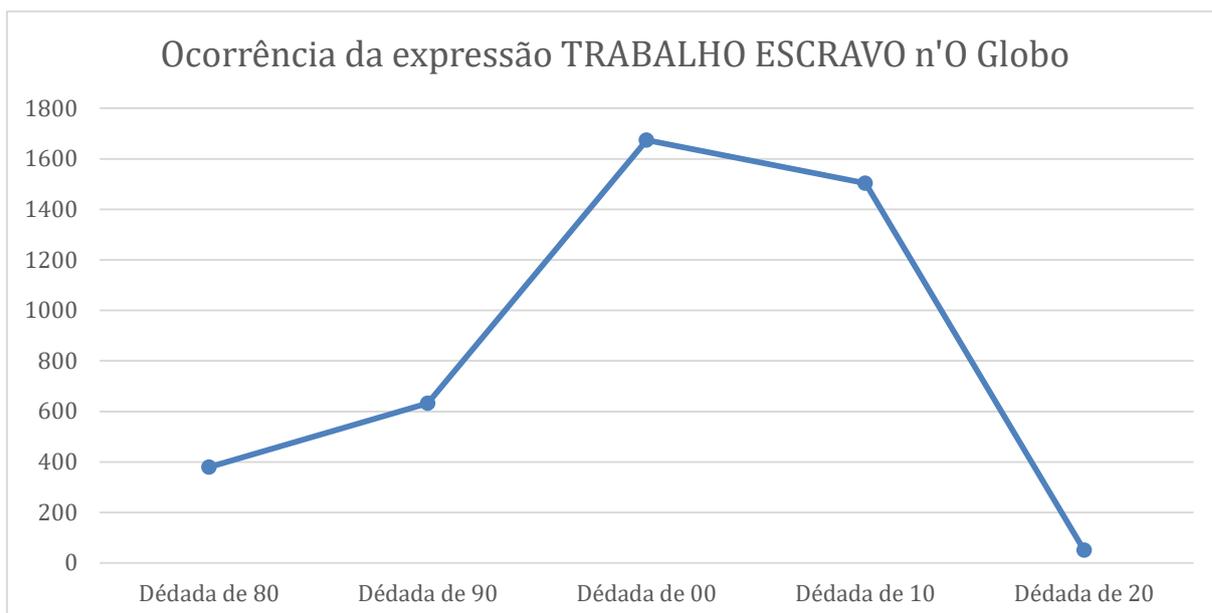
A ocorrência da palavra “guerra” na década de 1970 estava bem distribuída por matérias nos editoriais do jornal *O Globo* [ciência, cultura, economia, esportes, mundo, país e primeira página]; depois de trinta anos esse mesmo termo ocorreu majoritariamente nos editoriais de “ciência”, “cultura” e “mundo”. Atualmente, nas edições *Globo*, a ocorrência da “guerra” concentra-se, principalmente, nos cadernos “bairros e regiões” e “arte e lazer”; curiosamente, nos anos 70 os exemplares de “bairros e regiões” sequer registraram essa palavra em suas páginas. Não deixa de ser curiosa a sintonia de uma parcela da imprensa brasileira para um movimento mais amplo e mundial.

<sup>46</sup> Os dados que compõem o corpus quantificável da tese e que formam a base dos gráficos aqui apresentados estão disponíveis no Anexo I ao final do trabalho.



Também não é coincidência que as palavras “terrorismo” e “desumanização”, bem como as expressões “fechamento de fronteira” e “trabalho escravo” tenham se multiplicado na imprensa nas últimas décadas. Na *Folha de São Paulo*, a expressão “fechamento de fronteira”, por exemplo, saltou de 45 ocorrências nos vinte anos que antecederam ao 9/11 para mais de 190 até o final da atualização dos dados desta tese em 11 de setembro de 2021. Se considerarmos outro recorte temporal, a mesma expressão aumentou sua ocorrência em mais de 10 vezes nas páginas da *Folha de São Paulo* desde 1994 para cá. Taxa semelhante apresenta as edições *Globo* no que diz respeito à expressão “trabalho escravo”, que passou de 1.011 ocorrências nas duas últimas décadas do século XX para 3.177 ocorrências nas duas décadas do século XXI, um aumento em mais de 3 vezes. No mesmo momento em que a financeirização da economia começou a se desenhar no horizonte dos mercados por todo o globo, dois grandes jornais brasileiros estamparam as expressões “trabalho escravo” e “fechamento de fronteira” em uma escala quatro vezes maior que nas épocas anteriores.



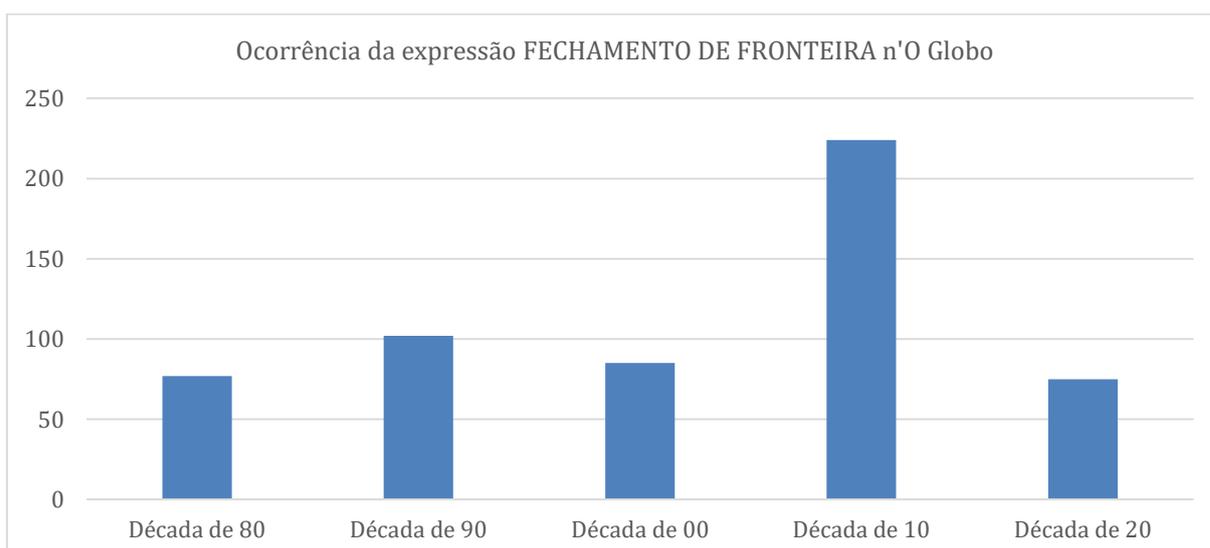
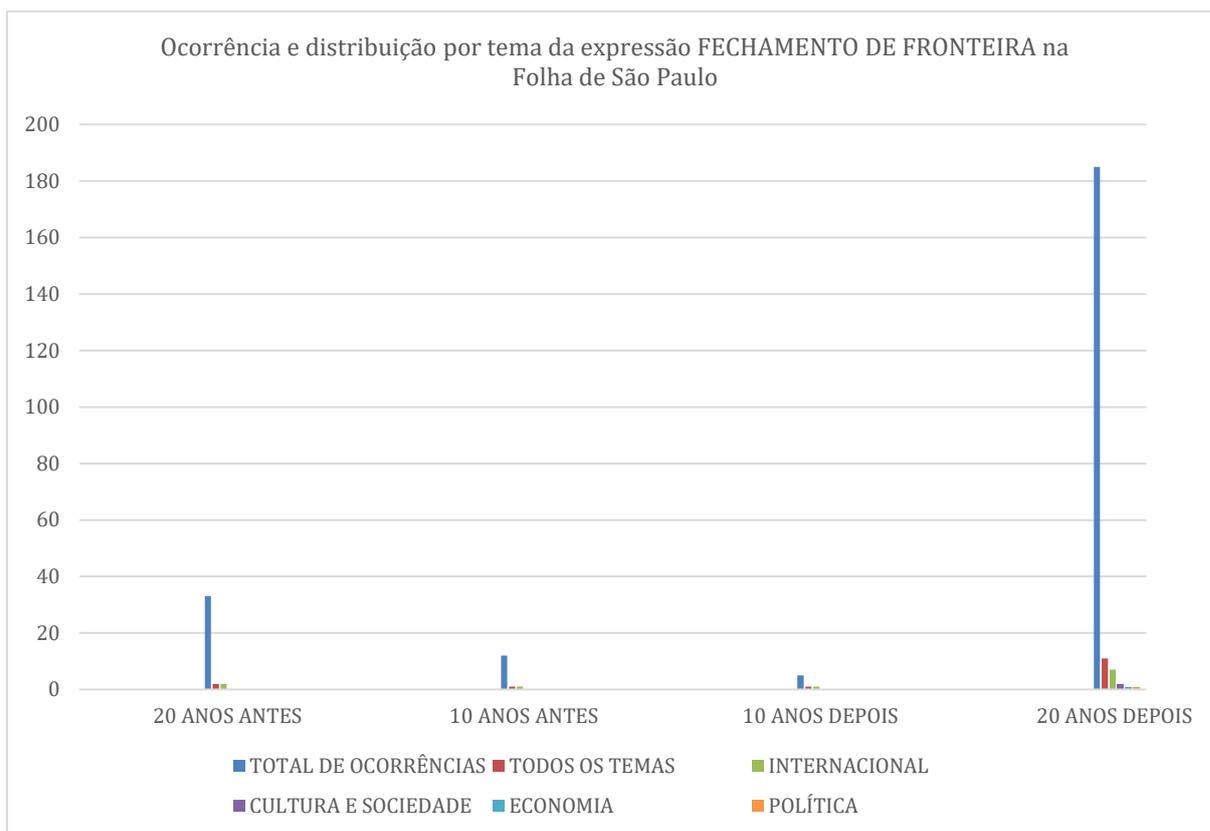


### Distribuição da expressão TRABALHO ESCRAVO n'O Globo década de 2000



### Distribuição da expressão TRABALHO ESCRAVO n'O Globo década de 2010





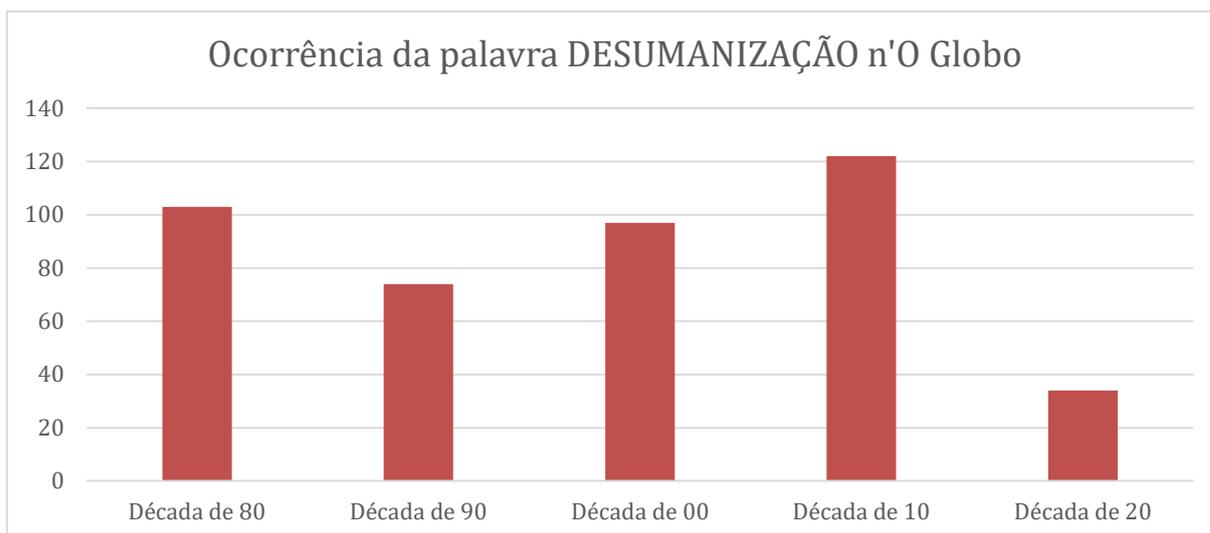
A ocorrência dos termos na mídia pode indicar um novo movimento que prepara o leitor para o que está por vir, para o que já é: a consolidação de um sistema econômico mundial organizado sobre as bases da mais cruenta violência contra as pessoas, os grupos, os povos e as nações que se lhe apresentarem por obstáculo.

Na lógica da guerra global a construção do obstáculo não é um meio, mas a principal estratégia ao fim proposto – a *intervenção humanitária* - que é a etiqueta usada pela primeira

vez pelos EUA e OTAN na guerra de agressão em 1999 contra a República Federal Iugoslava [de fato, uma guerra civil entre as milícias sérvias e os militantes kosovaro-albaneses implacáveis em ambos os lados]. Neste caso, e nos casos sucessivos, o princípio *vestfaliano* do respeito à soberania dos Estados e da sua jurisdição doméstica foi desrespeitado, não obstante a desaprovação jurídica inteiramente calcada no aparato das Nações Unidas e do direito internacional. Desde então, a considerada comunidade internacional parece ignorar o ordenamento jurídico internacional toda vez quando o uso da força é considerado necessário pela razão ética ou humanitária. “Se o poder das armas vem sendo usado para fazer justiça” – tem proclamado solenemente o jurista estadunidense Michael Glennon -, *o direito seguirá* (GLENNON, 1999, p. 7).

Entre a língua e a guerra podemos constatar aproximadamente a seguinte relação: aquela língua que mais estiver enrijecida sob a forma de chavões também será responsável pela tendência e pela disposição para substituir a substância por um sucedâneo de entonação; com convicção, a achar irrepreensível em si própria tudo aquilo que no outro apenas provoca censura; a desmascarar com indignação aquilo que também se gosta de fazer; a enredar qualquer dúvida num matagal de frases e a repelir sem esforço, como um ataque inimigo, qualquer suspeita de que alguma coisa não esteja em ordem. Essa é, sobretudo, a qualidade de uma língua que hoje se parece com aquele produto acabado cuja venda constitui o conteúdo da vida de seus falantes; ela brilha como uma auréola e tem apenas a alma óbvia do homem de bem que não tem tempo de cometer uma maldade porque sua vida se limita aos negócios e, caso não seja suficiente, deixa uma conta em aberto. (KRAUS, 2009, p. 82)

Uma nova ordem em que as palavras e as imagens são utilizadas pela indústria midiática para dotar de sentido e significado as guerras globais, com isso, nossa tese procura compreender a mobilização da cultura da guerra na sociedade contemporânea para poder trilhar um caminho ao entendimento do núcleo de nossa hipótese: a construção social da não-pessoa está interiorizada na dinâmica da globalização em diversos segmentos. Em síntese, a pesquisa busca produzir dados para compreender como a guerra global e a desumanização passam do discurso ideológico e midiático à reprodução social, política e econômica do mundo contemporâneo.

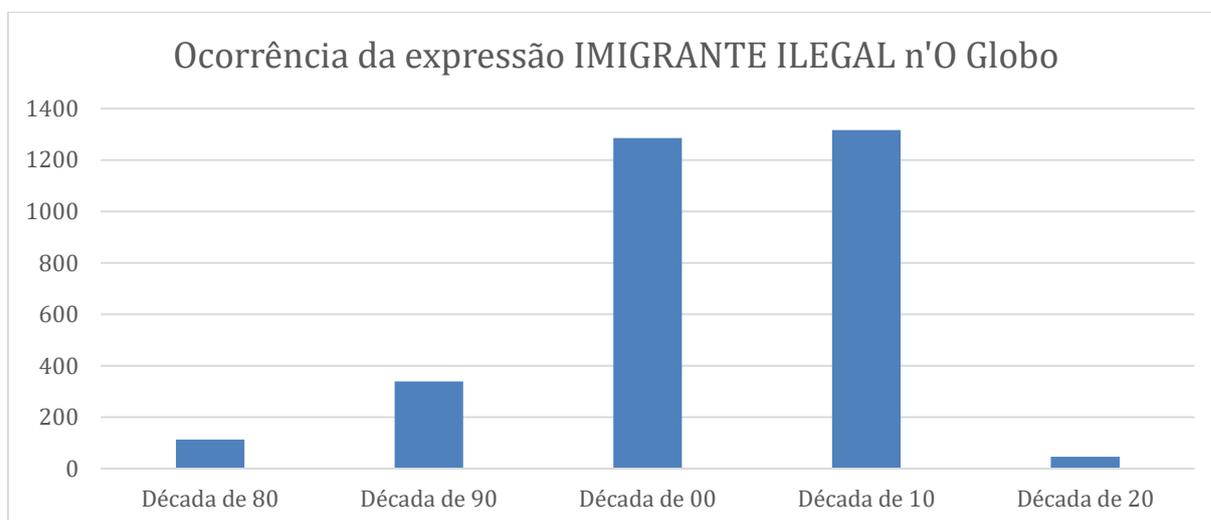


As guerras globais [analogamente às coisas] e os processos de desumanização [semelhante às ideias] por diversas vias se imbricam e ganham o cotidiano das sociedades globalizadas para efetivar os planos mundiais de desenvolvimento econômico capitalista, a extração rápida e exponencial de mais-valia, bem como ampliar o poder dos diversos tipos de capitais no mercado financeiro mundializado. *Nesta guerra, o negócio é...* — *Sem dúvida, esta guerra é um negócio!* Guerra às drogas, à prostituição, à imigração “ilegal”, guerra urbana, guerra infinita, guerra híbrida, etc., são alguns exemplos nos quais o “outro” é um sujeito passível de ser desconsiderado, desrespeitado e, portanto, física, econômico e culturalmente assimilado ou, se necessário, totalmente eliminado pelas forças sociais dominantes mobilizadas ao sabor do mercado. Em consonância com Vladimiro Giacché (2005), podemos pensar que as guerras globais disputam todos os aspectos e expressões humanas, racional e planejadamente manipulam as emoções das pessoas por diversas formas, uma das mais eficientes é o controle da linguagem como arma de guerra. Para o autor, uma estratégia das guerras passa pela distorção da verdade que ele denomina por “método sinédoque indevido”:

A sinédoque é aquela figura retórica particular para a qual a parte de uma coisa é usada para designar a coisa em sua totalidade [pars pro toto]. Em que consiste a sinédoque indevida? Na escolha, dentro de um fenômeno complexo, um elemento irrelevante [e em qualquer caso não característico] e usá-lo como um elemento qualificador para descrever e definir esse fenômeno<sup>47</sup>.

<sup>47</sup> La sineddoche è quella particolare figura retorica per cui la parte di una cosa viene adoperata a designare la cosa nella sua interezza (pars pro toto). In cosa consiste la sineddoche indebita? Nel trascogliere, all'interno di un fenomeno complesso, un elemento irrilevante (e comunque non caratterizzante) ed utilizzarlo quale elemento qualificante per descrivere e definire quel fenomeno.

Para o intelectual italiano, os métodos para distorcer a verdade são obviamente muito mais simples e eficazes de praticar do que simplesmente remover a verdade. Assim, para os objetivos da guerra global, os possíveis efeitos da verdade [ou de um fato] são fundamentais ao desenvolvimento das tensões e das crises com as quais se reelaboram as relações sociais da sociedade capitalista contemporânea. Portanto, não é necessário fingir que a verdade não existe, basta mudar as suas conotações, colocando-a de “cabeça pra baixo”.



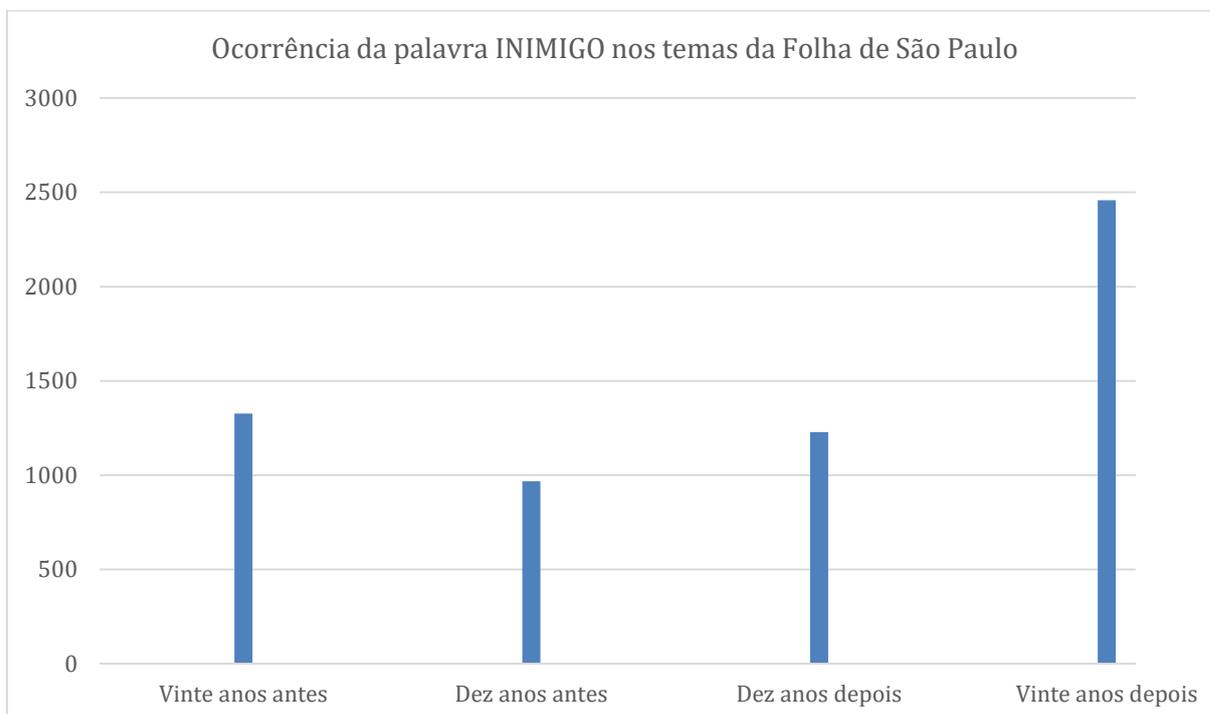
A manipulação de um fato, um evento, etc., procura imprimir outros sentidos aos seus registros que, necessariamente, negá-los pura e simplesmente. Não altera o fato em si, mas as circunstâncias em que se encontra. De acordo com Vladimiro Giacché (2005), para efetuar este movimento, “a arma principal é representada pelo eufemismo”.

O eufemismo é a expressão de uma das doenças político-morais fundamentais da nossa sociedade: a hipocrisia. E se a hipocrisia foi definida como "a honra que o vício dá à virtude" [La Rochefoucauld], talvez seja possível definir o eufemismo como "a honra que a mentira paga à verdade". A coleção de eufemismos que nosso tempo coloca diante de nossos olhos é francamente impressionante<sup>48</sup>.

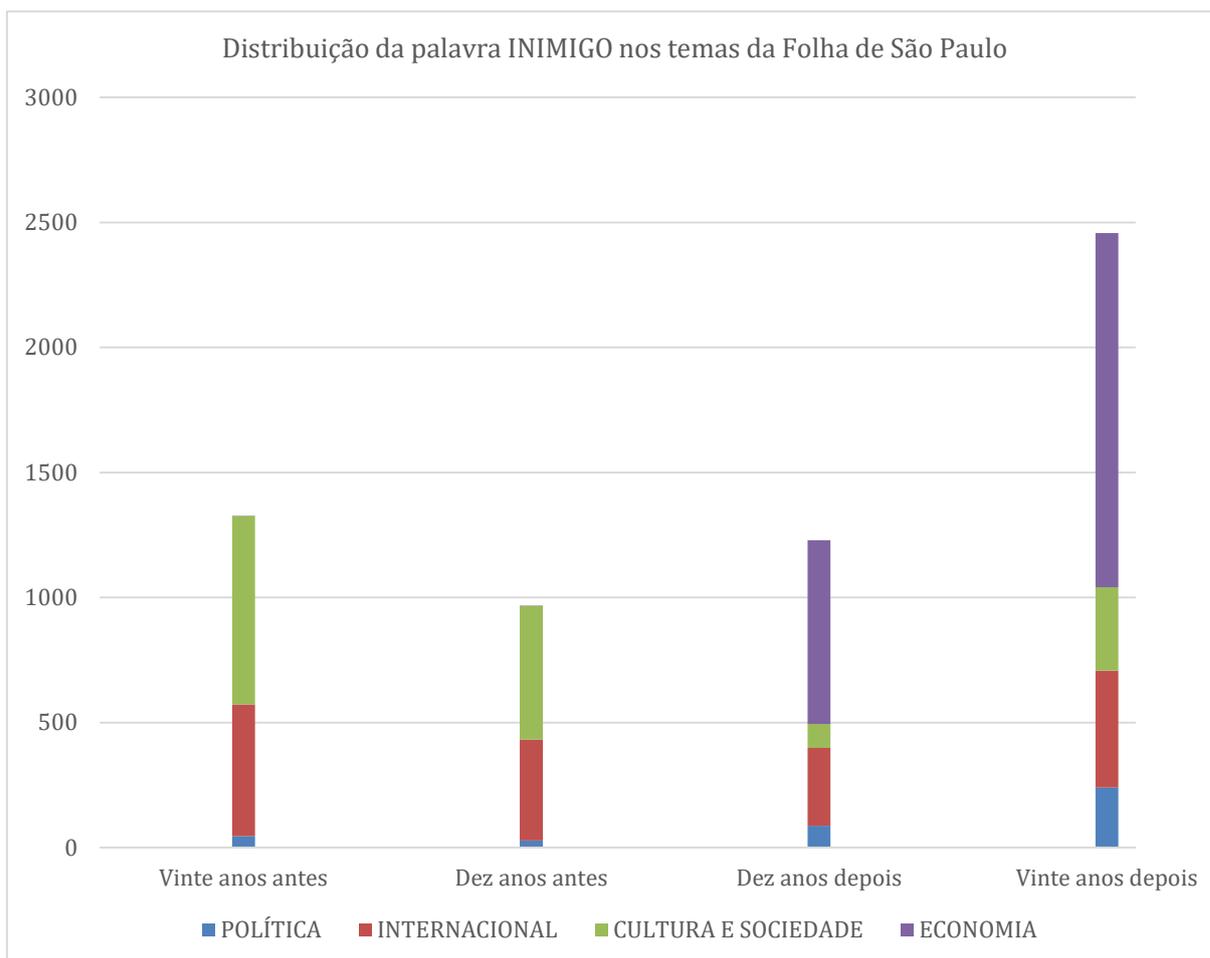
Seja como for, é evidente a importância que o domínio da linguagem assume hoje, o seu controle. Não é surpreendente, portanto, que verdadeiras batalhas políticas ocorram precisamente em torno de eufemismos. Por trás dessas manipulações, completa o pensador italiano, “fica evidente a tentativa de forçar o próprio conceito de legalidade para uso e

<sup>48</sup> L'eufemismo è espressione di una delle fondamentali malattie politico-morali della nostra società: l'ipocrisia. E se l'ipocrisia è stata definita come “l'onore che il vizio rende alla virtù” (La Rochefoucauld), è forse possibile definire l'eufemismo come “l'onore che la menzogna rende alla verità”. Il campionario di eufemismi che il nostro tempo ci pone dinanzi agli occhi è francamente impressionante.

consumo próprio, em um cenário preocupante em que a lei perde sua função fundamental de proteger as vítimas e se torna um instrumento para perpetrar a impunidade de seus algozes”.

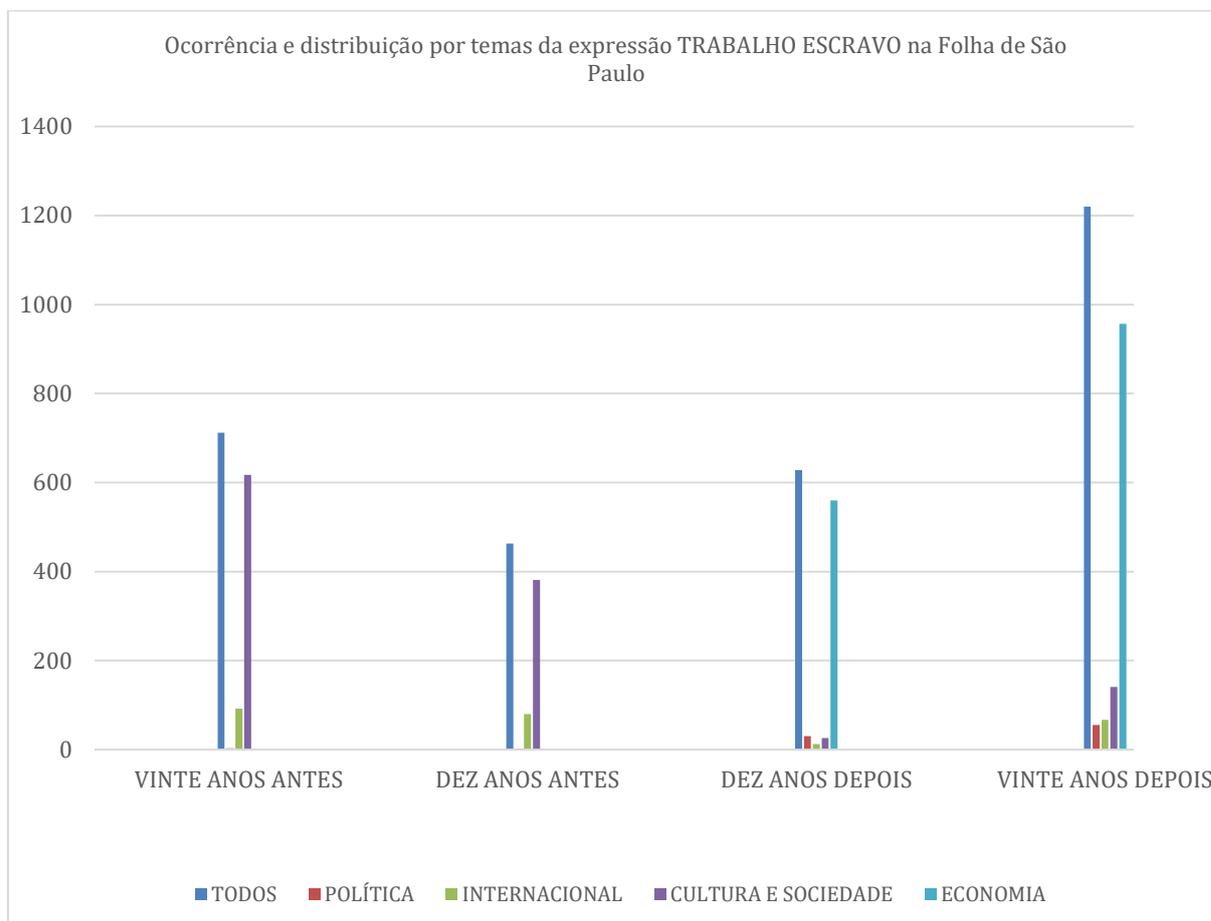


O uso da percepção das angústias, dos medos, das incertezas e das inseguranças acaba sendo um recurso a ser explorado no mundo globalizado. Com a queda do nível de vida material, a precariedade e a insuficiência em relação a consumo de bens, saúde, educação, lazer e turismo, ocorre uma mudança dos modos de vida, isto é, uma radical mudança de valores e identidade coletiva segundo Dominique Reynié (REYNIÉ, 2013). As condições da vida contemporânea que permitem o fluxo de pessoas pelo mundo de maneira inaudita permitiram encontros de elementos culturais até então raros de acontecer. A noção de aproximação talvez possa cumprir com o papel de síntese desse movimento – jamais fomos tão próximos. Mas essa proximidade não produz alteridade alguma que não seja unicamente o estranhamento. Se a primeira impressão das aproximações facilitadas pela tecnologia contemporânea aos diversos elementos culturais e aos mais variegados sujeitos portadores de distintas experiências é uma impressão repleta de potencialidades, em curto tempo produz a potência que se dilata num dado sentido e, as abordagens dos novos problemas são feitas por antigas palavras modificadas em seu sentido histórico e original.



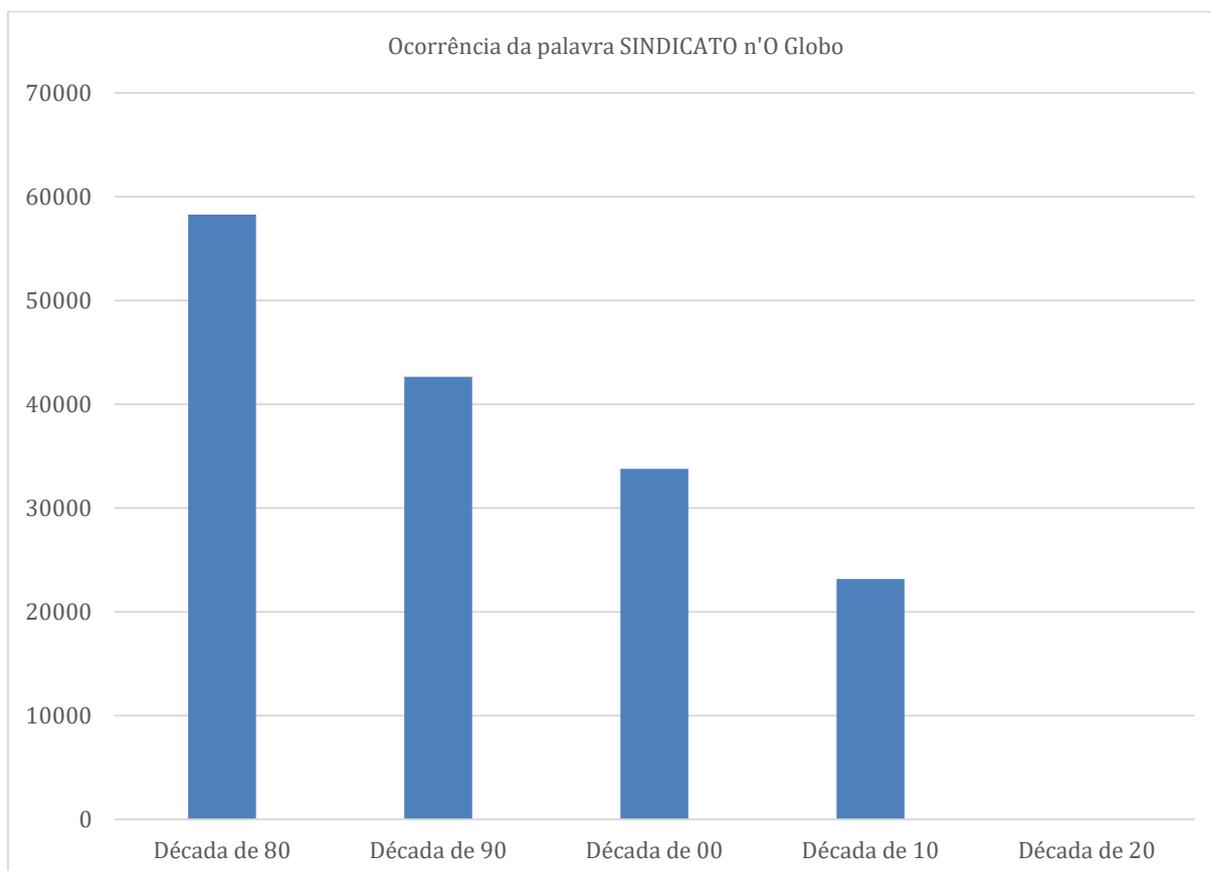
Um exemplo são os fluxos migratórios que, de acordo com Jean Raspail (RASPAIL, 1973), a partir do momento em que se configura o *campo dos santos*, essa questão passa a ser compreendida como uma invasão dos pobres e miseráveis ao Ocidente. Esvazia-se em substância o *Ius Migrantis* o que acaba por gerar uma política de tolerância zero ou, como Luigi Ferrajoli (FERRAJOLI, 2011) denominou: de *populismo penal*, discriminatório, repressivo, violento e racista. Como forma de proteção a estas invasões, muitos países impõem barreiras físicas e jurídicas ao imigrante que encontram respaldo, geralmente, em expressões e manifestações políticas permeadas por elementos de populismo nacionalista capaz de agregar forças às suas ideias. Seus *slogans* mobilizam as forças produtivas, gerando uma política do medo porque, de fato, se apresentam como as reais empreendedoras do medo. Esta nova ideologia gera a perda na força da percepção das palavras e a transfere a para as imagens, ao cinema, às TV e internet. Isso atinge a sensibilidade e os sentidos que são diariamente bombardeados por imagens e estímulos que contribuem, em grande medida, para o esvaziamento das capacidades de narrar e o fim da grande narrativa. O outro ponto

impactante desse movimento é o esvaziamento da experiência, a atingir as vivências e a maneira como os objetos são percebidos.

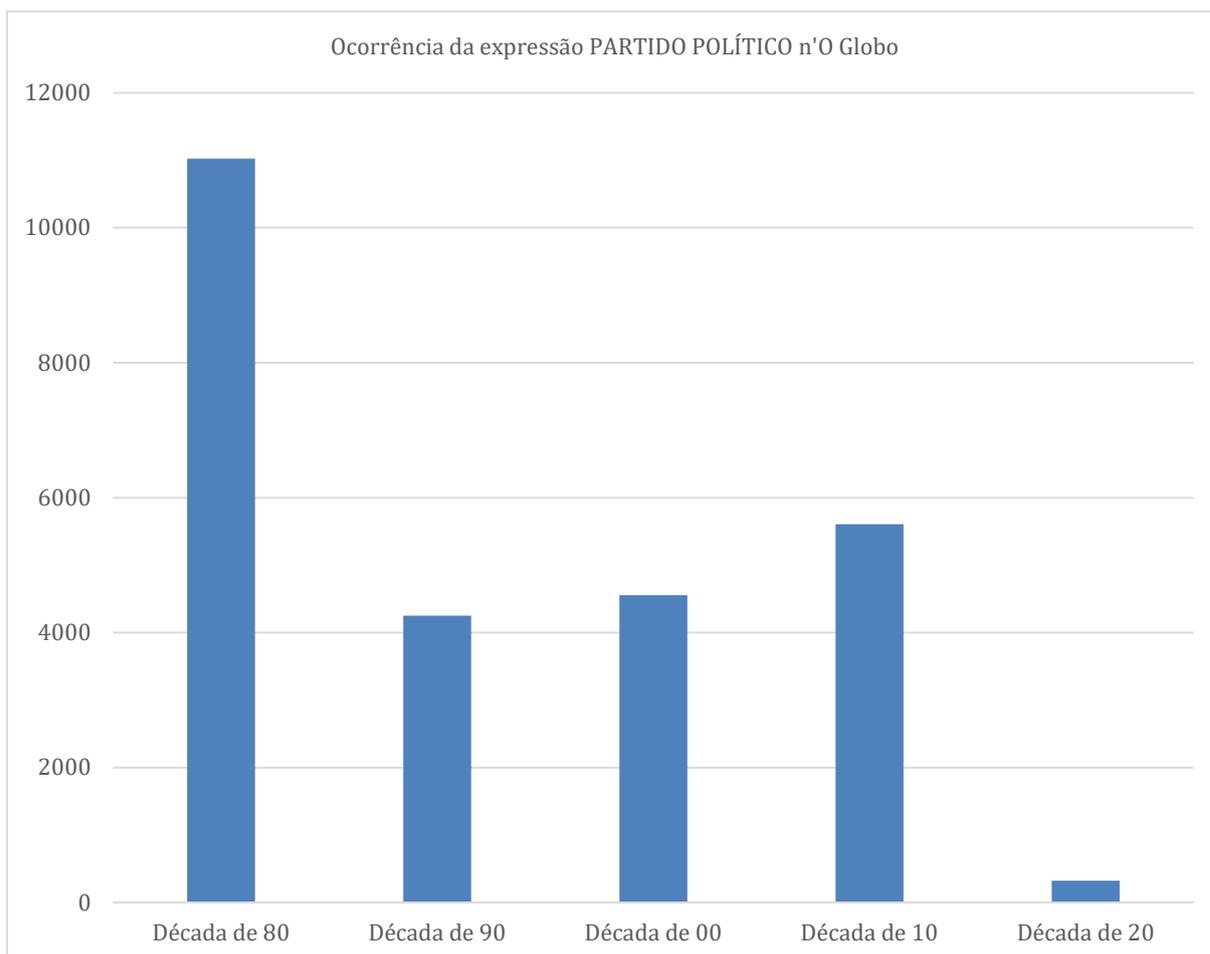


O poder das palavras construídas é dado pelas forças sociais e políticas para obter o consenso político e determinar o sentido e o significado da ordem social e da história. Para Marx, a classe que domina o modo de produção, domina a produção social das palavras-ideias. Aí se assenta o núcleo das batalhas culturais, que antecedem e alimentam as lutas sociais e políticas. Batalhas que difundem em escala sempre maior a força das palavras [e das imagens] em criar o senso comum, a subjetividade e a tendência cultural de longa duração. O final dos anos 70 marca o início de uma profunda mudança no modo de sentir, perceber, compreender e agir socialmente, bem como, emerge daí um novo sentido da história que é acompanhado pelas manifestações anti-Estado e anti-fiscais. A defesa de novos valores baseados num posicionamento anti-estatal e anti-fiscal disseminaram a crença na ineficiência do Estado em contraposição à emergência eficaz de um mercado hábil e criativo. Contemporaneamente, o que sobra ao Estado é uma batalha cultural através da ideologia que sustenta, além disso, o Leviatã é identificado por despótico e totalitário por parte considerável

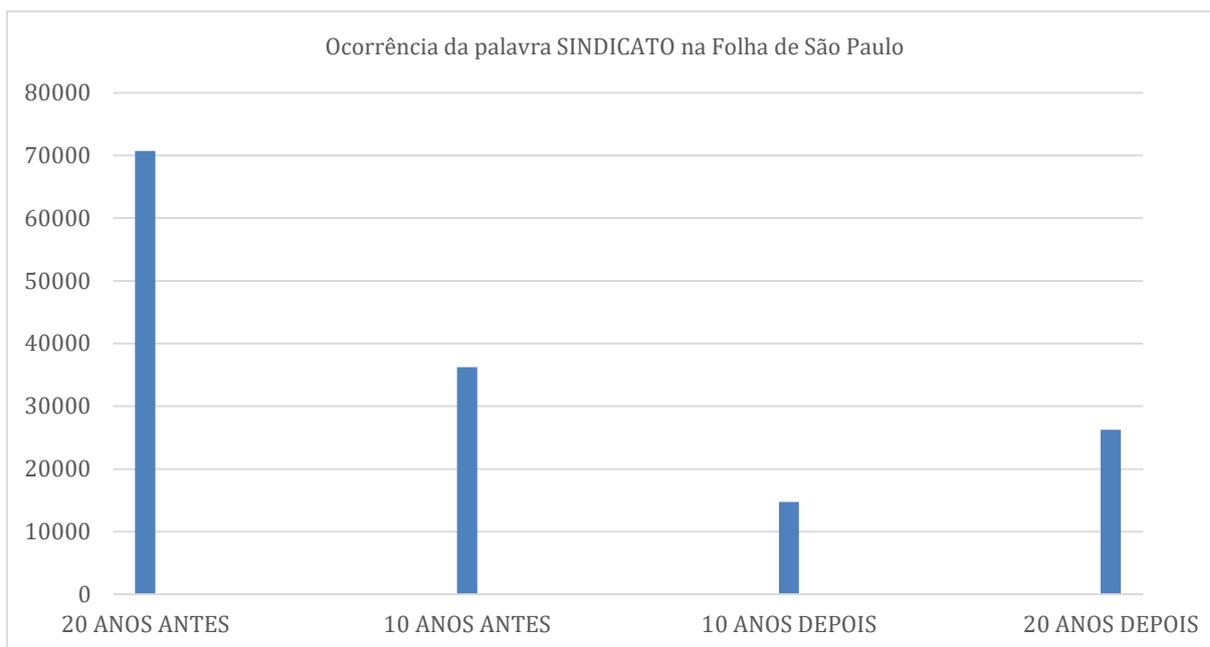
da sociedade civil. Neste sentido, perde-se a identidade de um Estado que tem atrelado a si os cidadãos, reduzidos agora à condição de indivíduos, com sérias limitações de vínculos de pertença e responsabilidade.



O Estado mínimo traduz a ampliação do mercado mesmo com as crises econômicas e políticas profundas. A ideia de que o Estado deve ser mínimo é predominante nos dias de hoje, o excesso da democracia [ideia que surgiu nos anos 70 pela Comissão Trilateral], é o excesso de direitos. Isso produz dois tipos de dinâmicas culturais: uma inclusiva, que dentro do território vai exaltar o particular [negação do diverso, outro, migrante]; e outra excludente ao fomentar a retirada dos direitos sociais e econômicos, os esvaziamentos de direitos e criação de espaços de exceção.



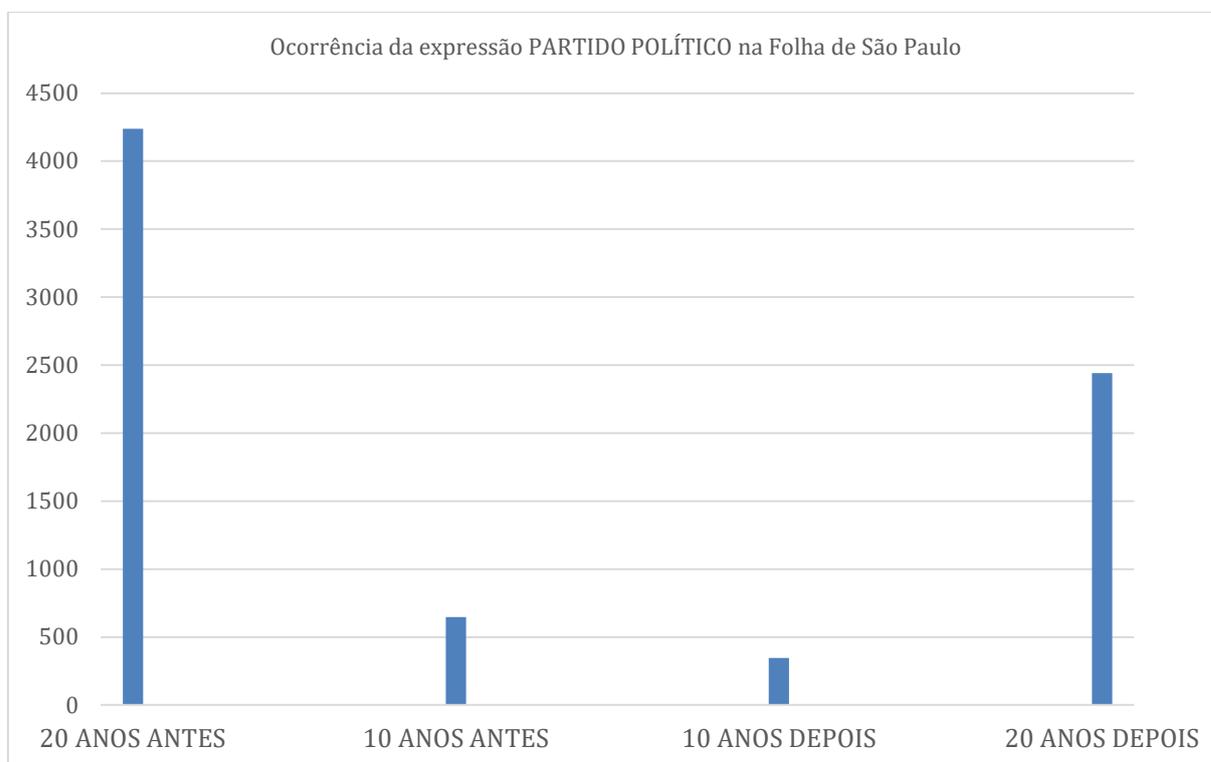
Essas reações também impactam numa mudança na concepção da forma e do espaço de grandes cidades [as cidades globais]. A partir dos anos 70, novas questões urbanas aparecem. O urbanismo privado se propõe como virtuoso [o ser humano cria sua relação com o espaço, com sua vontade subjetiva, minoritária e empreendedora de sucesso] e aparece com vigor a separação do espaço [cidade dos ricos e cidade dos pobres]. O urbanismo se fixa como potência de forças econômicas, gerando projetos a-históricos. Os projetos agora expressam a grandeza e a força de seus agentes. Assim refletem diretamente na ideia de cidade contemporânea imersa nos novos conflitos e contradições como a fluidez dos capitais, os fluxos migratórios e os problemas demográficos [qualitativo e quantitativo]. Ao exemplo das transformações na linguagem da política que absorve as tendências segregacionistas, a cidade que passa a constituir-se enquanto problema abre espaço para o discurso da extrema direita e aos elementos que nele se destacam.



A arquitetura e o urbanismo a partir dos anos 70 se orientam por duas ideias fundamentais: a renúncia da ideia de projeto e desenho que estariam vinculados com a tradição da arquitetura, com o passado histórico e vinculados com a ideia de razão; ao mesmo tempo, esse movimento afirma a força da ideia do planejamento arquitetônico e urbanístico - que deve ser espontâneo e sem um planejamento de ordem política. O valor do pós-modernismo é de que cabe a sociedade e aos indivíduos criarem por si mesmos a nova forma e estrutura do tecido urbano, essa mudança na ideia de cidade que não pode mais ser desenvolvida mediante um projeto político, mas pelas forças vitais dos indivíduos e suas individualidades que desejam e querem – necessidades e desejos que passam a ser cada vez mais subjetivos. A arquitetura e o urbanismo afirmam a ênfase no privado, no particular e na capacidade do privado e do particular em produzirem uma nova ideia daquilo que é bom, belo e verdadeiro, noutras palavras, não é mais o público que determina o sentido das coisas e das expressões humanas.

As mudanças provocadas na compreensão da ideia de sociedade - o fim dos *vínculos* dos indivíduos com o passado histórico, com as forças sociais e políticas e, especificamente, com o Estado-nação -, permitiram o surgimento de um novo tipo concepção societal: uma sociedade não determinada politicamente, mas espontânea e doravante entendida por uma sociedade de indivíduos desprovidos de *vínculos* para com a sua família, as forças sociais e com a nação. É um vasto e intenso processo de despolitização que gera e forma o indivíduo proprietário do seu próprio corpo, da sua mente, quanto daquilo que consegue criar, objetivar.

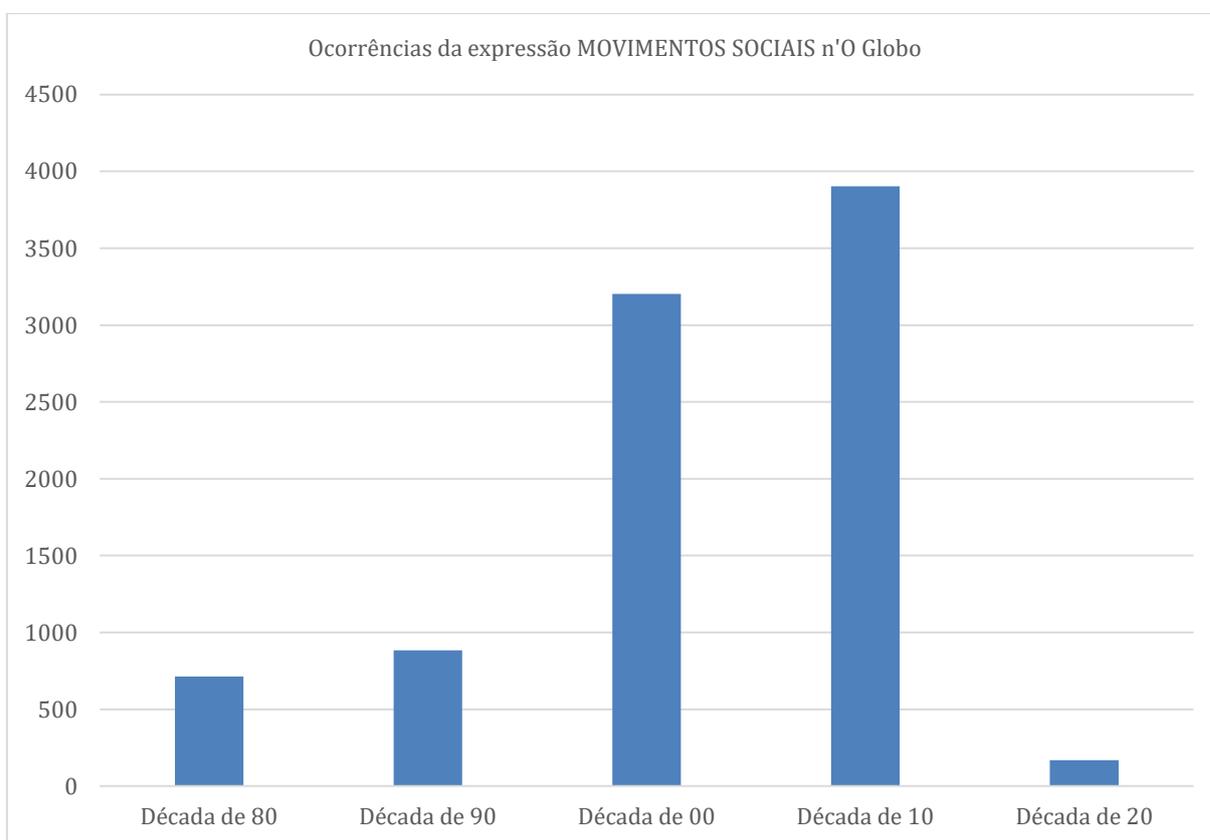
Assim, o novo ser humano que daí surge é a voz que entoia o canto da sereia: o individualismo cuja manifestação não pode ser limitada, mas deve ser socialmente ilimitada. O crescimento da grandeza econômica passa a ser ilimitado e se efetua por diversos processos que negam os principais valores e ideias da era moderna e da modernidade: a negação da razão, a negação da verdade, a negação do progresso, a negação da história portadora de um sentido, a negação da revolução e a negação da ideia de emancipação humana.



Jaz no bojo destas novidades a afirmação da identidade pessoal a partir de sua construção pelo próprio eu - não mais por nenhum tipo nós. A mola que impulsiona essa dinâmica age através de dissociações *sistemáticas*, não se ligando mais a nada que possua um viés comunitário, isto é, uma força que atua ao libertar o indivíduo das imposições e dos imperativos coletivos, de obrigações e de sacrifícios objetivos. Assim, no interior desse movimento, brotam os novos sujeitos que devem assumir a capacidade de *experimentar* por si mesmos as mais diversas formas e possibilidades de vida. A partir daí, o senso da vida deixa de estar submetido ao peso da norma, da disciplina, da identidade coletiva e passa a existir, doravante, em uma vida fluida, mutável, particular e híbrida.

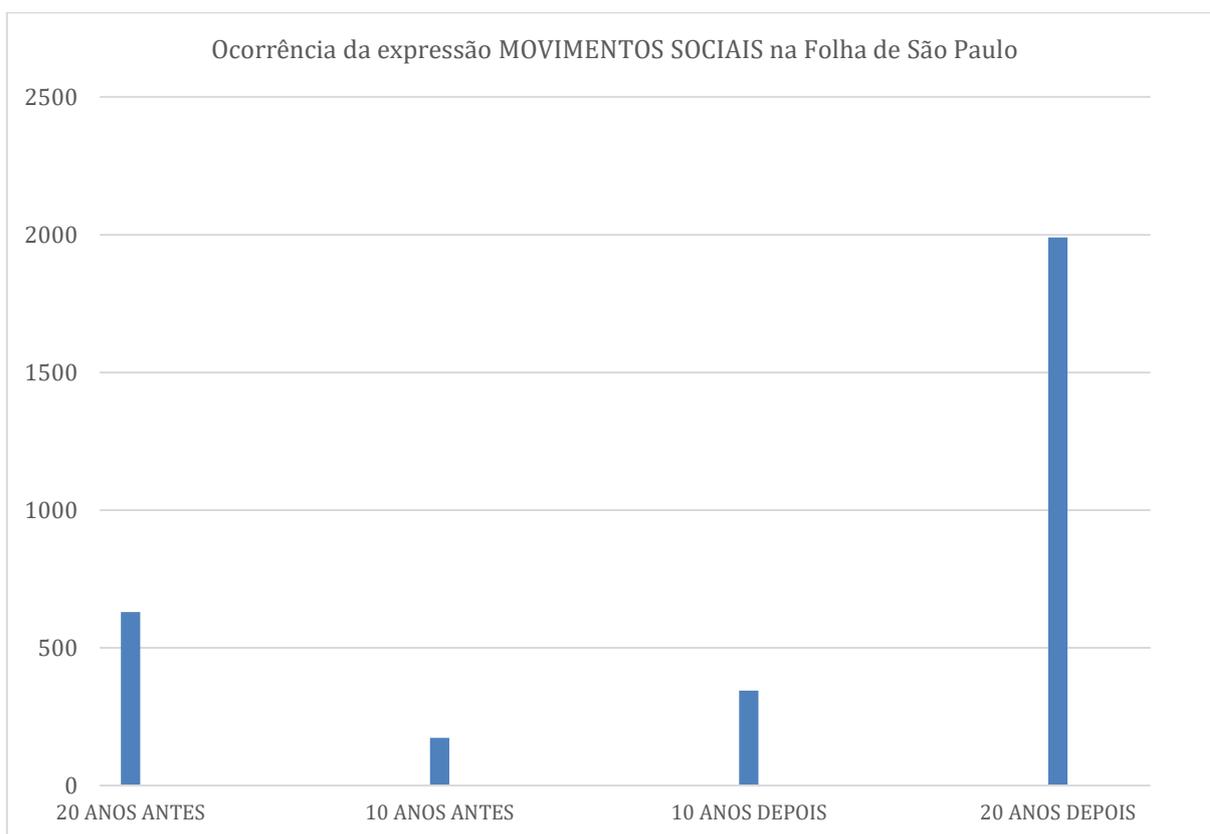
Essa avalanche de transformações radicais na *geografia* da contemporaneidade arrasa seu terreno e modifica o *espaço* que outrora sustentava os três grandes pilares do mundo moderno: a ideia de uma História fundada em *organismos coletivos* como raça, classe,

partido, sindicato, nação, sociedade, etc.; também arrasta consigo as delimitações e os entrosamentos da história nacional e História universal; e, sobretudo, rompe com ideia do poder centralizado no Estado como obra elevada da razão e da política. Dessa maneira, ao dilatar exponencialmente a individualidade, a pós-modernidade traz à tona formas ilimitadas do *eu*, multiplica na mesma proporção a sua desvinculação do *outro*, e torna tudo *fluído e transitório*. E, ao esvaziar a substância do Estado, *empodera* de maneira difusa o indivíduo e as individualidades, reiterando, assim, a ideia de que o indivíduo deve se libertar de todas as obrigações para com a sociedade e enraizar-se em sua própria vontade, inserido numa sociedade de mercado em que o dinheiro a tudo transforma e, ao atrelar à autonomia individual à posse de bens e riquezas como direção da própria vida, diametralmente faz por retrain a autonomia do indivíduo enquanto produto histórico do iluminismo.



No conjunto, as transformações radicais que mundo contemporâneo gesta desde o fim da Guerra Fria, representam mudanças epocais as quais reverberam na própria ideia de liberdade. Com a derrota do comunismo, a *liberdade negativa* substancia, como força e potência sociais, a noção de fim da história, o fim das grandes narrativas e a negação da política. O *espontaneísmo* da ação do indivíduo gera o esvaziamento da liberdade social, dos

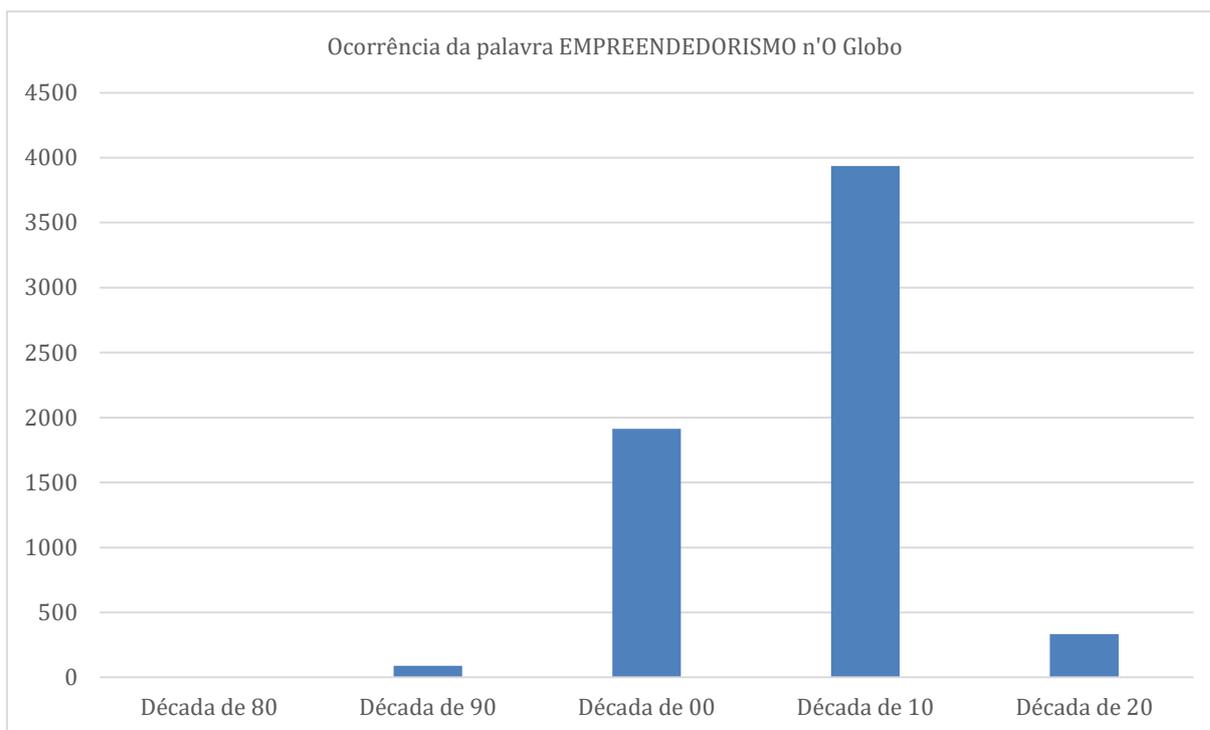
espaços públicos e coletivo, mina a consciência social forjada pelas identidades comuns e, em grande medida, pela *identidade política compartilhada*.



Essa dinâmica também produz novas formas de organização em que (a) *a neutralização da política na vida das pessoas*, vida sem vínculos e condicionamentos objetivos, permite a libertação do *eu* de toda e qualquer forma de subordinação de autoridades, seja a família, a escola, o trabalho, as representações políticas e os cargos públicos. Dessa maneira, produz (b) *o estímulo da ação individual voltada aos prazeres imediatos*, ao hedonismo sem culpa, à transgressão das normas sociais, uma existência humana voltada ao consumo ilimitado e a acumulação ilimitada de renda, de recursos, de oportunidades, de experiências, de aventuras e de casos. Assim concebidos, o indivíduo e a sociedade de indivíduos livres, (c) *proliferam e dilatam-se os direitos civis particulares, individuais*, não mais destinados a terem alcance coletivo ou muito menos universal. A esse quadro de profundas mudanças mentais e de comportamento, amalgamam-se (d) *a generalização da retórica do indivíduo autônomo*: é narcísico, é egoísta, está voltado para a competitividade total, se entende por auto-suficiente e não subordinado a nenhuma dimensão coletiva.



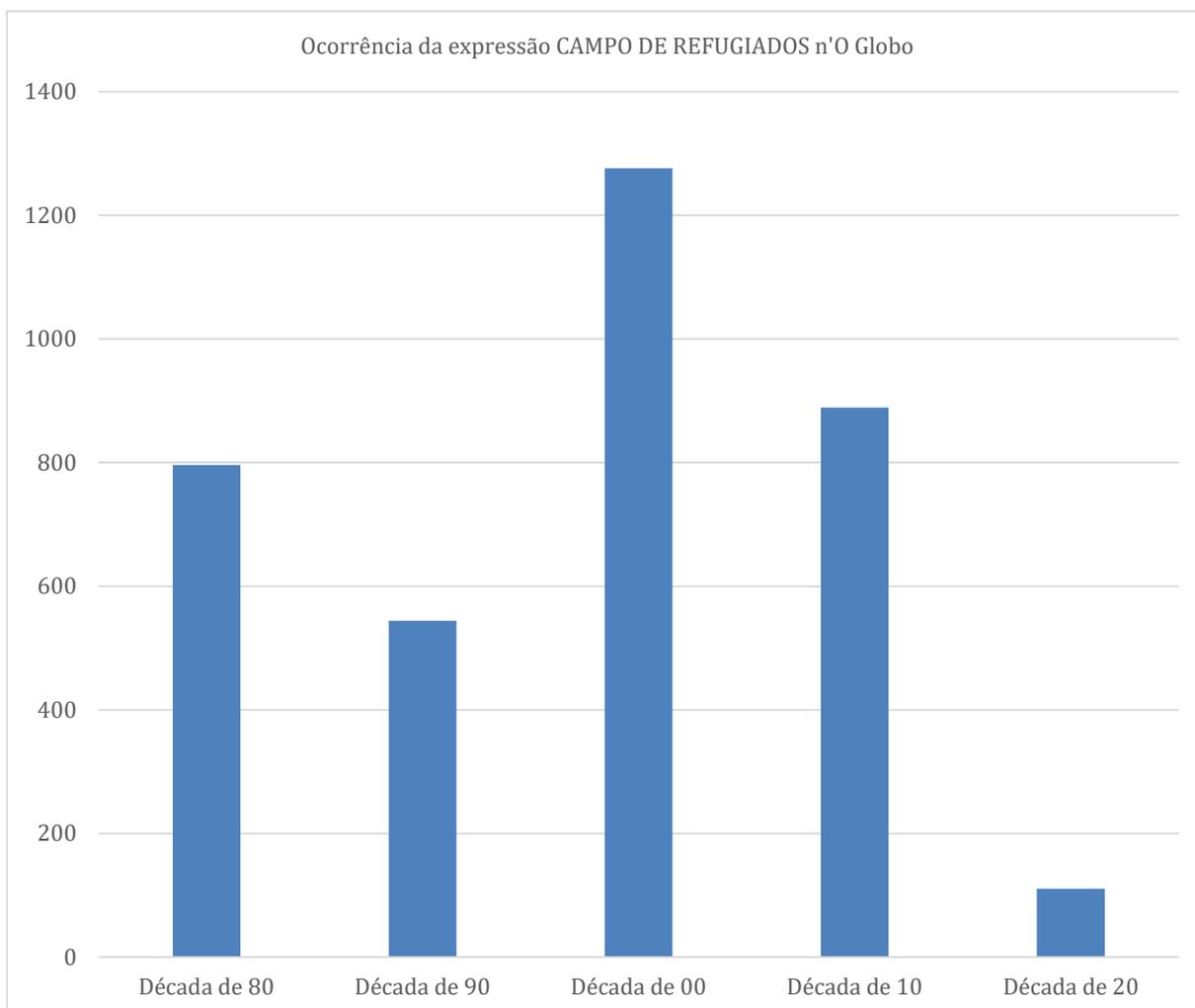
Pensada sobre esses quatro grandes nortes, a contemporaneidade produz uma grande mudança de época na qual a liberdade negativa passa a promover, realizar e ressignificar fenômenos históricos sem quaisquer compromissos com as suas tradições, invertendo, nesse movimento, até mesmo as suas origens. Essa dinâmica brutal é, em grande medida, tanto o fermento político necessário para o retorno de movimentos reacionários, de extrema-direita e autoritários, como é o principal combustível para outro fenômeno extremamente preocupante na aurora do terceiro milênio: a construção social da figura da não-pessoa que integra a linguagem política contemporânea e é o principal combustível na efetivação das guerras globais.



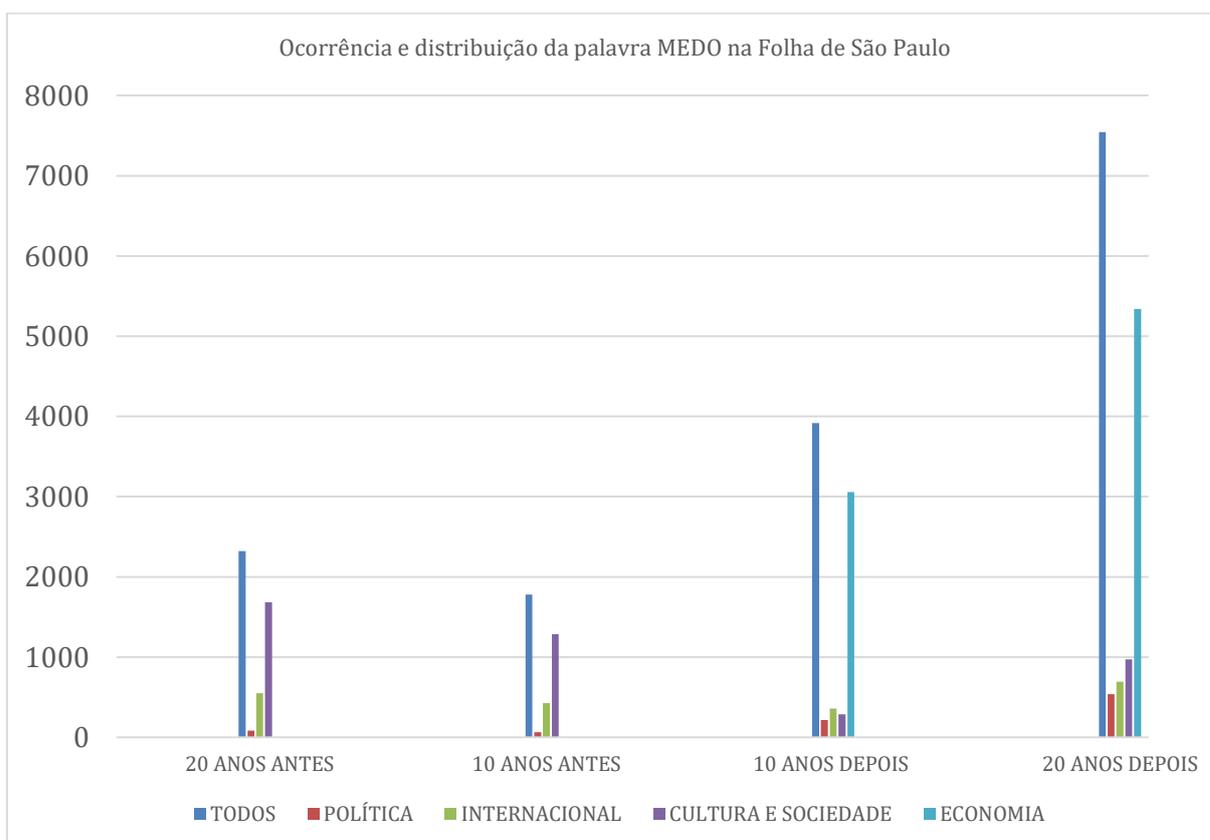
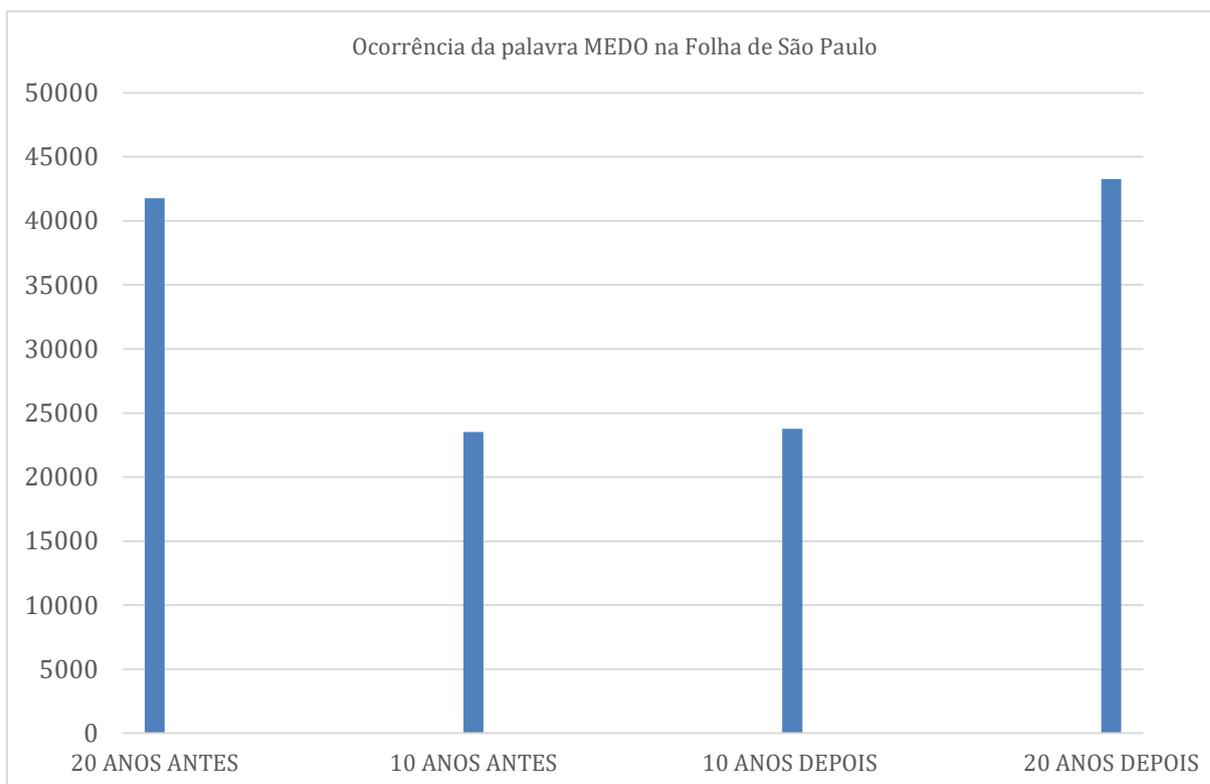
Portanto, a globalização como forma de existência política do capital - que está acima de qualquer força política capaz de regulá-lo – se coloca por sobre os valores políticos e do Estado social, na medida em que o capital potencializa os novos atores internacionais – os BRICS, por exemplo – altera radicalmente o significado político de diversos países e suas posições no interior da Divisão Internacional do Trabalho. Numa expressão: com a globalização, a maior cota de riqueza entre as nações acirra a competitividade entre as elas e coloca em movimento um processo de *recolonização* do mundo que se pode confirmar ao considerar os grandes processos migratórios massivos por questões ambientais ou por conflitos armados sustentados pelas nações centrais do Ocidente. Nesse sentido, a capacidade do discurso que articula o senso das palavras ao manipular a história e o passado conforme seus objetivos, passa a compor o eixo no qual orbitam as engrenagens dos processos que permitem ressignificar os acontecimentos históricos, os fatos, em manipular intelectual e politicamente a história e o passado.

A ocorrência por tema da palavra EMPREENDEDORISMO na Folha de São Paulo							
20 ANOS ANTES DO 11 DE SETEMBRO		10 ANOS ANTES DO 11 DE SETEMBRO		10 ANOS DEPOIS DO 11 DE SETEMBRO		20 ANOS DEPOIS DO 11 DE SETEMBRO	
DE 2001		DE 2001		DE 2001		DE 2001	
CADERNO ESPECIAL	1	CADERNO ESPECIAL	1	COTIDIANO	112	PRIMEIRO CADERNO	502
ACONTECE	0	ACONTECE	0	MERCADO	46	MERCADO	256
BALANÇO SP	0	BALANÇO SP	0	ILUSTRADA	26	COTIDIANO	166
CLASSIFICADOS	0	CLASSIFICADOS	0	NEW YORK TIMES	9	CADERNO ESPECIAL	158
COMIDA	0	COMIDA	0	BALANÇO SP	4	ILUSTRADA	141
COTIDIANO	0	COTIDIANO	0	CLASSIFICADOS	2	COTIDIANO 2 - ED. NACIONAL	95
COTIDIANO 2 - ED. NACIONAL	0	COTIDIANO 2 - ED. NACIONAL	0	ILUSTRÍSSIMA	1	COTIDIANO E ESPORTE	94
COTIDIANO E ESPORTE	0	COTIDIANO E ESPORTE	0	INFORME PUBLICITÁRIO	1	ACONTECE	25
ESPORTE - ESPECIAL	0	ESPORTE - ESPECIAL	0	TURISMO	1	NEW YORK TIMES	24
ESTÚDIO FOLHA	0	ESTÚDIO FOLHA	0	ACONTECE	0	PODER	21
ILUSTRADA	0	ILUSTRADA	0	CADERNO ESPECIAL	0	ESTÚDIO FOLHA	19
ILUSTRÍSSIMA	0	ILUSTRÍSSIMA	0	COMIDA	0	ILUSTRÍSSIMA	18
INFORME PUBLICITÁRIO	0	INFORME PUBLICITÁRIO	0	COTIDIANO 2 - ED. NACIONAL	0	SOBRE TUDO	16
MERCADO	0	MERCADO	0	COTIDIANO E ESPORTE	0	INFORME PUBLICITÁRIO	10
MUNDO	0	MUNDO	0	ESPORTE - ESPECIAL	0	BALANÇO SP	9
NEW YORK TIMES	0	NEW YORK TIMES	0	ESTÚDIO FOLHA	0	CLASSIFICADOS	6
PODER	0	PODER	0	MUNDO	0	MUNDO	5
PRIMEIRO CADERNO	0	PRIMEIRO CADERNO	0	PODER	0	SOBRE MORAR	2
SOBRE MORAR	0	SOBRE MORAR	0	PRIMEIRO CADERNO	0	TURISMO	2
SOBRE TUDO	0	SOBRE TUDO	0	SOBRE MORAR	0	COMIDA	1
TURISMO	0	TURISMO	0	SOBRE TUDO	0	ESPORTE - ESPECIAL	1
TODOS OS TEMAS	0	TODOS OS TEMAS	0	TODOS OS TEMAS	200	TODOS OS TEMAS	578
CULTURA E SOCIEDADE	0	CULTURA E SOCIEDADE	0	CULTURA E SOCIEDADE	123	ECONOMIA	209
ECONOMIA	0	ECONOMIA	0	ECONOMIA	59	CULTURA E SOCIEDADE	235
INTERNACIONAL	0	INTERNACIONAL	0	INTERNACIONAL	9	INTERNACIONAL	29
POLÍTICA	0	POLÍTICA	0	POLÍTICA	9	POLÍTICA	25

No intervalo de 30 anos, essa manipulação vem produzindo o esvaziamento da memória histórica outrora cristalizada nas lutas sociais e nas guerras duas grandes mundiais, e promove, ao mesmo tempo, no Ocidente um gigantesco processo de despolitização em massa vinculado à força de uma importantíssima e nova narrativa política cujo valor da linguagem reside numa concepção de que a história teria alcançado o seu fim. Na base desse pensamento repousam e ressoam todas as tentativas históricas em transcender o capitalismo que resultaram em tragédias, regimes totalitários e foram responsáveis por uma pilha de mortos cada vez maior.

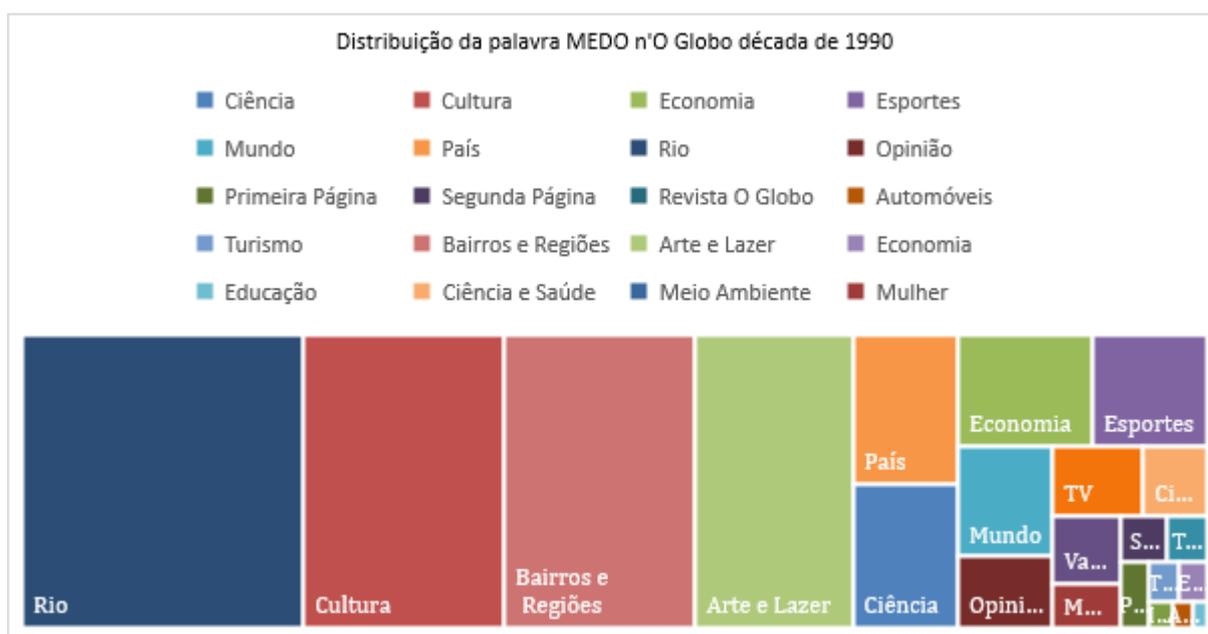


Nesse sentido, a concepção política por trás do *fim da história* vincula-se a um princípio cultural e natural que mobiliza imagens e palavras para acenar que o fim de determinado momento é, ao mesmo tempo, o início de um novo sentido histórico, de uma nova ordem mundial, portanto, de uma nova trindade – capacidade que o Ocidente tem em criar e operar tríades, desde a Grécia Antiga [o bom, o belo e o verdadeiro]: no mundo contemporâneo é o *indivíduo plenamente livre* que não está mais vinculado por nenhum valor advindo do passado, cuja capacidade criativa, sua livre iniciativa e auto-realização o caracterizam como pleno e responsável por si num mundo cujo fim da política também significa o fim de um passado que o assegurava e protegia. Na segunda Belle Époque, o indivíduo plenamente livre se vê como *self made man*, cuja felicidade está intimamente ligada ao consumo e à *realidade do valor do livre mercado* caracterizado por uma competição extrema e que gera riqueza, bem-estar e abundância para poucos.

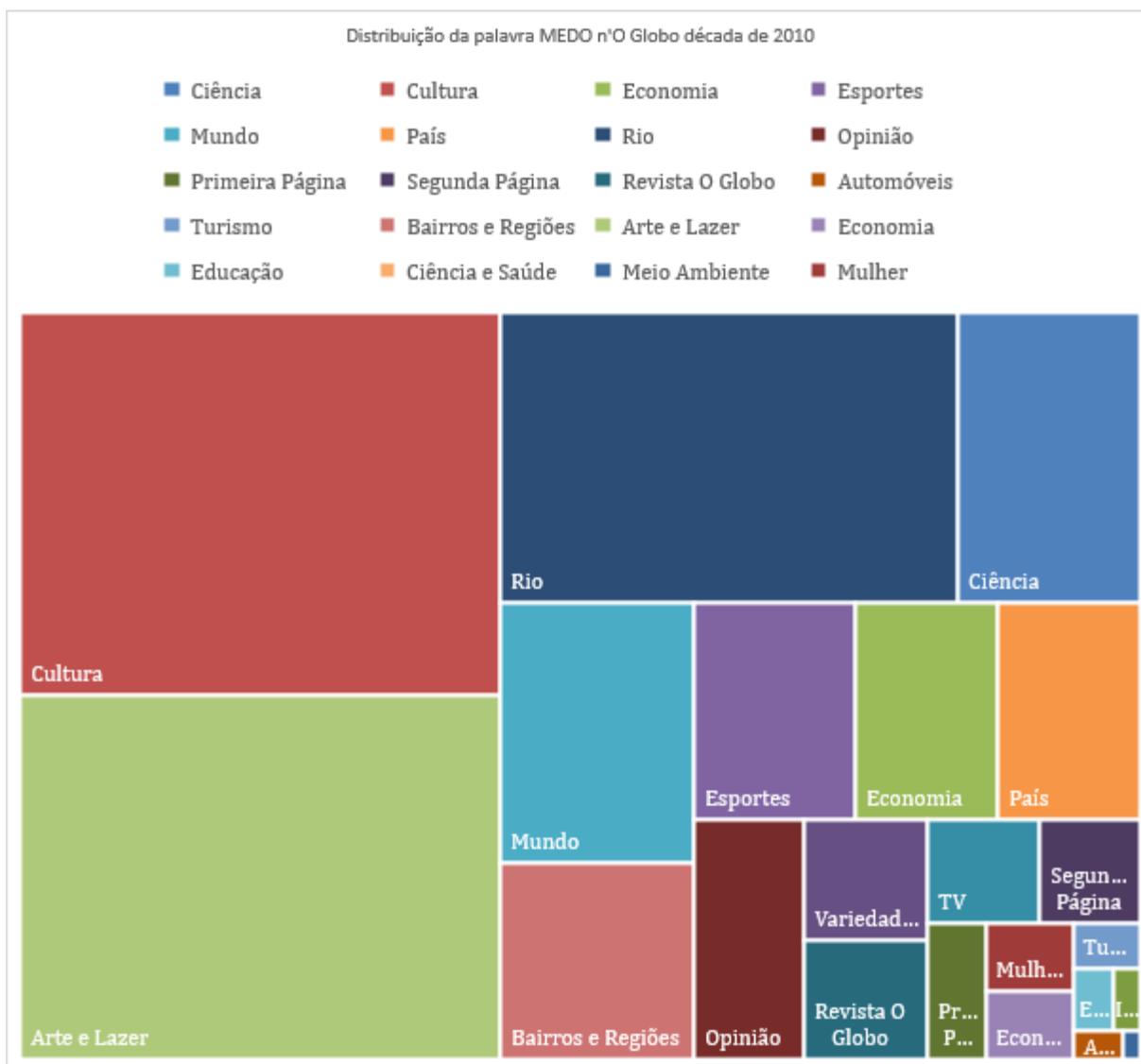


O sujeito fragilizado economicamente deve conviver com o drama do desemprego [tecnológico e essencialmente político] permanente, do trabalho flexível e da precarização da

vida. Por fim, para completar a tríade, surge desde o final da Guerra Fria, a *ideia de democracia* que se afasta da memória histórica e política e que não está mais vinculada a valores comuns e históricos. Atualmente, a democracia se assenta em uma nova base identitária: do povo que é qualificado como verdadeiro ou originário, no qual o *demos* se ancora menos na história política e cada vez mais se baseia num etnos, numa etnia. Em resumo, indivíduos, pessoas, cidadãos que se tornam objetos bombardeados pela positividade do *mercado*, pelas forças do mercado e os seus estímulos, seus prazeres, suas mercadorias. Já não é mais um sujeito capaz de criar e participar ativamente das escolhas que faz sob o intenso bombardeio de ordem política das informações em um estado em que a “guerra de informação é uma atividade hostil dirigida contra qualquer parte dos sistemas de conhecimento e crença de um adversário” (SZAFRANSKI, 1998, s/p)<sup>49</sup>. Assim, a capacidade dos indivíduos declina porque não conseguem mais contar uma história que os envolva com os outros e com a memória, portanto, não conseguem mais efetuar o objetivo da convivência que é a efetiva transformação de si por meio do outro. Ao contrário: através do intenso bombardeio de informações pela política do medo e da insegurança, as ações cometidas pelos outros [isto é, o outro enquanto pressuposto da existência do indivíduo, da pessoa e do cidadão], se transformam numa política de desaparecimento, uma espécie de *inferno do igual* a engessar o ser humano impedindo-o coexistir com outras experiências de vida.



<sup>49</sup> Information warfare is hostile activity directed against any part of the knowledge and belief systems of an adversary



A proliferação da linguagem bélica nos jornais *A Folha de São Paulo* e *O Globo* acompanha diversos fenômenos culturais da era do capitalismo globalizado: 1) a escalada sempre crescente do uso de léxicos e expressões de guerra, 2) a neutralização da guerra como violência extrema, 3) a legitimação da guerra como um fato e acontecimento inevitável e necessário para estabelecer a ordem e a paz no mundo, 4) a construção ideológica de uma sensibilidade e subjetividade que pode conviver com a guerra e não manifestar questionamentos e criticismos de ordem moral e político acerca da violência extrema devido à desumanização do inimigo e 5) a militarização da sociedade:

Em 2003, durante as grandes manifestações contra a guerra no Iraque, Ta-Nehisi Coates trabalhava como um entregador em uma mercearia de Park Slope no Brooklyn. Dez anos depois, em uma postagem no seu blog na

revista “Atlantic” escreveu que ele era “cético, mas se os Estados Unidos queriam destituir um tirano enlouquecido, quem era eu para dizer não?”. Afinal, “todas as pessoas “inteligentes” e “sérias” que conhecia, de direita e de esquerda, eram favoráveis à guerra”. “Não sou um radical”, declarou, contudo para ele era “dolorosíssimo” ver “pessoas racionais e sensatas usar argumentações a favor de um desastre”<sup>50</sup>. (MISHRA, 2021, p. 340)

Na reflexão de Mishra, a guerra na era do capitalismo globalizado é um fator econômico, político e cultural fundamental para compreendermos o curso da realidade social contida na nova ordem mundial. O estado de guerra permanente contra os estados canalhas, contra o terror, contra ditadores e novas manifestações de Hitler, modificou radicalmente valores, normas e concepções de mundo das diversas forças sociais e políticas. Não apenas a guerra é aceita, mas também o é a tortura, o assassinato do inimigo, os bombardeios em massa, a destruição da infraestrutura de cidades e países, a detenção arbitrária e sem respaldo jurídico legal, os novos campos de concentração para os inimigos do Ocidente, a morte da população civil. Tal dinâmica avassaladora que comprometeu e abalou o estado de direito, a comunidade internacional, a ONU, os tratados e as convenções de guerra, não seria possível sem as “potências culturais formativas” (HORKHEIMER, 1974, p. 82) da sociedade capitalista contemporânea, especialmente, os jornais, as revistas, a televisão, o cinema e as redes sociais.

### 3. A pandemia de Covid-19 e a retórica da guerra. Uma guerra contra um vírus?

Quando a estupidez se manifesta numa cidade, deve-se declará-la  
contaminada.  
Karl Kraus, **Aforismos**, p. 40.

A covid-19 - responsável pela pandemia em curso -, parece apontar uma nova data para a mudança do século porque, segundo numerosos analistas, estaríamos diante de um evento que mudará a dinâmica do mundo contemporâneo. A imprensa num país marcado por desigualdades estruturais, no qual os acessos à água, à alimentação, à moradia, ao trabalho formal e ao saneamento são restritos a determinados grupos, os desafios tornam-se ainda

<sup>50</sup> Nel 2003, durante le grandi manifestazioni contro la guerra in Iraq, Ta-Nehisi Coates faceva il fattorino per una rosticceria di Park Slope, a Brooklyn. Dieci anni dopo, in un post per il suo blog sull’«Atlantic» avrebbe scritto che anche lui era «scettico, ma se gli Stati Uniti volevano destituire un tiranno pazzo, chi ero io per dire di no?». Dopotutto, ricordava Coates, «tutte le persone “intelligenti” e “serie” che conoscevo, di destra o di sinistra, erano favorevoli alla guerra». «Non sono un radicale» dichiarò, eppure per lui era «dolorosissimo» vedere «persone ragionevoli mettere in piedi composte argomentazioni a favore di un disastro».

maiores. É também uma nova configuração pois a pandemia da Covid-19 atinge as camadas mais abastadas e tem uma maior letalidade que a dengue, malária e outras doenças transmissíveis por vetores típicos de regiões e condições infra-estruturais específicas [embora o Sars-Cov-19 não seja por elas condicionado como são a malária e a dengue], de tal maneira que, o novo coronavírus, traz consigo outros impactos e visibilidade: a lógica do biopoder, onde pessoas específicas estão inseridas no “fazer viver”, enquanto outras são direcionadas para o “deixar morrer”.

Desde março de 2020 a guerra global, fatalmente, ganhou um aliado com a declaração feita pela ONU da pandemia de Covid-19 - o mundo está contaminado. E, em relação ao contágio, Karl Karus nos alerta: *nenhum caso deve ser ocultado. Com que facilidade pode acontecer que um imbecil frequente uma casa em que haja crianças! Nessas épocas, recomenda-se o fechamento das escolas e não, como se poderia pensar, a sua abertura.* Além da contemporaneidade do escritor alemão - exatamente no momento pandêmico e de estupidez em que nos encontramos -, ao considerarmos os efeitos da pandemia, é plausível elencar diversas consequências diretas que a Covid-19 atuou como coadjuvante em políticas de exclusão. Desde a utilização de passaportes sanitários para a livre circulação e acesso às pessoas vacinadas, às suspensões de Direitos fundamentais por parte dos blocos de países mais desenvolvidos aos estrangeiros e, sobretudo, aos imigrantes. Em grande medida e sob interesses diversos, a pandemia potencializou os ecos vindos das profundezas dos mais hediondos dialetos, no mundo e no Brasil.

O Sars-Cov-19 causa uma “[...] doença [que] atinge em especial os pobres, os negros e as mulheres”. De acordo com Angela Davis e Naomi Klein, o Brasil é destacado entre algumas nações no que respeita à maneira e aos métodos de tratamento dispensados à população governada em plena crise sanitária, “[...] vemos Viktor Orban, na Hungria; Jair Bolsonaro, no Brasil; Benjamin Netanyahu; e o próprio Trump – todos eles fazendo manobras autoritárias para garantir mais poder de controle” (DAVIS & KLEIN, 2020, pp. 11-2). Nesse sentido, as crises sistêmicas são intensificadas a partir de “uma lógica normativa que tem irreversivelmente moldado a conduta e a mentalidade de todos os aspectos políticos e econômicos dos ‘tomadores de decisão’, e que tem sistematicamente minado o potencial de forças compensatórias<sup>51</sup>” (DARDOT & LAVAL, 2019, p. 36)

---

<sup>51</sup> [...] a normative logic that has irreversibly shaped the conduct and mentality of all political and economic ‘decision-makers’, and which has systematically undermined potential countervailing forces.

A realidade, potencializada com o surgimento da covid-19, exige a necessidade de controle muito maior dos deslocamentos populacionais com o intuito de conter o avanço e as consequências da pandemia. Apesar dos toques de recolher, das quarentenas e dos *lockdowns*, vale lembrar que muitas pessoas não pararam de trabalhar durante a pandemia que, mesmo em seus momentos mais críticos e difíceis, demandava a presença de profissionais da saúde, da limpeza, de entregadores, de trabalhadores de atividades classificadas como essenciais e, em geral, dos trabalhadores assalariados que perceberam uma queda brutal em seus ganhos e se viram obrigados às necessidades. Além disso, muitas pessoas em situação de rua, sobretudo em países mais pobres ou extremamente desiguais como é o caso do Brasil, contribuíram para aumentar a preocupação e as medidas sanitárias. A Covid-19 rapidamente converteu todas as sociedades em laboratórios políticos a promover diversos experimentos e em diversas ordens de grandeza. Desde a medicina que durante a crise pandêmica tem justificado testes com uma série de medicamentos [hidroxicloroquina, Tocilizumab, Remdesivir ou do uso do plasma sanguíneo com anticorpos, vacinas, etc.], passando pelos hábitos alterados pelo uso de antissépticos, máscaras e luvas, os esforços de guerra para conter o vírus têm atravessado as políticas públicas tanto quanto as conversas nos bares da esquina. Num cenário como este, o controle sobre as pessoas e sobre as informações cumpre um papel decisivo, assim, a imprensa possui um lugar próprio quando se trata de credibilidade junto à população de maneira geral e, em particular, aos seus leitores.

Os impactos políticos da pandemia se estendem desde o Estado de exceção ou decretos de emergência impostos por vários governos de vários países, em nível local ou nacional, até as justificativas de uma série de medidas, mais ou menos restritivas, cujo impacto momentâneo pode sinalizar as suas longas durações e isso faz por “testar”, sobretudo, os modelos políticos democráticos. Os sistemas e redes de ensino são arrastados sem grandes planejamentos ao uso intensivo e indiscriminado da informática e da internet como maneira de suprir a ausência das aulas presenciais. Essa é uma mudança importante e que produz, cada vez mais, uma dependência dos diversos sistemas de ensino às plataformas corporativas, além de uma série de problemas de ordem político pedagógica, já que os cursos não foram planejados para esse fim, precarizando o trabalho docente, fragilizando a discência e fragmentando toda ordem anterior à pandemia.

Para além da Educação, de maneira geral, a pandemia também acentua a prática autoritária de decisões políticas, radicalismo de toda sorte com poucos ouvidos à ciência ou,

ainda, a sua total negação por parte de governos e agentes públicos. Em consonância com Davis&Klein (2020), ainda podemos pensar no aumento brutal da desigualdade por falta de condições materiais e humanas à implementação nacional de medidas sanitárias. Nesse aspecto, as brutais diferenças socioeconômicas associadas a outras disparidades sociais, além de reduzir a utilização e a eficácia das decisões políticas, primeiramente ficam à mercê de prováveis aumento da repressão e, em seguida, contribuem ao enfraquecimento da democracia com a perda gradual dos direitos democráticos e, por fim, com a intensa militarização da sociedade.

De uma perspectiva econômica, dada a urgência do contexto, as medidas de contenção e os auxílios de diferentes naturezas, recolocam no centro do debate a ação intervencionista do Estado na economia e na organização do mercado. Boa parte dessas ações invariavelmente se valem de políticas sociais, de socorro aos mais expostos, no entanto, não se debate uma alternativa viável ao modelo da sociedade de consumo. Nenhuma ação propõe, de fato, a desconstrução política do neoliberalismo ancorada por décadas no discurso e na prática sistemática da desregulamentação dos fluxos de capitais, favorecendo a concentração de riquezas e o aumento das desigualdades sociais. Por outro lado, as grandes corporações se orientam a partir das condições impostas pela pandemia. Segundo McKinsey & Company [empresa de consultoria empresarial americana], a Covid-19 impôs ao mundo a necessidade de mudanças no mundo da produção, seus consultores estabeleceram cinco objetivos, cinco desafios ao capitalismo pós pandemia: meio ambiente sustentável, o desenvolvimento de plataformas que operam em nuvens, cultivar talentos [Talent is the most important *natural resource*<sup>52</sup>], velocidade das transformações/mudanças e propósitos econômicos. De fato, tais objetivos, encarados por desafios, são os atuais eixos e balizas em que se constroem o “novo normal” para o capital.

A pandemia da Covid-19 tem imposto mudanças no próprio corpo que é entendido como a última barreira contra o vírus. Tais mudanças indicam as extensões da atual orientação política: o isolamento social, a ausência de contato interpessoal associado à internalização de novos hábitos de higiene [o jeito certo de tossir ou lavar as mãos, por exemplo], além da atenção exigida aos primeiros sintomas que devem ser observados a um eventual autodiagnóstico, etc. Tudo isso nos mostra o atual curso e a real proporção que os aspectos biológicos e psicológicos passaram a ter ao fornecer novos dispositivos políticos para o

---

<sup>52</sup> <https://www.mckinsey.com/business-functions/strategy-and-corporate-finance/our-insights/what-matters-most-five-priorities-for-ceos-in-the-next-normal> (grifos nossos, acesso em 09/09/21)

controle das populações e à efetivação dos propósitos em precarizar o trabalho, retirar Direitos e pauperizar os trabalhadores para evitar uma crise maior do capitalismo. Embora ultrapassem a corporalidade dos sujeitos, é sem dúvida que as transformações que o mundo vem passando com a pandemia aplicam-se, sobretudo, em seus corpos. Neste sentido, também existem outras experimentações realizadas no ambiente do trabalho e da produtividade.

O trabalho a distância deslocou parte significativa do *locus* da produção – o escritório, o laboratório, a escola etc. – para o interior das casas. No estado pandêmico, o trabalho que antes era desenvolvido em espaços específicos e apropriados, vem se tornando cada vez mais em um item doméstico. Assim, a sala, a cozinha, o quarto e demais dependências residenciais são indistintamente utilizadas para a produção, e o trabalho ganha um novo status: o status único. Único porque capaz de transformar a mesa, a cama, o sofá e as cadeiras em plataformas de produção capitalista antes mesmo, e para a nossa estupefata surpresa, que elas começassem a dançar com as próprias pernas. As tradicionais fronteiras entre o *domus*, o domínio do lar, e a *ágora*, o lugar da reunião, foram repentinamente alteradas e os limites do espaço público de interação das pessoas e o espaço privado seletivo conforme as suas particularidades, essas antigas divisas já não são mais as mesmas.

Ainda que exista distinção entre o público e o privado, a pandemia da Covid-19 imprimiu alterações radicais na relação das duas ordens que, num primeiro momento, foi percebida nos novos hábitos forjados à contenção da disseminação viral. Alterada radicalmente pelas circunstâncias globais a relação público-privado desde antes já apresentava fortes indícios de transformação, sobretudo, em nome da segurança pessoal, patrimonial e social das populações. A utilização de câmeras é prova substancial de que já existiam, bem antes da pandemia, olhos que nos veem continuamente, olhos que não piscam e nem descansam. Há câmeras nos aparelhos celulares, em ambos os lados, frente e verso. Por essas câmeras conversamos com os colegas de trabalho na mesma mesa em que almoçamos com os familiares enquanto assistimos a *live*, a aula, o treinamento, a orientação, o comunicado oficial, os comentários pessoais numa correlata indistinção entre o espaço doméstico, o profissional, o político e o social. E, claro, as propagandas.

No contexto das guerras globais potencializado pela pandemia, os espaços privados em que se preserva a intimidade tornaram-se unidades produtivas num movimento que se assemelha à acumulação primitiva do capital. O sentido dessa dinâmica imprimiu outros propósitos ao descanso, ao lazer ou ao desenrolar da vida que, trespassados pela racionalidade

econômica metamorfosearam-se em novas fontes de produção capitalista extremamente aceleradas. Arriscamos a expressão *tiktokização* das experiências humanas, isto é, a glória dos 60 segundos de exibição visual associada aos 140 caracteres de uma nova espécie de literatura twitteriana que não precisa mais esperar pela crítica especializada conforme as tiragens e edições dos seus exemplares: agora a reação do público-leitor é imediata e rápida, majoritariamente emotiva e sinteticamente icônica. Nessa dinâmica, o receptor passa por emissor, por extensão, o consumidor é um produtor. Aquilo que era considerado o termo do ciclo das cadeias produtivas [a recepção, o consumo] passa a integrar radicalmente a rede produtiva num movimento catalisado, sobretudo, em resposta à pandemia. Nesse sentido, assistimos à fusão de uma parte significativa das nossas vidas privadas aos propósitos da economia globalizada, nos tornamos a nova filial da empresa e do banco, o novo escritório, a nova sala de aula e a transformação inaudita de todas as nossas dependências em estúdio de gravação. Gravação que é, de fato, a produção capitalista de mercadorias, porém, com um diferencial gritante em relação ao modelo anterior e já extinto pela pandemia: agora todos os custos da produção recaem sobre a mão de obra, do material de trabalho, passando pela energia elétrica, a água, ferramentas, etc. A precarização das condições de trabalho, portanto, das condições de existência, foi a alternativa pensada por diversos governos, empresas e corporações para evitar maiores danos à economia. O que está em jogo num primeiro momento, é a utilização da casa, do espaço íntimo como território aberto às exigências das forças produtivas, da dinâmica perpetrada pelo capital diante de uma crise pandêmica de proporções globais e que, com isso, passou a ter o controle efetivo e integral da vida íntima das pessoas.

Tendo em vista as transformações causadas pela pandemia as quais o mundo experimenta desde o início de 2020, é inegável, especialmente para as Ciências Sociais, que o maior e mais experimental laboratório tem sido o **social**. Nele se tem testado uma diversidade de recursos e de medidas para o controle das populações com a intenção de frear a transmissão do vírus. As primeiras medidas tomadas pelas nações foram o isolamento social, as quarentenas e o *lockdown*, mecanismos que restringem ou proíbem a mobilidade das pessoas. Voos cancelados, fronteiras fechadas, barreiras territoriais e sanitárias, maior e mais intenso controle dos deslocamentos formam, no conjunto, as ações mais visíveis e sensíveis dessa política de controle das populações. No mesmo compasso, cresceram as demandas por um segundo tipo de controle, invisível e nem sempre sensível - vale lembrar que o rastreamento por GPS dos aparelhos celulares chegou a entrar na pauta de muitas agências de

vigilância com a premissa de monitorar aglomerações -, e que se valem de dispositivos de comunicação, celulares, redes sociais, etc. Há entretanto uma terceira maneira de controle de populações que são as sinapses interiorizadas pelos próprios sujeitos quando em contato com as duas formas anteriores de controle social: ao influenciar os sentidos e o comportamento das pessoas, aumenta-se a eficácia da política de controle das populações e, no limite, se opera um mecanismo fundamental aos sujeitos, pois faz aumentar neles o desejo pela segunda e apoiar a existência da primeira forma de controle político e social das populações. Sem esse terceiro recurso a política de controle e, em grande medida, a base consensual e permissível das políticas de controle de população e, por extensão, as prerrogativas legítimas das guerras globais ficariam fragilizadas de uma perspectiva prática e efetiva.

Um simples *smartphone* conectado à internet permite a quem o utiliza a comunicação instantânea através das redes sociais, a busca por informações, mercadorias ou para outros fins; seja o que for, os *smartphones* têm se mostrado os principais dispositivos de controle das populações pela facilidade com que se chega ao destinatário e, por isso, pela eficiência com que permite a manipulação dos fatos e da história para quaisquer propósitos e objetivos. Ao adquirir um aparelho celular, as pessoas passam a fornecer dados que são usados de diversas formas - direcionamento de publicidade a partir do histórico de buscas, movimentações financeiras, espionagem e mineração digital a serviço das corporações e dos governos. E, ainda que os fins não sejam esses exata e comumente, os meios para as suas efetivações já estão disponíveis.

Essa mineração de dados não é nova nem surpreendente. O Facebook acompanha, armazena e traça o perfil dos gostos e preferências de seus usuários para melhorar sua “publicidade dirigida” e, há pouco, também começou a acessar o histórico de navegação deles para ajudar nessa missão. Assim como a economia influenciou a teoria da guerra centrada em rede, a teoria da guerra híbrida sugere que ela também influenciou a aplicação da guerra social em rede nas revoluções coloridas. Os usuários do Facebook criam voluntariamente seu próprio perfil psicológico através de informações que publicam voluntariamente, das curtidas que produzem e dos amigos e grupos online aos quais se associam. As agências de inteligência podem então usar o fenômeno do Big Data para organizar, filtrar e acompanhar o perfil macrossocial do povo em países alvo a fim de potencializar seus mecanismos de projeção a eles. A “publicidade dirigida” pelo movimento das revoluções coloridas imita a do próprio Facebook, embora para fins políticos em vez de econômicos. Essa teoria pode justificar até mesmo as explicações de segurança dadas pela China e outros países para banir o Facebook (KORYBKO, 2019, p. 58)

Quanto maior é o controle das populações, maiores são os dispositivos que permitem a vigilância e a extração de mais valor, pois, na medida em que realizam maior domínio do

tempo e do espaço dos indivíduos a eles sujeitados, faz com que o gerenciamento da força-de-trabalho resulte em níveis cada vez mais precisos e quantificáveis. Provavelmente, antes da pandemia de Covid-19, esses dispositivos não seriam possíveis ou, no mínimo, sofreriam muita resistência para a sua efetivação. Podemos ilustrar com o isolamento social que, necessário para o controle da disseminação do vírus, engendrou um novo tipo de laboratório social que serve de testes para novas formas de potencialização e otimização da produtividade. É fato notório a reelaboração do trabalho que se o desloca, cada vez mais durante a pandemia, para a casa do trabalhador.

Também podemos considerar alguns impactos que essas mudanças trazem consigo, um exemplo é o risco de depressão ainda maior das pessoas, sejam elas individuais ou coletivas. Em se pensando todas as transformações pelas quais a vida passou em menos de dois anos – em que a existência e a reprodução passaram a ser mais dispendiosas e improdutivas -, mantiveram-se no horizonte aquilo que cada nação e seu governo consideraram necessários à vida. No Brasil, essas escolhas se mostraram de alto custo na medida em que fragilizaram outros espaços da vida social e dispensaram atenção às demandas econômicas em detrimento das demais manifestações e expressões essenciais da vida. Esse movimento faz por contribuir ainda mais para o acirramento dos ânimos entre a população, trouxe consigo o aumento das taxas de crimes domésticos, da fome, do desemprego e do volume de armas de fogo em circulação, noutros termos, aumentaram as insatisfações e os riscos à ordem social e política vão se tornando maiores a cada dia.

A pandemia de Covid-19 no Brasil está longe de terminar. Infectologistas e virologistas concordam que um programa de vacinação consegue obter uma cobertura segura após 85% ou mais da população formar os anticorpos e num tempo mais curto possível. Entramos em setembro com 40% da população brasileira totalmente vacinada e com índices alarmantes de contaminação e mortes [neste momento, o Brasil registra 21,2 milhões casos, 591 mil mortes, destas, 485 nas últimas 24 horas<sup>53</sup>]. Mesmo assim, sem ter alcançado nem a metade da eficácia proporcionada pelas vacinas, governos e entidades optaram pelas aulas presenciais sem que todos os alunos estejam completamente imunizados; o governo federal aposta na possível desobrigatoriedade do uso das máscaras em locais públicos, vale lembrar, as máscaras possuem eficácia comprovada à contenção da transmissão do vírus; e, sobretudo,

---

<sup>53</sup> Fonte: JHU CSSE COVID-19 (acesso em 22/09/2021)

parte significativa da sociedade civil crê e, por alguma razão, se mantém fiel à narrativa neoquixotesca ancorada na restauração da antiga “normalidade”.

Desde março de 2020, as medidas de contenção e de enfrentamento da pandemia no país foram ideologizadas pelas forças políticas e, com isso, a efetivação do programa de vacinação nacional é um campo de batalhas a atacado diariamente pela imprensa, pelas redes sociais, por movimentos políticos, por partidos, associações, grupos e indivíduos. Paralelamente, no âmbito federal, uma CPI investiga suspeitas de crimes e corrupção associados ao trato da crise sanitária pelo Ministério da Saúde brasileiro. Enquanto isso, o poder executivo nacional justifica os baixos índices econômicos e sociais do país em razão da pandemia. Nesse clima, a Covid-19 no Brasil também se apresenta como um terreno de disputas retóricas, e o vírus é mais um elemento inserido nas dinâmicas política e social brasileiras; a pandemia, um nó fundamental numa malha de informações tecida ao sabor dos diversos dispositivos de comunicação e alinhavada por narrativas cujo objetivo é a maior expansão possível do capital orientado pelo neoliberalismo belicista. É um movimento em que se alternam os inimigos para, assim, perpetuar a energia cinética de todo o processo ao estado de guerra sem fim. A guerra contra o vírus, a guerra contra a fome, a guerra contra o tráfico, a guerra ao mosquito, o combate ao trabalho infantil, o combate à violência doméstica, o ataque ao inimigo, o ataque à democracia, são expressões que circulam diariamente nas diversas mídias e nos jornais pelo mundo. Uma guerra híbrida, modalidade específica de guerra que, de uma forma ou de outra, tem custado centenas de milhares de vidas até agora no Brasil.

Desumaniza-se o “outro” diante da busca feroz de humanização de “si”. Desumanizamos o “outro” até ao ponto de não nos preocuparmos com ele. No Brasil, a pobreza e o racismo são institucionalizados, estruturais, fazendo com que o próprio Estado e a sociedade civil ajam de forma classista e racista; o caráter desumanizador da pobreza e do racismo passou a ser reforçado com a COVID-19 que, além de resultar em mais de meio milhão de mortes, transformou as pessoas em meros números estatísticos de obituários, de internados, de recuperados, de infectados, de desempregados, de miseráveis de um lado, enquanto de outro lado “[...] o país tem 40 novos representantes na lista de bilionários em 2021 da Forbes. Segundo a revista, os desafios do último ano esquentaram o mercado de capitais e favoreceram ainda mais o “clube dos super ricos”<sup>54</sup>. Uma vez que no Brasil não há investimento nem oferta para toda a população de itens básicos à manutenção de uma higiene

---

<sup>54</sup> <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/08/27/40-novos-bilionarios-brasileiros-forbes.htm> (acesso em 31/08/21)

adequada para conter o vírus, as disparidades socioeconômicas chegam ao absurdo e, infelizmente, sintetizam um movimento maior, de proporção mundial. Também são raras, no país, as possibilidades de realização de exames e testes virais de forma contínua para monitorar adequadamente toda a população que, historicamente, é mal distribuída pelo território e super concentrada nos maiores centros urbanos do país – vale lembrar que a distribuição da população nas zonas urbana e rural brasileiras foi drasticamente alterada no último século reconfigurando radicalmente o perfil demográfico nacional -, atualmente somos uma nação com mais de 5 mil cidades em sua maioria sem parcela significativa dos serviços urbanos. A história registra que quanto maiores as desigualdades de uma população – sejam elas sociais, econômicas, habitacionais, sanitárias, educacionais, etc. –, tanto maior é a chance de ocorrer conflitos e tensões políticas. Também é sabido pelas experiências históricas que a insatisfação popular leva às grandes revoltas. Entretanto, hoje há um elemento inaudito nesta relação: ao intensificar as crises sociais pela inflação das desigualdades, a nova ordem mundial inaugurada ao final da Guerra Fria, também produz os elementos fundamentais, isto é, o medo e a insegurança, para a administração das guerras globais e, portanto, para a manutenção de um estado guerra sem guerra em que o alvo principal é formado pela vontade e o desejo do inimigo.

A guerra é o conjunto de todas as atividades letais e não letais empreendidas para *subjugar a vontade* hostil de um adversário ou inimigo. Nesse sentido, guerra não é sinônimo de “guerra”. A guerra não exige uma declaração de guerra, nem exige a existência de uma condição amplamente reconhecida como “estado de guerra”<sup>55</sup> (SZAFRANSKI, 1998, s/p).

Podemos admitir que a desumanização é um processo contínuo que se vale das mais variadas formas de desqualificação do outro em uma dinâmica que se renova conforme aumentam os meios de controle das comunicações e a difusão das informações. Como vimos anteriormente, as mídias em geral e os jornais propriamente ditos, são os principais veículos para a construção das narrativas e das histórias disneyficadas, ou seja, pasteurizadas em sua forma e conteúdo com o objetivo de validação dos símbolos, signos e imagens que mobiliza na intenção de afirmar sua visão de mundo. Portanto, a relação entre a dinâmica de desumanização e os jornais é construída pela negação dos conflitos e através da remoção das contradições inerentes à sociedade capitalista, justamente, na afirmação dos seus contrários: ao manter uma semelhança formal sem correspondente substância, ao tomar a realidade pela

---

<sup>55</sup> Warfare is the set of all lethal and nonlethal activities undertaken to subdue the hostile will of an adversary or enemy. In this sense, warfare is not synonymous with “war”. Warfare does not require a declaration of war, nor does it require existence of a condition widely recognized as “a state of war”.

maneira como ela se apresenta ao invés de investigá-la na busca e pela compreensão daquilo que esconde, as mídias e as informações da imprensa deixam de ser meros atores e ganham status de direção.

Além da pandemia que acentuou as desigualdades no mundo e no Brasil, as políticas controversas do atual governo brasileiro para a contenção do vírus sofrem ataques diários através de redes de desinformação e, sobretudo, por disseminação massiva de *fake news*. Vivemos um momento histórico muito delicado, além das enormes dificuldades financeiras que assolam o país, atualmente até mesmo as políticas governamentais contribuem para o aprofundamento da crise sanitária levando o país a registrar quase 600 mil mortes das quais 70% ou mais, segundo especialistas, poderiam ter sido evitadas se houvessem ações mais contundentes por parte do Estado brasileiro no que diz respeito à pandemia, principalmente no tocante às informações e publicização de orientações eficazes para a população. Desta triste perspectiva, a Covid-19 potencializou os efeitos da desumanização no Brasil que, por sua vez, estimulou na população sentimentos e expressões pautados pela lógica schmittiana de amigo x inimigo, alimentada pelas paixões frias, sombrias; atualmente, o Brasil é uma espécie de materialização da ficção orwelliana: o Gabinete do Ódio produz as notícias, o Ministério da Economia esvazia o nosso *óikos* e o Ministério da Saúde é o íntimo aliado da morte.

## Considerações Finais

A força da palavra pode dotar de sentido e significado a realidade externa, as formas de subjetividade e de relacionamento social, as formas de sociedade em duas divergentes direções: a palavra pode contribuir no esforço sem fim de humanizar ou desumanizar o modo do ser humano estar no mundo. A complexidade dos acontecimentos sociais inauditos, extremos e intensos da sociedade capitalista no final do século XX, do século que foi marcado por duas grandes guerras mundiais e milhares de guerras entre Estados nacionais, potencializaram a política que usa a guerra como meio de resolução dos conflitos e dos interesses particulares. Ao contrário do discurso vencedor da guerra fria que prometia o início de uma era de paz e prosperidade, baseada na desregulamentação política da política em todos os espaços sociais, a guerra “retornou” e adquiriu novas formas e conteúdos.

A guerra na era do capitalismo globalizado é permanente e sem fim, capaz de existir no cotidiano dos mais diversos países e culturas. Está presente nos chamados “teatros de guerra”, uma entre outras expressões que neutralizaram o horror que a guerra sempre produziu em destruições e mortes, mas também na moda, nos games, nos produtos da indústria cultural [especialmente na televisão e no cinema], nos jornais e nas redes sociais. A linguagem da guerra é atualmente ubíqua, seja ela abertamente manifesta, seja ela “adocicada” por acrônimos e eufemismos, neologismos e oxímoros. A guerra foi, é e sempre será uma tragédia, catástrofe que mata, dilacera a humanidade que pode haver no ser humano. Pankaj Mishra no livro **As ilusões do Ocidente**, aponta para as diversas prepotências históricas de ontem e da atualidade do Ocidente contidas nas guerras contra os povos e as nações inferiores e bárbaras, dizendo que

Da guerra fria à “guerra ao terror”, o cesarismo que afligia às nações era considerado uma peculiaridade dos povos asiáticos e africanos, ou era atribuído ao tradicional despotismo dos russos ou chineses, ao tribalismo africano, ao islã ou à “mentalidade árabe”. Mas esta análise, amplificada em milhares de livros e editoriais jornalísticos que reconheciam os inimigos da democracia em povos estrangeiros e ameaçadores e nas suas culturas inferiores, não havia preparado o público aos incompetentes valentões de cabelos loiros, que alcançaram o vértice das grandes democracias do mundo. Os bárbaros, portanto, não estavam às portas: já haviam chegado ao poder<sup>56</sup>. (MISHRA, 2021, p. 41)

---

56

Dalla guerra fredda fino alla «guerra al terrore», il cesarismo che affliggeva altre nazioni era considerato una peculiarità dei popoli asiatici e africani, oppure veniva attribuito al tradizionale despotismo di russi o cinesi, al tribalismo africano, all'islam o alla «mentalità araba». Ma questa analisi, amplificata in migliaia di libri e editoriali giornalistici che riconoscevano i nemici della democrazia in popoli alieni e minacciosi e nelle loro

De fato, no curso dos últimos quarenta anos tudo mudou nos diversos espaços sociais, bem como, a linguagem política passou a ser sempre mais agressiva, intolerante, beligerante, especialmente, àquela do populismo de extrema-direita. Esta linguagem - cujo caráter eminentemente passional e articulador das paixões frias perpassa as narrativas contemporâneas e faz dos discursos intolerantes instrumentos de sanção -, ao enfatizar o medo e o ódio expõe sua natureza extremista, belicista e violenta, mas também expressa, pelo próprio percurso temático e figurativo das diferenças que elege, a maneira com qual se organiza os elementos de tensão e as características tensivas dos discursos midiáticos [sejam eles políticos, artísticos, históricos, sociais, jornalísticos, informativos, etc.]. Nossa tese demonstrou que nas últimas quatro décadas houve um aumento significativo na utilização pela imprensa brasileira de léxicos e expressões típicas da linguagem militar para tratar de outros temas e assuntos sociais em que a guerra global, infeliz e inexoravelmente, penetra e organiza. Neste sentido, chamamos a atenção da ocorrência destes termos em cadernos e suplementos dedicados à *arte* e ao *lazer* que, em muitas vezes, vão à reboque do aumento destes mesmo léxicos e expressões nos temas que compõem as sessões de *cultura* dos jornais investigados. Se tomamos a utilização da palavra “medo” pelos jornais brasileiros no intervalo que analisamos, podemos pensar e reconhecer que vivemos numa sociedade que se pauta e se desenvolve alimentada pelo temor, pela insegurança e pelas incertezas. Em certo sentido, uma cultura e uma sociedade do medo: o medo de hoje sempre somado ao medo do amanhã.

Atualmente, as mídias em geral e a imprensa em particular, fizeram destes léxicos e expressões as suas principais ferramentas para a tradução das diversas crises econômicas, dos conflitos políticos e das tensões culturais inerentes ao dinamismo antagônico das relações sociais numa sociedade capitalista, embora sejam relações cada vez mais azeitadas [nas mídias] por uma linguagem belicista de viés reacionário e, muitas vezes, extremista. Graças ao desenvolvimento de novas tecnologias digitais as guerras também mudaram as suas formas, suas táticas e estratégias. Entretanto, para que as novas tecnologias pudessem revolucionar efetivamente as batalhas na terra, na água e no ar, antes foi necessário realizar uma revolução no interior da própria linguagem a partir da impressão da novidade pela utilização de léxicos de guerra que, semanticamente incorporados em suas narrativas midiáticas, tornou possível o surgimento de uma nova sintaxe: a sintaxe das guerras globais, em cujo eixo orbitam os processos de desumanização fortemente presentes nas construções

dos sentidos, das cercas e dos muros, portanto, do tempo histórico e do espaço político na contemporaneidade.

É justamente neste último quesito que também pensamos e compreendemos as guerras globais em sua implicação ao desenvolvimento de seus novos teatros de guerra [além de sua *mediateatralização*] que, dado o alcance ilimitado da sua principal arma – a palavra – e devido à rápida expansão dos meios de comunicação, consolida e apresenta um tipo de **teatro midiático às avessas**: em que o palco e a plateia se fundem em um núcleo cercado por uma esférica e panóptica coxia a que tudo captura e nada se lhe escapa, pois assopra aos ouvidos e acena aos olhares dos atores-espectadores as suas falas e o seu *script* pré-estabelecidos. Desta perspectiva, as guerras contemporâneas não são apenas frias, antes são desumanas porque capazes de erguer muros de concreto e fronteiras linguísticas por arrimos e, sobre eles, construir a preços exorbitantes os seus espetáculos de demonização e destruição do outro. Em agosto, a revista Forbes calculou em mais de 2 trilhões de dólares os gastos estadunidenses durante os vinte anos de guerra e intervenção militar no Afeganistão, segundo a revista, foram dispensados em torno de 300 milhões de dólares ao dia<sup>57</sup> para produzir apenas os *efeitos*, pois não há verdade alguma nas guerras, nelas a verdade é a primeira a morrer.

Nossa tese apresentou o aumento das ocorrências de palavras e expressões em sua maioria diretamente ligadas à guerra e, em menor parte, associadas aos aspectos políticos, culturais e econômicos que perfazem uma relação estreita a determinados valores eleitos hoje em dia - valores que ressoam mais vibrantes em tempos de conflitos e, por essa razão, são capazes de apontar aos sentidos das guerras e das desumanizações aqui defendidos. Assim, ao demonstrar a diminuição da palavra “sindicato” e da expressão “partido político” no recorte que estabelecemos, compreendemos que uma parte daquilo que outrora estabelecia o nexo social e o sentido de pertença às pessoas, atualmente perdeu força e espaço para outras formas de organização e de representatividade como indica, por exemplo, o aumento concomitante da expressão “movimentos sociais”. Talvez seja um indicativo de que as tensões provocadas pelas novas demandas nas sociedades contemporâneas já não conseguem ser pautadas por formas mais tradicionais de organização social e política. Mas, também pode ser um índice de esvaziamento de sentido e de significado coletivo dos sindicatos e dos partidos políticos numa dinâmica que se realiza em sintonia ao discurso neoliberal e ao elogio da liberdade do indivíduo no capitalismo, a rearticular as identidades de classe, de trabalho e de ideologia em novas demandas identitárias de gênero, de gerações, étnicas&culturais e das minorias.

---

<sup>57</sup> <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/08/guerra-no-afeganistao-custou-us-300-milhoes-por-dia-aos-eua-durante-20-anos/> (acesso em 16.09.21)

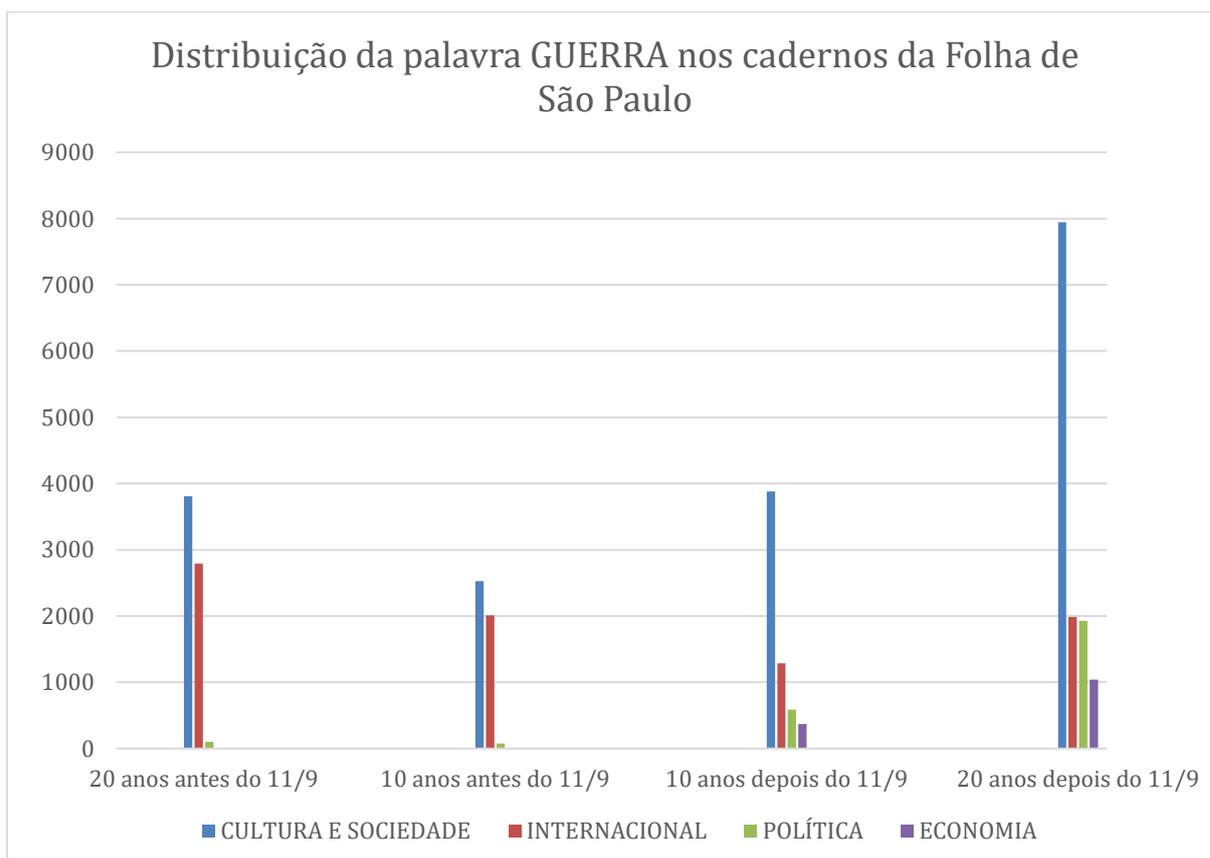
De uma maneira ou de outra, é evidente a mudança que se opera neste sentido, como também é notório o avanço das narrativas de extrema direita, de manifestações neonazistas, dos discursos de ódio e armamentistas. Não são raros os partidos políticos que assim se alinham às formas e ideias autoritárias e extremistas, porém, muito mais comuns são os movimentos sociais que engrossam as fileiras do pensamento político extremista. N’*O Globo*, a expressão “partido político” passou de 11.023 ocorrências na década de 1980, para 4.553 na década de 2000; já a *Folha de São Paulo* registrou 4.238 ocorrências nos vinte anos que antecederam ao 11/9, e 2.442 nos vinte anos depois. Com a palavra “sindicato” percebemos o mesmo movimento de queda, a *Folha de São Paulo* passou de 70.698 ocorrências nos vinte anos anteriores ao 11/9, para 26.262 no período posterior; n’*O Globo*, de 58.263 ocorrências de “sindicato” na década de 1980, para 23.188 na década de 2010. Em sentido contrário, nos mesmos períodos a expressão “movimentos sociais” saltou na *Folha de São Paulo* e n’*O Globo*, de 630 ocorrências para 1.990; e, de 714 para 3.903 ocorrências, respectivamente.

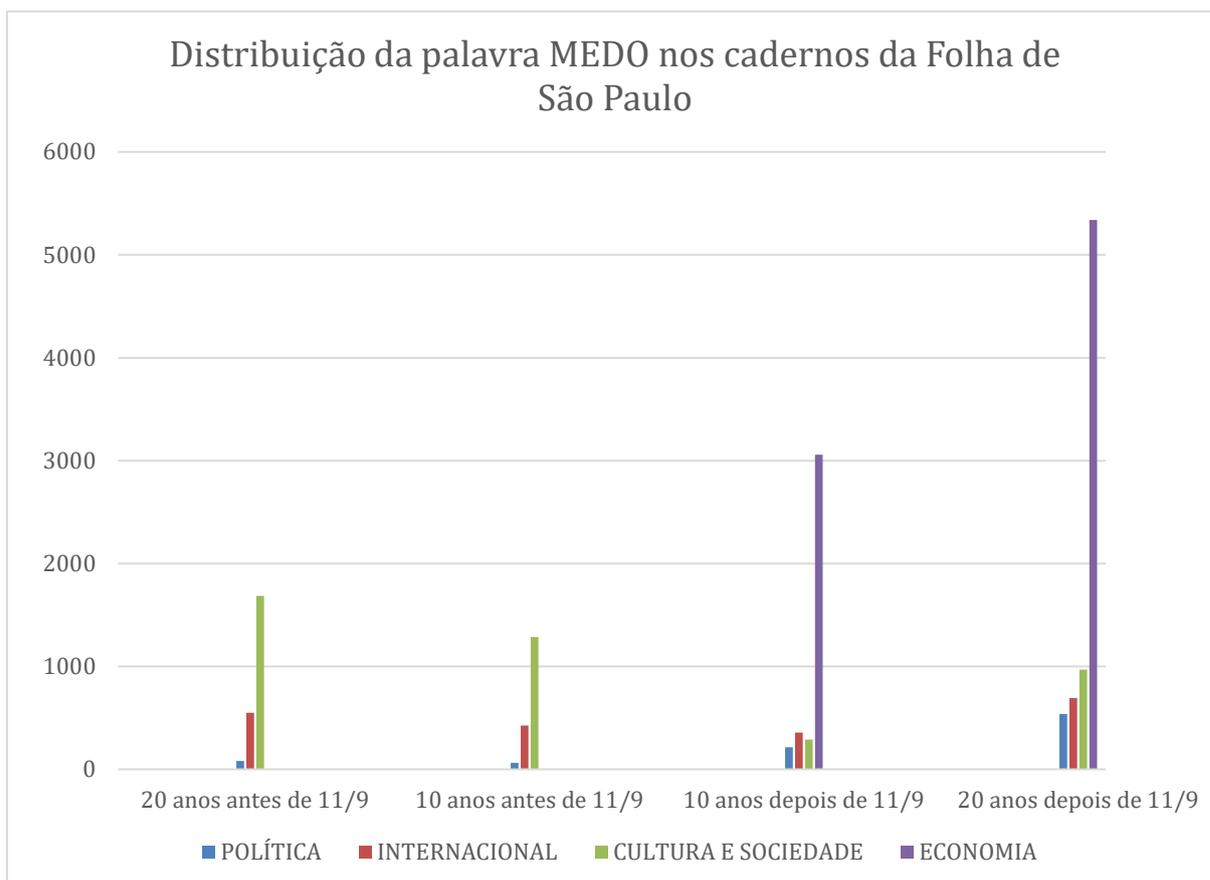
Aparentemente, poderíamos afirmar que ocorreu apenas uma mudança nas formas de organização das demandas sociais dos anos 80 até hoje. Certamente, porém, na contramão desse raciocínio, percebemos que, apesar de tudo, a contemporaneidade também reaqueceu um tema que deveríamos ter abolido da nossa história. Em ambos os jornais investigados, notamos um salto significativo da expressão “trabalho escravo” e “fechamento de fronteira” que representam, em seus sentido e significado, sérios obstáculos à realização do próprio projeto da modernidade: a liberdade. “Trabalho escravo” e “fechamento de fronteira” formam um conjunto das expressões que aumentaram em número e migração para diversos temas e cadernos. *O Globo*, na década de 1980, registrou 379 ocorrências da expressão “trabalho escravo” e, na década de 2010, 1503; enquanto nos cadernos da *Folha de São Paulo*, a expressão “trabalho escravo” passou de 2.617 ocorrências para 4.736 no mesmo período. Com relação a expressão “fechamento de fronteira”, a folha registrou 33 ocorrências apenas no caderno “Mundo” e somente no tema “Internacional” nos vinte anos que antecederam ao ataque de 11/9. Vinte anos após, as ocorrências chegaram a 185 vezes e passaram a compor o “Primeiro Caderno” [104 ocorrências], em “Cotidiano e Esporte” [26 ocorrências], no “Cotidiano 2 - Ed. Nacional” [25 ocorrências], na “Ilustrada” [6 ocorrências], em “Turismo” e “Ilustríssima” [3 ocorrências], e em “Mundo” e “New York Times” [1].

“Direitos Humanos” está entre as expressões que cresceram em ocorrência nos quarenta anos abordados nesta tese. Na *Folha de São Paulo* e n’*O Globo*, ela passou de 5.685 ocorrências para 11.327, e de 11.682 ocorrências para 19.427, respectivamente. Entretanto, no

mesmo período e seguindo um aumento análogo, os mesmos jornais estamparam a palavra “massacre” de 1.642 vezes para 3.177, e 6.251 para 7.885 vezes em seus cadernos e editoriais. Assim, enquanto de um lado podemos perceber a importância da expressão “Direitos Humanos” conforme ocorre nos jornais, também percebemos o aumento de outra expressão em sentido contrário aos valores humanos: “campo de refugiados”. Nos cadernos da *Folha de São Paulo*, ela salta de 76 ocorrências nos vinte anos anteriores ao 11/9, para 191 vezes no período posterior. N’*O Globo*, de 544 ocorrências na década de 1990, para 1.276 dez anos depois.

Por fim, vale notar que há expressões que mantêm uma certa constância por todo o período, ainda que mostrem um pico em algum momento, invariavelmente elas estão presentes nos cadernos e editoriais. Dessas, as palavras “medo” e “guerra” servem-nos de ilustração, a variação destes léxicos diz menos que a sua constância em determinados editoriais e cadernos. Na *Folha de São Paulo*, enquanto a preponderância da palavra “guerra” se dá nos cadernos de *Cultura e Sociedade* e *Internacional* nos vinte anos anteriores ao 11/9, variando sensivelmente nos demais cadernos nos vinte anos posteriores; o léxico “medo” também apresenta um significativo aumento geral e uma migração notável aos assuntos econômicos do mesmo jornal.



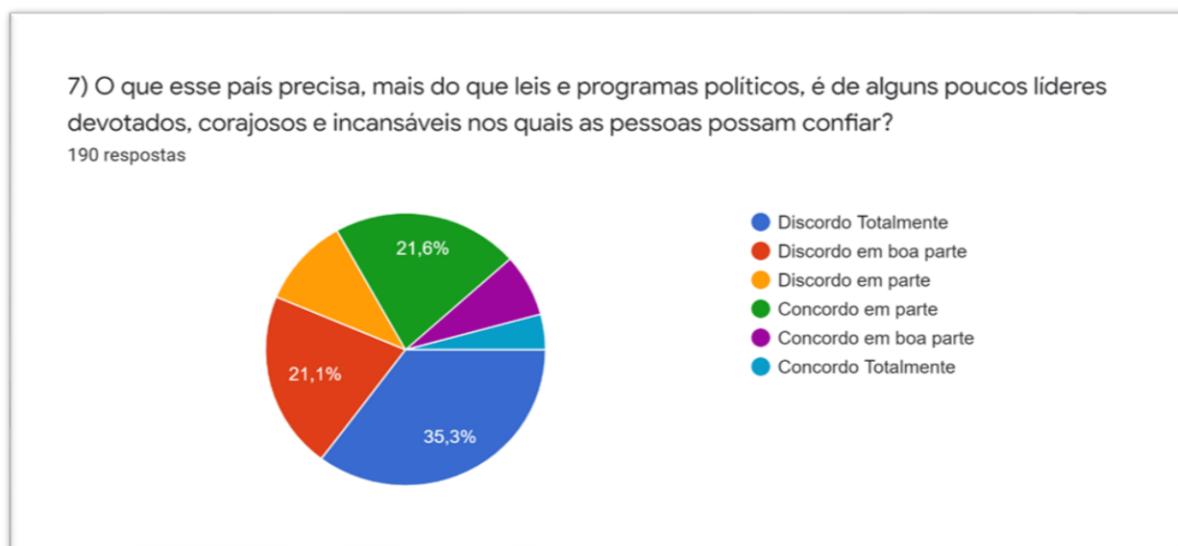


Além disso, podemos questionar se a guinada à direita nos discursos e nas narrativas políticas atuais é um mero reflexo da dinâmica desumanizadora das guerras globais, ou se este viés político é a expressão de um processo cuja cristalização vem ocorrendo paulatinamente por algumas gerações e corresponde precisamente aos dispositivos de desumanização e aos propósitos das novas guerras? Não sabemos exatamente e nem pretendemos responder a essa questão aqui, mas apenas tomá-la por uma hipótese que poderá ser futuramente desenvolvida num trabalho complementar. Assim, mesmo que não a respondamos, arriscamos a pensá-la dentro dos parâmetros aqui mobilizados e percebê-la como elemento que compõe e alimenta o debate político contemporâneo. Pensando assim, e apenas a título de ilustração, permitimo-nos mobilizar alguns dados obtidos por questionário aplicado numa amostra aos alunos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e que compuseram o trabalho final da disciplina *Teoria Sobre os Métodos em Ciências Sociais*; com isso, somente pretendemos tatear uma direção ao entendimento do populismo de extrema direita muito presente no cenário político brasileiro. Ao todo, foram aplicados 190 questionários com 22 questões para os discentes da FCLAr, em sua maioria jovens [48,9% entre 17 a 20 anos de idade e 47,3%

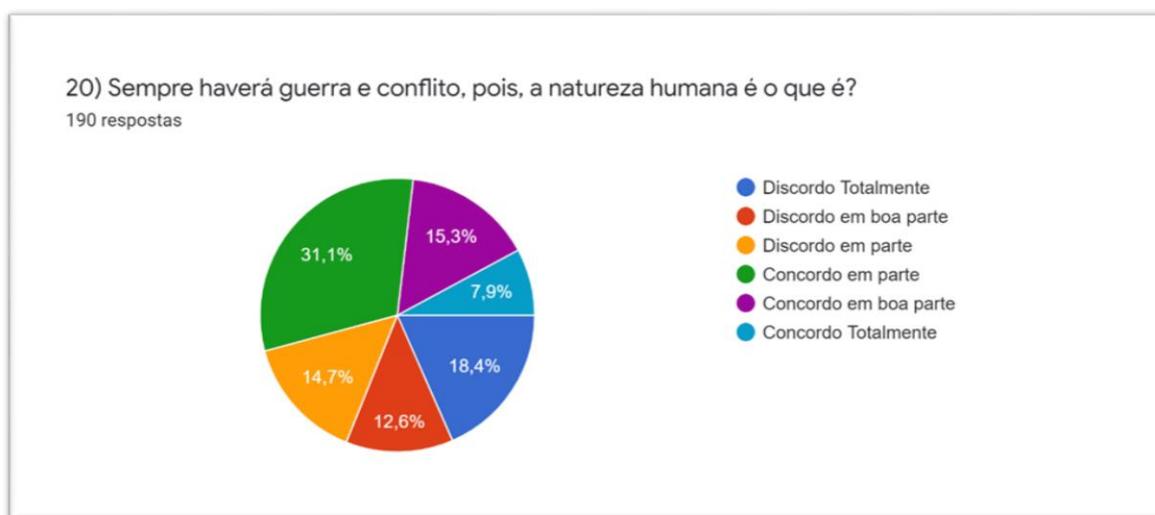
entre 21 e 30 anos de idade] e majoritariamente estudantes de humanas [66,3%]. Valemo-nos de duas respostas específicas e que em larga medida estão implicadas no teor de nossa tese.

Insistimos em lembrar que as respostas ao questionário representam um universo muito distinto dos leitores de jornais e das pessoas que compõem a sociedade em geral. Assim, as respostas que ora mobilizamos dizem respeito a um segmento amplo [estudantes universitários] embora representem uma parcela bem específica: estudantes de uma universidade pública determinada [a FCLAr]. Entre os entrevistados, aquilo que pode ser comum a todos está nos espaços e no curso médio de tempo entre si compartilhados, fato que os qualifica como estudantes universitários da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Para além disso, as características, os históricos, as trajetórias e as experiências que a cada um dos estudantes lhes são próprias, formam um conjunto complexo de relações e tecidos que os definem e, ao mesmo tempo, também os representam enquanto sujeitos sociais inseridos num movimento mais amplo, portanto, em um espaço social e num tempo histórico determinados. De tal maneira que, mesmo não correspondendo exatamente em número, em gênero e em grau à população brasileira em geral, não podemos negar a integração dos estudantes universitários da FCLAr à sociedade nacional, estudantes cuja perspectiva de vida se lhes imprime uma função e um papel “institucionais” refratários da sociedade e do tempo em que se encontram. Pensamos, para nossos propósitos meramente táteis, ser legítimo utilizar duas respostas do conjunto de entrevistados para sinalizar um possível nexos entre as guerras globais e os processos de desumanização que se dão, inclusive, no interior da linguagem e nas manifestações dos sentidos, de tal forma que, assim entendidos, nos ajudem a compreender os discursos e as narrativas extremistas pouco preocupadas com o destino do outro e das minorias.

Selecionamos duas respostas que dizem respeito às visões de mundo e às ideologias políticas dos entrevistados. Os resultados obtidos à sétima e à vigésima questões, convidam-nos a pensar um pouco mais sobre o nosso tempo. É significativo perceber que praticamente um terço dos estudantes universitários ao final da segunda década do século XXI concordavam total ou parcialmente com a necessidade de lideranças políticas pessoalmente confiáveis e devotadas [léxico, aliás, carregado de sentido religioso], que manifestassem coragem e fossem incansáveis; aqueles entrevistados que discordavam totalmente dessa afirmação representavam 35,3% da amostra.



Já em relação à “natureza humana” disposta para a guerra, as respostas parecem mais significativas, pois a sua frequência aparece melhor distribuída e nos permite afirmar que para



a maioria das pessoas a guerra e o conflito são caracteres que compõem o ser humano. 31,1% dos entrevistados concordam em parte com a perenidade da guerra, se considerarmos o universo daqueles que concordam plenamente até os que discordam em boa parte [só para constar: quem discorda em boa parte, concorda em parte alguma], chegamos aos expressivos 82% dos jovens estudantes universitários. Ressaltamos que o questionário teve como propósito apresentar uma ferramenta de coleta de dados e, a partir deles, sugerir aos estudantes que os interpretassem conforme os métodos apresentados nas aulas durante o semestre. A escolha da Escala F [*F.Scale*] foi motivada pelos próprios alunos que possuem um espírito naturalmente inquieto e, assim imbuídos, fizemos da inquietude alavanca e motivação para aquela investigação. Além disso, estávamos ao final do primeiro ano do atual governo e a polarização política que marcou a sua eleição permanecia como guia das suas políticas públicas, essa condição pautada pelos extremos também contribuiu na escolha dos temas da pesquisa que aqui mobilizamos.

Consideramos, por fim, a importância da tese que apresentamos como uma contribuição às investigações da linguagem de guerra para a formação dos sentidos e para a eleição de valores que compõem e norteiam a vida social na contemporaneidade. Através destas análises é possível perceber o sentido e a direção do movimento político e ideológico que se vale de certos léxicos e determinadas expressões para a construção das narrativas midiáticas e jornalística que tratam de diversos aspectos da vida social. Se o propósito de todo conjunto dos meios de comunicação não é a verdade, mas o efeito por ele produzido, segundo o maior ideólogo nazista, então, é através dos seus efeitos que pretendemos encontrar as suas

causas. É no discurso extremista e de direita cada vez mais difuso e presente que devemos encontrar os meios de compreendê-lo e, num esforço conjunto das Ciências Sociais, da Semiótica, da História e da Filosofia elaborar as ferramentas apropriadas para a sua desconstrução e superação pela linguagem e pelo pensamento humanos que, ao romperem com o estado de coisas em que nos encontramos, não mais se valerão de uma estética de guerra e de seus dispositivos de desumanização. Se a inquietude que nos assombra como nos versos do poeta em que *Um post vil poderá matar/Que é que pode ser salvação?*, arriscamos a pensar que é pela compreensão e pelo entendimento das raízes da vileza – condensada nas violência, truculência, brutalidade e destruição máximas das guerras - que podemos superar a sócio-política digital da morte sem com isso condenar à sansão do eterno silêncio a capacidade que temos em nos expressar através de postagens e dos demais meios pelos quais se elegem os valores, os sentidos e os signos de toda a linguagem.

## Referências

- ACNUR “UNHCR concerned as sub-Saharan Africans targeted in Libya” in <http://www.unhcr.org/4e57d1cb9.html>
- ADORNO, T. W. **As estrelas descem a Terra** - a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária. São Paulo, Editora da Unesp, 2008.
- \_\_\_\_\_ “Educação após Auschwitz” in **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, (versão em pdf).
- AGAMBEN, G. “O que é dispositivo”, (2005) in <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743> acesso em 13.11.2019
- \_\_\_\_\_ **L’stato di eccezione**. Torino: BollatiBoringhieri, 2003.
- \_\_\_\_\_ **Homo sacer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ **Quel che resta di Auschwitz**. Torino: BollatiBoringhieri, 1998.
- APPADURAI, A. **Dimensões Culturais da Globalização**. A modernidade sem peias – Alfragide, Portugal:Teorema, s/d.
- ARENDT, H. “As esferas pública e privada” in **A Condição Humana**. 5ª ed. RJ: Forense Universitária, 1995.
- AUGÉ, M. **Futuro**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2012.
- BARCELONA, P. **Passagio d’epoca**. Milano: Casa Editrice Marietti, 2007.
- BAUMAN, S. **Bauman, o dellapaura**. Entrevista di Stefano Iucci. *Nuoviargomenti*, n.44, 2008.
- \_\_\_\_\_ **Archipiélago de excepciones**. Buenos Aires: Katz Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_ **Modernidade e holocausto**. RJ: Zahar, 1998.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BECK, U. **Crónicas desde el mundo de la política interior global**. Barcelona: Paidós, 2011a.
- \_\_\_\_\_ **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**, 2ª ed., SP: editora 34, 2011b.
- BERIAIN, J. (Comp.) **Las Consecuencias Perversas de la Modernidad: Modernidad, contingencia y riesgo** – Barcelona: Anthropos, 1996.
- BODEI, R. **Immaginare altre vite**. Realtà, progetti, desideri. Milano: Feltrinelli, 2013.
- BODEI, R. **Geometría de las Pasiones, Miedo, Esperanza, Felicidad: Filosofía y Uso Político**; México, Fondo de Cultura Económica, 1995.

- BOLTANSKI, L. e CHIAPPELLO, E. **O Novo Espírito do Capitalismo**, SP, Martins Fontes, 2009.
- BROWN, W. **Stati murati, sovranità in declino**. Bari: Laterza, 2013.
- \_\_\_\_\_ **Les habits deus de la politique mondiale**. Néolibéralisme et néoconservatisme. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2007.
- BURGIO, A. **Guerra**. Scenari della nuova “grande trasformazione”. Roma: Derive Approdi, 2004.
- BUTLER, J. **Marcos de Guerra**. Las vidas lloradas. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- \_\_\_\_\_ **Vida Precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires, Paidós, 2006.
- CANFORA, L. **Intervista sul Potere**. Roma: Laterza, 2013.
- CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**, 3ª. Ed, SP, Paz e Terra, 1982.
- COHEN, M. A. e KÜPÇÜ, M. F. “Privatizing Foreign Policy” in **World Policy Journal**, <http://www.worldpolicy.org/journal/articles/wpj05-3/cohen.html> (accesso 28/05/2016)
- COULANGES, F. « De la manière d’écrire l’histoire en France et en Allemagne ». In **Revue des deux Mondes**, 1872. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/pdf/44740427.pdf>. Acesso: 09/07/2020).
- CURI, U. **I figli di Ares**. Roma: Castelvecchi, 2016.
- DAL LAGO, A. **Le nostre guerre**. Filosofia e sociologia dei conflitti armati. Roma: Manifestolibri, 2010.
- \_\_\_\_\_ “La guerra dei mondi”. in **Conflitti globali**. La guerra dei mondi. Milano: Shake, 2005.
- \_\_\_\_\_ **Non-persone**. L’esclusione dei migranti in una società globale, Milano: Feltrinelli, 2004.
- \_\_\_\_\_ **Polizia globale**. Guerra e conflitti dopo l’11 settembre. Ombre corte, Verona: 2003.
- \_\_\_\_\_ **Giovani, Stranieri&Criminali**. Roma: Manifestolibrisrl, 2001.
- DARDOT, P., LAVAL, Ch. **Never-Ending Nightmare**. The Neoliberal Assault on Democracy. London-New York: Verso, 2019.
- \_\_\_\_\_ **La nouvelle raison du monde**. Essai sur la société néolibérale. Paris: La Découverte 2010.
- DAVIS, A e KLEIN, N. **Construindo Movimentos** [recurso eletrônico]: uma conversa em tempos de pandemia. SP: Boitempo, 2020.
- DI SILVESTRI, M.; PANEBIANCO, A.; CASSESE, A. **Guerra**. Enciclopedia delle scienze sociali, 1994.

- EDIÇÕES O GLOBO. <http://acervo.oglobo.globo.com> (acesso em 01/06/2016).
- ELIAS, N. **Envolvimento e alienação**. RJ: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**. 2.ed., RJ: Jorge Zahar, 1994.
- ESPOSITO, R. **Termini della politica**. Comunità, immunità, biopolitica. Milão: Mimesis, 2009.
- FERRAJOLI, L. **La democrazia attraverso i diritti**. Roma: Laterza, 2013; e *Poteri selvaggi*. Roma: Laterza, 2011.
- FOLHA DE SÃO PAULO <http://search.folha.uol.com.br> (acesso em 01/06/2016)
- GALLI, C. **La guerra globale**. Laterza: Roma-Bari, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Espacios políticos**- La edad moderna y la edad global – léxico de política – 1ª Ed., Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- GALLINO, L. **La lotta di classe dopo la lotta do classe**. Entrevista. Roma: Laterza, 2012.
- GEERTZ, C. “O impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem” *in A Interpretação da Cultura*, RJ: LTC, 1989.
- GENTILE, E. **Due colpi di pistola, dieci milioni di morti, la fine di un mondo**. Storia illustrata della Grande Guerra. Roma: Laterza, 2014.
- GIACCHÉ, V. **La fabbrica del falso. Strategie della menzogna nella politica contemporanea**, Roma, DeriveApprodi, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Guerra alla verità: Strategie dell’oblio e della rimozione (Parte prima)” *in Proteo*, n.16, 2005. Versão eletrônica: [http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id\\_article=401](http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id_article=401) (acesso em 01.09.2019)
- \_\_\_\_\_. « Perché la guerra fa male ai lavoratori (II) ». *in Proteo*, n.2, 2002. Versão eletrônica: [http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id\\_article=197](http://www.proteo.rdbcub.it/article.php3?id_article=197). Acesso 24/05/2003.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. RJ: Zahar, 2002.
- GLENNON, M.J. **The New Interventionism**. The search for a Just International Law. *in Foreign Affairs*. 78, 3, p-7, 1999.
- GLOBAL PEACE INDEX *in* [http://static.visionofhumanity.org/sites/default/files/GPI%202016%20Report\\_2.pdf](http://static.visionofhumanity.org/sites/default/files/GPI%202016%20Report_2.pdf) (acesso em 28/05/2016)
- HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como “Ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- HALL, S. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. RJ: Jorge Zahar Ed., 1985.

- \_\_\_\_\_ **Teoria Crítica**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND - World Economic Outlook. Disponível em <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2018/09/24/world-economic-outlook-october-2018>.
- KANT, I. A **Paz Perpétua**. Um Projecto Filosófico. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.
- KILIAN Jr, R. “Guerra de Quarta Geração. Um Novo Termo para a Guerra Irregular” in **O Anfíbio**, RJ: Assessoria de Comunicação Social do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, n. 30, Ano XXX, 2011.
- COHEN, S. B. **Geopolitics** : the geography of international relations. Th. ed. Maryland: 2015.
- KORYBKO, A. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. 2ªed., SP: Expressão Popular, 2019.
- KRAUS, Karl **Os Últimos Dias da Humanidade**. Porto/V.N. Famalicão: TNSJ/ Húmus, 2016.
- KRAUS, Karl **Aforismos**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010
- KRAUS, K. **Em esta gran época**. De cómo la prensa liberal engendra una guerra mundial. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2009.
- KVAM, T. **Nowthatsfuckedup**. Oslo: Office for Contemporary Anarchy, 2011.
- LANDER E. (org) **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Colección Sur-Sur, 2000, <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100708034410/lander.pdf> acesso em 13.11.2017.
- LATOUCHE, S, **L’occidentalizzazione del mondo**. Torino: Bolatti Boringhieri, 1992.
- LATOUR, B. **Jamais fomos Modernos**. Ensaio de Antropologia Simétrica. RJ: Editora 34, Nova Fronteira, 1994.
- LE BON, G. **Psicologia das Multidões**. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980.
- LE BON, G. **Psychologie des foules**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1919.
- LEWONTIN, R.C. **Biologia como Ideologia**: a doutrina do DNA. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2000.
- LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**, (versão em pdf).
- LOSURDO, D. **La sinistra assente**. Crisi, società dello spettacolo, guerra. Roma: Carocci Editore, 2014.
- \_\_\_\_\_ **Il peccato originale del Novecento**. Roma-Bari: Laterza, 1998.

- \_\_\_\_\_ **Gli intellettuali e il conflitto:** responsabilità e coscienza storica. *in* Rivista di Filosofia, vol. LXXXVIII, n.1, 1997
- MARRAMAIO, G. **La pasión del presente:** breve léxico de la modernidad-mundo. Barcelona: Gedisa, 2011.
- MARX, K. “Dibatti sulla libertà di stampa”. *in* **Opera I.** Roma: Riuniti, 1980.
- MARX, K. “Debates sobre a liberdade de imprensa e comunicação”. *in* **Liberdade de Imprensa.** Porto Alegre: L&PM, 2006.
- MASTROPAOLO, A. **La democrazia è una causa persa?** Paradossi di un’invenzione imperfetta. Torino: Bollati Boringhieri, 2014.
- MERKER, N. **La guerra di Dio.** Religione e nazionalismo nella Grande Guerra. Roma: Carocci Editore, 2015.
- MINI, F. **La guerra spiegata a...** Torino: Giulio Einaudi, 2013.
- \_\_\_\_\_ “I volti della guerra” *in* **Essere Comunisti**, martedì, 15 maggio, 2012 <http://www.esserecomunisti.it/?p=43559>, accesso em 03.12.19.
- \_\_\_\_\_ **La guerra dopo la guerra.** Soldati, burocrati e mercenari nell’epoca della pace virtuale. Torino: Einaudi, 2003.
- \_\_\_\_\_ **Che guerra sarà.** Bologna: Il Mulino, 2017.
- MISHRA, P. **Le illusioni dell’Occidente.** Milano, Mondradoni, 2021.
- MORELLO, R. « Dalle pagine della Fackel agli Ultimi giorni dell’Umanità.Karl Kraus e la guerra ». *in* **Ricognizioni.** Rivista di Lingue e Letterature straniere e Culture moderne. Università degli studi di Torino, vol.1, n.1, p.51-58, 2014.
- MOSSE, G.L. **La nazionalizzazione delle masse.** Bologna: Il Mulino, 1995.
- OLIVEIRA, A.B. “Guerra Terceirizada: As Empresas Privadas de Segurança e a ‘Guerra ao Terror’”. *in* **Carta Internacional,** Março, 2010, <http://www.cartainternacional.abri.org.br/index.php/Carta>, acesso em 03.12.19.
- PRETEROSSIG. - **L’Occidente contro se stesso.** Roma-Bari: Laterza, 2004.
- RASPAIL, J. **The camp of the saints.** Paris : Éditions Robert Laffont, 1973.
- REYNIÉ, D. **Les nouveaux populismes.** Paris: Fayard/Pluriel, 2013.
- ROSA, H. **Social acceleration:** a new theory of modernity. New York: Columbia University Press, 2015.
- RUSSELL, B. **A Autoridade e o Indivíduo** (As Conferências Reith), versão digitalizada.
- SASSEN, S. **Expulsions.** Brutality and Complexity in the Global Economy. Cambridge-Havard: Belknap Press, 2014.

\_\_\_\_\_ **Inmigrantes Y Ciudadanos**: de las migraciones masivas a la Europa fortaleza. Madrid: Siglo XXI, 2013.

\_\_\_\_\_ **Cities in a World Economy**. 4th Ed., Buenos Aires: Pine Forge Press, 2012.

\_\_\_\_\_ “Desnacionalización de la políticas estatales y privatización de La producción de normas”, in **Estado, soberanía y globalización**. Bogotá: Siglo Del Hombre, 2010.

SAWAIA, B. **As Artimanhas da Exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHECHTER, D. “I tempi oscuri della mediocrazia Giornalisti embedded, nuove tecnologie, l'inganno e la censura come strategia deliberata. Sono le armi di disinformazione di massa del «quarto fronte» bellico, quello dei media”. in **II Manifesto**, 28.2.2005. Disponível: [http://www.cdbchieri.it/rassegna\\_stamp\\_a\\_2005/stampa.htm](http://www.cdbchieri.it/rassegna_stamp_a_2005/stampa.htm). Acessado em 23/06/2020.

SCHMITT, C. **Terra e Mar**. Breve reflexão sobre a história universal. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.

SCHMITT, C. **Tierra y mar**. Una reflexión sobre la historia universal. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

\_\_\_\_\_ **O nomos da terra no direito das gentes do Jus Publicum Europaeum**. Madrid: Estudos Constitucionais, 1979.

SZAFRANSKI, R. “Neocortical Warfare? The Acme of Skill, SCL Group”, 2020 <https://sclgroup.online/documents/2020/4/29/neocortical-warfare-the-acme-of-skill-richard-szafranski> (acesso em 10/09/21).

\_\_\_\_\_ “A Theory of Information Warfare Preparing For 2020” in <https://cryptome.org/jya/af-infowar.htm#szfran> (acesso em 12/07/20)

TERZANI, T. **Lettere contro la guerra**. Milano : Longanesi, 2002.

TODOROV, T. **Los enemigos íntimos de la democracia**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, Galaxia Gutemberg (España), 2012.

\_\_\_\_\_ **Muros caídos, muros erigidos**. Conferencia en el Centro de Cultura Contemporanea de Barcelona, 9 de noviembre de 2009.

TRAVERSO, E. **L’histoire comme champ de bataille**. Intrepreter les violences du XXe. siècle. Paris: La Découvert, 2012.

\_\_\_\_\_ **La historia desgarrada**; Ensayo sobre Auschwitz y los intelectuales. Barcelona: Herder, 2001.

VALENÇA, M.M. “A Política de Identidade nas Novas Guerras e a Construção Social da Diferença: Notas a Partir da Cultura e da Identidade” in **Revista da Escola de Guerra Naval**. RJ: Escola de Guerra Naval, v. 17, n. 2, 2011.

VELOSO, C. **Anjos Tronchos**, RJ, SME, 2021, 4:01 minutos, <https://www.youtube.com/watch?v=22gCVzU9WUY>.

VIRILIO, P. **L’administration de la peur**. Paris: Textuel, 2010.

WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ZOLO, D. “Dalla guerra moderna alla guerra globale. L’uso della forza internazionale dalla guerra del Golfo alla guerra contro l’Iraq (1989-2002)”. In **Jura Gentium**. Rivista di filosofia del diritto internazionale e della politica globale. Firenze, 2005. Disponível: <https://www.juragentium.org/topics/wlgo/it/globwar.htm>. Acesso em 06/10/2019

\_\_\_\_\_ “Una “guerra globale” monoteísta”. in **Jura Gentium**. Rivista di filosofia del diritto internazionale e della politica globale. 2005. Disponível em <https://www.juragentium.org/topics/wlgo/it/monotwar.htm>, acesso em 13 de maio 2017.

\_\_\_\_\_ **La Justicia de los Vencedores**. Madri: Editorial Trotta, 2007.

\_\_\_\_\_ “L’impero e la guerra”. in **Jura Gentium** *Rivista di filosofia del diritto internazionale e della politica globale*, Firenze, 2007. Disponível: <https://www.juragentium.org/topics/wlgo/it/empire.htm> Acesso: 30/04/2019.

\_\_\_\_\_ **Terrorismo Umanitario**: della guerra del Golfo alla stragedi Gaza. Reggio Emilia: Diabasis, 2009.

\_\_\_\_\_ **Tramonto globale**. La fame, il patibolo, la guerra. Firenze : University Press, 2010.

ZWEIG, S. **Autobiografia**: o mundo de ontem Memórias de um europeu. RJ : 2012.

\_\_\_\_\_ **O mundo que eu vi**, SP, Editora Record, 1999.

## ANEXO I

## GUERRA

## O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020					
Total de ocorrências	100220	Total de ocorrências	108983	Total de ocorrências	115998	Total de ocorrências	85157	Total de ocorrências	6.843
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Cultura	15337	Cultura	17048	Cultura	15580	Cultura	12645	Cultura	485
Rio	8380	Rio	10245	Rio	10522	Ciência	5733	Ciência	472
Ciência	6920	Ciência	6954	Ciência	8928	Mundo	5540	Mundo	472
Mundo	6627	Mundo	6741	Mundo	8681	Rio	4828	Rio	267
País	5717	País	4099	País	5252	Opinião	2582	Economia	264
Economia	4285	Economia	3760	Economia	4242	Economia	2365	Esportes	99
Esportes	1774	Esportes	2145	Opinião	3260	País	2323	País	0
Primeira Página	907	Opinião	2034	Esportes	2645	Esportes	1514	Opinião	0
Opinião	0	Segunda Página	979	Segunda Página	2034	Segunda Página	903	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	722	Primeira Página	1527	Primeira Página	834	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	373	Revista O Globo	342	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	8566	Arte e Lazer	14058	Arte e Lazer	13945	Arte e Lazer	11661	Arte e Lazer	482
Bairros e Regiões	3960	Bairros e Regiões	5392	Bairros e Regiões	4218	Bairros e Regiões	792	Turismo	3
TV	1309	TV	1308	TV	853	TV	483	Automóveis	0
Variedades	1274	Mulher	557	Educação	701	Turismo	465	Bairros e Regiões	0
Turismo	396	Turismo	533	Turismo	513	Variedades	353	Economia	0
Ciência e Saúde	293	Tecnologia	380	Variedades	463	Mulher	225	Educação	0
Educação	159	Ciência e Saúde	202	Mulher	330	Automóveis	188	Ciência e Saúde	0
Mulher	155	Variedades	202	Economia	171	Economia	111	Meio Ambiente	0
Infantil	108	Educação	181	Automóveis	168	Educação	89	Mulher	0
Automóveis	28	Infantil	154	Infantil	132	Meio Ambiente	28	Infantil	0
Economia	0	Automóveis	127	Ciência e Saúde	89	Infantil	21	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Economia	69	Meio Ambiente	4	Ciência e Saúde	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9				
Guerra 10.09.81 a 10.09.01	Guerra 10.09.91 a 10.09.01	Guerra 11.09.01 a 11.09.11	Guerra 11.09.01 a 11.09.21				
Total de ocorrências	88374	Total de ocorrências	40871	Total de ocorrências	46066	Total de ocorrências	81537
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	21887	TODOS	10819	TODOS	15520	TODOS	37497
ILUSTRADA	14330	ILUSTRADA	5672	ILUSTRADA	10005	ILUSTRADA	16869
MUNDO	2789	MUNDO	2008	COTIDIANO	2425	PRIMEIRO CADERNO	5398
TURISMO	1825	ACONTECE	1083	MUNDO	1031	COTIDIANO	3556
ACONTECE	1088	TURISMO	725	TURISMO	658	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	2301
COTIDIANO	875	COTIDIANO	695	ACONTECE	360	COTIDIANO E ESPORTE	1976
CADERNO ESPECIAL	720	CADERNO ESPECIAL	460	ILUSTRADA	331	ACONTECE	1358
ILUSTRADA	320	ILUSTRADA	320	MERCADO	327	ILUSTRÍSSIMA	1131
ELEIÇÕES	101	ELEIÇÕES	74	NEW YORK TIMES	255	MUNDO	1076
CLASSIFICADOS	49	FOLHA DE SÃO PAULO	39	ILUSTRÍSSIMA	152	MERCADO	1011
COMIDA	42	ESPORTE	34	ELEIÇÕES	115	TURISMO	964
FOLHA DE SÃO PAULO	41	CLASSIFICADOS	32	CADERNO ESPECIAL	112	NEW YORK TIMES	907
ESPORTE	35	COMIDA	5	ESPORTE	32	CADERNO ESPECIAL	395
BALANÇO SP	2	BALANÇO SP	2	CLASSIFICADOS	31	ILUSTRADA	331
TEMAS		TEMAS		PODER	22	PODER	216
TODOS	6700	TODOS	4607	COMIDA	6	ELEIÇÕES	118
CULTURA E SOCIEDADE	3808	CULTURA E SOCIEDADE	2523	INFORME PUBLICITÁRIO	3	ESPORTE - ESPECIAL	93
INTERNACIONAL	2789	INTERNACIONAL	2008	BALANÇO SP	3	CLASSIFICADOS	68
POLÍTICA	101	POLÍTICA	74	FOLHA DE SÃO PAULO	2	GAZETA RUSSA	58
ECONOMIA	2	ECONOMIA	2	TEMAS		COMIDA	54
				TODOS	6124	MUNDO	33
				CULTURA E SOCIEDADE	3881	SOBRE TUDO	32
				INTERNACIONAL	1286	ESPORTE	32
				ECONOMIA	585	INFORME PUBLICITÁRIO	23
				POLÍTICA	372	REVISTA ESPECIAL	22
						SOBRE MORAR	22
						BALANÇO SP	8
						ESTÚDIO FOLHA	3
						FOLHA DE SÃO PAULO	2
						TEMAS	
						TODOS	12897
						CULTURA E SOCIEDADE	7947
						INTERNACIONAL	1983
						ECONOMIA	1926
						POLÍTICA	1041

## TERRORISMO

## O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020					
Total de ocorrências	7291	Total de ocorrências	4819	Total de ocorrências	13370	Total de ocorrências	8186	Total de ocorrências	515
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Ciência	1715	Ciência	928	Ciência	3183	Ciência	1804	Ciência	91
Mundo	1705	Mundo	924	Mundo	3175	Mundo	1793	Mundo	91
País	667	Cultura	405	País	747	Opinião	421	Cultura	17
Cultura	348	País	191	Opinião	640	Cultura	386	Rio	9
Primeira Página	160	Rio	172	Cultura	577	País	231	Economia	4
Rio	107	Opinião	168	Economia	444	Rio	221	Esportes	0
Economia	106	Economia	118	Segunda Página	289	Primeira Página	139	Segunda Página	0
Esportes	41	Segunda Página	64	Rio	263	Economia	98	Opinião	0
Opinião	0	Esportes	60	Primeira Página	184	Esportes	84	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	25	Esportes	88	Segunda Página	72	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	11	Revista O Globo	5	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	203	Arte e Lazer	366	Arte e Lazer	509	Arte e Lazer	354	Arte e Lazer	16
Variedades	54	Bairros e Regiões	61	Educação	54	TV	18	Turismo	1
Bairros e Regiões	12	TV	13	TV	37	Bairros e Regiões	17	Variedades	0
Ciência e Saúde	10	Tecnologia	7	Bairros e Regiões	33	Turismo	6	Automóveis	0
Turismo	8	Mulher	4	Turismo	14	Variedades	5	Bairros e Regiões	0
TV	7	Educação	2	Mulher	13	Mulher	3	Economia	0
Mulher	4	Infantil	2	Variedades	13	Automóveis	2	Educação	0
Educação	1	Turismo	1	Economia	6	Economia	2	Ciência e Saúde	0
Automóveis	0	Economia	1	Ciência e Saúde	2	Educação	2	Meio Ambiente	0
Economia	0	Ciência e Saúde	1	Automóveis	0	Meio Ambiente	2	Mulher	0
Meio Ambiente	0	Variedades	1	Meio Ambiente	0	Ciência e Saúde	0	Infantil	0
Infantil	0	Automóveis	0	Infantil	0	Infantil	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9				
10.09.81 a 10.09.01	10.09.91 a 10.09.01	11.09.01 a 11.09.11	11.09.01 a 11.09.21				
Total de ocorrências	5101	Total de ocorrências	2047	Total de ocorrências	6635	Total de ocorrências	9623
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	770	TODOS	433	TODOS	1545	TODOS	3098
ILUSTRADA	342	MUNDO	253	MUNDO	579	ILUSTRADA	797
MUNDO	298	ILUSTRADA	99	ILUSTRADA	572	PRIMEIRO CADERNO	765
TURISMO	40	CADERNO ESPECIAL	23	COTIDIANO	208	MUNDO	585
CADERNO ESPECIAL	39	ACONTECE	19	CADERNO ESPECIAL	58	COTIDIANO	286
ACONTECE	19	TURISMO	13	TURISMO	41	NEW YORK TIMES	118
COTIDIANO	18	COTIDIANO	12	ILUSTRADA	32	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	116
ELEIÇÕES	8	ELEIÇÕES	8	NEW YORK TIMES	28	COTIDIANO E ESPORTE	95
FOLHA DE SÃO PAULO	5	FOLHA DE SÃO PAULO	5	MERCADO	20	CADERNO ESPECIAL	85
CLASSIFICADOS	1	CLASSIFICADOS	1	ELEIÇÕES	15	ILUSTRÍSSIMA	77
TEMAS		TEMAS		ILUSTRÍSSIMA	10	MERCADO	68
TODOS	383	TODOS	305	ACONTECE	8	TURISMO	47
INTERNACIONAL	298	INTERNACIONAL	253	INFORME PUBLICITÁRIO	2	ILUSTRADA	32
CULTURA E SOCIEDADE	77	CULTURA E SOCIEDADE	44	FOLHA DE SÃO PAULO	2	PODER	23
POLÍTICA	8	POLÍTICA	8	TEMAS		ELEIÇÕES	15
				TODOS	995	GAZETA RUSSA	11
				INTERNACIONAL	607	ACONTECE	9
				CULTURA E SOCIEDADE	297	ESPORTE - ESPECIAL	7
				ECONOMIA	48	INFORME PUBLICITÁRIO	2
				POLÍTICA	43	SOBRE TUDO	2
						ESTÚDIO FOLHA	2
						FOLHA 1 20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
						REVISTA ESPECIAL	2
						COMIDA	1
						BALANÇO SP	1
						TEMAS	
						TODOS	1565
						INTERNACIONAL	703
						CULTURA E SOCIEDADE	539
						ECONOMIA	187
						POLÍTICA	136

## INIMIGO

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	24316	Total de ocorrências	27058	Total de ocorrências	24674	Total de ocorrências	18066	Total de ocorrências	1,632
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Cultura	4151	Cultura	4688	Cultura	3327	Cultura	2650	Cultura	114
Ciência	1973	Rio	2289	Ciência	2481	Ciência	1600	Ciência	95
Mundo	1821	Ciência	1766	Mundo	2384	Mundo	1520	Mundo	95
Rio	1682	Mundo	1641	Rio	1854	Rio	887	Rio	85
País	1595	País	1077	País	1378	Opinião	840	Economia	55
Esportes	1012	Esportes	718	Opinião	1021	País	568	Esportes	8
Economia	652	Economia	697	Economia	739	Esportes	409	País	0
Primeira Página	148	Opinião	607	Esportes	672	Economia	384	Opinião	0
Opinião	0	Segunda Página	175	Segunda Página	265	Segunda Página	115	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	104	Primeira Página	146	Revista O Globo	107	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	129	Primeira Página	98	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	2613	Arte e Lazer	3942	Arte e Lazer	3039	Ciência e Saúde	0	Arte e Lazer	113
Bairros e Regiões	842	Bairros e Regiões	1328	Bairros e Regiões	648	Tecnologia	0	Turismo	1
Variedades	505	TV	392	TV	246	Meio Ambiente	13	Automóveis	0
TV	343	Tecnologia	145	Variedades	176	Automóveis	14	Bairros e Regiões	0
Ciência e Saúde	152	Ciência e Saúde	121	Educação	166	Infantil	15	Economia	0
Infantil	52	Variedades	121	Infantil	53	Educação	26	Educação	0
Turismo	43	Mulher	91	Mulher	51	Economia	33	Ciência e Saúde	0
Educação	16	Infantil	86	Ciência e Saúde	47	Mulher	33	Meio Ambiente	0
Mulher	16	Turismo	43	Turismo	36	Turismo	36	Mulher	0
Automóveis	10	Automóveis	28	Economia	30	TV	104	Infantil	0
Economia	0	Economia	24	Automóveis	11	Variedades	108	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Educação	14	Meio Ambiente	1	Bairros e Regiões	191	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	1	Arte e Lazer	2537	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	23295	Total de ocorrências	10608	Total de ocorrências	10469	Total de ocorrências	18738
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	4820	TODOS	2321	TODOS	3433	TODOS	8762
ILUSTRADA	3264	ILUSTRADA	1192	ILUSTRADA	2355	ILUSTRADA	4327
MUNDO	526	MUNDO	403	COTIDIANO	514	PRIMEIRO CADERNO	1514
COTIDIANO	259	ACONTECE	242	MUNDO	249	COTIDIANO	711
TURISMO	246	COTIDIANO	192	TURISMO	73	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	500
ACONTECE	244	CADERNO ESPECIAL	125	NEW YORK TIMES	63	COTIDIANO E ESPORTE	458
CADERNO ESPECIAL	183	TURISMO	97	ACONTECE	49	ILUSTRÍSSIMA	295
ELEIÇÕES	47	ILUSTRADA	34	ILUSTRADA	38	MUNDO	257
ILUSTRADA	34	ELEIÇÕES	29	MERCADO	33	NEW YORK TIMES	211
ESPORTE	31	FOLHA DE SÃO PAULO	21	CADERNO ESPECIAL	32	MERCADO	122
FOLHA DE SÃO PAULO	21	CLASSIFICADOS	15	ILUSTRÍSSIMA	27	ACONTECE	97
CLASSIFICADOS	19	BALANÇO SP	1	ELEIÇÕES	24	TURISMO	95
COMIDA	5	TEMAS		CLASSIFICADOS	4	CADERNO ESPECIAL	82
BALANÇO SP	1	TODOS	968	COMIDA	1	ILUSTRADA	38
TEMAS		CULTURA E SOCIEDADE	535	INFORME PUBLICITÁRIO	1	ELEIÇÕES	25
TODOS	1327	INTERNACIONAL	403	TEMAS		PODER	24
CULTURA E SOCIEDADE	753	POLÍTICA	29	TODOS	1229	ESPORTE - ESPECIAL	15
INTERNACIONAL	526	ECONOMIA	1	CULTURA E SOCIEDADE	734	COMIDA	10
POLÍTICA	47			INTERNACIONAL	312	GAZETA RUSSA	10
ECONOMIA	1			ECONOMIA	96	SOBRE TUDO	7
				POLÍTICA	87	CLASSIFICADOS	6
						INFORME PUBLICITÁRIO	3
						REVISTA ESPECIAL	3
						ESTÚDIO FOLHA	2
						TEMAS	
						TODOS	2458
						CULTURA E SOCIEDADE	1417
						INTERNACIONAL	468
						ECONOMIA	333
						POLÍTICA	240

## IMIGRANTE ILEGAL

### O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020					
Total de ocorrências	113	Total de ocorrências	340	Total de ocorrências	1286	Total de ocorrências	1317	Total de ocorrências	46
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Ciência	37	Ciência	82	Ciência	272	Ciência	394	Ciência	16
Mundo	37	Mundo	81	Mundo	272	Mundo	394	Mundo	16
País	7	Cultura	21	Cultura	241	Cultura	111	Cultura	3
Cultura	2	País	13	País	44	Opinião	42	Economia	0
Rio	2	Segunda Página	7	Segunda Página	38	Economia	22	Esportes	0
Primeira Página	2	Economia	5	Rio	25	Primeira Página	21	País	0
Economia	1	Rio	4	Economia	22	Segunda Página	15	Rio	0
Esportes	0	Opinião	3	Opinião	14	País	12	Opinião	0
Opinião	0	Esportes	1	Primeira Página	12	Rio	4	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	1	Esportes	9	Esportes	3	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	1	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	1	Arte e Lazer	17	Arte e Lazer	215	Arte e Lazer	104	Arte e Lazer	3
Automóveis	0	TV	2	TV	12	TV	3	Automóveis	0
Turismo	0	Turismo	1	Bairros e Regiões	7	Turismo	1	Turismo	0
Bairros e Regiões	0	Ciência e Saúde	1	Educação	6	Educação	1	Bairros e Regiões	0
Economia	0	Variedades	1	Turismo	4	Variedades	1	Economia	0
Educação	0	Automóveis	0	Mulher	1	Automóveis	0	Educação	0
Ciência e Saúde	0	Bairros e Regiões	0	Infantil	1	Bairros e Regiões	0	Ciência e Saúde	0
Meio Ambiente	0	Economia	0	Automóveis	0	Economia	0	Meio Ambiente	0
Mulher	0	Educação	0	Economia	0	Ciência e Saúde	0	Mulher	0
Infantil	0	Meio Ambiente	0	Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0
Variedades	0	Mulher	0	Meio Ambiente	0	Mulher	0	Variedades	0
Tecnologia	0	Infantil	0	Variedades	0	Infantil	0	Tecnologia	0
TV	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

### A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9				
10.09.81 a 10.09.01	10.09.91 a 10.09.01	11.09.01 a 11.09.11	11.09.01 a 11.09.21				
Total de ocorrências	128	Total de ocorrências	85	Total de ocorrências	165	Total de ocorrências	606
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	32	TODOS	26	TODOS	40	TODOS	273
MUNDO	23	MUNDO	19	ILUSTRADA	13	PRIMEIRO CADERNO	112
ILUSTRADA	3	TURISMO	2	NEW YORK TIMES	10	ILUSTRADA	56
TURISMO	3	ILUSTRADA	2	COTIDIANO	9	COTIDIANO	31
CADERNO ESPECIAL	2	CADERNO ESPECIAL	2	TURISMO	3	NEW YORK TIMES	26
COTIDIANO	1	COTIDIANO	1	MUNDO	2	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	11
TEMAS		TEMAS		MERCADO	1	ILUSTRÍSSIMA	9
TODOS	27	TODOS	22	COMIDA	1	COTIDIANO E ESPORTE	7
INTERNACIONAL	23	INTERNACIONAL	19	ILUSTRÍSSIMA	1	CADERNO ESPECIAL	6
CULTURA E SOCIEDADE	4	CULTURA E SOCIEDADE	3	TEMAS		TURISMO	6
				TODOS	56	MERCADO	3
				CULTURA E SOCIEDADE	23	MUNDO	2
				INTERNACIONAL	12	COMIDA	1
				ECONOMIA	11	ESPORTE - ESPECIAL	1
				POLÍTICA	10	ESTÚDIO FOLHA	1
						ACONTECE	1
						TEMAS	
						TODOS	156
						CULTURA E SOCIEDADE	73
						ECONOMIA	29
						INTERNACIONAL	28
						POLÍTICA	26

## TRABALHO ESCRAVO

### O Globo

Década de 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	379	Total de ocorrências	632	Total de ocorrências	1674	Total de ocorrências	1503	Total de ocorrências	50
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Rio	69	País	81	País	275	Economia	202	Cultura	8
Cultura	28	Rio	47	Economia	190	País	72	Economia	3
País	28	Cultura	39	Segunda Página	105	Cultura	70	Ciência	2
Ciência	21	Opinião	31	Cultura	94	Rio	56	Mundo	2
Mundo	20	Ciência	22	Opinião	76	Segunda Página	51	Rio	1
Economia	12	Mundo	22	Rio	47	Opinião	38	Esportes	0
Esportes	1	Segunda Página	18	Ciência	35	Ciência	31	País	0
Primeira Página	1	Economia	14	Mundo	33	Mundo	25	Opinião	0
Opinião	0	Primeira Página	3	Primeira Página	26	Primeira Página	11	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Esportes	0	Revista O Globo	5	Revista O Globo	9	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Esportes	3	Esportes	7	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Educação	32	Arte e Lazer	32	Arte e Lazer	88	Arte e Lazer	73	Arte e Lazer	8
Arte e Lazer	14	Bairros e Regiões	10	Economia	46	Economia	34	Automóveis	0
Bairros e Regiões	10	Educação	3	Educação	14	Variedades	9	Turismo	0
Infantil	5	Infantil	3	Bairros e Regiões	7	Bairros e Regiões	4	Bairros e Regiões	0
Variedades	3	TV	3	Variedades	5	Turismo	2	Economia	0
TV	3	Economia	1	TV	4	Mulher	2	Educação	0
Turismo	2	Mulher	1	Turismo	3	TV	2	Ciência e Saúde	0
Ciência e Saúde	1	Automóveis	0	Mulher	1	Automóveis	0	Meio Ambiente	0
Automóveis	0	Turismo	0	Infantil	1	Educação	0	Mulher	0
Economia	0	Ciência e Saúde	0	Automóveis	0	Ciência e Saúde	0	Infantil	0
Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente	0	Variedades	0
Mulher	0	Variedades	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

### A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	8784	Total de ocorrências	4513	Total de ocorrências	4665	Total de ocorrências	8191
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	2617	TODOS	1210	TODOS	2188	TODOS	4736
ILUSTRADA	1734	ILUSTRADA	606	ILUSTRADA	1525	ILUSTRADA	2514
TURISMO	387	TURISMO	158	COTIDIANO	365	COTIDIANO	479
ACONTECE	130	ACONTECE	130	TURISMO	140	PRIMEIRO CADERNO	464
COTIDIANO	98	COTIDIANO	91	CLASSIFICADOS	46	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	296
MUNDO	92	CLASSIFICADOS	83	ILUSTRADA	35	COTIDIANO E ESPORTE	273
CLASSIFICADOS	86	MUNDO	80	ILUSTRÍSSIMA	27	TURISMO	203
CADERNO ESPECIAL	69	CADERNO ESPECIAL	50	PODER	21	ILUSTRÍSSIMA	183
ILUSTRADA	32	ILUSTRADA	32	MUNDO	18	MERCADO	85
COMIDA	10	FOLHA DE SÃO PAULO	5	MERCADO	18	CLASSIFICADOS	49
FOLHA DE SÃO PAULO	6	COMIDA	3	ACONTECE	15	NEW YORK TIMES	48
ELEIÇÕES	3	ELEIÇÕES	2	CADERNO ESPECIAL	10	ACONTECE	39
TEMAS		TEMAS		NEW YORK TIMES	8	CADERNO ESPECIAL	36
TODOS	712	TODOS	463	BALANÇO SP	4	ILUSTRADA	35
CULTURA E SOCIEDADE	617	CULTURA E SOCIEDADE	381	ELEIÇÕES	3	PODER	24
INTERNACIONAL	92	INTERNACIONAL	80	COMIDA	2	COMIDA	20
POLÍTICA	3	POLÍTICA	2	INFORME PUBLICITÁRIO	1	MUNDO	19
				TEMAS		BALANÇO SP	8
				TODOS	628	ELEIÇÕES	3
				CULTURA E SOCIEDADE	560	ESPORTE - ESPECIAL	2
				ECONOMIA	30	SOBRE TUDO	2
				INTERNACIONAL	26	SOBRE MORAR	2
				POLÍTICA	12	INFORME PUBLICITÁRIO	1
						GAZETA RUSSA	1
						TEMAS	
						TODOS	1220
						CULTURA E SOCIEDADE	957
						ECONOMIA	141
						INTERNACIONAL	67
						POLÍTICA	55

## FAKE NEWS

## O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020
Total de ocorrências	Total de ocorrências		Total de ocorrências 1834	Total de ocorrências 1947
Editoriais	Editoriais		Editoriais	Editoriais
			Cultura 49	Cultura 72
			Rio 3	Rio 68
			Economia 2	Economia 57
			Esportes 1	Ciência 18
			Revista O Globo 1	Mundo 18
			Ciência 0	Esportes 5
			Mundo 0	País 0
			País 0	Opinião 0
			Opinião 0	Primeira Página 0
			Primeira Página 0	Segunda Página 0
			Segunda Página 0	Revista O Globo 0
			Cadernos e suplementos sobre:	Cadernos e suplementos sobre:
			Arte e Lazer 42	Arte e Lazer 72
			Mulher 6	Automóveis 0
			Bairros e Regiões 2	Turismo 0
			Educação 2	Bairros e Regiões 0
			TV 2	Economia 0
			Variedades 1	Educação 0
			Automóveis 0	Ciência e Saúde 0
			Turismo 0	Meio Ambiente 0
			Economia 0	Mulher 0
			Ciência e Saúde 0	Infantil 0
			Meio Ambiente 0	Variedades 0
			Infantil 0	Tecnologia 0
			Tecnologia 0	TV 0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9
10.09.81 a 10.09.01	10.09.91 a 10.09.01	11.09.01 a 11.09.11	11.09.01 a 11.09.21
Total de ocorrências	Total de ocorrências	Total de ocorrências	Total de ocorrências 2718
			CADERNOS
			TODOS 2665
			PRIMEIRO CADERNO 1746
			COTIDIANO 301
			COTIDIANO 2 - ED. NACIO 292
			ILUSTRADA 201
			ILUSTRÍSSIMA 51
			CADERNO ESPECIAL 39
			MUNDO 9
			MERCADO 8
			ESTÚDIO FOLHA 4
			REVISTA ESPECIAL 4
			ACONTECE 3
			ESPORTE - ESPECIAL 2
			TURISMO 2
			COTIDIANO 2
			SOBRE TUDO 1
			TEMAS
			TODOS 75
			CULTURA E SOCIEDADE 58
			INTERNACIONAL 9
			ECONOMIA 8

## INTERVENÇÃO MILITAR

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	867	Total de ocorrências	791	Total de ocorrências	360	Total de ocorrências	1333	Total de ocorrências	234
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Ciência	249	Ciência	182	Ciência	98	Ciência	305	Ciência	17
Mundo	249	Mundo	182	Mundo	98	Mundo	304	Mundo	17
País	52	País	28	País	25	País	64	Rio	8
Economia	17	Opinião	16	Opinião	25	Cultura	36	Economia	5
Primeira Página	13	Cultura	15	Cultura	16	Opinião	35	Cultura	2
Cultura	7	Rio	13	Economia	10	Rio	32	Esportes	0
Esportes	4	Segunda Página	13	Rio	10	Economia	27	País	0
Rio	4	Primeira Página	8	Segunda Página	8	Primeira Página	12	Opinião	0
Opinião	0	Economia	7	Esportes	1	Segunda Página	11	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Esportes	6	Primeira Página	1	Esportes	1	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0						
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	4	Arte e Lazer	10	Arte e Lazer	15	Arte e Lazer	35	Arte e Lazer	2
Variedades	2	Automóveis	1	Educação	6	Turismo	1	Automóveis	0
Educação	1	Turismo	0	Bairros e Regiões	1	Automóveis	0	Turismo	0
Automóveis	0	Bairros e Regiões	0	Automóveis	0	Bairros e Regiões	0	Bairros e Regiões	0
Turismo	0	Economia	0	Turismo	0	Economia	0	Economia	0
Bairros e Regiões	0	Educação	0	Economia	0	Educação	0	Educação	0
Economia	0	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0
Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0
Meio Ambiente	0	Mulher	0	Mulher	0	Mulher	0	Mulher	0
Mulher	0	Infantil	0	Infantil	0	Infantil	0	Infantil	0
Infantil	0	Variedades	0	Variedades	0	Variedades	0	Variedades	0
Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0
TV	0	TV	0	TV	0	TV	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	443	Total de ocorrências	70	Total de ocorrências	51	Total de ocorrências	1016
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	27	TODOS	14	TODOS	8	TODOS	699
MUNDO	18	MUNDO	13	MUNDO	3	PRIMEIRO CADERNO	482
ILUSTRADA	8	ILUSTRADA	1	NEW YORK TIMES	2	ILUSTRADA	67
ELEIÇÕES	1	TEMAS		MERCADO	1	COTIDIANO 2 - ED. NACIO.45	
TEMAS		TODOS	13	ILUSTRADA	1	COTIDIANO E ESPORTE	41
TODOS	19	INTERNACIONAL	13	CADERNO ESPECIAL	1	NEW YORK TIMES	19
INTERNACIONAL	18			TEMAS		ILUSTRÍSSIMA	13
POLÍTICA	1			TODOS	12	CADERNO ESPECIAL	11
				INTERNACIONAL	5	MERCADO	8
				ECONOMIA	3	MUNDO	5
				CULTURA E SOCIEDADE	2	COTIDIANO	3
				POLÍTICA	2	INFORME PUBLICITÁRIO	2
						ESPORTE - ESPECIAL	2
						GAZETA RUSSA	1
						TEMAS	
						TODOS	105
						CULTURA E SOCIEDADE	35
						ECONOMIA	27
						INTERNACIONAL	24
						POLÍTICA	19

## SINDICATO

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	58263	Total de ocorrências	42640	Total de ocorrências	33794	Total de ocorrências	23188	Total de ocorrências	1,698
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Economia	7440	Rio	6035	Rio	5300	Economia	3115	Rio	178
Rio	7100	Economia	5355	Economia	4748	Rio	2917	Economia	175
País	5014	País	2955	País	3077	País	1242	Cultura	69
Ciência	2545	Cultura	1212	Cultura	844	Opinião	696	Ciência	60
Mundo	2466	Opinião	965	Opinião	802	Cultura	630	Mundo	60
Cultura	1993	Ciência	679	Ciência	656	Ciência	494	Esportes	43
Esportes	696	Mundo	626	Mundo	642	Mundo	481	País	0
Primeira Página	527	Segunda Página	372	Segunda Página	452	Esportes	206	Opinião	0
Opinião	0	Primeira Página	313	Primeira Página	284	Primeira Página	185	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Esportes	304	Esportes	282	Segunda Página	175	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	50	Revista O Globo	54	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	1606	Bairros e Regiões	2225	Bairros e Regiões	1454	Economia	686	Arte e Lazer	69
Arte e Lazer	942	Arte e Lazer	1051	Economia	1088	Arte e Lazer	637	Automóveis	0
Variedades	226	Economia	357	Arte e Lazer	802	Variedades	554	Turismo	0
Educação	119	Ciência e Saúde	53	Educação	63	Bairros e Regiões	424	Bairros e Regiões	0
TV	112	Variedades	53	Variedades	59	Mulher	13	Economia	0
Turismo	94	TV	48	TV	34	TV	9	Educação	0
Ciência e Saúde	79	Tecnologia	42	Turismo	24	Educação	8	Ciência e Saúde	0
Automóveis	17	Mulher	40	Mulher	12	Automóveis	4	Meio Ambiente	0
Mulher	10	Educação	36	Automóveis	10	Turismo	3	Mulher	0
Infantil	5	Turismo	33	Ciência e Saúde	9	Meio Ambiente	1	Infantil	0
Economia	0	Automóveis	10	Infantil	1	Ciência e Saúde	0	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Infantil	6	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	70698	Total de ocorrências	36213	Total de ocorrências	14720	Total de ocorrências	26262
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	4569	TODOS	1983	TODOS	4319	TODOS	12530
ILUSTRADA	2038	COTIDIANO	908	COTIDIANO	2844	COTIDIANO	3842
COTIDIANO	1106	ILUSTRADA	383	ILUSTRADA	577	PRIMEIRO CADERNO	2775
TURISMO	498	MUNDO	246	MERCADO	380	MERCADO	1576
MUNDO	353	CLASSIFICADOS	102	CLASSIFICADOS	267	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	1361
CADERNO ESPECIAL	204	CADERNO ESPECIAL	96	MUNDO	89	ILUSTRADA	1107
CLASSIFICADOS	123	ACONTECE	73	ELEIÇÕES	45	COTIDIANO E ESPORTE	720
ELEIÇÕES	106	ELEIÇÕES	63	ILUSTRADA	32	CLASSIFICADOS	366
ACONTECE	73	FOLHA DE SÃO PAULO	49	NEW YORK TIMES	29	PODER	213
FOLHA DE SÃO PAULO	50	TURISMO	48	TURISMO	24	CADERNO ESPECIAL	168
ESPORTE	32	ESPORTE	32	PODER	22	ILUSTRÍSSIMA	107
ILUSTRADA	31	ILUSTRADA	31	BALANÇO SP	17	MUNDO	95
BALANÇO SP	8	BALANÇO SP	8	CADERNO ESPECIAL	15	NEW YORK TIMES	89
COMIDA	6	COMIDA	3	ACONTECE	14	BALANÇO SP	83
INFORME PUBLICITÁRIO	1	INFORME PUBLICITÁRIO	1	ILUSTRÍSSIMA	11	SOBRE MORAR	56
TEMAS		TEMAS		INFORME PUBLICITÁRIO	2	ELEIÇÕES	46
TODOS	2145	TODOS	1347	COMIDA	1	TURISMO	36
CULTURA E SOCIEDADE	1678	CULTURA E SOCIEDADE	1030	TEMAS		ILUSTRADA	32
INTERNACIONAL	353	INTERNACIONAL	246	TODOS	3544	ACONTECE	31
POLÍTICA	106	POLÍTICA	63	CULTURA E SOCIEDADE	2924	SOBRE TUDO	23
ECONOMIA	8	ECONOMIA	8	ECONOMIA	426	INFORME PUBLICITÁRIO	17
				INTERNACIONAL	118	ESPORTE - ESPECIAL	9
				POLÍTICA	76	COMIDA	3
						REVISTA ESPECIAL	3
						ESTÚDIO FOLHA	1
						GAZETA RUSSA	1
						TEMAS	
						TODOS	6187
						CULTURA E SOCIEDADE	4107
						ECONOMIA	1748
						INTERNACIONAL	184
						POLÍTICA	148

## PRIVATIZAÇÃO

## O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020					
Total de ocorrências	6812	Total de ocorrências	30965	Total de ocorrências	9892	Total de ocorrências	6043	Total de ocorrências	825
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Economia	1902	Economia	7240	Economia	2229	Economia	1043	Economia	139
País	511	País	1659	País	866	Opinião	370	Rio	111
Rio	270	Opinião	1322	Rio	535	Rio	364	Ciência	3
Ciência	159	Rio	1040	Opinião	525	País	232	Mundo	3
Mundo	158	Segunda Página	541	Segunda Página	274	Primeira Página	97	Cultura	1
Cultura	98	Cultura	361	Ciência	156	Segunda Página	71	Esportes	1
Primeira Página	88	Primeira Página	354	Mundo	153	Cultura	60	País	0
Esportes	21	Ciência	309	Primeira Página	101	Ciência	54	Opinião	0
Opinião	0	Mundo	308	Cultura	67	Mundo	52	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Esportes	73	Esportes	35	Esportes	48	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	3	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	69	Arte e Lazer	336	Bairros e Regiões	144	Arte e Lazer	56	Arte e Lazer	1
Arte e Lazer	60	Bairros e Regiões	186	Arte e Lazer	59	Bairros e Regiões	26	Automóveis	0
Mulher	6	Economia	37	Economia	20	Economia	5	Turismo	0
Variiedades	3	Tecnologia	19	Educação	14	Turismo	2	Bairros e Regiões	0
Educação	2	Turismo	8	Turismo	4	Educação	1	Economia	0
Turismo	1	Educação	8	Mulher	3	Automóveis	0	Educação	0
Ciência e Saúde	1	Mulher	8	Variiedades	3	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0
TV	1	TV	3	TV	2	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0
Automóveis	0	Ciência e Saúde	1	Automóveis	0	Mulher	0	Mulher	0
Economia	0	Variiedades	1	Ciência e Saúde	0	Infantil	0	Infantil	0
Meio Ambiente	0	Automóveis	0	Meio Ambiente	0	Variiedades	0	Variiedades	0
Infantil	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Infantil	0	Tecnologia	0	TV	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9				
10.09.81 a 10.09.01	10.09.91 a 10.09.01	11.09.01 a 11.09.11	11.09.01 a 11.09.21				
Total de ocorrências	6526	Total de ocorrências	3680	Total de ocorrências	861	Total de ocorrências	4283
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	307	TODOS	187	TODOS	96	TODOS	2712
MUNDO	126	MUNDO	77	MERCADO	35	PRIMEIRO CADERNO	1610
ILUSTRADA	72	ILUSTRADA	38	ILUSTRADA	19	MERCADO	345
COTIDIANO	35	CADERNO ESPECIAL	25	COTIDIANO	15	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	227
CADERNO ESPECIAL	33	COTIDIANO	25	ELEIÇÕES	7	COTIDIANO E ESPORTE	213
TURISMO	21	ELEIÇÕES	13	MUNDO	7	ILUSTRADA	110
ELEIÇÕES	14	TURISMO	4	BALANÇO SP	5	COTIDIANO	74
ACONTECE	3	ACONTECE	3	TURISMO	3	ILUSTRÍSSIMA	49
CLASSIFICADOS	1	BALANÇO SP	1	ILUSTRÍSSIMA	3	CADERNO ESPECIAL	22
BALANÇO SP	1	FOLHA DE SÃO PAULO	1	NEW YORK TIMES	2	PODER	21
FOLHA DE SÃO PAULO	1	TEMAS		TEMAS		BALANÇO SP	15
TEMAS		TODOS	123	TODOS	83	NEW YORK TIMES	15
TODOS	200	INTERNACIONAL	77	ECONOMIA	42	ELEIÇÕES	7
INTERNACIONAL	126	CULTURA E SOCIEDADE	32	CULTURA E SOCIEDADE	23	MUNDO	7
CULTURA E SOCIEDADE	59	POLÍTICA	13	POLÍTICA	9	ESTÚDIO FOLHA	3
POLÍTICA	14	ECONOMIA	1	INTERNACIONAL	9	TURISMO	3
ECONOMIA	1					REVISTA ESPECIAL	3
						INFORME PUBLICITÁRIO	2
						ESPORTE - ESPECIAL	2
						SOBRE TUDO	1
						GAZETA RUSSA	1
						CLASSIFICADOS	1
						TEMAS	
						TODOS	561
						ECONOMIA	375
						CULTURA E SOCIEDADE	141
						POLÍTICA	23
						INTERNACIONAL	22

## DIREITOS HUMANOS

## O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020					
Total de ocorrências	11682	Total de ocorrências	10500	Total de ocorrências	16250	Total de ocorrências	19427	Total de ocorrências	1,164
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Ciência	2134	Ciência	1095	Ciência	2197	Ciência	2635	Ciência	169
Mundo	2126	Mundo	1088	Mundo	2177	Mundo	2617	Mundo	169
País	1281	País	1080	País	1952	Rio	1329	Rio	61
Rio	924	Rio	796	Rio	1851	País	1328	Economia	34
Cultura	272	Opinião	491	Opinião	860	Opinião	857	Cultura	20
Economia	90	Cultura	290	Cultura	548	Cultura	679	Esportes	6
Primeira Página	87	Segunda Página	174	Segunda Página	409	Economia	328	País	0
Esportes	26	Economia	119	Economia	377	Segunda Página	305	Opinião	0
Opinião	0	Primeira Página	44	Primeira Página	198	Primeira Página	177	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Esportes	23	Esportes	80	Esportes	71	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	28	Revista O Globo	25	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	182	Arte e Lazer	263	Arte e Lazer	526	Arte e Lazer	660	Arte e Lazer	20
Arte e Lazer	164	Bairros e Regiões	236	Bairros e Regiões	328	Bairros e Regiões	131	Automóveis	0
Variedades	28	Mulher	12	Economia	86	Economia	90	Turismo	0
Ciência e Saúde	8	Tecnologia	11	Educação	52	Variedades	25	Bairros e Regiões	0
TV	7	Ciência e Saúde	5	Variedades	35	Mulher	15	Economia	0
Mulher	6	Variedades	5	Mulher	15	Turismo	12	Educação	0
Turismo	3	TV	4	Turismo	12	TV	7	Ciência e Saúde	0
Educação	3	Educação	2	TV	11	Educação	3	Meio Ambiente	0
Infantil	2	Infantil	2	Ciência e Saúde	7	Meio Ambiente	3	Mulher	0
Automóveis	0	Economia	1	Infantil	4	Automóveis	0	Infantil	0
Economia	0	Automóveis	0	Meio Ambiente	1	Ciência e Saúde	0	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Turismo	0	Automóveis	0	Infantil	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9				
10.09.81 a 10.09.01	10.09.91 a 10.09.01	11.09.01 a 11.09.11	11.09.01 a 11.09.21				
Total de ocorrências	5685	Total de ocorrências	2021	Total de ocorrências	1670	Total de ocorrências	11327
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	544	TODOS	336	TODOS	387	TODOS	7021
MUNDO	205	MUNDO	167	COTIDIANO	208	PRIMEIRO CADERNO	2390
ILUSTRADA	191	COTIDIANO	78	ILUSTRADA	58	ILUSTRADA	1480
COTIDIANO	86	ILUSTRADA	51	MUNDO	47	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	880
CADERNO ESPECIAL	23	CADERNO ESPECIAL	14	NEW YORK TIMES	35	COTIDIANO E ESPORTE	813
TURISMO	18	FOLHA DE SÃO PAULO	11	ILUSTRADA	31	COTIDIANO	591
FOLHA DE SÃO PAULO	12	TURISMO	7	MERCADO	8	ACONTECE	243
ELEIÇÕES	5	ELEIÇÕES	4	TURISMO	8	PODER	219
CLASSIFICADOS	3	CLASSIFICADOS	3	ILUSTRÍSSIMA	8	NEW YORK TIMES	182
ACONTECE	1	ACONTECE	1	CADERNO ESPECIAL	5	ILUSTRÍSSIMA	149
TEMAS		TEMAS		BALANÇO SP	3	CADERNO ESPECIAL	73
TODOS	315	TODOS	257	ELEIÇÕES	3	MERCADO	72
INTERNACIONAL	205	INTERNACIONAL	167	ACONTECE	2	MUNDO	58
CULTURA E SOCIEDADE	105	CULTURA E SOCIEDADE	86	INFORME PUBLICITÁRIO	1	ILUSTRADA	31
POLÍTICA	5	POLÍTICA	4	TEMAS		TURISMO	20
				TODOS	428	GAZETA RUSSA	12
				CULTURA E SOCIEDADE	262	ESTÚDIO FOLHA	9
				INTERNACIONAL	82	BALANÇO SP	8
				ECONOMIA	46	ESPORTE - ESPECIAL	7
				POLÍTICA	38	ELEIÇÕES	4
						INFORME PUBLICITÁRIO	4
						REVISTA ESPECIAL	3
						SOBRE TUDO	2
						CLASSIFICADOS	1
						TEMAS	
						TODOS	1893
						CULTURA E SOCIEDADE	1186
						ECONOMIA	262
						INTERNACIONAL	240
						POLÍTICA	205

## PARTIDO POLÍTICO

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	11023	Total de ocorrências	4251	Total de ocorrências	4553	Total de ocorrências	5604	Total de ocorrências	325
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
País	2839	País	573	País	1008	País	752	Ciência	18
Ciência	907	Ciência	374	Ciência	441	Opinião	421	Mundo	18
Mundo	906	Mundo	370	Mundo	436	Ciência	369	Rio	13
Rio	515	Opinião	211	Opinião	398	Mundo	369	Economia	8
Economia	276	Rio	165	Economia	181	Rio	146	Esportes	5
Cultura	218	Economia	112	Cultura	124	Cultura	113	Cultura	4
Primeira Página	87	Cultura	104	Rio	110	Economia	109	País	0
Esportes	27	Segunda Página	45	Segunda Página	70	Segunda Página	41	Opinião	0
Opinião	0	Esportes	22	Primeira Página	41	Primeira Página	28	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	15	Esportes	24	Esportes	9	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	6	Revista O Globo	6	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	242	Arte e Lazer	88	Arte e Lazer	120	Arte e Lazer	117	Arte e Lazer	4
Arte e Lazer	114	Bairros e Regiões	55	Educação	31	Bairros e Regiões	10	Automóveis	0
Variedades	16	Tecnologia	7	Bairros e Regiões	29	Variedades	6	Turismo	0
Educação	11	Educação	6	Economia	9	Economia	4	Bairros e Regiões	0
TV	8	Ciência e Saúde	4	Variedades	7	Educação	4	Economia	0
Turismo	4	Mulher	4	Mulher	4	Mulher	1	Educação	0
Mulher	3	Variedades	4	TV	4	Automóveis	0	Ciência e Saúde	0
Infantil	2	Infantil	1	Turismo	1	Turismo	0	Meio Ambiente	0
Automóveis	1	Automóveis	0	Ciência e Saúde	1	Ciência e Saúde	0	Mulher	0
Ciência e Saúde	1	Turismo	0	Infantil	1	Meio Ambiente	0	Infantil	0
Economia	0	Economia	0	Automóveis	0	Infantil	0	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	TV	0	Tecnologia	0	TV	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	4238	Total de ocorrências	646	Total de ocorrências	347	Total de ocorrências	2442
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	211	TODOS	74	TODOS	44	TODOS	1271
ILUSTRADA	82	MUNDO	46	COTIDIANO	12	PRIMEIRO CADERNO	718
MUNDO	67	COTIDIANO	12	ILUSTRADA	11	ILUSTRADA	123
TURISMO	20	ILUSTRADA	6	MUNDO	9	COTIDIANO 2 - ED. NACIO 95	
CADERNO ESPECIAL	16	ELEIÇÕES	4	NEW YORK TIMES	7	COTIDIANO E ESPORTE	88
COTIDIANO	13	CADERNO ESPECIAL	2	ELEIÇÕES	2	NEW YORK TIMES	55
ELEIÇÕES	8	ACONTECE	2	CADERNO ESPECIAL	1	COTIDIANO	54
FOLHA DE SÃO PAULO	3	TURISMO	1	TURISMO	1	ILUSTRÍSSIMA	52
ACONTECE	2	FOLHA DE SÃO PAULO	1	MERCADO	1	MERCADO	31
TEMAS		TEMAS		TEMAS		PODER	26
TODOS	110	TODOS	65	TODOS	53	ACONTECE	16
INTERNACIONAL	67	INTERNACIONAL	46	CULTURA E SOCIEDADE	20	MUNDO	11
CULTURA E SOCIEDADE	35	CULTURA E SOCIEDADE	15	INTERNACIONAL	16	CADERNO ESPECIAL	9
POLÍTICA	8	POLÍTICA	4	POLÍTICA	9	BALANÇO SP	4
				ECONOMIA	8	ELEIÇÕES	4
						CLASSIFICADOS	2
						ESPORTE - ESPECIAL	1
						INFORME PUBLICITÁRIO	1
						TURISMO	1
						TEMAS	
						TODOS	399
						CULTURA E SOCIEDADE	178
						ECONOMIA	90
						INTERNACIONAL	66
						POLÍTICA	65

## EMPREENDEDORISMO

### O Globo

Década 1980	Década de 1990	Década de 2000	década de 2010	década de 2020
Total de ocorrências	Total de ocorrências 89	Total de ocorrências 1913	Total de ocorrências 3935	Total de ocorrências 333
	Editoriais	Editoriais	Editoriais	Editoriais
	Rio 14	Economia 413	Economia 614	Economia 31
	País 8	Rio 368	Rio 547	Rio 15
	Economia 5	País 54	Cultura 140	Cultura 8
	Opinião 1	Cultura 47	Opinião 66	Ciência 1
	Ciência 0	Opinião 44	País 61	Mundo 1
	Cultura 0	Segunda Página 13	Ciência 30	Esportes 0
	Esportes 0	Revista O Globo 6	Revista O Globo 27	País 0
	Mundo 0	Ciência 1	Mundo 24	Opinião 0
	Primeira Página 0	Primeira Página 1	Segunda Página 15	Primeira Página 0
	Segunda Página 0	Esportes 0	Primeira Página 14	Segunda Página 0
	Revista O Globo 0	Mundo 0	Esportes 9	Revista O Globo 0
	Cadernos e suplementos sobre:			
	Bairros e Regiões 5	Bairros e Regiões 285	Bairros e Regiões 349	Arte e Lazer 8
	Economia 4	Economia 203	Economia 341	Automóveis 0
	Educação 1	Arte e Lazer 45	Arte e Lazer 134	Turismo 0
	Automóveis 0	Educação 21	Variedades 27	Bairros e Regiões 0
	Turismo 0	Variedades 7	Mulher 14	Economia 0
	Arte e Lazer 0	Mulher 3	Turismo 7	Educação 0
	Ciência e Saúde 0	Ciência e Saúde 1	Educação 6	Ciência e Saúde 0
	Meio Ambiente 0	Infantil 1	TV 4	Meio Ambiente 0
	Mulher 0	TV 1	Automóveis 1	Mulher 0
	Infantil 0	Automóveis 0	Meio Ambiente 1	Infantil 0
	Variedades 0	Turismo 0	Ciência e Saúde 0	Variedades 0
	Tecnologia 0	Meio Ambiente 0	Infantil 0	Tecnologia 0
	TV 0	Tecnologia 0	Tecnologia 0	TV 0

### A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS ANTES DO 11/9	10 ANOS DEPOIS DE 11/9	20 ANOS DEPOIS DO 11/9
10.09.81 a 10.09.01	10.09.91 a 10.09.01	11.09.01 a 11.09.11	11.09.01 a 11.09.21
Total de ocorrências 10	Total de ocorrências 10	Total de ocorrências 693	Total de ocorrências 2736
CADERNOS	CADERNOS	CADERNOS	CADERNOS
TODOS 1	TODOS 1	TODOS 202	TODOS 1551
CADERNO ESPECIAL 1	CADERNO ESPECIAL 1	COTIDIANO 112	PRIMEIRO CADERNO 502
		MERCADO 46	MERCADO 256
		ILUSTRADA 26	COTIDIANO 166
		NEW YORK TIMES 9	CADERNO ESPECIAL 158
		BALANÇO SP 4	ILUSTRADA 141
		CLASSIFICADOS 2	COTIDIANO 2 - ED. NACIO 95
		INFORME PUBLICITÁRIO 1	COTIDIANO E ESPORTE 94
		TURISMO 1	ACONTECE 25
		ILUSTRÍSSIMA 1	NEW YORK TIMES 24
		TEMAS	PODER 21
		TODOS 200	ESTÚDIO FOLHA 19
		CULTURA E SOCIEDADE 123	ILUSTRÍSSIMA 18
		ECONOMIA 59	SOBRE TUDO 16
		INTERNACIONAL 9	INFORME PUBLICITÁRIO 10
		POLÍTICA 9	BALANÇO SP 9
			CLASSIFICADOS 6
			MUNDO 5
			SOBRE MORAR 2
			TURISMO 2
			ESPORTE - ESPECIAL 1
			COMIDA 1
			TEMAS
			TODOS 578
			ECONOMIA 289
			CULTURA E SOCIEDADE 235
			INTERNACIONAL 29
			POLÍTICA 25

## INICIATIVA PRIVADA

### O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	11158	Total de ocorrências	11035	Total de ocorrências	6912	Total de ocorrências	6837	Total de ocorrências	693
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Economia	2187	Rio	1373	Rio	1221	Rio	911	Economia	87
País	1009	Economia	912	País	753	Economia	778	Rio	86
Rio	882	País	772	Economia	713	Opinião	380	Ciência	12
Cultura	349	Opinião	474	Opinião	436	País	351	Mundo	12
Ciência	183	Cultura	261	Cultura	165	Esportes	159	Cultura	7
Mundo	178	Segunda Página	86	Esportes	138	Cultura	130	Esportes	4
Primeira Página	116	Ciência	79	Segunda Página	103	Ciência	117	País	0
Esportes	91	Mundo	75	Ciência	100	Mundo	88	Opinião	0
Opinião	0	Esportes	69	Primeira Página	88	Primeira Página	67	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	67	Mundo	83	Segunda Página	47	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	14	Revista O Globo	11	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	363	Bairros e Regiões	726	Bairros e Regiões	483	Bairros e Regiões	166	Arte e Lazer	7
Arte e Lazer	176	Arte e Lazer	213	Arte e Lazer	155	Arte e Lazer	130	Automóveis	0
Turismo	51	Turismo	35	Economia	82	Economia	69	Turismo	0
Educação	49	Economia	25	Educação	21	Variedades	11	Bairros e Regiões	0
Variedades	16	Tecnologia	24	Variedades	14	Turismo	7	Economia	0
Ciência e Saúde	5	Educação	10	Turismo	13	Educação	6	Educação	0
Mulher	4	Mulher	5	TV	3	Meio Ambiente	4	Ciência e Saúde	0
Automóveis	2	Ciência e Saúde	4	Automóveis	1	Automóveis	1	Meio Ambiente	0
Infantil	1	Variedades	4	Meio Ambiente	1	TV	1	Mulher	0
Economia	0	Automóveis	2	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0	Infantil	0
Meio Ambiente	0	TV	2	Mulher	0	Mulher	0	Variedades	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Infantil	0	Tecnologia	0
TV	0	Infantil	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

### A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	4354	Total de ocorrências	1375	Total de ocorrências	643	Total de ocorrências	3721
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	364	TODOS	108	TODOS	186	TODOS	2584
ILUSTRADA	147	ILUSTRADA	31	COTIDIANO	91	PRIMEIRO CADERNO	882
TURISMO	90	COTIDIANO	30	NEW YORK TIMES	53	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	412
COTIDIANO	44	ILUSTRADA	22	ILUSTRADA	24	COTIDIANO E ESPORTE	410
CADERNO ESPECIAL	32	MUNDO	17	PODER	21	MERCADO	319
ILUSTRADA	31	CADERNO ESPECIAL	11	MERCADO	6	COTIDIANO	290
MUNDO	27	TURISMO	8	TURISMO	4	ILUSTRADA	102
ELEIÇÕES	9	ELEIÇÕES	7	ELEIÇÕES	2	CADERNO ESPECIAL	77
ACONTECE	7	ACONTECE	7	MUNDO	2	PODER	23
FOLHA DE SÃO PAULO	5	FOLHA DE SÃO PAULO	5	ILUSTRÍSSIMA	2	ILUSTRÍSSIMA	21
CLASSIFICADOS	1	TEMAS		CADERNO ESPECIAL	1	ESTÚDIO FOLHA	17
COMIDA	1	TODOS	70	TEMAS		NEW YORK TIMES	14
TEMAS		CULTURA E SOCIEDADE	46	TODOS	170	TURISMO	11
TODOS	178	INTERNACIONAL	17	CULTURA E SOCIEDADE	100	SOBRE MORAR	7
CULTURA E SOCIEDADE	142	POLÍTICA	7	ECONOMIA	59	BALANÇO SP	5
INTERNACIONAL	27			POLÍTICA	6	INFORME PUBLICITÁRIO	3
POLÍTICA	9			INTERNACIONAL	5	SOBRE TUDO	3
						ELEIÇÕES	2
						MUNDO	2
						CLASSIFICADOS	2
						GAZETA RUSSA	1
						REVISTA ESPECIAL	1
						TEMAS	
						TODOS	709
						ECONOMIA	338
						CULTURA E SOCIEDADE	336
						POLÍTICA	19
						INTERNACIONAL	16

## MOVIMENTOS SOCIAIS

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	714	Total de ocorrências	883	Total de ocorrências	3203	Total de ocorrências	3903	Total de ocorrências	169
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
País	89	País	102	País	848	País (669)	669	Ciência	14
Rio	81	Rio	65	Opinião	204	Opinião (243)	243	Mundo	14
Ciência	55	Opinião	50	Economia	148	Rio (163)	163	Rio	6
Cultura	52	Cultura	44	Ciência	135	Segunda Página (147)	147	Economia	5
Mundo	52	Ciência	40	Mundo	130	Ciência (109)	109	Cultura	3
Economia	12	Mundo	40	Segunda Página	127	Cultura (104)	104	Esportes	1
Esportes	3	Segunda Página	17	Rio	115	Economia (93)	93	País	0
Opinião	0	Economia	12	Cultura	94	Mundo (90)	90	Opinião	0
Primeira Página	0	Esportes	4	Primeira Página	27	Primeira Página (47)	47	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	2	Revista O Globo	3	Revista O Globo (10)	10	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Esportes	1	Esportes (9)	9	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	61	Arte e Lazer	33	Arte e Lazer	90	Arte e Lazer (108)[+]	108	Arte e Lazer	3
Arte e Lazer	32	Bairros e Regiões	32	Bairros e Regiões	35	Bairros e Regiões (31)[+]	31	Automóveis	0
Variedades	17	Mulher	4	Economia	20	Economia (18)[+]	18	Turismo	0
Educação	4	Infantil	2	Educação	20	Variedades (10)[+]	10	Bairros e Regiões	0
Ciência e Saúde	3	Turismo	1	Variedades	3	Educação (4)[+]	4	Economia	0
TV	2	Educação	1	TV	2	Turismo (2)[+]	2	Educação	0
Mulher	1	Tecnologia	1	Turismo	1	Mulher (2)[+]	2	Ciência e Saúde	0
Automóveis	0	TV	1	Mulher	1	Automóveis (0)	0	Meio Ambiente	0
Turismo	0	Automóveis	0	Automóveis	0	Ciência e Saúde (0)	0	Mulher	0
Economia	0	Economia	0	Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente (0)	0	Infantil	0
Meio Ambiente	0	Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente	0	Infantil (0)	0	Variedades	0
Infantil	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Tecnologia (0)	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Variedades	0	Tecnologia	0	TV (0)	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	630	Total de ocorrências	173	Total de ocorrências	345	Total de ocorrências	1990
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	36	TODOS	13	TODOS	57	TODOS	992
ILUSTRADA	23	ILUSTRADA	4	ILUSTRADA	23	PRIMEIRO CADERNO	389
MUNDO	3	MUNDO	3	COTIDIANO	18	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	118
COTIDIANO	3	COTIDIANO	3	ILUSTRÍSSIMA	5	ILUSTRADA	118
TURISMO	3	ELEIÇÕES	2	MERCADO	4	COTIDIANO	111
CADERNO ESPECIAL	2	TURISMO	1	MUNDO	3	COTIDIANO E ESPORTE	109
ELEIÇÕES	2	TEMAS		ELEIÇÕES	3	ILUSTRÍSSIMA	74
TEMAS		TODOS	9	NEW YORK TIMES	1	MERCADO	45
TODOS	11	CULTURA E SOCIEDADE	4	TEMAS		PODER	26
CULTURA E SOCIEDADE	6	INTERNACIONAL	3	TODOS	37	CADERNO ESPECIAL	6
INTERNACIONAL	3	POLÍTICA	2	CULTURA E SOCIEDADE	24	MUNDO	5
POLÍTICA	2			ECONOMIA	5	NEW YORK TIMES	4
				INTERNACIONAL	4	ELEIÇÕES	3
				POLÍTICA	4	ESPORTE - ESPECIAL	1
						SOBRE MORAR	1
						GAZETA RUSSA	1
						CLASSIFICADOS	1
						TEMAS	
						TODOS	260
						CULTURA E SOCIEDADE	189
						ECONOMIA	49
						POLÍTICA	13
						INTERNACIONAL	9

## FECHAMENTO DE FRONTEIRA

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	77	Total de ocorrências	102	Total de ocorrências	85	Total de ocorrências	224	Total de ocorrências	75
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Ciência	20	Ciência	28	Ciência	26	Ciência	53	Ciência	6
Mundo	20	Mundo	28	Mundo	26	Mundo	50	Cultura	6
Economia	5	Rio	2	Economia	9	Opinião	30	Mundo	6
Primeira Página	2	Cultura	1	Opinião	6	Economia	5	Economia	1
Cultura	1	Economia	1	Rio	3	País	3	Rio	1
País	1	Opinião	1	Cultura	2	Primeira Página	2	Esportes	0
Rio	1	Esportes	0	País	2	Segunda Página	1	País	0
Esportes	0	País	0	Segunda Página	2	Cultura	0	Opinião	0
Opinião	0	Primeira Página	0	Esportes	0	Esportes	0	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Segunda Página	0	Primeira Página	0	Rio	0	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Automóveis	0	Arte e Lazer	1	Arte e Lazer	2	Automóveis	0	Arte e Lazer	6
Turismo	0	Automóveis	0	Educação	1	Turismo	0	Automóveis	0
Bairros e Regiões	0	Turismo	0	Automóveis	0	Bairros e Regiões	0	Turismo	0
Arte e Lazer	0	Bairros e Regiões	0	Turismo	0	Arte e Lazer	0	Bairros e Regiões	0
Economia	0	Economia	0	Bairros e Regiões	0	Economia	0	Economia	0
Educação	0	Educação	0	Economia	0	Educação	0	Educação	0
Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0
Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0
Mulher	0	Mulher	0	Mulher	0	Mulher	0	Mulher	0
Infantil	0	Infantil	0	Infantil	0	Infantil	0	Infantil	0
Variedades	0	Variedades	0	Variedades	0	Variedades	0	Variedades	0
Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0
TV	0	TV	0	TV	0	TV	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	33	Total de ocorrências	12	Total de ocorrências	5	Total de ocorrências	185
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	2	TODOS	1	TODOS	1	TODOS	169
MUNDO	2	MUNDO	1	MUNDO	1	PRIMEIRO CADERNO	104
TEMAS		TEMAS		TEMAS		COTIDIANO E ESPORTE	26
TODOS	2	TODOS	1	TODOS	1	COTIDIANO 2 - ED. NACIO 25	
INTERNACIONAL	2	INTERNACIONAL	1	INTERNACIONAL	1	ILUSTRADA	6
						TURISMO	3
						ILUSTRÍSSIMA	3
						MUNDO	1
						NEW YORK TIMES	1
						TEMAS	
						TODOS	11
						CULTURA E SOCIEDADE	7
						INTERNACIONAL	2
						ECONOMIA	1
						POLÍTICA	1

## DESUMANIZAÇÃO

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	103	Total de ocorrências	74	Total de ocorrências	97	Total de ocorrências	122	Total de ocorrências	34
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Cultura	31	Cultura	15	Cultura	24	Cultura	38	Cultura	6
País	8	Ciência	7	Opinião	11	Opinião	5	Esportes	6
Rio	6	Mundo	5	Rio	5	Ciência	4	Rio	1
Ciência	2	Opinião	5	Ciência	4	Mundo	4	Ciência	0
Mundo	2	Rio	4	Mundo	3	Rio	3	Economia	0
Economia	1	Economia	2	Esportes	2	Segunda Página	2	Mundo	0
Esportes	1	País	2	Economia	1	Economia	1	País	0
Opinião	0	Esportes	1	País	1	Esportes	0	Opinião	0
Primeira Página	0	Primeira Página	0	Primeira Página	0	País	0	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Segunda Página	0	Segunda Página	0	Primeira Página	0	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	16	Arte e Lazer	14	Arte e Lazer	22	Arte e Lazer	38	Arte e Lazer	6
Variedades	9	Bairros e Regiões	2	Educação	2	Educação	1	Automóveis	0
Bairros e Regiões	6	Ciência e Saúde	2	Economia	1	Automóveis	0	Turismo	0
TV	1	Variedades	2	Ciência e Saúde	1	Turismo	0	Bairros e Regiões	0
Automóveis	0	Economia	1	Mulher	1	Bairros e Regiões	0	Economia	0
Turismo	0	Automóveis	0	Variedades	1	Economia	0	Educação	0
Economia	0	Turismo	0	TV	1	Ciência e Saúde	0	Ciência e Saúde	0
Educação	0	Educação	0	Automóveis	0	Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0
Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente	0	Turismo	0	Mulher	0	Mulher	0
Meio Ambiente	0	Mulher	0	Bairros e Regiões	0	Infantil	0	Infantil	0
Mulher	0	Infantil	0	Meio Ambiente	0	Variedades	0	Variedades	0
Infantil	0	Tecnologia	0	Infantil	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	TV	0	Tecnologia	0	TV	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	38	Total de ocorrências	10	Total de ocorrências	12	Total de ocorrências	156
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	10	TODOS	3	TODOS	4	TODOS	97
ILUSTRADA	8	MUNDO	1	ILUSTRADA	3	ILUSTRADA	37
MUNDO	1	ILUSTRADA	1	NEW YORK TIMES	1	COTIDIANO E ESPORTE	16
ACONTECE	1	ACONTECE	1	TEMAS		COTIDIANO 2 - ED. NACIO	14
TEMAS		TEMAS		TODOS	4	PRIMEIRO CADERNO	12
TODOS	2	TODOS	2	CULTURA E SOCIEDADE	1	ILUSTRÍSSIMA	10
INTERNACIONAL	1	INTERNACIONAL	1	ECONOMIA	1	NEW YORK TIMES	3
CULTURA E SOCIEDADE	1	CULTURA E SOCIEDADE	1	INTERNACIONAL	1	CADERNO ESPECIAL	2
				POLÍTICA	1	ACONTECE	2
						COTIDIANO	1
						TEMAS	
						TODOS	25
						CULTURA E SOCIEDADE	16
						ECONOMIA	3
						INTERNACIONAL	3
						POLÍTICA	3

## MASSACRE

### O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	6,251	Total de ocorrências	8,326	Total de ocorrências	7814	Total de ocorrências	7,885	Total de ocorrências	396
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Cultura	1080	Cultura	958	Ciência	1080	Ciência	991	Ciência	47
Ciência	892	Ciência	941	Mundo	1061	Mundo	979	Cultura	20
Mundo	880	Mundo	933	Cultura	942	Cultura	825	Economia	3
País	382	País	643	País	585	Rio	305	Esportes	7
Rio	298	Rio	487	Rio	368	Opinião	294	Mundo	47
Esportes	127	Opinião	278	Opinião	305	Esportes	203	País	0
Primeira Página	81	Esportes	234	Esportes	187	País	194	Rio	24
Economia	60	Segunda Página	112	Segunda Página	172	Primeira Página	150	Opinião	0
Opinião	0	Economia	88	Primeira Página	132	Segunda Página	77	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	85	Economia	87	Economia	40	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	16	Revista O Globo	17	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	661	Arte e Lazer	822	Arte e Lazer	871	Arte e Lazer	797	Arte e Lazer	20
TV	128	Bairros e Regiões	125	Bairros e Regiões	130	Turismo	17	Automóveis	0
Bairros e Regiões	85	TV	71	Educação	55	Variedades	17	Turismo	0
Variedades	61	Educação	15	TV	37	TV	14	Bairros e Regiões	0
Ciência e Saúde	12	Tecnologia	9	Variedades	17	Bairros e Regiões	12	Economia	0
Turismo	11	Ciência e Saúde	8	Turismo	14	Educação	10	Educação	0
Mulher	2	Infantil	8	Mulher	8	Mulher	5	Ciência e Saúde	0
Automóveis	1	Variedades	8	Infantil	4	Economia	3	Meio Ambiente	0
Infantil	1	Turismo	7	Economia	1	Meio Ambiente	3	Mulher	0
Economia	0	Mulher	6	Ciência e Saúde	1	Automóveis	1	Infantil	0
Educação	0	Automóveis	1	Automóveis	0	Ciência e Saúde	0	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Economia	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

### A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	7839	Total de ocorrências	4461	Total de ocorrências	3501	Total de ocorrências	6593
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	1642	TODOS	1003	TODOS	1338	TODOS	3177
ILUSTRADA	947	ILUSTRADA	450	ILUSTRADA	856	ILUSTRADA	1324
MUNDO	367	MUNDO	283	COTIDIANO	278	PRIMEIRO CADERNO	478
COTIDIANO	144	COTIDIANO	139	MUNDO	126	COTIDIANO	426
TURISMO	69	ACONTECE	41	ILUSTRADA	31	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	266
CADERNO ESPECIAL	53	TURISMO	30	ACONTECE	21	COTIDIANO E ESPORTE	219
ACONTECE	41	CADERNO ESPECIAL	21	TURISMO	19	MUNDO	128
ELEIÇÕES	10	ELEIÇÕES	9	NEW YORK TIMES	15	ILUSTRÍSSIMA	103
CLASSIFICADOS	5	CLASSIFICADOS	5	ILUSTRÍSSIMA	8	NEW YORK TIMES	88
FOLHA DE SÃO PAULO	5	FOLHA DE SÃO PAULO	5	CADERNO ESPECIAL	7	ACONTECE	43
COMIDA	1	TEMAS		MERCADO	6	CADERNO ESPECIAL	31
TEMAS		TODOS	502	ELEIÇÕES	1	ILUSTRADA	31
TODOS	631	INTERNACIONAL	283	TEMAS		TURISMO	27
INTERNACIONAL	367	CULTURA E SOCIEDADE	210	TODOS	520	PODER	21
CULTURA E SOCIEDADE	254	POLÍTICA	9	CULTURA E SOCIEDADE	342	MERCADO	19
POLÍTICA	10			INTERNACIONAL	141	ESPORTE - ESPECIAL	6
				ECONOMIA	21	ELEIÇÕES	2
				POLÍTICA	16	INFORME PUBLICITÁRIO	1
						SOBRE TUDO	1
						SOBRE MORAR	1
						ESTÚDIO FOLHA	1
						REVISTA ESPECIAL	1
						TEMAS	
						TODOS	1112
						CULTURA E SOCIEDADE	698
						INTERNACIONAL	216
						ECONOMIA	107
						POLÍTICA	91

## CAMPO DE REFUGIADOS

## O Globo

Década de 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	796	Total de ocorrências	544	Total de ocorrências	1.276	Total de ocorrências	889	Total de ocorrências	111
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Ciência	310	Ciência	183	Ciência	541	Ciência	242	Ciência	9
Mundo	308	Mundo	183	Mundo	539	Mundo	241	Mundo	9
Cultura	17	Cultura	23	Cultura	60	Cultura	107	Rio	2
País	9	Rio	11	Primeira Página	28	Opinião	18	Cultura	1
Primeira Página	9	Segunda Página	8	Segunda Página	26	Segunda Página	17	Economia	0
Rio	3	País	6	Opinião	19	Rio	13	Esportes	0
Economia	2	Economia	4	Esportes	5	Primeira Página	11	País	0
Esportes	2	Esportes	3	Rio	4	Esportes	8	Opinião	0
Opinião	0	Primeira Página	2	Economia	3	País	7	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Opinião	1	País	2	Revista O Globo	4	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Revista O Globo	1	Economia	2	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Arte e Lazer	9	Arte e Lazer	17	Arte e Lazer	51	Arte e Lazer	107	Arte e Lazer	1
Variedades	4	Bairros e Regiões	5	Educação	11	Variedades	4	Automóveis	0
Ciência e Saúde	2	Mulher	2	Mulher	3	Turismo	1	Turismo	0
Bairros e Regiões	1	TV	1	TV	3	Bairros e Regiões	1	Bairros e Regiões	0
Mulher	1	Automóveis	0	Turismo	2	Mulher	1	Economia	0
Automóveis	0	Turismo	0	Variedades	1	Automóveis	0	Educação	0
Turismo	0	Economia	0	Automóveis	0	Economia	0	Ciência e Saúde	0
Economia	0	Educação	0	Bairros e Regiões	0	Educação	0	Meio Ambiente	0
Educação	0	Ciência e Saúde	0	Economia	0	Ciência e Saúde	0	Mulher	0
Meio Ambiente	0	Meio Ambiente	0	Ciência e Saúde	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0
Infantil	0	Infantil	0	Meio Ambiente	0	Infantil	0	Variedades	0
Tecnologia	0	Variedades	0	Infantil	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0
TV	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0	TV	0

## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	504	Total de ocorrências	165	Total de ocorrências	101	Total de ocorrências	281
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	76	TODOS	51	TODOS	28	TODOS	191
ILUSTRADA	13	MUNDO	41	MUNDO	25	PRIMEIRO CADERNO	91
MUNDO	7	ILUSTRADA	6	ACONTECE	2	MUNDO	26
CADERNO ESPECIAL	4	CADERNO ESPECIAL	2	CADERNO ESPECIAL	1	ILUSTRADA	22
ACONTECE	2	ACONTECE	2	TEMAS		COTIDIANO E ESPORTE	18
TEMAS		TEMAS		TODOS	27	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	17
TODOS	59	TODOS	43	INTERNACIONAL	25	ILUSTRÍSSIMA	6
INTERNACIONAL	57	INTERNACIONAL	41	CULTURA E SOCIEDADE	2	CADERNO ESPECIAL	5
CULTURA E SOCIEDADE	2	CULTURA E SOCIEDADE	2			ACONTECE	5
						TURISMO	1
						TEMAS	
						TODOS	38
						INTERNACIONAL	26
						CULTURA E SOCIEDADE	12

## MEDO

## O Globo

Década 1980		Década de 1990		Década de 2000		década de 2010		década de 2020	
Total de ocorrências	46,784	Total de ocorrências	59,888	Total de ocorrências	66,892	Total de ocorrências	54,146	Total de ocorrências	4485
Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais		Editoriais	
Rio	8304	Rio	10668	Rio	9084	Cultura	7952	Cultura	371
Cultura	6566	Cultura	7639	Cultura	8944	Rio	5761	Rio	224
País	2306	País	2026	País	3230	Ciência	2283	Ciência	128
Esportes	1962	Ciência	1961	Ciência	3083	Mundo	2179	Mundo	128
Ciência	1893	Economia	1936	Mundo	2625	Esportes	1515	Economia	98
Mundo	1193	Esportes	1643	Economia	2569	Economia	1346	Esportes	79
Economia	1091	Mundo	1374	Esportes	2033	País	1328	País	0
Primeira Página	214	Opinião	875	Opinião	1860	Opinião	1132	Opinião	0
Opinião	0	Segunda Página	276	Revista O Globo	728	Revista O Globo	640	Primeira Página	0
Segunda Página	0	Primeira Página	233	Segunda Página	624	Segunda Página	444	Segunda Página	0
Revista O Globo	0	Revista O Globo	0	Primeira Página	521	Primeira Página	336	Revista O Globo	0
Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:		Cadernos e suplementos sobre:	
Bairros e Regiões	5324	Bairros e Regiões	7240	Arte e Lazer	8124	Arte e Lazer	7565	Arte e Lazer	369
Arte e Lazer	3524	Arte e Lazer	5991	Bairros e Regiões	3979	Bairros e Regiões	1650	Automóveis	2
Variedades	1183	TV	827	Variedades	1051	Variedades	646	Turismo	2
TV	845	Ciência e Saúde	582	TV	859	TV	500	Bairros e Regiões	0
Ciência e Saúde	700	Variedades	582	Educação	611	Mulher	258	Economia	0
Turismo	87	Mulher	385	Ciência e Saúde	323	Economia	256	Educação	0
Mulher	82	Tecnologia	235	Mulher	318	Turismo	132	Ciência e Saúde	0
Educação	41	Turismo	154	Economia	256	Educação	107	Meio Ambiente	0
Infantil	41	Economia	147	Turismo	160	Infantil	68	Mulher	0
Automóveis	14	Infantil	79	Infantil	129	Automóveis	62	Infantil	0
Economia	0	Automóveis	67	Automóveis	60	Meio Ambiente	20	Variedades	0
Meio Ambiente	0	Educação	47	Meio Ambiente	2	Ciência e Saúde	0	Tecnologia	0
Tecnologia	0	Meio Ambiente	0	Tecnologia	0	Tecnologia	0	TV	0

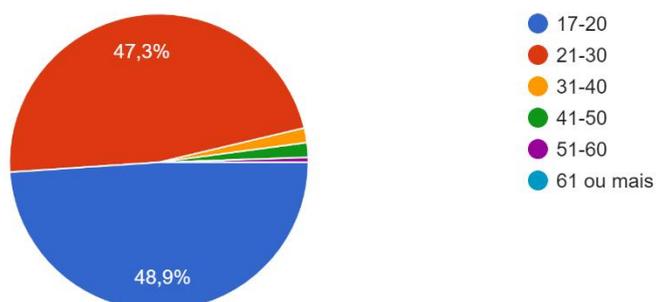
## A Folha de São Paulo

20 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS ANTES DO 11/9		10 ANOS DEPOIS DE 11/9		20 ANOS DEPOIS DO 11/9	
10.09.81 a 10.09.01		10.09.91 a 10.09.01		11.09.01 a 11.09.11		11.09.01 a 11.09.21	
Total de ocorrências	41762	Total de ocorrências	23512	Total de ocorrências	23769	Total de ocorrências	43265
CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS		CADERNOS	
TODOS	8782	TODOS	4744	TODOS	9387	TODOS	22694
ILUSTRADA	6032	ILUSTRADA	2654	ILUSTRADA	5756	ILUSTRADA	9313
COTIDIANO	812	COTIDIANO	634	COTIDIANO	2575	COTIDIANO	3729
MUNDO	549	ACONTECE	435	ILUSTRADA	320	PRIMEIRO CADERNO	2687
ACONTECE	435	MUNDO	427	MUNDO	230	COTIDIANO 2 - ED. NACIO	2123
TURISMO	432	TURISMO	211	TURISMO	180	COTIDIANO E ESPORTE	1885
CADERNO ESPECIAL	270	CADERNO ESPECIAL	185	MERCADO	160	ILUSTRÍSSIMA	472
ELEIÇÕES	83	CLASSIFICADOS	72	NEW YORK TIMES	128	NEW YORK TIMES	449
CLASSIFICADOS	82	ELEIÇÕES	63	ACONTECE	101	ACONTECE	363
FOLHA DE SÃO PAULO	48	FOLHA DE SÃO PAULO	48	ELEIÇÕES	84	ILUSTRADA	320
ILUSTRADA	37	ILUSTRADA	37	ILUSTRÍSSIMA	54	TURISMO	307
ESPORTE	33	ESPORTE	33	CLASSIFICADOS	42	CADERNO ESPECIAL	246
COMIDA	26	BALANÇO SP	3	CADERNO ESPECIAL	42	MUNDO	244
BALANÇO SP	3	COMIDA	2	ESPORTE	31	ELEIÇÕES	84
TEMAS		TEMAS		PODER	22	CLASSIFICADOS	60
TODOS	2321	TODOS	1780	COMIDA	7	SOBRE TUDO	56
CULTURA E SOCIEDADE	1686	CULTURA E SOCIEDADE	1287	INFORME PUBLICITÁRIO	3	COMIDA	53
INTERNACIONAL	549	INTERNACIONAL	427	BALANÇO SP	1	ESPORTE	31
POLÍTICA	83	POLÍTICA	63	FOLHA DE SÃO PAULO	1	ESPORTE - ESPECIAL	28
ECONOMIA	3	ECONOMIA	3	TEMAS		PODER	26
				TODOS	3919	MERCADO	20
				CULTURA E SOCIEDADE	3058	ESTÚDIO FOLHA	12
				INTERNACIONAL	358	GAZETA RUSSA	10
				ECONOMIA	289	INFORME PUBLICITÁRIO	9
				POLÍTICA	214	SOBRE MORAR	9
						REVISTA ESPECIAL	6
						BALANÇO SP	1
						FOLHA DE SÃO PAULO	1
						TEMAS	
						TODOS	7542
						CULTURA E SOCIEDADE	5340
						ECONOMIA	970
						INTERNACIONAL	693
						POLÍTICA	539

## ANEXO II

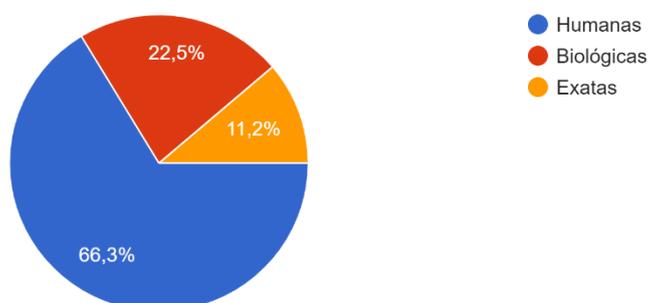
## Faixa etária

188 respostas



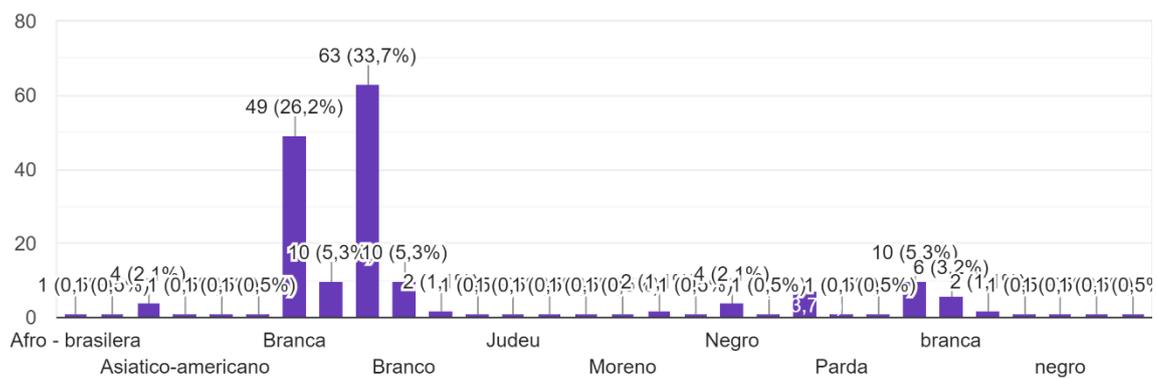
## Curso

187 respostas



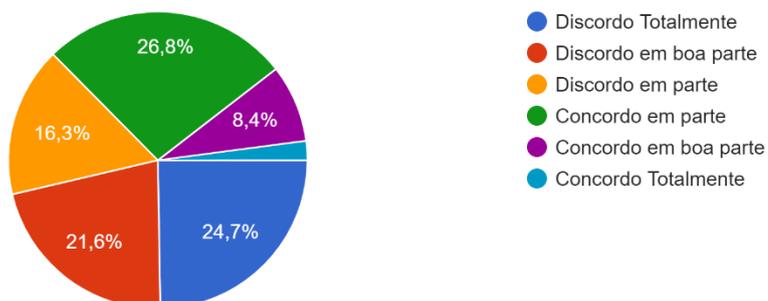
## Identidade étnico-racial

187 respostas



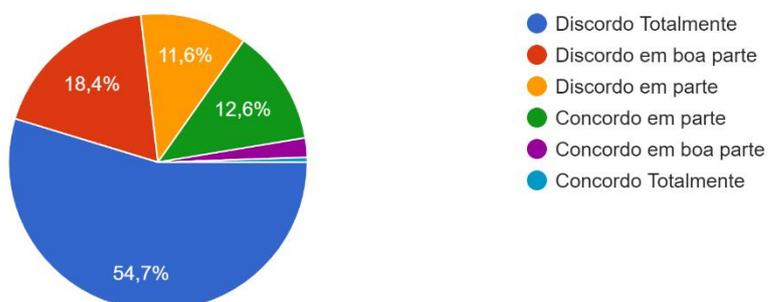
1) Obediência e respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças deveriam aprender?

190 respostas



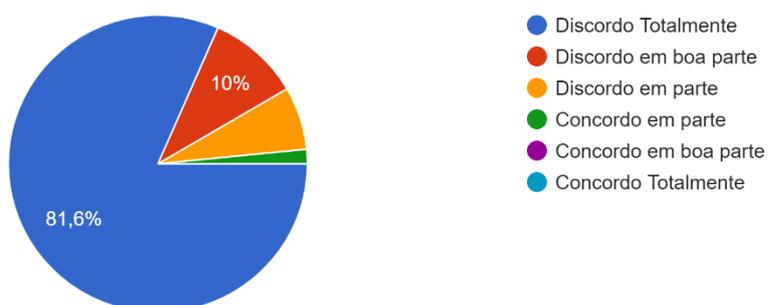
2) Todo mundo estaria melhor se as pessoas falassem menos e trabalhassem mais?

190 respostas



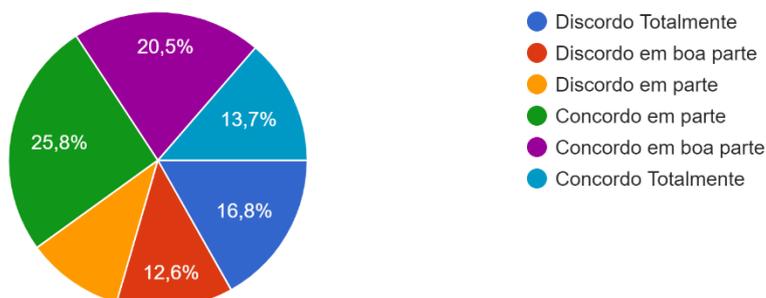
3) Os empresários e industriais são muito mais importantes para a sociedade do que o artista e o professor?

190 respostas



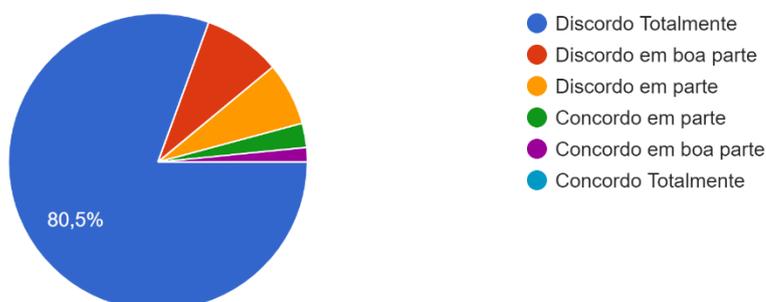
4) A ciência é muito importante, porém existem muitas coisas misteriosas que nunca poderão ser entendidas pela mente humana?

190 respostas



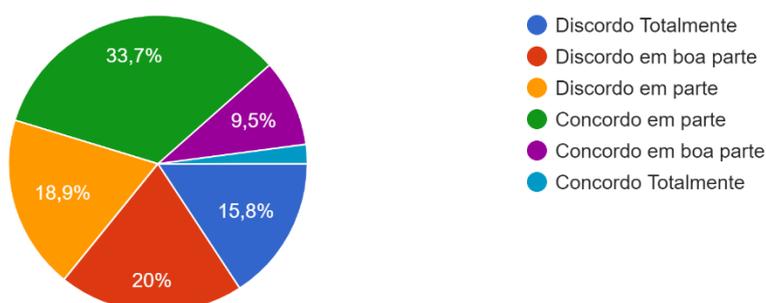
5) Toda pessoa deveria crer totalmente em algum poder divino cujas decisões ela obedece sem questionamento?

190 respostas



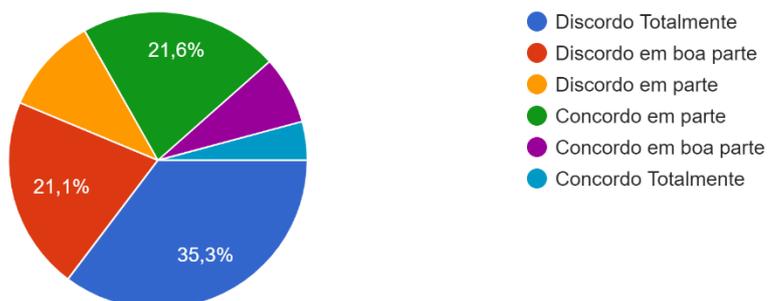
6) Pessoas jovens muitas vezes possuem ideias rebeldes, porém, com o amadurecimento, eles tendem a superá-las e se acalmarem?

190 respostas



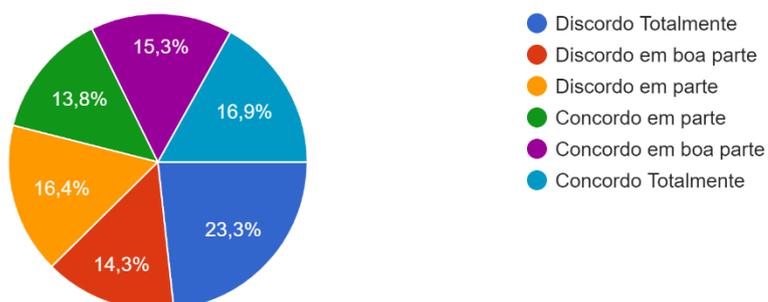
7) O que esse país precisa, mais do que leis e programas políticos, é de alguns poucos líderes devotados, corajosos e incansáveis nos quais as pessoas possam confiar?

190 respostas



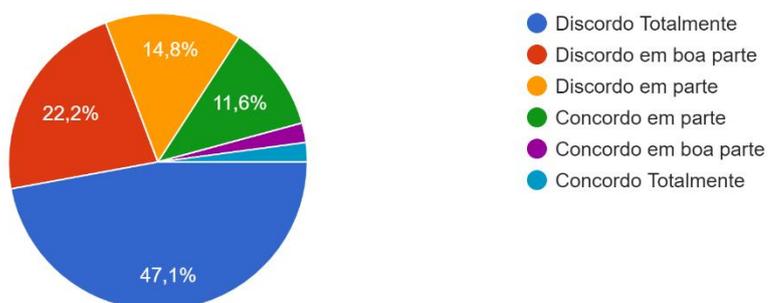
8) Jamais uma pessoa sã, normal e decente poderia pensar em machucar um amigo próximo ou parente?

189 respostas



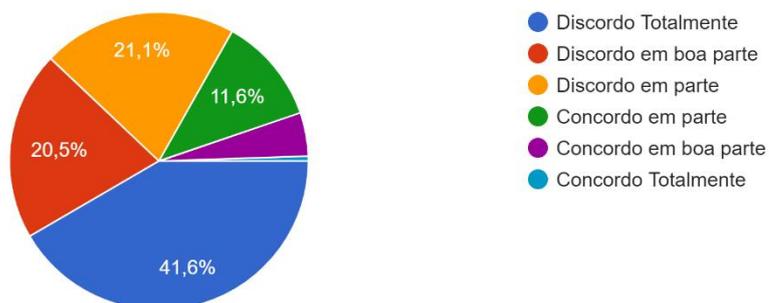
9) Ninguém aprende alguma coisa realmente importante se não pelo sofrimento.

189 respostas



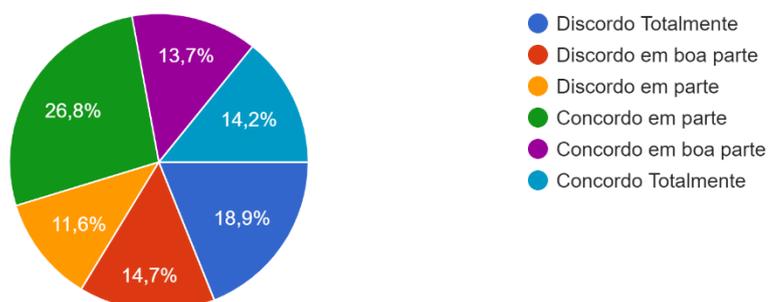
10) Um insulto à nossa honra deve sempre ser punido.

190 respostas



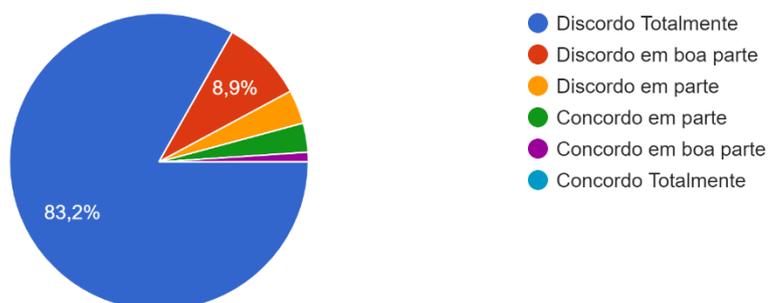
11) Crimes de natureza sexual, como estupro e ataques a crianças, merecem uma punição maior do que apenas o encarceramento?

190 respostas



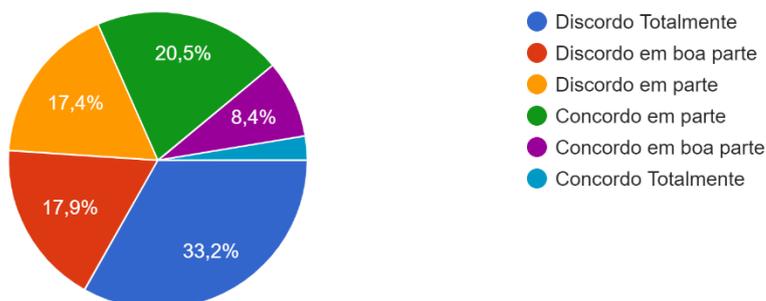
12) A maioria de nossos problemas sociais se resolveriam se pudéssemos, de alguma maneira, nos livrar das pessoas imorais, deficientes e com baixa capacidade mental?

190 respostas



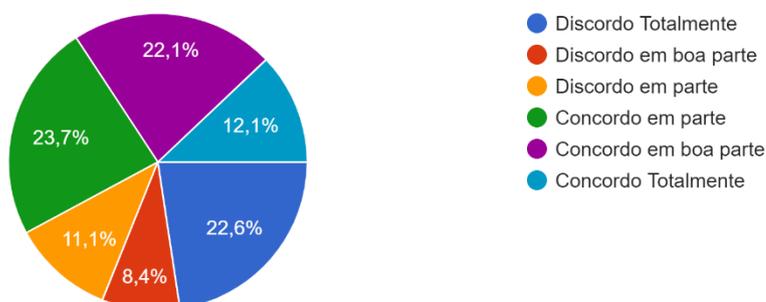
13) Quando uma pessoa tem um problema ou uma preocupação, é melhor para ela não pensar sobre aquilo, mas sim se manter ocupada com coisas mais alegres?

190 respostas



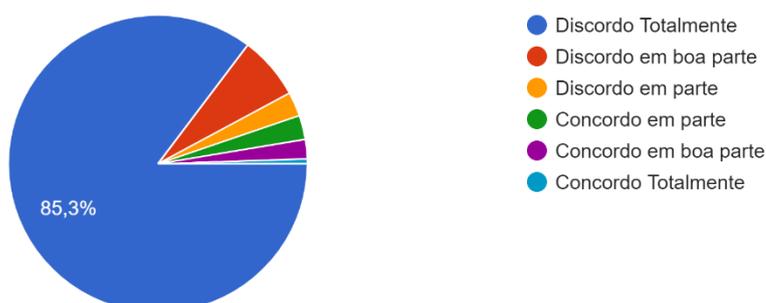
14) Hoje em dia, mais e mais pessoas estão curiosas sobre assuntos que deveriam permanecer privados e pessoais?

190 respostas



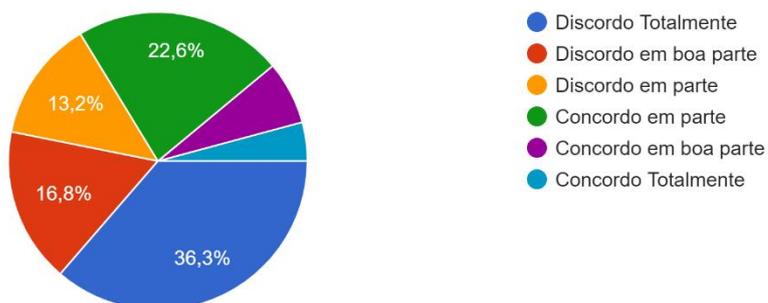
15) As pessoas podem ser divididas em duas classes distintas: os fortes (vencedores) e os fracos (perdedores)?

190 respostas



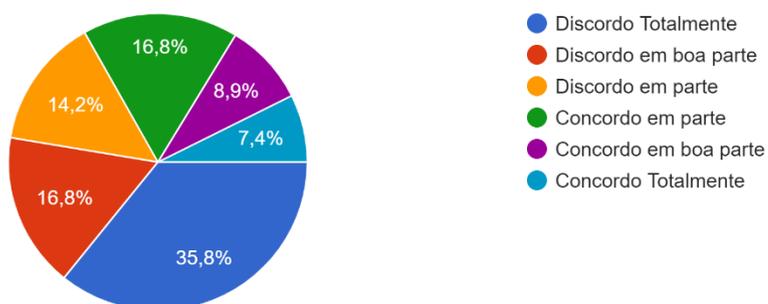
16) Algum dia provavelmente será provado que a astrologia pode explicar muitas coisas?

190 respostas



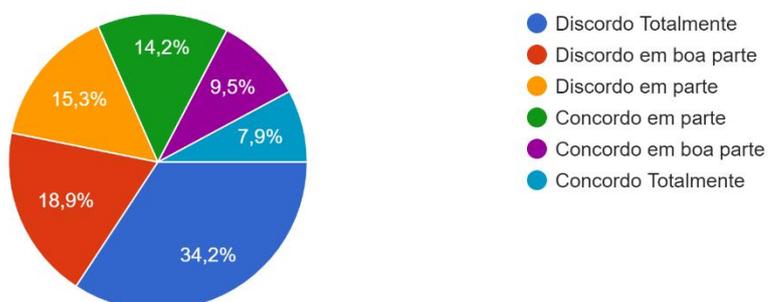
17) Guerras e problemas sociais podem algum dia acabar pela ação de um terremoto ou inundação que destruirá o mundo todo?

190 respostas



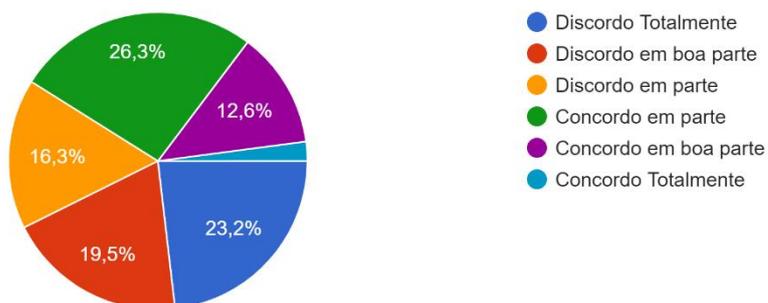
18) Nenhuma fraqueza ou dificuldade pode nos segurar se tivermos força de vontade o suficiente?

190 respostas



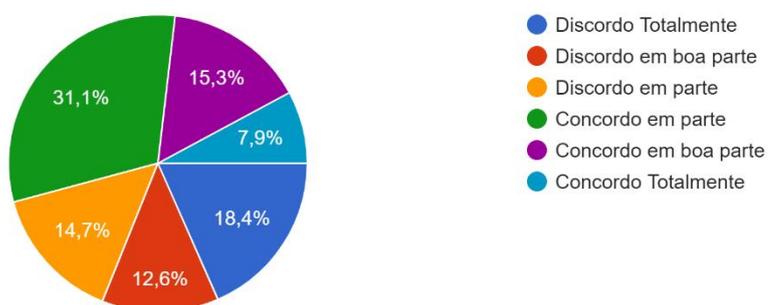
19) É melhor usar alguma autoridade para manter a ordem e prevenir o caos?

190 respostas



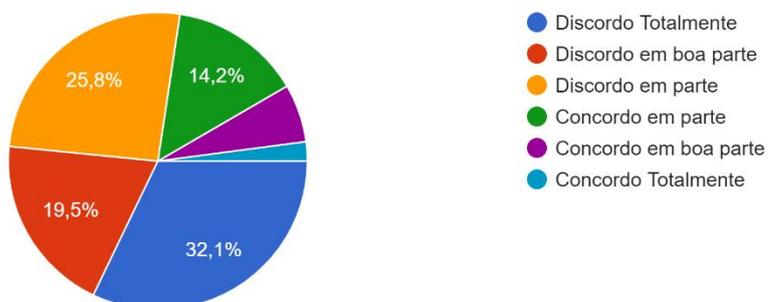
20) Sempre haverá guerra e conflito, pois, a natureza humana é o que é?

190 respostas



21) Familiaridade gera desprezo?

190 respostas



22) Atualmente, uma pessoa tem que tomar extremo cuidado para evitar uma infecção ou doença, pois muitos tipos de pessoas diferentes se misturam constantemente?

190 respostas

